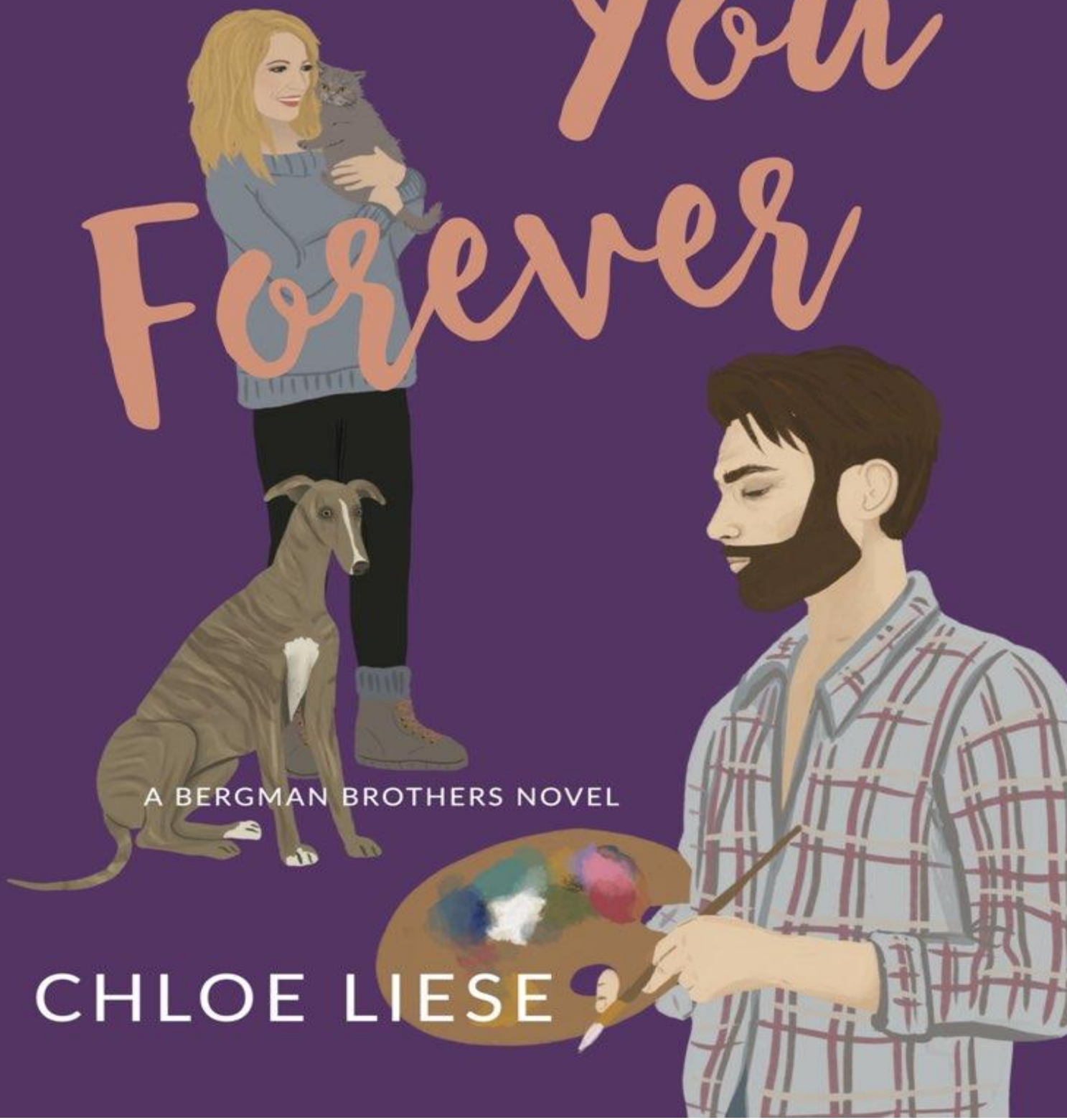
~~First comes love.~~ Then comes marriage.

With You Forever



A BERGMAN BROTHERS NOVEL

CHLOE LIESE

bookworms



cafe

TABELA DE CONTEÚDOS:

AVISO DE CONTEÚDO:

NOTA DA PLAYLIST:

1

ROONEY

2

AXEL

3

ROONEY

4

AXEL

5

ROONEY

6

AXEL

7

ROONEY

8

AXEL

9

ROONEY

10

ROONEY

11

AXEL
12
ROONEY
13
AXEL
14
ROONEY
15
AXEL
16
ROONEY
17
AXEL
18
AXEL
19
ROONEY
20
AXEL
21
ROONEY
22
ROONEY
23

AXEL

24

AXEL

25

ROONEY

26

AXEL

27

AXEL

28

ROONEY

29

AXEL

30

AXEL

31

ROONEY

AGRADECIMENTOS:

AVISO DE CONTEÚDO:

***** INCLUI SPOILERS *****

Este é um romance de portas abertas que retrata intimidade sexual consensual nas suas páginas. Esta história inclui uma personagem principal que está no espectro do autismo, bem como uma personagem principal com uma doença crônica, que é uma doença inflamatória intestinal, a colite ulcerosa. Com a orientação de minha própria experiência, bem como autenticidade e leitores beta, espero ter dado a esses assuntos o cuidado e o respeito que eles merecem.

NOTA DA PLAYLIST:

No início de cada capítulo, uma música e um artista são fornecidos como outro meio opcional de conexão emocional com a história. Não é uma necessidade – para alguns pode ser uma distração ou, para outros, inacessível – as letras não são literais sobre os capítulos. Ouça antes ou enquanto lê para uma experiência de trilha sonora. Se você gosta de playlists, em vez de pesquisar individualmente cada música à medida que lê, pode acessar diretamente essas músicas em uma lista de reprodução do Spotify, entrando em sua conta do Spotify e digitando "With You Forever (BB # 4)" no navegador de pesquisa.

Para os corações que amam de forma diferente,
e os corações que os amam por isso.

"Se eu te amasse menos, talvez pudesse falar mais sobre isso."

- Jane Austen, Emma

Bookworm's Cafe avisa:

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);
- não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- não faça montagens do livro com trechos em português;
- não poste capturas de tela do livro em português.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

Pedimos gentilmente que **avalie este livro nas redes sociais**, como o Goodreads ou o Skoob. Faça resenhas e se gostar, dê uma nota positiva! Precisamos ajudar os autores como podemos, para que eles possam continuar com este trabalho que amamos e apreciamos.



1

ROONEY

Música da Playlist: "Cowboy Blues" - Kesha

MEUS OLHOS ESTÃO NA ESTRADA, mas minha cabeça está nas nuvens. Janelas abertas, o ar fresco do outono entrando enquanto o aeroporto de Seattle-Tacoma desaparece atrás de mim e uma aconchegante cabana de férias me espera.

Com os pensamentos flutuando, eu absorvo a vista: céu safira, árvores esmeraldas se misturando com folhas de bronze polido, uma fita onix de asfalto pavimentando o caminho. Kesha no último volume do rádio do meu carro alugado porque, *dã*, sou uma mulher em uma viagem sozinha, tentando entender as próprias merdas – é claro que estou ouvindo Kesha. Há apenas uma de suas músicas que eu evito. Porque a última vez que a escutei, fiz uma coisa muito terrível.

Eu beijei Axel Bergman.

O que não é o fim do mundo. Eu superei. Com certeza eu não fiquei presa naquele beijo. Ou sonhando acordada com isso. Não com O Beijo na Mímica ou com Axel, que eu não vi desde então.

Em quem eu definitivamente não estou pensando agora, enquanto dirijo por seu estado natal, a bendita música enchendo o carro antes que eu possa pular, enquanto um arco-íris percorre o céu.

Ah, Rooney... A quem você quer enganar?

Minha mente não está na estrada nem mesmo nas nuvens. Está no passado, no momento após o nosso beijo…

A pista – beijo – *rabiscada em um pedaço de papel, cai no chão. Meus lábios formigam* e *minhas bochechas estão quentes enquanto*

estou de pé com a cabeça para trás, olhando para Axel, que acabei de beijar.

Talvez "esmagado com minha boca" seja mais preciso.

Uma chuva de confete nas cores do arco-íris chicoteia ao redor da sala, girando na hélice do ventilador de teto que zumbe no alto. Em uma névoa de luzes suaves e quentes, sinto o ar em sincronia com os compassos de abertura daquela música animada.

Mas tudo desaparece quando olho para ele. Um metro e oitenta e cinco de beleza mal-humorada. Um mistério indecifrável e perigosamente beijável.

Em quem eu acabei de esmagar minha boca por causa de uma pista de mímica.

Eu levo uma mão trêmula aos meus lábios.

— Axel, eu– eu– eu sinto muito. Eu não tive a intenção de... Quero dizer, eu não deveria ter... Sou apenas ferozmente competitiva e...

Ele fica parado, em silêncio, olhando para minha boca. Então, lentamente, ele dá um passo mais perto. Pela primeira vez, ele não sai, como sempre parece fazer quando eu chego perto. Ele não corre.

Ele fica.

— Eu acho… — ele diz com a voz rouca, inclinando-se um pouco mais perto.

Eu me inclino um pouco mais perto também.

— Você acha...?

Axel engole rudemente quando seus dedos roçam nos meus. É o mais sutil dos toques, mas é um estrondo sísmico através de mim, no ritmo da música, como se fosse a trilha sonora para este sutil momento-quase-algo.

— Eu acho — ele sussurra — que eu gosto bastante de mímicas agora.

Minha boca se abre de surpresa. O gigante silencioso acabou de fazer uma piada.

Ele dá um passo mais perto, nos colocando frente a frente, e seu olhar pousa na minha boca. Ele inclina a cabeça na minha direção. Ele está perto. Um pouco mais perto.

E assim que eu percebo que ele pode *estar prestes a me beijar de volta, espasmos agudos de advertência apertam meu estômago, tirando o ar de meus pulmões.*

Com o pior timing do mundo, sou eu *quem me afasto. Sou* eu *quem sai correndo da sala. O momento roubado de mim antes mesmo de ser totalmente meu.*

É aí que sempre termina, onde o devaneio deixa eu me perguntando *e se?*

E se eu não tivesse fugido sem nenhuma explicação?

E se, quando eu finalmente voltasse, Axel ainda estivesse lá, esperando por mim?

Meu devaneio de *"e se"* não é um algodão doce, mas se dissolve com a mesma facilidade quando o toque do meu telefone substitui a música. Eu olho para a tela, minha garganta aperta quando vejo o nome da minha melhor amiga: *Willa.*

O único som no carro é o toque rítmico da chamada. De repente está quieto – quieto demais – e volto a pensar no que eu deixei para trás quando vim para cá.

Eu gostaria de poder dizer que beijar Axel Bergman em um momento de extrema dedicação à mímica, depois ter que correr para o banheiro em agonia gastrointestinal, foi o ponto baixo da minha existência recente, mas eu não posso.

Porque desde aquela noite, minha saúde despencou a ponto de eu ter que tirar uma licença da faculdade de direito, e quando voltei para o apartamento quando acabou minha licença, derrotada, exausta e fodidamente perdida, não pude ficar um segundo a mais.

Então aqui estou eu, sem direção, fazendo algo que não faço desde... nunca. Estou tentando cuidar de mim mesma.

Willa ainda está ligando, cada toque levando minha determinação embora. Respiro fundo, aperto o botão direito no volante e atendo sua chamada.

Encontrando minha voz otimista de *estou bem*, grito:

— Estou aqui!

— Você está aqui! Acabei de receber sua mensagem de que você pousou. Onde você está exatamente?

— Uau, não há necessidade de um interrogatório.

— Você está perdida, não está?

— Eu não estou *perdida*. — Apertando os olhos, eu olho para o GPS na tela do meu carro alugado e a trilha sinuosa de minhas direções. Então eu olho ao meu redor. — Estou... indo para... o oeste.

— Aham. Você sabe que não tem nada a provar para mim, não é? Você é uma bioquímica nerd que está fazendo Direito na Stanford. É normal ter uma fraqueza e admitir que você não tem senso de direção.

— Admito que tenho muitos pontos fracos e que não tenho senso de direção. Não admito, no entanto, estar perdida.

Eu juro que posso ouvir seu rolar de olhos.

— Você já está se aproximando da entrada da propriedade. Não dá pra contar nos dedos quantas vezes eu passei direto. É fácil dirigir direto, então vá devagar quando chegar naquela curva fechada.

Eu faço uma careta enquanto olho para a rota. Não faço ideia do que ela está falando.

— Eu vou. Mal posso esperar para ver.

— Ah, Roo, você vai adorar. É tão bonito. Eu gostaria de estar lá para recebê-la e te ver se acostumar. Eu

definitivamente reencenaria a épica corrida de *Carruagens de Fogo* até o seu carro se este trabalho como jogadora de futebol profissional não exigisse tanto de mim. Porcaria de Eliminatórias para a Copa do Mundo. Porcaria de Voo. Porcaria de Futebol.

— Que porcaria — digo a ela. — Porcaria de sonho que se tornou realidade, que porcaria jogar pela seleção feminina dos Estados Unidos. Uma porcaria de honra ser uma novata que já é titular.

— Ok, tudo bem, não é uma porcaria, e estou muito animada. Eu apenas sinto sua falta. — Depois de um momento de hesitação, ela disse — Como você está?

— Estou… bem.

Eu coloco a mão na minha barriga, que começou a dar pontadas de alerta com as quais estou muito familiarizada, especialmente desde que meus remédios antigos pararam de funcionar há alguns meses. Felizmente, meu novo tratamento finalmente começou a aliviar meus sintomas de colite ulcerosa mais sérios, então estou relativamente melhor – o que significa que não estou incapacitada em casa ou no hospital por desidratação e dor – mas tenho danos permanentes em meus intestinos. Mesmo enquanto estou em remissão clínica, alguns sintomas são um elemento permanente em minha vida.

Mas Willa não está perguntando sobre meus problemas intestinais. Ela está perguntando sobre todo o resto. Porque essa é a única coisa que escondo dela.

Ela e eu temos a maior parte da Costa Oeste entre nós atualmente, mas conversamos o tempo todo, e ela sabe que tirei uma licença da faculdade de Direito em Stanford. Ela simplesmente não sabe o motivo médico. Porque Willa não sabe que tenho colite ulcerosa. Ela sabe que tenho um

estômago sensível e vou mais ao banheiro do que a maioria das pessoas, mas não porque, não a pior parte.

Quando eu disse a ela que estava tirando uma licença, expliquei que estava recuando para avaliar se a faculdade de direito ainda era o caminho certo para mim, o que não é mentira. Simplesmente não é *toda* a verdade.

Eu sei. Odeio guardar segredos dela, mas tive meus motivos e acredito que sejam bons.

Somos melhores amigas desde que nos conhecemos, quando estávamos no primeiro ano e no time de futebol feminino da UCLA. Não éramos amigas há muito tempo quando ela compartilhou a batalha anterior de sua mãe contra o câncer de mama e seu novo diagnóstico de leucemia. Foi quando eu soube que a última coisa que Willa precisava era de outra pessoa para se preocupar. Com a medicação certa e pura sorte não confiável, a colite ulcerosa é uma daquelas doenças que podem ficar em segundo plano por anos. A minha chegou até a faculdade com apenas alguns episódios pequenos que consegui lidar sem levantar as suspeitas de Willa. Odeio mentir e nunca quis esconder isso dela, mas simplesmente senti em meu coração que ela não precisava de mais nada pesando sobre ela. A sabedoria dessa escolha foi confirmada quando sua mãe morreu em nosso primeiro ano.

Nos últimos anos, desde que nos formamos, ainda não sei como dizer a ela. Tenho medo de preocupá-la. Eu não queria que nada mudasse entre nós. E quanto mais minha mentira por omissão continua, mais difícil fica dizer a verdade.

É por isso que ela não sabe o quão doente estive recentemente. É por isso que ela pensa que a faculdade de direito era demais pra mim e, mais uma vez, não é uma mentira – apenas não é toda a verdade. A faculdade de

direito *tem* sido estressante. Eu adorei alguns momentos, odiei outros, e é sem dúvida a coisa mais difícil que já fiz.

E então aquele estresse, horas de estudo, madrugadas, ansiedade em fazer o meu melhor, me atingiram, e eu simplesmente não conseguia mais continuar. *Sua saúde ou seus estudos*, meu médico disse. *Escolha um.*

— Rooney? — Willa diz. — Acho que a ligação cortou por um minuto.

— Desculpa — eu me sacudo e deixo de divagar. — Você pode me ouvir bem?

— Eu posso agora. Não escutei nada depois de perguntar como você está.

— Ah — limpo minha garganta nervosamente. — Bem, eu estou... bem. Estou pronta para este tempo longe, de verdade. Obrigada novamente por oferecer o chalé. Você ainda não me disse o que posso pagar aos Bergman pelo aluguel, no entanto.

— Eu disse que você não vai pagar aluguel. Você nunca terá uma resposta, mesmo se tentar. Você é praticamente da família.

O namorado de Willa, Ryder, é o filho do meio dos sete irmãos Bergman, uma família turbulenta e próxima que me acolheu em seu rebanho. Sua mãe, Elin, é uma imigrante sueca que adora abraços e tarefas domésticas. Seu pai, que atende por Dr. B, é uma daquelas pessoas que instantaneamente transforma qualquer reunião em uma festa. Apesar de Willa e Ryder terem se conhecido quando estávamos na UCLA, e Los Angeles ser onde os Bergman agora chamam de lar, os primeiros anos de sua família foram passados aqui no estado de Washington, muitas vezes escapando para o chalé.

Os Bergman são a família caótica e unida que minha alma de filha única sempre quis, e eles não fizeram nada além de fazer com que eu me sentisse bem-vinda. Já que Willa é tão generosa quanto eles, e eu sou dela, agora sou tão caridosa quanto eles também. Pelo menos eu era, até O Beijo de Mímica com Axel, o Bergman mais velho.

Não que *eles* tenham tornado isso estranho. Aparentemente, apenas Axel e eu ficamos traumatizados com minhas péssimas decisões no jogo de charadas. Ninguém pareceu remotamente perturbado depois. Claro, eles ofegaram quando o beijo aconteceu – quero dizer, chocou a todos, inclusive a mim – mas quando voltei do banheiro e me deparei com a ausência de Axel, eles seguiram em frente. Rindo, brincando, pondo a mesa para o jantar. Como se não fosse nada.

Ou eles são atores incríveis ou não ficaram terrivelmente surpresos por eu finalmente ter me jogado em Axel depois de nutrir uma paixão de longa data que tentei muito esconder – Axel, que me mostrou uma rara pitada de humor quando fez aquela piada sobre "um gosto repentino por charadas", mas que estava claramente assustado com minhas travessuras. Toda a situação era mortificante.

Eu me senti mal. Eu estava envergonhada. Então, naquela noite, me desculpei e, desde então, nas últimas seis semanas, eu sumi, o que não foi difícil, porque estive doente para caramba.

Eu queria poder deixar as coisas mais agradáveis? Sim. Eu queria saber como voltar a socializar sem morrer de vergonha? Sim. Mas não tenho ideia de por onde começar, e não posso lidar com isso agora. Não vou gastar minha energia pensando nos Bergman, especialmente em Axel. Vou gastá-la ficando em seu chalé vazio pelas próximas semanas,

me escondendo da realidade enquanto descubro como vou enfrentá-la novamente.

É uma fuga que preciso desesperadamente. É por isso que eu realmente quero dar aos Bergman algo pelo meu tempo aqui.

— Willa, não gosto da ideia de ficar no chalé de graça.

— Que pena — diz ela. — Ele está lá. Sem uso. Ryder disse que deve ficar vazio até o Ano Novo. É quando Freya e Aiden têm sua vez, então fique o tempo que quiser até lá.

— Willa, sério, eu não poderia–

— Escute, Roo, o lugar está pago. Ele está lá simplesmente para ser aproveitado. Os pais de Ryder nem se dão ao trabalho de ir para lá, então fica livre para os irmãos usarem como e quando quiserem. Não há necessidade de pagar quando nenhum de nós paga. Nós apenas fazemos a manutenção mínima.

— Eu posso fazer a manutenção!

Ela suspira.

— Você *não* vai gastar sua estadia substituindo telhas perdidas e selando novamente o deck.

— Não me tente. Eu amo essas coisas de "faça você mesmo".

— Você deveria estar *relaxando*.

— Tudo bem. Vou me contentar em esfregar o rejunte do banheiro com uma escova de dentes.

Willa bufa uma risada.

— Meu Deus, eu sinto sua falta. Você acha que vai ficar por aí tempo suficiente para que possamos chegar aí e te fazer companhia? Estou de volta em duas semanas e meia. Eu chegaria em casa mais cedo, mas depois de jogarmos, tenho que fazer um monte dessas merdas de imprensa e

patrocínio – também conhecido como o que realmente paga as contas.

Olho meu reflexo no retrovisor. Eu ainda pareço estar doente. Pele pálida, meia-luas sombreadas sob meus olhos. Bem, pelo menos quando nos encontrarmos e eu finalmente encontrar coragem para dizer a ela que estou doente, eu vou estar apresentável.

— Eu ainda devo estar aqui — tecnicamente, não preciso voltar até alguns dias antes do Natal, para celebrar com meu pai, depois me encontrar com meu orientador para discutir como pretendo lidar com a faculdade, mas provavelmente voltarei para casa no final do mês, para o dia de Ação de Graças. O feriado é sempre um fiasco, já que somos apenas meu pai e eu, mas é estranho pensar em passar o feriado longe dele. Por outro lado, aposto que se eu não estivesse em casa, ele provavelmente ficaria feliz trabalhando em seu escritório ou no set, sem se sentir culpado por me deixar sozinha.

— Eba! Mal posso esperar — diz Willa. — Mas, escute, não se preocupe se os planos mudarem. Se você for para casa antes de eu voltar, nos encontramos no Dia de Ação de Graças. Vamos comer. Então cochilar. E jogar jogos de tabuleiro. Depois tem o torneio de futebol no quintal...

Uma onda de culpa me atinge. Willa acha que irei para a casa dos Bergman no dia de Ação de Graças, como fiz no ano passado, depois que papai e eu tivemos nossa ceia precoce. Não quero dizer a ela o quão incerta estou de que vou estar lá. De que vou estar bem o suficiente, porque nunca sei quando será um dia difícil, no qual em casa é o único lugar onde consigo estar. Se eu vou aguentar o constrangimento de ver Axel depois do nosso beijo.

Willa ainda está falando alegremente, planejando nosso dia.

— …É melhor você se preparar. Eu vou te agarrar e te abraçar. Vou apertar você com força até você chiar como um cachorrinho de brinquedo.

Isso me faz rir.

— Você é perturbadora.

— Mas você me ama. Tudo bem, eu tenho que ir. Eu só queria conversar rapidinho antes de ir treinar. Amo você! Me mande uma mensagem quando estiver segura na cabana?

— Também te amo. Eu mando.

— E envie uma mensagem de texto para Ryder pedindo ajuda quando estiver pronta para admitir que está perdida.

— Eu não estou perdida! — Eu grito bem quando ela desliga. Em seguida, concentro-me novamente no GPS.

OK. Talvez eu esteja um *pouco* perdida.

2

AXEL

Música da Playlist: "The Penalty" - Beirut

UMA GOTA D'ÁGUA CAI na minha testa com um *splash*. Irritado, eu limpo e em seguida seco minha mão no meu jeans sujo. Geralmente eu não me importo de me molhar. Morei em Washington a maior parte da minha vida e estou acostumado com a chuva. Meu problema é que essa precipitação está acontecendo *dentro* do chalé.

— Bem — diz Bennett suspirando. — É tão ruim quanto você disse.

— Agora você pode me dizer o quão ruim está, em dólares.

Examinando o pior dos danos causados pela água, ele diz:

— Muito ruim. Como empreiteiro, consigo enxergar um dos meus trabalhos mais bem remunerados em anos. Como seu amigo, estou preocupado.

— Certo — eu me viro em direção à escada do outro lado da janela aberta, onde Parker estava fazendo uma inspeção externa e agora está descendo os degraus. Bennett não vai querer dar as más notícias, mas Parker não terá nenhum problema em me contar francamente. — Então, em dólares, qual é a situação?

Parker desce com um baque quando sua filha, Skyler, passa por ele, empolgada com toda a água que se acumula para pular em poças.

— O suficiente para você desejar ter feito o seguro extra que cobre a substituição não apenas dos canos antigos, mas também dos danos que eles podem causar quando quebram.

Eu inclino meus antebraços no parapeito da janela aberta e olho para ele.

— Você só está me dizendo isso com essa pose de fodão porque estou aqui em cima e você aí embaixo.

— Olha a boca! — diz Parker, no momento em que Skyler pula em uma poça e grita:

— Fodão!

— Sky — ele diz a ela — não diga isso. — Então ele olha para mim. — Só estou te dizendo o que o Ben não diz, estando vocês dois no mesmo cômodo, porque ele é legal demais pra isso. Aconteça o que acontecer depois, você vai precisar desse seguro.

Bennett puxa o coque escuro torcido no topo de sua cabeça, cutucando um pedaço da parede de gesso encharcado de água que caiu no chão.

— Ele precisa desenvolver suas habilidades sociais.

— Não posso julgar.

Ele enxuga um respingo de água que o atingiu na cabeça.

— Park disse da forma errada, mas ele está certo. Se você for fazer esses reparos, é imprescindível que você tenha um seguro a partir de agora. Com o mau tempo e o fato de que ela não é habitada regularmente, é uma propriedade de alto risco.

— *Quando* eu fizer os reparos — digo a ele. — O que, novamente, vai custar quanto?

— Além do que já havíamos planejado?

Eu concordo.

Arrastando a bota no chão, Bennett puxa o coque novamente.

— Que tal eu escrever e você abrir assim que sairmos? — Ele retira o bloco de notas sempre presente do bolso de trás e rabisca algo. Rasgando o papel, ele o dobra ao meio e o

coloca na palma da minha mão. — Estou falando sério sobre a espera. Pelo menos até Skyler entrar no carro. Só conseguimos fazer ela parar de dizer "droga" na semana passada.

— Eu disse que cuidaria da sua filha. Não prometi ser um exemplo.

Bennett suspira.

— Cara, ela tem sete anos.

— Ela é uma mandona no jogo de tabuleiro que me detonou no Candy Land. Aguente isso, e vamos ver se você também não falaria palavrões.

Bennett arqueia uma sobrancelha.

— Admito que ela pode ser brutal quando se trata de Candy Land, mas chega de palavrões do tio Ax.

— Tudo bem — eu murmuro. — Vá embora.

— Indo. — Bennett guarda o bloco novamente e prende no coque o lápis que usou. — Não diga a Parker que eu disse isso, mas se demorar um pouco para você conseguir o dinheiro, podemos começar com metade do valor normal que pedimos. Apenas o suficiente para pagar a equipe.

Isso não é um bom sinal. De jeito nenhum.

Eu fico olhando para o pedaço de papel dobrado.

— *Tão* ruim assim?

— Vamos só dizer que, mesmo que você pegue um empréstimo para construção, os bancos geralmente exigem uma entrada de 20%. Então isso vai ser... — Bennett pigarreou e acenou com a cabeça em direção ao papel. — Bem, sim. Você saberá em breve.

Minha mandíbula aperta.

— Excelente.

— Você ainda não consegue pintar? — Bennett pergunta com cuidado.

Eu balanço minha cabeça. Ele sabe da situação financeira e profissional em que estou, que essa crise no chalé não poderia ter vindo em pior hora.

Normalmente, diante dessa situação, eu pintaria algumas peças, faria uma rápida exibição, as venderia e ficaria bem. Até recentemente, depois de ter vendido minha arte em um nível que eu nunca nem sonhei que poderia, eu *tinha* uma tonelada de dinheiro economizada e não teria sido um problema. Direcionei parte dele para alguns reparos no chalé, que contratei a equipe de Parker e Bennett para fazer uns meses atrás, mas depois que resolvi as questões mais urgentes, pausei o trabalho e investi a maior parte do dinheiro nos negócios em andamento do meu irmão Ryder, uma loja de tendas que também oferece atividades ao ar livre, as quais ele está trabalhando para tornar acessíveis a todos que desejam vivenciar a natureza.

Ryder está passando por treinamento, obtendo certificação, entrevistando pessoas para formar uma equipe acolhedora, comprando equipamentos caros, equipando as instalações, e tudo isso requer uma grande soma inicial. Em vez de ele ter que lidar com taxas de juros por meio de um empréstimo bancário, eu disse a ele para pegar o dinheiro e considerá-lo um investimento em seu negócio.

É por isso que – embora ele more a apenas uma hora de distância, e que ele seja aquele em quem eu confiaria para me ajudar a lidar com esta crise – não contei ao meu irmão mais novo o que está acontecendo. Ele ofereceria o dinheiro de volta, colocaria seu sonho em espera. E não vou deixar isso acontecer. Não quando ele está mais feliz do que eu o vi em anos. Não vou fazer absolutamente nada para atrapalhar seus planos.

Não vou contar a mais ninguém da minha família também. Se eles soubessem o que eu fiz e planejo fazer pelo chalé, meus pais diriam que é um investimento irracional e meus irmãos iriam achar que me devem algo. Parece ser bem racional para o meu gosto, e ninguém me deve nada. Isso é o mínimo que posso fazer.

Eu sei que não é fácil se conectar comigo. Não sou caloroso e carinhoso como o resto da minha família. Não dou abraços sem mais nem menos, não rio com frequência, nem me envolvo no caos íntimo que define nossa grande família.

Eu não amo do jeito que eles amam.

Então eu retribuo dessa maneira. Eu protejo o lugar com o qual nos importamos, o chalé que tem sido o coração de nossa família desde que meus pais o compraram. É desse jeito que os amo. E nada vai impedir isso.

Eu só tenho que ser... criativo. Tenho que superar esse bloqueio de pintura porque, até que eu possa pintar, não há dinheiro para consertar o chalé em pouquíssimo tempo antes que seja a vez da minha irmã aqui e todos na minha família saibam o que está errado.

Bennett muda de posição e pigarreia.

— E a herança?

Eu dou a ele um olhar afiado. Ignorei veementemente minha herança desde o momento em que soube do testamento de tio Jakob. Porque ela veio com a pior condição possível que ele poderia ter colocado para mim.

— Você esqueceu a condição?

— Então siga a letra da lei, não o espírito da coisa. Você não precisa encontrar o amor verdadeiro para se casar. Apenas alguém disposto a ser seu parceiro e tratar essa situação como um negócio. Você poderia encontrar alguém em um piscar de olhos, aposto.

Suspirando, massageio a ponte do meu nariz.

— Claro. Porque eu tenho um círculo social muito amplo, e é cheio de pessoas solteiras querendo se casar por dinheiro.

— Quer dizer... nós poderíamos dar um jeito nisso. Park e eu te ajudaríamos.

— Ben! — Parker grita do lado de fora. — Deixe o homem se remoer em paz!

— Tudo bem — murmura Bennett, dirigindo-se para o corredor. — Fica firme. Me avise o que você decidir. E se você mudar de ideia sobre a herança, estou falando sério – vamos ajudá-lo a encontrar alguém.

— Não estou tão desesperado. — Eu fico olhando para o papel, que parece estar queimando um buraco na minha mão. — Pelo menos, eu acho que não. Mas obrigado, Bennett.

O sigo escada abaixo e paro na varanda quando chegamos lá fora.

Skyler para de pular nas poças e aperta os olhos para mim.

— Você parece ainda mais mal-humorado hoje, tio Ax.

— O que posso dizer, Skyler. É um bom dia para ficar mal-humorado.

Com as mãos nos quadris sobre sua capa de chuva de super-heroína, ela inclina a cabeça e me examina.

— Eu acho que você precisa de um bom beijo.

Parker disfarça a risada com uma tosse.

— Sério — eu digo a ela. — Queria saber quem anda te falando esse tipo de coisa.

— Ninguém! — Ela diz, saltando em uma poça bem ao meu lado e ensopando minhas pernas.

— Skyler — Bennett repreende.

— Já estou todo encharcado, de qualquer maneira — digo a ele.

Ela pula em outra poça.

— Eu só sei que, quando o papai está mal-humorado, BiBi o beija e então ele fica melhor. Então vá encontrar alguém e ganhe um beijo. Então volte para jogarmos Candy Land para que eu possa acabar com você.

— Essa menina — diz Bennett cansado, segurando-a pelo ombro. — Puxou ao Parker.

Parker sorri enquanto volta em direção ao carro.

— É o que sai da boca das gatas, Axel!

Mostro meu dedo do meio quando Skyler vira as costas e entra no carro. Então eu observo os três saírem, mãos balançando para fora das janelas de sua caminhonete. Quando entram na estrada principal, desdobro o papel que Bennett me entregou.

E é muito bom Skyler não estar por perto para ouvir o que sai da minha boca.

Estou absolutamente fodido.

Colocando a nota no bolso, eu me abaixo na varanda. O vento passa através das árvores, enviando folhas douradas e escarlates para o chão e pintando a terra, sendo estupidamente melhor em fazer arte do que eu em meses.

Um nó aperta meu peito. Fecho os olhos e lá está ela, vívida, de tirar o fôlego.

Rooney.

Isso é tudo culpa dela – não a casa, mas aquelas telas em branco e semiacabadas em meu estúdio. É por culpa dela que estou lutando uma batalha perdida contra a criatividade há meses. E aquela porra do beijo da mímica que foi o golpe mortal.

Agora, toda vez que pego um pincel, não são linhas abstratas e cores fortes. São rosa e salmão, verde água e dourado. Eu pinto algo – *alguém* – que não deveria.

Isso tem que acabar. Preciso de muito dinheiro e rápido. Não pintei nada que pudesse vender em mais de dois meses. Tudo o que eu *tenho* pintado já foi vendido. Se eu não conseguir superar esse bloqueio criativo, não sei o que vou fazer.

Bem, isso não é verdade. Eu sei o que vou fazer. Só que eu realmente não quero fazer isso.

Subindo os degraus, volto para dentro, fecho a porta e a tranco atrás de mim. Meus olhos pousam nas fotos de família ao longo da parede do corredor. O dia do casamento dos meus pais. Meus irmãos e eu, em todas as fases da infância. Retratos formais de família e fotos espontâneas de crianças com os joelhos ralados – rostos corados, pele bronzeada e sardenta.

Depois, há a foto de anos atrás. Vejo o irmão de minha mãe, tio Jakob, que veio de Östersund, um homem calado, que diariamente sentava lá fora de manhã cedo, tomando café e desenhando a paisagem, me sentia representado. Um homem que eu *pensei* que respeitaria a escolha de uma pessoa por uma vida solitária se ela decidisse que era o melhor.

E então ele me deixou uma quantia chocante de dinheiro com a condição de que eu tivesse que me casar.

Era como levar um tapa.

Ele não me conhecia bem, mas me viu tantas vezes que pensei que ele saberia que casamento não era viável para alguém como eu, alguém que mal consegue falar com pessoas desconhecidas, cujas palavras saem rudes e afiadas com as pessoas que *conheço e amo*, que evita toques desconhecidos e raramente abraça, que desaparece quando os lugares ficam barulhentos, por mais feliz que seja a ocasião, porque é demais pra mim.

Tentei não ficar ressentido. Mas agora estou. Essa herança pode realmente ser útil. E eu tenho que me casar para ter acesso.

Eu poderia me casar com alguém, mesmo que apenas com o propósito de receber o dinheiro? Um acordo comercial no qual recebo minha herança e ela pega sua parte?

Eu fico olhando para a foto do tio Jakob e suspiro.

— O que você estava pensando?

Ele não responde. Claro que não. Ele é uma porra de foto e está morto há mais de um ano. Estou ficando louco.

Sob meus pés, ouço um baque sinistro e, em seguida, uma onda de água, significando que algo deu errado. Eu nem estou surpreso a essa altura. Suspirando, me viro e caminho em direção ao porão.

3

ROONEY

Música da Música da Playlist: "Alex" - Wild Child

EU NÃO ME PERDI. Eu fiz um desvio. Essa é a minha história, e eu vou insistir nela.

Depois do meu "desvio" chego ao final da viagem e estaciono o carro. Quase beijo o chão quando saio e fecho a porta atrás de mim. Minha viagem levou quase duas horas, e eu continuo com dor de estômago – não forte o suficiente para que eu estivesse pensando em parar na estrada, mas ruim o suficiente para que eu esteja completamente aliviada por estar aqui. Dor é sempre um aviso e é vulnerável não saber quando a dor vai se tornar uma urgência.

Respiro fundo, mais relaxada agora que um banheiro está ao meu alcance, se eu precisar. Felizmente, não preciso disso agora. Por enquanto, posso ficar parada e apreciar a vista diante de mim.

Meu olhar se fixa no chalé. Vidro do chão ao teto, o exterior vai de escurecido pela chuva até um marrom escuro. Pinheiros altos e árvores decíduas cercam a propriedade. O som de água corrente em algum lugar próximo casa com o som da chuva escorregando dos galhos para a terra em um suave *ploc*.

É tão pacífico – calmo e silencioso. O tipo de paz que eu nunca pensei que me atrairia, mas aqui estou, hipnotizada. Um tapete de folhas cobertas de chuva se espalha pela clareira, uma trilha leva à floresta, do outro lado há uma vista do lago e… há outro carro aqui.

Isso é estranho.

Eu franzo a testa para o Jeep Wrangler preto que parece ter a minha idade. Eu não o reconheço. Provavelmente um velho carro reserva que os Bergman mantêm aqui.

Depois de pegar minha mala, subo até a varanda, o rangido suave de cada passo se juntando ao coro de pássaros cantando e dos pingos da água da chuva. Eu me estico na ponta dos pés e passo as mãos no batente da porta, como Willa instruiu, até que meus dedos encontram o metal frio da chave da porta da frente.

Eu destranco e a porta se abre, revelando uma grande sala de conceito aberto congelada no tempo. A antiquada decoração da cozinha, a longa e amada mesa de jantar e uma dúzia de cadeiras que não combinam, a aconchegante sala de estar com seus móveis enormes, tudo parece tão amado e usado e vivido, posso sentir as memórias neste lugar. Uma pontada de inveja lateja em meu peito. Como deve ser pertencer a algo assim, estar rodeado de família, história e memórias?

Tudo o que quero fazer é explorar cada centímetro deste lugar, mas aquela garrafa gigante de água que bebi na viagem chegou em minha bexiga. É hora de encontrar um banheiro. Largo minha mala no saguão e sigo por um corredor que parece promissor.

Fotos dos Bergman enfeitam a parede enquanto eu caminho. Elin e Dr. B no dia do casamento, depois uma série de retratos da família em constante crescimento. Primeiro, a bebê Freya, seu cabelo loiro-claro e fofo e os olhos azul-acinzentados de Elin. Em seguida, o bebê Axel que – oh *meu Deus* – está adoravelmente carrancudo, cabelo castanho escuro espetado em um moicano, os olhos verdes brilhantes de seu pai se estreitando em suspeita. Eu bufo suavemente e

paro tempo suficiente para olhar mais de perto, meus dedos traçando aquela carranca.

Sua carranca era fofa pra cacete. Ainda é.

Forçando-me a não pensar nisso, retomo meu tour de fotos de família enquanto ando pelo corredor, as fotos ficando mais preenchidas conforme a família cresce.

Lá está Ren, o mesmo cabelo cobre que ele tem agora e olhos azuis-acinzentados de Elin Bergman, aninhado nos braços de Freya enquanto Axel – adivinha – franze a testa para a câmera. Em seguida, Ryder, que é facilmente reconhecível, o único na família com a combinação de olhos verdes e cabelos loiros. Não surpreendentemente, a próxima foto envolve os dois "machinhos", como a família os chama, com apenas 12 meses de diferença – Viggo e Oliver, como noite e dia, com olhos azuis acinzentados combinando, mas cabelos castanhos e loiros, respectivamente. Então, finalmente, Ziggy bebê, com os cabelos cor de cobre do pai e olhos verdes penetrantes, cercado por todos os seus irmãos.

Meu coração aperta. Só conheço os Bergman há alguns anos, desde que Willa e Ryder ficaram sérios, mas são o mais perto de uma família real que eu já tive. E, a menos que as coisas se tornem milagrosamente não estranhas entre Axel e eu, terei que deixar isso para trás.

Chego à última das fotos de família. E me sinto extremamente triste com isso.

Assim que me afasto da parede do quadro, vejo uma porta do outro lado do corredor que parece esconder um banheiro. Desde que adoeci no colégio, me tornei um especialista em examinar banheiros quando chego a algum lugar, porque nunca se sabe quando você vai precisar ir. Reconheço a porta de um banheiro quando a vejo.

Assim que alcanço a maçaneta, ouço um som. Um som muito humano. Como passos.

Alguém está aqui.

Provavelmente a pessoa que dirige aquele Jeep lá fora. Deus, o que há de errado comigo? Por que não suspeitei quando vi o carro? Por que sou incapaz de pensar no pior?

A menos que eu esteja apenas paranóica e alimentando minhas maluquices.

Eu congelo, a mão posicionada sobre a maçaneta da porta e escuto com mais atenção. Tento me convencer de que estou imaginando coisas.

Mas então eu ouço: passos firmes e cada vez mais altos vindo de trás da porta que eu estava prestes a abrir. Digno de uma cena de filme de terror. Algum filho da puta assassino está vindo atrás de mim do porão.

A adrenalina inunda meu sistema, pânico picando minha pele. Eu olho em volta loucamente, na esperança de encontrar algo com que eu possa me defender. Meu olhar vai rapidamente para a mala dura que deixei no saguão. Uma arma decente. Penso em correr em direção a ela, esperando ser capaz de alcançá-la a tempo de me defender, mas é tarde demais. A porta se abre. Fico cara a cara com um homem alto escondido nas sombras, apenas suas botas iluminadas por uma lanterna.

Eu grito porque, *puta merda*, isso é assustador, então empurro o cara, esperando que eu possa pegá-lo desprevenido por tempo suficiente para fugir. Ele grita em estado de choque e deixa cair a lanterna. Em seguida, ele cambaleia para trás, oscilando na beira do degrau, os braços girando ao lado do corpo.

Quando sua cabeça se inclina para trás no esforço de encontrar o equilíbrio, suas feições aparecem na luz da

lanterna. É quando eu reconheço quem eu acabei de empurrar para a escada.

Axel Bergman.

TUDO ACONTECE EM CÂMERA LENTA, e minha imaginação está correndo solta, imaginando Axel caindo pelos degraus e quebrando o pescoço. Eu o alcanço, agarrando um punhado de sua camisa em um esforço para desacelerar seus movimentos.

Mas é o seguinte. Tenho 1,55 e – quando não estou doente – em forma. Axel, embora seja bem magro, tem quase dois metros de altura, e tudo que tem nesses ossos é músculo. Músculo, meus amigos, é *pesado.* Significa que segurar Axel não ajuda em nada, exceto me puxar para baixo com ele.

Tento me impedir de ir para a frente também, mas não adianta.

Eu caio em cima dele, ao mesmo tempo em que ele se joga para trás como um mergulhador. Axel agarra as mãos no teto inclinado atrás dele, nos impedindo de cair escada abaixo.

Nossos corpos se conectam com um *oomph* barulhento.

Ah Deus. Ele é tão grande. Tão alto, magro e *grande*. Eu sinto seus músculos da coxa duros. O inegável... volume em sua virilha. Seus ossos do quadril afiados se projetam nos meus, meus seios estão esmagados contra seu peito e minhas mãos descansam sobre seu peitoral para me firmar.

O ar entra e sai de nossos pulmões, ecoando ao nosso redor.

— Eu sinto muito — eu digo com voz rouca. Ainda estou agarrada a ele enquanto pairamos em um ângulo

assustadoramente íngreme sobre as escadas. — Você me assustou e eu apenas... reagi.

Ele não me responde. Com um grunhido, ele empurra o teto, o que empurra seu corpo no meu. Sinto minha pele quente, e no momento em que meus calcanhares tocam no degrau, eu me afasto, o rosa se espalhando em minhas bochechas.

Pigarreando, Axel pega a lanterna que caiu e a desliga. Então ele dá um passo à frente e calmamente fecha a porta do porão atrás dele, como se nós não tivéssemos acabado de esfregar nossos corpos e quase cair escada abaixo.

— O que você está fazendo aqui? — Ele finalmente diz. Sua voz me cerca, profunda e suave como um chamego.

Eu pisco atordoada, então me afasto.

— An… Quê? Estou… Estou aqui para descansar. Willa disse que o chalé era meu para usar quando mencionei que precisava de um lugar para escapar.

Seus olhos viajam por mim, deslizam pelo corredor e pousam na minha mala no saguão. Então dá suspiro longo e pesado.

— Por que *você* está aqui? — Eu pergunto com cuidado.

Xingando baixinho, ele põe a lanterna no bolso e passa por mim.

— Para fora.

— Para fora? — Eu vejo suas passadas largas atravessarem o corredor rapidamente. Estou tão confusa.

Axel pega minha mala e aponta com a lanterna para a porta da frente.

— Para fora. Por favor.

Ele está mesmo me expulsando?

Caminhando em minha direção, ele usa a mala para me empurrar em direção à porta. Estou sendo enxotada como uma galinha.

— Por favor, Rooney.

— Tá bom, tá bom. Já estou indo. Tem algo errado?

— Quase tudo — ele murmura.

Eu olho por cima do ombro, olhando ao redor em busca de sinais de desastre na casa. O lugar parece bem cuidado, mas dificilmente parece que está desmoronando. Então, novamente, as aparências enganam. Se eu ganhasse um real por cada vez que cometia o erro de contar a alguém que estava doente e eles diziam sem acreditar: "Mas você parece bem" estaria milionária.

— É por isso que você está aqui? No porão? — Eu pergunto. — Com uma lanterna?

— Lidando com os principais problemas de encanamento. Por segurança, não há eletricidade ligada, daí a lanterna.

Muito mais lógico do que ele ser um assassino. Deus, eu posso ser tão dramática às vezes.

Abrindo a porta da frente, Axel me segue para fora. Ao pisarmos na varanda e nos encararmos, cada pensamento se evapora. O sol da tarde o banha com uma luz dourada enquanto ele permanece alto, seu rosto ilegível, mas bonito como sempre – cabelo castanho, maçãs do rosto marcadas, olhos escuros como os pinheiros encharcados pela chuva ao nosso redor.

Ele parece diferente de quando eu o vi na casa de seus pais, ou – Santo Deus – daquela vez quando ele fez uma exposição com sua arte em Los Angeles e usava um terno de duas peças cinza escuro – botão branco brilhante, cinto de couro conhaque e sapatos sociais, sem gravata…

Uau, pareço bizarra por lembrar de tudo isso, mas se você visse Axel Bergman parecendo o pecado em um terno, você se lembraria dos pequenos detalhes também.

Hoje, porém, seu cabelo normalmente arrumado está indo para todas as direções, e ele tem uma barba espessa que o faz parecer mais mal-humorado. Há lama e água por todo o seu jeans e botas. Ele não está usando uma jaqueta, apesar do frio, apenas uma camisa de flanela puída, sua estampa xadrez imitando nosso redor – cinza nuvem, azul celeste, listras finas que são cor de terra molhada. Os quatro botões abertos de sua camisa, revelando uma faixa estreita de pele pálida, uma camada de pelo escuro na sombra de seus peitorais.

Axel percebe que estou olhando, então olha para baixo. Salpicos gêmeos de rosa aparecem em suas bochechas enquanto ele rapidamente fecha mais dois botões em sua camisa, até que esteja aberta logo abaixo do oco de sua garganta.

— Então… — Cruzo os braços sobre o peito, tanto para esconder a reação do meu corpo a essa espiada na pele de Axel, quanto para me proteger do vento. — E agora?

Ele passa as mãos pelos cabelos e engole seco.

Eu não assisto seu pomo de Adão subir e descer.

Ou penso em lambê-lo.

Merda, quem estou enganando.

Ele finalmente olha na minha direção, seu olhar mal deslizando pelo meu rosto antes de se virar e olhar para o chalé. Ele limpa a garganta.

— Eu não sei. Não é seguro você ficar aqui.

Eu me viro e olho para o chalé também. Faria qualquer coisa para ficar num lugar aconchegante e descansar.

Lágrimas brotam dos meus olhos. Estou mais que desapontada. E, como se eu já não estivesse me sentindo miserável, uma nova onda de dor atinge meu estômago.

Eu respiro fundo e mordo minha bochecha para abafar um gemido.

Mas Axel percebe. Sua cabeça vira na minha direção e seu olhar encontra o meu tão brevemente que quase duvido que tenha acontecido. Exceto que eu sinto isso. Um milésimo de segundo daqueles olhos verdes penetrantes travados nos meus, tira meu fôlego.

— Você está bem? — ele pergunta.

Há uma suavidade em sua voz, uma gentileza que eu não reconheço, que inexplicavelmente me dá vontade de chorar. Então, é claro, eu forço um sorriso.

— Sim. Seria bom usar o banheiro antes de parar de te incomodar.

Ele franze a testa, olhando para a casa.

— Aqui não. A água foi desligada.

Outro espasmo atinge meu estômago, a dor se intensificando. Eu cerro meus dentes. O suor surge na minha pele. Estou muito desconfortável para ficar envergonhada quando digo:

— Você pode... me dizer onde *posso* encontrar um banheiro que funcione, então? Eu preciso mesmo.

Há um silêncio longo e pesado em que começo a mexer os joelhos e respiro lenta e profundamente. Posso ouvir as engrenagens de Axel girando. Ele foi criado bem demais para fazer algo como me mandar a um posto de gasolina sozinha, mas o que mais ele pode oferecer? Não que eu tenha certeza de que conseguiria chegar ao último posto de gasolina por onde passei no caminho para cá. Muito menos encontrá-lo.

Eu olho em volta, desesperada para que alguma solução mágica apareça. Mas isso não acontece. Árvores. Água. Mais árvores.

Estou ferrada. Vou ter que vagar pela floresta e puxar uma Laura Ingalls Wilder.

Ax segura minha mala com mais força.

— Por aqui.

Antes que eu possa perguntar para onde estamos indo, ele abre o porta-malas do jipe e está colocando minha mala dentro. Então ele abre a porta do passageiro da frente. Eu poderia ficar aqui e perguntar aonde ele está me levando que tenha encanamento interno, mas, honestamente, isso não importa. Desço os degraus da varanda e sento no banco do passageiro. Depois que ele fecha a porta atrás de mim, Axel dá a volta suavemente no carro, liga o motor e, em seguida, faz uma rápida e eficiente meia-volta antes de seguir em frente.

Minhas mãos seguram o estofamento de couro gasto do meu assento. Em parte porque estou concentrando toda a minha energia em não cagar nas calças e também porque Axel tem aquela coisa sexy do antebraço enquanto dirige – é um carro de câmbio manual, então seus músculos e tendões flexionam enquanto ele dirige, os olhos fixos na estrada. Para piorar a situação, o carro é o primeiro lugar em que já estive onde consigo identificar seu cheiro, que é tão evasivo quanto ele. Já o senti algumas vezes. E então, é claro, teve O Beijo na Mímica, que foi quando eu tive o suficiente pra encher meu pulmão dele, mas tanta coisa estava acontecendo que meu cérebro não teve tempo de absorver.

Agora estou absorvendo seu cheiro, e é indecentemente atraente. Não uma colônia forte, como tantos caras usam, mas algo suave. Um sussurro de sálvia e cedro. Amadeirado,

quente, limpo. Como se talvez seja apenas o sabonete que ele usa no banho.

E lá vai minha mente excitada, sonhando acordada com Axel tomando banho, sabonete agarrado em uma daquelas mãos grandes, escorregando por seu peito, aquela barriga magra e plana, mais abaixo, bem acima de seu–

— Rooney.

— O que? — Eu grito.

Há um silêncio constrangedor antes de Axel limpar a garganta, os olhos na estrada.

— Você disse que Willa mandou você vir pra cá?

Preciso bater um papo com o universo, com quem quer que esteja no comando lá em cima, porque estou realmente ressentida pelo fato de que esse homem, que sai de uma sala sempre que eu entro, pareça geneticamente projetado para me excitar. Só de ouvi-lo falar, baixo e profundo, me faz querer fechar os olhos e arquear no ar como se sua voz fosse um dedo provocador traçando minha pele. Se eu não estivesse tão miserável fisicamente, estaria vergonhosamente excitada.

— Eu disse a Willa que precisava de um descanso. Ela disse que o chalé estava vazio. O que é... — Eu franzo a testa, olhando pela janela. — Muito estranho. Por que ela diria para eu vir para cá se soubesse que você estava aqui e que tudo isso estava acontecendo?

Um zumbido inquieto ressoa na garganta de Axel. Eu flagro suas mãos segurando o volante e a marcha, mas ele não diz nada.

Graças a Deus, apenas alguns segundos depois, chegamos a uma pequena clareira ao redor do que só posso descrever como uma casa de campo moderna. Madeira escura. Arquitetura contemporânea. Ela me lembra de uma

versão maior daquelas cabines minúsculas da moda que sempre anunciam no Instagram com fotos de casais aninhados em um mar de lençóis brancos e travesseiros fofos que definitivamente não me fazem sentir desesperadamente sozinha ou algo assim.

Axel abre a porta de seu jeep, seus passos longos e rápidos enquanto ele dá a volta no carro e abre minha porta antes que eu sequer solte o cinto de segurança. Ele mantém a porta aberta, mas se afasta assim que eu saio, como se ele quisesse tanto espaço entre nós quanto possível e não pudesse evitar ser um cavalheiro.

— Que lugar é este? — Pergunto.

Olhando na minha direção, ele puxa minha mala do porta-malas.

— Um lugar para você passar a noite.

— Ah, isso não é necessário. Só preciso do banheiro, depois volto para a estrada.

Ele franze a testa, olhando para o céu.

— Está quase escuro. Fique essa noite. Amanhã você decide o que fazer

Quero discutir com ele, mas não estou exatamente animada para entrar no carro de novo e me perder dirigindo por essas estradas sinuosas de volta ao aeroporto, especialmente se meu estômago continuar enjoado.

Conformada, sigo para a casa atrás de Axel, que passa na minha frente, destranca a porta e a abre.

O alívio e o desespero vencem. Eu coloco meu sorriso mais brilhante, digo o que espero que seja um animado "Obrigada!" por cima do ombro, e caminho rapidamente para dentro.

NÃO TENHO UMA VISÃO DETALHADA da cabana ao entrar, mas depois de usar o banheiro, consigo apreciar o espaço. É lindo. Arrumado e minimalista. Um cheiro familiar e calmante que eu poderia jurar que me lembra de Axel, mas acho que seu cheiro sexy pode simplesmente ter ficado preso no meu nariz após o passeio de carro.

Um cômodo principal dividido em diferentes áreas, com destaque para uma cama de plataforma de madeira, lençóis e travesseiros brancos e macios e uma mesinha de cabeceira combinando ao lado com um abajur, enfiada em um canto. Do outro lado da cama, à direita de uma cômoda longa e discreta, há uma porta que não tenho certeza para onde leva – talvez uma garagem? Uma lareira a lenha fica de frente para o pé da cama, com prateleiras penduradas acima, ancoradas na chaminé. Dominando o espaço central está uma mesa de jantar retangular de madeira de demolição cercada por cadeiras que não combinam. Além disso, um longo sofá está enfiado ao longo da outra parede, uma mesa lateral estreita com outro abajur e mais prateleiras penduradas acima do sofá. Uma ilha divide a área de estar principal da cozinha, que é pequena e imaculada – aparelhos que captam meu reflexo e as bancadas despojadas e brilhantes. O lugar é uma paleta calmante de branco nuvem, tons de madeira escuro, tons de verdes terrosos profundos e cinzas tempestuosos. É uma sensação familiar e calmante.

Estou tentada a bisbilhotar mais, mas tenho muitas perguntas, como porquê Willa me disse para ir para o chalé quando há algum tipo de crise estrutural nele, quando, de todas as pessoas possíveis, Axel estava lá e claramente não sabia que eu estava indo. Tenho uma sensação estranha de que quando obtiver algumas respostas, não vou gostar delas.

Eu saio e piso em um perfumado tapete de folhas de pinheiro caídas e procuro por Axel. Mas não o vejo em lugar nenhum. Apenas um círculo de pedras organizadas, claramente para uma fogueira. Uma pilha de madeira rachada, com um machado enfiado em um toco de árvore próximo. O Jeep está lá também. Mas nada de Axel.

Então eu vejo uma nota presa sob o limpador de para-brisa, agitando com o vento. Eu o pego e leio o rabisco longo e organizado.

Desculpe pelo chalé. Como eu disse, fique à vontade para ficar aqui esta noite. Caso contrário, as chaves estão no jeep para você voltar e pegar o seu carro alugado.

– A.

PS: em caso de emergência meu número é 555-231-4542.

Eu reli sua nota, correndo meus dedos pelas letras, enquanto o cansaço afunda seus dentes em mim. Entre a doença e o estresse, o longo dia voando e depois dirigindo, estou exausta. A dura realidade chega.

Estou *cansada*. Cansada demais para fazer qualquer coisa além de aceitar a oferta.

Na soleira, ouço os sons silenciosos da vida selvagem ao meu redor, o sussurro do vento dançando entre as árvores. Eu encaro o bilhete de Axel, deslizando meu polegar sobre a solitária letra *A*. Em seguida, dobro ao meio e coloco no bolso do meu suéter, bem sobre meu coração.

4

AXEL

Música da Playlist: "Social Cues" - Cage The Elephant

O QUE *CARALHOS* EU FIZ?

"Fique aqui esta noite". Eu só... deixei escapar, o que não é comum, e então – como se não tivesse sido claro o suficiente – eu disse de novo naquele maldito bilhete.

Com meu número de telefone.

Eu tenho mesmo que me foder.

Era como se eu estivesse possuído, levando-a para casa, dizendo-lhe para ficar, escrevendo aquele bilhete, quando tudo que quero é que Rooney esteja o mais longe possível de mim. Porque, por dois anos, escondi minha atração por ela e isso só foi possível por uma coisa: distância.

Então o que eu faço quando ela entra na minha vida? Eu a convido para passar a porra da noite.

Brilhante, Axel. Simplesmente brilhante.

O melhor que posso fazer agora é me esconder, que é exatamente o que estou fazendo. Não que esteja ajudando muito. Ainda posso sentir o cheiro dela, suave e pacífico como uma campina no crepúsculo, flores balançando com a brisa. A maioria dos perfumes é tão enjoativamente forte que me dá dor de cabeça. Mas o dela era tão... calmante. Eu me pergunto se é simplesmente o cheiro de sua pele e cabelo.

Mas é perigoso imaginar isso. Porque então eu imagino acariciando os lugares macios, quentes e doces do corpo de Rooney, inalando seu cheiro. E isso não vai acontecer.

Nunca.

Eu encontro meu ritmo, cada passo colocando mais distância entre nós, embora eu saiba que é inútil. Eu *ainda*

posso sentir seu perfume calmante, ainda *sinto* seu corpo macio inclinando-se contra o meu enquanto eu nos segurava nas escadas. Seus seios pressionados em meu peito. O calor de suas mãos marcando minha pele.

— Porra — eu bato em uma erva daninha com um graveto que tenho nas mãos e, em seguida, jogo o graveto longe.

Meus passos corroem o chão quando começo a cruzar o pequeno campo de futebol atrás do chalé, lar de inúmeros jogos de família.

Por falar na porra da minha família. Nem depois de me mudar vários quilômetros para o norte eles param de se intrometer na minha vida. Mesmo que eles não saibam o que está acontecendo com o chalé, não há uma boa desculpa para Ryder e Willa mandarem Rooney aqui. É *minha* vez de usar o chalé, e os dois sabiam disso. Algo está acontecendo. Eu não sei o quê, mas tem dedo dos Bergman.

Atravessando o campo, pego meu telefone, entro nas minhas mensagens de texto e abro minha conversa com Ryder, em seguida, digito:

"Você tá brincando com minha cara?"

Três pequenos pontos aparecem imediatamente, então sua resposta:

"Adoro um bom texto vago."

"Não aja como se você não soubesse que Rooney está aqui no chalé", eu escrevo. *"Ela disse que Willa disse que ela poderia vir aqui. Significa que VOCÊ disse a ela que estava vazio. É minha vez na cabana. Que porra você estava pensando?"*

Sua resposta:

"Eu estava pensando que não é grande coisa."

— Não é grande coisa! — Eu grito, pisando forte na varanda. Abro a porta da frente e bato com força atrás de mim.

Não posso contar a ele sobre o estado do chalé. Mas posso dizer a ele que ter Rooney aqui é a última coisa de que preciso.

"Bem, é uma grande coisa. Ela não pode ficar aqui."

"Por que não?" ele manda.

Eu procuro no meu cérebro o que dizer. Não posso explicar como as coisas são sérias aqui, mas, meu Deus, gostaria que ele entendesse como isso vai fazer uma bagunça. Ela já fodeu minha criatividade a quilômetros de distância. Agora que a vi, cheirei, toquei, qual é a chance de pintar o que preciso? Eu sei como meu cérebro funciona. Só vai ter uma coisa consumindo-o quando eu pegar aquele pincel, e com certeza não será arte abstrata.

Eu ando pela casa, a gravidade da situação apertando como um laço em volta do meu pescoço. Tenho dois meses para que os maiores reparos no chalé sejam feitos e pagos. Tenho a equipe de Parker e Bennett pronta para fazer o trabalho. Eu só preciso de *dinheiro*. Tenho que pintar algo incrível e vender rápido, ou me render e casar.

Cristo.

Juro que a foto do tio Jakob está olhando para mim, zombando de mim do outro lado do corredor.

— Você poderia muito bem ter me dito para escalar o Everest — digo à foto. — Inferno, eu provavelmente teria uma chance melhor se fosse só isso!

Sua expressão séria me encara de volta. Encosto minha testa na parede e bato. Estou enlouquecendo.

Quando meu telefone apita com uma mensagem de Ryder, quase dou um pulo.

"Willa disse que Rooney está passando por uma fase difícil e precisava de um lugar para ficar por um tempo, então eu disse a ela para ficar aí. Você nem mesmo fica no chalé, Ax. Você construiu sua própria merda de casa na propriedade. Qual é o problema? Você vai pegar piolhos por compartilhar um pedaço de terreno com ela por algumas semanas?"

Ah meu Deus. *Semanas?* Ela não pode ficar aqui por semanas. Vai me destruir.

"Não fico no chalé", digito, "*mas eu tinha projetos em que estava trabalhando."*

"Pause os projetos", diz ele. *"Ou trabalhe neles e fique fora do caminho dela. Aja como o adulto que você é e converse com ela sobre isso você mesmo."*

Não posso falar com Rooney, de maneira alguma, e ser coerente. Eu mal consigo olhar para ela e respirar direito.

"Faça Willa convidá-la para ficar na sua casa em vez disso", eu digito.

Meu telefone apita novamente com sua próxima mensagem.

"Nem fodendo. Nós vivemos em um bangalô do tamanho de uma caixa de sapatos e Willa nem está por perto agora. O chalé está vazio e é perfeitamente razoável oferecê-lo a uma amiga da família. Se você tem que ser um idiota, vá se esconder em sua pequena cabana de troll na floresta e fique lá até que ela vá embora."

Apita novamente.

"E, já que estamos falando sobre isso, pare de ter medo de estar perto dela, porque ela foi convidada para o Dia de Ação de Graças, o que significa charadas pós-perú."

Merda. A memória do beijo de Rooney volta com força total – a doce suavidade de sua boca na minha, o rubor em suas bochechas enquanto ela olhava para mim. Isso *não pode* acontecer novamente.

Meu irmão idiota tem a audácia de mandar "*estou colocando 'pegação' no carrinho dessa vez."*

"Vai. Se. Foder", eu digito .

Sua resposta vem instantaneamente. "*KKKKKKKKK."*

Eu gemo e coloco meu telefone no bolso. Isso é terrível. Ryder diz que Rooney veio aqui porque está passando por uma fase difícil e, embora eu não saiba o que está acontecendo, sei que ela também não parecia ser ela mesma.

E foi isso que me virou do avesso, o que me fez jogar a mala dela no meu porta-malas e levá-la para a cabana. Eu não estava pensando. Eu estava reagindo. Porque depois de empurrá-la para fora do chalé, parecia que meu coração estava estilhaçando no meu peito.

Olhei para o perfil dela enquanto ela olhava para a casa, aquele cabelo loiro-mel logo abaixo dos ombros, chicoteado pelo vento e dançante, como se a brisa não pudesse evitar deslizar seus dedos frios por aqueles fios de ouro. E eu sabia que algo estava diferente. Algo estava errado. Seus grandes olhos verde-azulados não brilhavam e haviam enormes olheiras embaixo deles. Sua pele, normalmente brilhante, estava pálida, sem o rubor rosado em suas bochechas. Duas covinhas profundas que piscam toda vez que ela sorri estavam longe de serem vistas.

Ela estava sofrendo. E eu não queria que ela se machucasse mais. Eu não quero que ela se machuque nunca.

Então o que eu faço agora? Não posso expulsá-la se ela precisa de um lugar para ficar. Mas se eu não a mandar embora, não há nenhuma chance de eu pintar. Merda, quem eu estou enganando? Mesmo se ela fosse embora amanhã cedo, colidir com ela hoje me deu um curto circuito. Eu tenho que enfrentar os fatos:

Não estou de bem com a mente para conseguir pintar.

E se eu não posso pintar, não posso vender.

E se não posso vender, não posso ganhar dinheiro.

Sem dinheiro, o chalé está acabado. Meus pais descobrirão. Eles com toda certeza cortarão a verba necessária para sustentar o lugar, e então sobrará apenas uma coisa a se fazer: vendê-lo. E então este lugar estará perdido para nós.

A menos que eu me conforme, aceite a oferta de Bennett, e deixe que ele e Parker me ajudem a encontrar alguém que entrará em uma união civil apenas pelo dinheiro e sem outras expectativas, um casamento que é puramente transacional. É desolador, mas é a única solução.

Antes que eu possa me convencer do contrário, pego meu telefone e ligo para Bennett. Ele atende no terceiro toque.

— Você está bem? — Ele pergunta.

Uma pergunta justa. Eu nunca ligo.

— Quando você disse que me ajudaria a encontrar alguém para que eu pudesse receber a herança, você estava falando sério?

Há uma pausa.

— Claro, Ax.

Eu inalo lentamente, o alívio afunilando em meus pulmões.

— Eu vou confiar em você. Só dessa vez.

— Acho que você está fazendo a escolha certa — diz ele. — É dinheiro para caramba, com o desastre do encanamento.

Atravessando as portas de correr para o deck traseiro, olho através do campo em direção à cabana onde deixei Rooney.

— Sim. Não há como me forçar a pintar agora.

— Ele finalmente recobrou o juízo! — Parker grita.

Eu fecho a cara.

— Viva-voz. Que adorável.

— Oi, tio Ax! — Skyler grita.

Eu puxo o telefone para longe do meu ouvido.

— Oi, Skyler.

— Estou comendo o seu favorito — ela diz em voz alta fazendo um som de mastigação. — Cenouras com geleia de uva.

— Nojento.

— Ei! Menos um ponto para o tio Ax. Ele falou mal da minha comida!

Parker ri ao fundo.

—Sky, coloque BiBi no telefone, por favor.

— Ei — diz Bennett, em meio a passos e o som de uma porta sendo fechada. — Desculpe por isso. Estávamos no meio do jantar, mas eu atendi porque da última vez que você me ligou, você estava no hospital, então havia um precedente.

Eu esfrego meu rosto e gemo.

— Não sei por que liguei. Eu poderia ter mandado uma mensagem.

Depois de um momento, Bennett diz:

— Ax, você está bem?

Meus olhos se fixam no local exato da floresta onde fica a cabana. Meu coração bate forte.

— Eu vou ficar.

— Tudo bem. Estou aqui por você, lembra? Nós três estamos.

— Eu sei.

— Que bom — ele diz. — Bem, conversaremos amanhã.

— Sim. — Eu desligo e coloco meu telefone no bolso.

Depois de dar uma olhada para me lembrar do porquê vou me casar com uma estranha por dinheiro (o que

funciona – este lugar é tão ilusoriamente bom em esconder seus problemas, estou surpreso que ainda não tenha cedido), eu tranco o chalé.

De pé na varanda, de costas para a clareira, prendo a respiração, sem saber qual carro estou mais apavorado de que irei ver quando me virar: o Jeep ou o carro alugado de Rooney.

Se o alugado não estiver aqui e meu Jeep estiver no lugar dele, ela rejeitou minha oferta e foi embora. E então a vida voltará ao normal – bem, tirando o fato de que vou me casar com alguém por dinheiro – e poderei me concentrar nas tarefas que tenho pela frente. Mas se o carro dela ainda estiver aqui, isso significa que ela ficou. E então…

O ar sai correndo de meus pulmões. Seu sedan alugado brilha na pouca luz.

Ela ficou.

Ela *ficou*.

Meu coração bate contra minhas costelas. Meu peito aperta. Respiro fundo, concentrando-me na lógica. Eu mudei os lençóis da minha cama esta manhã, coincidentemente, então isso é bom. Eu sou meticulosamente limpo, então o lugar está impecável. Quando a deixei entrar em casa para usar o banheiro, joguei um punhado de roupas em uma mochila para me ajudar durante a noite, já que não teria acesso às minhas coisas.

Mas tenho quase certeza de que a geladeira está quase vazia. Eu deveria pegar comida.

Assim que pego minha bicicleta no galpão, verifico novamente se as bolsas térmicas estão seguras e saio. Eu pedalo forte, tentando superar o zumbido inquietante sob minha pele quando penso em Rooney na minha casa.

Na minha cama.

No meu chuveiro.

Eu mentalmente me estapeio por seguir esse caminho perigoso. Então eu pedalo mais forte.

Em pouco tempo estou estacionando a bicicleta do lado de fora do Shepard's, me preparando para o inevitável. Com as bolsas nas mãos, eu abro a porta. O sino toca, e–

— Destruidor de corações!

Eu franzo a testa para a dona da loja, Sarah Shepard. Cabelo prateado na altura do quadril, óculos de aro de metal e um sorriso malicioso, ela me conhece por toda minha vida e vive para me dar trabalho.

Embora o Shepard's seja o único lugar a uma distância razoável de bicicleta, faço compras no pequeno café e na mercearia local, mesmo quando estou com o Jeep. Eu poderia dirigir um pouco mais até a rede de lojas mais próxima e evitar o assédio, mas minha mãe me deserdaria. Sarah colocou a mamãe sob sua proteção quando ela e papai compraram o chalé, e eles ainda são amigos incrivelmente próximos. Isso me condenou a só fazer compras na Shepard's, mesmo que Sarah me deixe maluco.

Eu levanto a mão em um olá, pego uma cesta e vou para a comida fresca.

Sarah sorri e não diz mais nada, mexendo nas flores que estão em um vaso no caixa. Eu sei muito bem que não vou sair daqui ileso, no entanto. O silêncio de Sarah é como a calmaria antes da tempestade.

Focado em comprar o que vai caber na cesta da bicicleta, pego os ingredientes para um jantar rápido na fogueira. Não vou cozinhar naquela cozinha minúscula com Rooney por perto e minha cama a seis metros de distância. Não há uma maldita chance de isso acontecer. Vou dar-lhe boas-vindas

ao ar livre em Washington e farei uma refeição simples em uma frigideira de ferro fundido.

No caminho para o caixa, paro no corredor pelo qual nunca passo. Não tenho certeza do que comprar, só sei que nas poucas vezes que vi Rooney, em algum momento ela estava suspirando por qualquer doce que minha mãe tinha feito. Não são uma sobremesa sueca caseira, mas pego o maior saco de marshmallows, um pedaço de chocolate e biscoitos. Parece uma escolha segura.

Sarah examina os itens e arqueia as sobrancelhas.

— Então — ela diz. — Quem você está escondendo na casinha?

Eu pisco para ela em estado de choque.

— O que?

— Querido, este não é meu primeiro dia como intrometida local, e eu conheço você desde que você fedia a leite. Você odeia comida açucarada. A coisa mais doce a qual você se submete é uma maçã. No entanto, esta noite, você, de fato, comprou todos os ingredientes para s'mores. O que significa, meu doce e grosseiro meninão, que você tem um convidado. — Ela pisca os cílios. — Uma pessoa especial esperando por você? Aquecendo aquela cabana aconchegante na floresta?

— Uma convidada — digo a Sarah distraidamente, procurando minha carteira em meu jeans. — Ela é a melhor amiga de Willa.

—Ah! — Sarah sorri. Ela ama Willa. — Bem, nesse caso, é por conta da casa. Vai. Xô. Seduza ela com s'mores.

— Eu não vou sed–

Cerrando os dentes, eu expiro pesadamente e pego dinheiro suficiente para cobrir tudo.

— Quero pagar.

Sarah empilha os itens ordenadamente dentro das minhas cestas de bicicleta, em seguida, os empurra pelo balcão.

— Eu disse que é por conta da casa, garanhão. Agora vá seduzir.

5

ROONEY

Música da Playlist: "Make Out" - Julia Nunes

DESDE QUE VOLTEI PARA A CABANA, me joguei naquela cama grande e sonhadora e caí, tenho sonhado com um homem alto de olhos verdes que não poderia negar que é Axel, mesmo que tentasse.

No sonho, fico com ele na chuva. O mundo é macio e difuso, apenas água fria e quase beijos, o vento sussurrando entre nós. Os olhos verdes de Axel brilham enquanto ele me observa e suas mãos passam pela minha cintura, colando nossos quadris. Eu suspiro com cada beijo que passa pela minha mandíbula. As pontas dos meus dedos dançam pela pele quente, ombros magros e, em seguida, mergulham na maciez sedosa de seu cabelo. Está quieto e anoitece. O ar crepita ao nosso redor com uma tempestade iminente, e sustentando meu olhar, Axel me puxa para mais perto, sua boca descendo em direção à minha–

Um latido alto e alegre fora da janela me acorda.

Meus olhos se abrem. Procuro meu telefone na cama e uma rápida olhada nas horas me diz que estou cochilando há mais de uma hora, o que faz sentido, dada a escuridão crescente. Rolando de costas, eu olho para o teto, corada e dolorida, uma necessidade não resolvida pesada entre minhas coxas. Minhas bochechas queimam. Sinceramente, não consigo acreditar em mim mesma. Já tem... Deus, mais de dois anos, e essa paixão absurda que nutri, criada a partir de um punhado de interações fugazes e conversas formais, é ridícula.

Minha cabeça sabe disso. Todo o resto em mim... não.

Sentando-me, esfrego meu rosto e acendo o abajur da mesinha de cabeceira. Eu babei na cama. Há um vinco de travesseiro na minha bochecha. Estou tentada a desabar e cair no sono, mas me sinto enjoada da viagem e estou nervosa, porque vou cair de volta naquele sonho perigosamente bom que estava tendo.

Também estou um pouco curiosa sobre aquele latido de cachorro, que não ouvi mais. Axel está aqui? Ele *tem* um cachorro? Merda. Imaginar o gigante silencioso e sexy acariciando um cachorrinho me deixa com calor e incomodada de novo.

Uma ducha fria, então. Isso vai tirar a luxúria do meu sistema.

Indo para o banheiro, eu ligo a água, admirando os azulejos verdes e a argamassa imaculada. O chuveiro é ridiculamente alto, então eu o inclino para baixo e grito no momento em que a água fria atinge minhas costas. Parece que sou muito covarde para congelar. Eu mudo a água para quente e esfrego minha pele até ficar rosa.

Quente, limpa, um pouco menos excitada, enrolo uma toalha no cabelo e saio como vim ao mundo, porque andaria nua por aí se pudesse. Não há alegria maior na vida do que o ar atingindo a pele delicada após um longo dia.

Meu primeiro passo para fora do banheiro para o chão de madeira fria me faz gritar. Ok, talvez eu use fique como vim ao mundo usando meias. Calço as meias, danço Harry Styles e, girando, caio na cama, meus olhos vagando pelo quarto. É quando vejo algo logo abaixo da cômoda. Curiosa, eu rolo para fora da cama, pego, então levanto e examino.

Demoro um segundo para processar o que estou segurando antes de entender o que era. Cuecas boxer. Eu

grito e reflexivamente a lanço no ar, o mais longe possível de mim.

— Que *porra é essa*?

O que uma cueca boxer está fazendo aqui?

Depois de um momento, quando meu coração se acalma, meu processo de pensamento racional assume o controle. Esta parece ser uma casa de hóspedes. Logicamente, a cueca boxer provavelmente foi deixada pela última pessoa que ficou aqui. Sim. É isso. Todo mundo se esquece de suas roupas íntimas às vezes.

Eu me viro, a toalha caindo da minha cabeça enquanto procuro pela cueca boxer que acabei de atirar para o outro lado da sala. É quando eu a vejo. Ela pousou em cima da mais alta das três prateleiras flutuantes acima da lareira.

Meu olhar viaja pelas prateleiras flutuantes, observando a altura. Vou ter que subir em uma cadeira ou algo assim. Essa prateleira mais alta está *lá* em cima.

Eu franzo a testa para mim mesma, nua, exceto pelas meias. Talvez eu deva colocar algumas roupas para isso.

Vestida e com uma cadeira da mesa de jantar colocada ao pé da lareira, eu me estico na ponta dos pés para pegar a cueca boxer. Ela está *bem* fora de alcance.

— Droga. — Soltando um suspiro, tento mais uma vez, relembrando daquelas aulas de balé obrigatórias da infância e ficando na ponta dos pés. Assim que afundo triunfantemente meus dedos no tecido, a cadeira balança sob meus pés. Lutando para manter a estabilidade, agarro a prateleira que está ao meu alcance e grito quando a cadeira voa debaixo de mim.

Meu aperto desliza da prateleira, que geme, depois tomba. Eu caio em uma enxurrada de livros e papéis, caindo de costas com um baque.

— Ai.

Me sentando, observo os destroços ao meu redor. Os livros de brochura estão amontoados, as páginas se espalham em todas as direções. Além deles, o que parecem ser cadernos e diários, bem como algumas pastas cujo conteúdo se espalhou pelo chão. Meu olhar vagueia na direção deles e meu cérebro afinado com a faculdade de direito reconhece instantaneamente páginas com linguagem jurídica.

Eu fecho meus olhos bem apertados. Tenho uma memória vívida e a última coisa de que preciso é ler acidentalmente e lembrar para sempre de algo pessoal dos Bergman.

Escuto batidas na porta, depois a voz de Axel.

— Rooney.

— Entre — eu suspiro.

A porta se abre e Axel atravessa a sala e se inclina sobre mim.

— Você está machucada?

— Apenas um ego ferido — eu gemo. — E bunda.

— O que aconteceu?

Lentamente, eu me sento.

— É culpa da cueca.

Os olhos de Axel viajam pela bagunça e então pousam na cueca boxer. Suas bochechas esquentam quando ele a pega e coloca no bolso. Em seguida, ele se vira e empilha as brochuras, reúne os cadernos, pastas e papéis, muitos dos quais meu olhar desobediente rapidamente vê com o nome de *Axel Jakob Bergman*. Oh Deus.

Ai, *meu Deus*.

Esta é a casa dele? As peças se encaixam. Como cheira bem. Como parece muito arrumado. Como tudo é *alto*. A cueca boxer. Os papéis.

Jesus amado, isso é mortificante! O que ele está fazendo, me dando sua casa para ficar sem me dizer?

Abro a boca, mas o latido alto e implacável de um cachorro ecoa vindo de fora, me interrompendo. Axel se levanta, caminha em direção à porta e a abre.

— Quieto! — ele grita para fora da porta. — Não consigo pensar quando você late assim.

Ouve-se um leve gemido canino, seguido de silêncio.

Eu fico em pé, me endireitando. Meu telefone ainda está tocando música, e eu pensei que era apenas a minha playlist do melhor de Harry Styles, mas aparentemente é a minha lista de auto-prazer, porque a próxima música começa, palavras sexy flutuando no ar.

Eu pulo para o telefone, aperto os botões até que ele pare, então o coloco nas minhas calças, esquecendo que estou usando legging. Meu telefone desliza imediatamente pelo meu quadril até que esteja preso em algum lugar muito desconfortável. Minhas bochechas esquentam. De alguma forma, Axel consegue não parecer que acabou de perceber isso.

— Tudo bem? — ele pergunta.

Eu pisco para ele.

— Eu–

O latido recomeça e, desta vez, é ainda mais insistente.

— Desculpe — ele murmura, virando-se e abrindo a porta novamente. Um cão galgo rajado e magro está parado do lado de fora. — Deita — ele diz suavemente. O cachorro chega mais perto e o cutuca, ganhando a atenção de Axel por

tempo suficiente para que eu tire meu telefone de sua localização indesejável nas minhas leggings.

Depois que Axel esfrega a cabeça dele algumas vezes, o cachorro se enfia em uma pequena estrutura de madeira ao lado da porta da frente que de alguma forma não percebi antes – o que parece ser um pequeno chalé de casinha de cachorro em formato de A, completa com um saco de dormir de lã xadrez de pelúcia enfiado dentro. O cachorro se estatela em cima dela e pisca seus grandes olhos castanhos.

Axel se volta para mim, aparentemente não afetado pelo nível absurdo de fofura.

— Continue.

— Coisas importantes primeiro. — Eu cruzo meus braços sobre meu peito. — Você *mora* aqui — digo a ele acusadoramente.

Ele tem a graça de corar. Mas ele não diz nada.

— Esta é a sua casa, não uma casa de hóspedes. Por que você me disse que eu poderia ficar aqui esta noite?

Seu rubor se aprofunda.

— Porque o chalé não é seguro e você precisava de um lugar para ficar.

Eu abro minha boca. Então fecho.

— Eu não… entendo. Não entendo o que está acontecendo com o chalé ou por que Willa disse que estava tudo bem eu vir pra cá, e por que você está me dando sua casa e...

Meu estômago solta um gorgolejo obscenamente alto, me silenciando. Eu coloco a mão sobre ele.

— Desculpe por isso.

Axel olha entre a cozinha e a porta da frente.

— Por que a gente não... Deixa eu fazer o jantar. Então podemos conversar.

Conversar? Axel? Ele vai... conversar comigo?

— Ok? — Digo devagar.

Ele acena com a cabeça, então passa por mim até sua cozinha, abrindo gavetas e armários.

— Você gosta de omeletes de queijo? — ele pergunta.

— Adoro.

— Com vegetais?

— Sim.

— Alguma coisa que você não pode comer? — ele pergunta, empilhando utensílios, óleo, sal e pimenta em uma bandeja.

— Eu não como carne. Ou glúten. É uma alegria cozinhar para mim.

Recebo um grunhido de reconhecimento.

— Não vai demorar muito — ele diz em seguida.

Ele se vai em um punhado de passos largos, a porta batendo atrás dele.

Lá vamos nós. Tudo bem então.

Colocando minha jaqueta de chuva e calçando minhas botas, eu olho pela janela ampla sobre sua cama, uma visão perfeita de Axel curvado sobre a fogueira. Seu companheiro galgo trota desigualmente para fora da casa de cachorro, depois deita-se de barriga para baixo, a cabeça girando enquanto Axel vagueia ao redor, preparando o jantar.

Há uma bicicleta próxima apoiada em seu suporte com duas bolsas presas na parte de trás. Axel tira a comida delas e começa a trabalhar, quebrando ovos, abrindo o que parece ser um recipiente com vegetais pré-picados e colocando-os na frigideira que brilha com óleo.

Observo o galgo se aproximando e piscando para Axel, que se vira e fala com ele. E porque sou curiosa, uso a manivela para abrir um pouco a janela.

— Sem latir para ela — Axel diz ao cachorro. — Ou fazer essa cara de pidão.

O cachorro geme e choraminga.

— Você ouviu o estômago dela roncar. Ela ganha comida primeiro. Você apenas terá que esperar.

Outro gemido.

— Não, não estou cozinhando comida humana para você.

Uma risadinha me escapa. Esta é a maneira mais confortável que já o ouvi falar. Ele é sempre tão calado e sério. Vê-lo continuar essa conversa unilateral é como ver uma pessoa totalmente diferente.

Sentindo-me culpada por ter espionado, fecho a janela, passo as duas mãos pelo cabelo e tento desembaraçá-lo. Está uma bagunça meio seca e desarrumada, e eu estou com roupas descuidadas mas, que seja. Ele deixou claro que é imune aos meus encantos. Se minha aparência não está boa, que diferença faz?

Quando saio e fecho a porta atrás de mim, Ax se endireita e olha na minha direção. Seu olhar passa pelo meu corpo antes de se voltar para o fogo. Como todas as vezes que o vi, a rejeição breve e não afetada doeu.

Pelo menos o cachorro me nota. Eu sorrio enquanto ele fica de cócoras e caminha lentamente em minha direção. O filhote parece não usar muito bem a perna direita posterior.

— Oi, fofinho.

Abanando o rabo, ele cheira minha mão, seguido por uma forte lambida. Eu me agacho e o acaricio, minhas mãos correndo ao longo de seu pelo curto e eriçado. Eu olho para Axel, que está carrancudo. Ele desvia o olhar.

— Há quanto tempo você tem um cachorro?

— Ele não é meu cachorro.

O cachorro se afasta de mim e caminha em sua direção, como se para provar que ele estava errado. A luz do fogo dança nos olhos verdes de Axel enquanto ele se inclina e mima o cachorro com uma coçadinha atrás das orelhas.

— Bem, ele parece adorável — digo a ele.

— Ele é um incômodo. — Axel dá um tapinha na lateral do cachorro, então gentilmente o empurra para longe da comida e se agacha sobre a grande frigideira de ferro fundido na fogueira que está queimando, quente e brilhante. De olho em sua tarefa, ele aponta para uma cadeira dobrável aberta com um cobertor xadrez felpudo envolto nela. — Vá em frente e sente-se. Deve estar pronto a qualquer minuto.

Sentando na cadeira, puxo o cobertor em meu colo enquanto ele trabalha em silêncio.

— Posso ajudar? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça, pegando os ovos e colocando queijo neles. Então ele se levanta rapidamente e desaparece dentro de casa. Trinta segundos depois, ele volta com uma braçada de itens, incluindo uma tigela que ele colocou bem na frente do cachorro. Não perco a maneira como ele coça novamente atrás das orelhas do cachorro e afaga sua cabeça suavemente. Não passa despercebida a maneira como o cachorro olha para Axel, depois mergulha em sua comida como se isso fizesse parte da rotina do dia.

Ele não é meu cachorro, meu cu.

O estalo do fogo é calmante contra a escuridão silenciosa se fechando sobre nós. Eu vejo Axel cozinhar enquanto a luz do fogo pinta seu rosto em sombras nítidas – lábios franzidos, testa enrugada em concentração.

— Obrigada — digo a ele.

Ele limpa a garganta e dobra a omelete.

— O mínimo que eu poderia fazer, dado o estado de merda do chalé.

— Eu sinto muito. Parece que minha aparição piorou a situação estressante. Só não entendo porque Willa disse para vir aqui quando você está lidando com tantos problemas na propriedade.

Axel limpa a garganta novamente, deslizando a omelete em um prato. Ele corta a omelete ao meio e coloca um pedaço de cada em dois pratos. Minha boca enche de água. É comida simples, mas cheira tão bem, e quando ele a entrega em minha direção, não posso deixar de sorrir.

— Obrigada — digo novamente a ele. Sinto o gosto da minha omelete e quase tenho um orgasmo. Como é que uma omelete de queijo e vegetais tem um sabor tão bom? — Isto é incrível.

— Bom. — Ele se vira de volta para o fogo, e seu jeans gasto repuxa sobre uma bunda alta e dura enquanto ele pega seu prato. Quase deixo cair o meu.

Eu tenho que me recompor.

— Então — sai como um chiado. Então eu limpo minha garganta. — Eu sinto que você está evitando este tópico.

— Que tópico?

— Willa e Ryder me mandando para cá, considerando o que está acontecendo com o chalé?

— Ah. — Axel está sentado em um toco de árvore próximo, remexendo em sua comida. — Então... Eles não sabem exatamente sobre os problemas do chalé.

— Eles não sabem?

Ele franze a testa e parece hesitar, então ele dá uma mordida na omelete e mastiga.

— Ninguém sabe o que está acontecendo, exceto eu e meus amigos que possuem uma empresa de construção, e isso só porque eles farão o trabalho nela.

— Por quê?

O cachorro pula sobre os pés de Axel novamente, apoiando o queixo na bota. Axel dá um tapinha no lado dele e diz:

— O lugar precisa de melhorias significativas e caras. Os outros lidam com pequenas tarefas e solução de problemas quando é a vez de cada um aqui, mas os problemas maiores se agravaram, alguns dos quais eu já sabia, outros que eu não percebi até chegar aqui. Eu sou o único que sabe sobre essas grandes melhorias e seus custos.

— Por que não contar para sua família? Você não acha que eles gostariam de contribuir ou ter ideias de como lidar com isso?

— Meus irmãos se sentiriam obrigados a pagar ou em dívida comigo se soubessem quanto eu gastei, e não quero nada disso. E meus pais certamente terão ideias para lidar com uma despesa dessas — ele apunhala um pedaço da omelete e leva à boca. — Ideias envolvendo uma placa de "À venda".

Eu abaixo o pedaço de omelete que eu tinha na metade do caminho para minha boca.

— Mas eles adoram o chalé, não é?

— Sim, mas também são pessoas práticas. Eles tocaram no assunto ocasionalmente, vender o lugar, com as preocupações específicas que eu compartilho – como qualquer propriedade, eventualmente apenas consertar as coisas não é suficiente. Eles disseram que não querem que os irmãos carreguem um fardo financeiro pesado, e também não estão dispostos a investir muito nisso, já que papai está

planejando se aposentar em breve e eles não podem exatamente se dar ao luxo de esvaziar suas economias. — Ele cutuca o fogo, enviando uma chuva de faíscas para o ar. — Então, estou lidando com isso.

Meu coração cambaleia quando tudo se encaixa – *por que* ele está fazendo isso, *por quem* ele está fazendo. Pela família dele. Ele está assumindo esse pesado fardo financeiro e mental de salvar o lugar pelas costas deles... porque é assim que ele ama sua família, porque em algum lugar sob todo aquele mau humor está alguém com um grande carinho por sua gente.

Eu inclino minha cabeça, examinando-o à luz do fogo, vendo-o com novos olhos.

— Esta é a sua linguagem do amor.

Ele congela com o atiçador em mãos.

— Minha o quê?

— Sua linguagem do amor.

Axel franze a testa. Outro golpe no fogo envia faíscas para o ar.

— Eu não tenho uma linguagem do amor.

— Todo mundo tem.

— Eu não.

Eu sorrio e me inclino para ele.

— Você mostra às pessoas que você ama o que elas significam para você por meio de uma ação sacrificial e generosa. É isso o que significa.

Axel não diz nada, apenas ergue uma sobrancelha escura enquanto come sua comida.

— Então, seus amigos começaram a trabalhar no chalé? — Eu pergunto.

Ele fica quieto por um minuto

— Não — ele diz lentamente.

— Por que não?

— Ainda estou trabalhando no financiamento.

— Você não está pintando? Eu imaginava que você seria capaz de cobrir isso, considerando o quão bem suas coisas são vendidas.

— Não agora — diz ele, olhando para o fogo. — Bloqueio criativo.

Sinto uma onda de simpatia por ele.

— Eu sinto muito. O que você vai fazer?

— Eu tenho um plano para lidar com isso. Meus amigos também estão me ajudando nisso.

Quero pressioná-lo para obter mais informações porque sou curiosa por natureza, mas Axel não parece querer compartilhar. Então eu deixo pra lá.

— Estou feliz que você, pelo menos, tem amigos ao seu lado.

Ele concorda.

— Por favor, mantenha isso entre nós. Você não pode contar a Willa. Ela vai contar a Ryder, então tudo estará arruinado se ele souber.

— Eu não vou. — A culpa de outra decepção pesa sobre mim, mas não é culpa de Axel que eu tenha uma lista enorme de mentiras ou omissões com minha melhor amiga. — Eu prometo.

— Obrigado — ele diz.

Enquanto nos concentramos em nossa comida, meus pensamentos vagam e meditam sobre o que ele me disse. Ainda há uma parte desse cenário que não tem explicação.

— Axel, você disse que era a sua vez aqui, no chalé? Você quis dizer esses dias?

Ele acena com a cabeça, sem parar de comer.

— Sim.

A inquietação desce pela minha espinha. Willa e Ryder não sabem o que está acontecendo com o lugar, mas eles sabiam que Axel estava aqui. Então, por que Willa não me contou? O que ela estava fazendo?

A inquietação se transforma em suspeita. Já ouvi falar da capacidade da família Bergman de se intrometer e presumi que, por não ser uma deles, estava imune. Mas e se eu não estiver?

Eles estão tentando nos juntar?

Por quê? Por causa do Beijo da Mímica? Aquilo foi apenas um acidente embaraçoso... A menos que não tenha sido. A menos que eles tenham me dado aquela pista do beijo *de propósito.*

Puta merda. Sou uma vítima plausível da intromissão dos Bergman.

O constrangimento aquece minha pele enquanto eu relembro a noite da mímica com novos olhos. Eu, consumida pela minha competitividade, minha frustração quando ninguém sugeriu *beijo.* Eles sabiam o que eu faria, que se eles não adivinhassem, eu não pararia e pensaria *"Puxa vida, hein. Eu me pergunto por que nenhum dos meus companheiros de equipe adivinharam 'beijo' quando estou dando pistas óbvias? Eles não estão* tentando *me fazer beijar alguém, estão?"*

Eles sabiam que, com o passar do tempo, eu ficaria desesperada. Eles sabiam que eu beijaria Axel, o único filho dos Bergman com idade apropriada e solteiro (por quem eu posso, incidentalmente, ter um crush enorme e puramente sexual) e o beijaria pra caramba.

Droga. Essas namoradas e irmãs Bergman me manipularam como uma marionete.

E agora estou começando a achar que elas tiveram uma participação nessa aventura no chalé também.

Por quê? Elas realmente acham que Axel e eu temos uma chance? Elas terão uma grande decepção quando perceberem que Axel não me vê assim. Que não há nada mais do que minha luxúria e sua indiferença entre nós.

Isso faz com que o arrependimento vergonhoso queime através de mim novamente. Eu nunca deveria ter beijado ele.

— Axel.

Ele olha na minha direção.

— Sim?

— Obrigada por sua hospitalidade. Você não precisava oferecer sua casa, mas ofereceu. Mesmo depois de eu ter tornado as coisas tão estranhas na mímica da última vez. Com o beijo.

Axel se atrapalha com seu prato e quase o deixa cair, pegando-o antes que ele atinja o chão. O cachorro parece extremamente desapontado. Ele limpa a garganta.

— Está tudo bem. Não foi nada.

Nada. Eu deveria estar aliviada por ele não estar mais chateado com um beijo para o qual eu não pedi permissão, mas assim como sua indiferença quando ele olha para mim, isso dói também.

— Bem... que bom. Isso é bom. Precisamos apenas que sua família receba o memorando de que intromissão é um exercício fútil.

— Você acha que eles interferiram no jogo?

— Acho que eles deram um jeito de colocar a pista na cesta logo antes de chegar a minha vez. Aposto que foi Willa. — Eu suspiro enquanto me lembro. — *Foi* ela. Ela me deu a pista.

— Eu não tinha considerado essa possibilidade, — diz ele — mas agora o que Ryder disse é ainda mais incriminador.

— O que ele disse?

As bochechas de Axel ficam vermelhas outra vez. Ele olha na minha direção, seu olhar pousando na minha boca.

— Que ele iria colocar "pegação" como uma pista na cesta quando estivermos lá para o Dia de Ação de Graças.

A imagem de Axel – mãos frenéticas na minha cintura, segurando minha bunda, enquanto sua boca encontra a minha e aquela barba raspa ao longo da minha bochecha – irrompe espontaneamente em minha mente. Eu agarro meu prato com tanta força que minhas mãos doem.

— Que ideia... ridícula.

Axel acena com a cabeça, engolindo em seco.

— Absolutamente. Ridícula.

Um silêncio pesado e espesso se estende entre nós. Em seguida, Axel levanta, assustando o cão. Ele quase deixa cair o prato de novo, mas o estabiliza e chega até mim.

— Vou levar o seu, se você já terminou.

Em vez disso, pego seu prato.

— Não. Você cozinhou, eu lavo a louça.

Ele coloca o prato fora de alcance, franzindo a testa para mim.

— Isso não é necessário.

Eu fico de pé, o que me coloca muito perto dele.

— Eu. Vou. Lavar. As. Vasilhas.

A testa franzida se torna uma carranca. Eu sorrio. Em seguida, reúno tudo o que ele usou para cozinhar e empilho os pratos na bandeja. Com a bandeja na mão, entro.

Acabo de colocar sabão na água da pia quando Axel fecha a porta atrás dele e entra na cozinha atrás de mim, prato na mão .

— Rooney...

— Por favor, Axel. Por favor, apenas me deixe lavar a louça. — Quando me viro para encará-lo, quase colidimos, o

que me deixa intimamente ciente do cheiro da fumaça da fogueira e do sabonete amadeirado misturando-se em suas roupas, a rápida ascensão e queda de seu peito.

Eu procuro por seu prato, e as pontas dos nossos dedos inadvertidamente se tocam quando eu o pego de suas mãos. Axel exala bruscamente, e eu olho para cima, então congelo. Seus olhos verdes cintilam como brasas morrendo, presos na minha boca. O calor me atravessa e meu corpo balança em direção a ele. Sua cabeça se inclina, o mundo derretendo enquanto meu coração troveja. É como o Beijo da Mímica de novo, aqueles lindos olhos presos na minha boca, o ar saindo de seus pulmões, nossas bocas perto, mais perto–

O latido alto do cachorro do lado de fora da porta estilhaça o momento, nos separando. O olhar de Axel cai para suas botas, suas bochechas vermelhas. Estou queimando da cabeça aos pés de luxúria, corada, atordoada, o coração batendo forte em meus ouvidos.

Puta merda. Nós *estávamos* prestes a nos beijar? Ele *está* atraído por mim?

Axel limpa a garganta e olha para cima só até minha boca, depois para o chão novamente.

— Eu tenho que ir.

Eu aceno, estranhamente sem fala por um momento. Finalmente, encontro minhas palavras e digo

— Obrigada pelo jantar.

— Você também. — Ele faz uma careta. — Uh. Calma. Eu quis dizer... — Ele suspira. — Esquece. Boa noite.

— Espera. — Estou tão nervosa com o que quer que tenha acontecido há apenas um minuto, que estou com delay, mas finalmente consigo me situar. — Se eu estou em sua casa, onde você vai ficar? Não no chalé. Você disse que não é seguro.

— Eu tenho uma barraca.

— Uma *barraca*? Você está falando sério?

Ele coça a nuca e encolhe os ombros.

— Sim.

— Axel, não. Por favor, pelo menos durma no sofá. Apenas uma noite. Então vou embora amanhã. Eu prometo. Assim que amanhecer, eu saio do seu caminho.

— Eu não... Você não… — Ele aperta a mandíbula. — Você não precisa, Rooney. Isso não é um problema.

— Então, se não for um problema, durma no sofá.

Ele franze a testa enquanto o vento sopra do lado de fora, uivando ao nosso redor.

— Eu não posso.

— Por que não?

— Eu... ronco. Alto.

— E? Eu durmo como uma pedra. Não vai me acordar.

Sua boca pressiona em uma linha fina. Ele enfia as mãos no bolso.

— Não.

— Axel Bergman, se você não dormir no sofá, *eu* durmo naquela sua barraca e você fica com a cama.

— Você não vai dormir em uma barraca — diz ele. — Especialmente quando há uma tempestade chegando — ele cruza os braços, ombros enchendo a soleira da porta.

Acho que ele está tentando me intimidar, mas só o faz parecer irritantemente atraente. Mau humor não deveria ser tão sexy.

— Então você também não vai. — eu argumento. — Eu não vou aceitar te expulsar de sua casa. — Tento uma tática antiga e confiável, arregalando os olhos enquanto faço beicinho. — Por favor, Ax. Apenas durma no sofá–

— Não — diz ele com firmeza, abrindo a porta atrás de si. — Você dorme aqui. Eu vou dormir... — Ele aponta com o polegar por cima do ombro, onde o vento chicoteia as árvores próximas em inclinações escuras ameaçadoras. — Lá fora.

Eu suspiro desesperadamente.

— Você tem um senso de cavalheirismo perturbadoramente profundo.

Axel dá mais um passo para trás, as mãos apoiadas no batente da porta.

— Um lamentável sintoma de ser um Bergman. Boa noite, Rooney.

— Boa no–

A porta se fecha.

Gemendo, eu me jogo na cama enquanto a chuva começa a atingir as janelas. Essa vai ser uma noite muito longa.

6

AXEL

Música da Playlist: "To Be So Lonely" - Harry Styles

LUZ DO SOL SE INFILTRA PELA BARRACA, aquecendo minhas pálpebras, mas não acordo. Eu não quero. Não quando estou neste sonho. Um sonho onde Rooney é macia e quente embaixo de mim.

Um gemido ressoa na minha garganta, o mundo dos sonhos e a realidade se mesclam enquanto eu me movo de bruços e cada centímetro dolorido de mim esfrega na parte macia do meu saco de dormir. Estou tão duro, tão perto que mal consigo recuperar o fôlego, quando no meu sonho o corpo dela se arqueia no meu e...

— Bom dia flor do dia! — Ela diz.

Eu acordo agitado, virando de costas e buscando por ar. Pensando melhor nessa posição reveladora, eu me enrolo de lado, bem na hora em que Rooney espia dentro da barraca, garrafa térmica de café na mão, abrindo um sorriso mais brilhante do que o sol atrás dela. Ela está usando um chapéu amarelo neon escandalosamente felpudo que combina com seu cabelo. Suas bochechas estão rosadas por causa do ar frio.

Ela é tão linda que dói.

— Você está bem? — Ela pergunta. — Parecia um pesadelo.

Eu gemo enquanto me sento.

— Tipo isso.

— Eu trouxe café. — Ela estende um copo de aço inoxidável que cheira maravilhosamente bem.

— Obrigado. — Eu tiro a tampa e sinto o aroma.

Sentindo-se em casa, ela entra, se estatela e se apoia nos cotovelos. Meu olhar se fixa em seu peito. Ela está vestindo uma camisa térmica azul-gelo que abraça seus seios enquanto eles ficam rígidos com o frio. Meu pau lateja com raiva. Primeiro o sonho. Agora isso. Estou agoniado.

Fecho os olhos com força e tomo um longo gole de café escaldante.

— Então — ela diz, despreocupadamente. — Temos companhia.

Eu engasgo com meu café.

— O que?

— Seus amigos e a filha deles? — Sorrindo, ela inclina a cabeça e me olha com curiosidade. — Ela te chamou de "Tio Ax".

Cristo. Limpo minha garganta e tomo outro gole de café. Se Parker e Bennett estão aqui com Skyler, vou precisar de toda a cafeína que puder obter.

— Saudações, terráqueos! — Uma máscara alienígena ecoando com a voz de Skyler aparece dentro da barraca e me assusta tanto que derramo café em todo o meu saco de dormir. — Você está bem, tio Ax?

— Que cacete de máscara é essa?

— Ooh, palavrão. Não vou contar a eles que você deixou escapar. — Ela arranca a máscara, revelando cachos escuros e encaracolados e olhos castanhos travessos. — Papai e BiBi me deixaram assistir a um documentário sobre alienígenas que mudou minha *vida*, e eles disseram que se eu mantivesse meu quarto limpo por uma semana, ganharia uma máscara de alienígena, então eu mantive, e é *incrível*, não é? — Ela respira fundo depois da falação e sorri. — Fizemos bolinhos de canela. Papai e BiBi disseram que era uma e-ger-mencia, então trouxemos alguns para você.

— Emergência. — Eu fecho a tampa do meu copo e o coloco de lado. Obviamente, não é minha hora de tomar café. — Saia, E.T., vou colocar algumas roupas e estarei lá em um minuto.

Skyler olha para Rooney.

— Seu nome é E.T.? Achei que fosse Rooney.

Rooney ri.

— É um filme antigo sobre um alienígena, e outra palavra para "alien" é "extraterrestre", ou E.T., para abreviar. Ele está *te* chamando assim.

— O que importa — eu digo a elas — é que vocês duas precisam sair. Fora.

Skyler se joga para fora da barraca, seguida por Rooney, suas vozes se misturando enquanto elas se afastam. Eu caio de volta no saco de dormir, deixando escapar um longo gemido de dor. As coisas estão tomando um rumo terrível.

Eu me troco rapidamente para a roupa que enfiei na minha mochila ontem à noite. Jeans, camisa de flanela, meias e botas. Então eu saio da barraca.

E lá estavam Bennett e Parker, Skyler e Rooney em volta de uma fogueira, canecas nas mãos, conversando como amigos de longa data.

— Aí está ele! — Park diz. — Falando no diabo bonitão.

Eu o encaro enquanto atravesso a clareira, em seguida, caio no assento de toco de árvore, garrafa térmica de café na mão. Skyler sorri para mim, as bochechas geladas e a máscara alienígena inclinada para trás em sua cabeça. Eu gesticulo para ela com minha garrafa térmica.

— Aliens, hein?

— É culpa de Parker — diz Bennett, oferecendo-me o prato de bolinhos de canela. — Ela está obcecada. Trouxe para você dois sem glacê.

— Tio Ax não gosta de açúcar — Skyler diz a Rooney com a boca cheia. — Talvez seja por isso que ele é péssimo em Candy Land.

Rooney dá uma risada.

— Ai!

Resmungando, pego um bolinho de canela sem cobertura e encho minha boca com uma mordida. Se eu falar, nada de bom vai sair. Melhor me ocupar com o café da manhã.

— Tem certeza que não quer um? — Parker pergunta a Rooney.

Ela balança a cabeça.

— Não, obrigada. Eu não estou com muita fome.

— Ela não come glúten — eu digo no meio da minha mordida. — Ela é muito gentil e não quer que você se sinta mal por ela não poder comer.

Rooney me lança um olhar alarmado e com os olhos arregalados.

Parker sorri, oferecendo-lhe o prato novamente.

— Felizmente, você *pode* comer. Sinto muito, eu deveria ter mencionado. Skyler tem doença celíaca, então nossa cozinha é dedicadamente sem glúten, e estes também são.

Rooney pisca de mim para Parker.

— Ah — ela diz hesitantemente. — É mesmo?

Sky acena com a cabeça, pernas nodosas de criança e botas de chuva amarelas balançando da cadeira.

— Aham. Você também tem doença celíaca?

— Não — diz Rooney, balançando a cabeça. — Eu sou intolerante ao glúten. Meu estômago fica melhor quando eu não como.

Sky acena com a cabeça.

— Legal. Pega um! Eles são muito bons.

— Levamos meses para aperfeiçoar a receita — Parker diz a ela.

Skyler estremece.

— Aqueles primeiros lotes foram uma droga.

— Ei — Bennett olha para ela.

— Foram ruins — corrige Sky, lambendo a cobertura de seus dedos.

Sorrindo, Rooney aceita um rolinho de canela e dá uma mordida. Seus olhos se fecham. Sua cabeça se inclina para trás, expondo a longa linha de sua garganta.

— Ah meu Deus — ela diz com um suspiro. Então ela geme. No fundo de sua garganta.

E então é difícil não demonstrar o crescimento na área da virilha do meu jeans.

Me remexendo estrategicamente, descanso meus cotovelos nos joelhos e abaixo minha cabeça enquanto visualizo aquela vez em que Viggo e Oliver colocaram gelo no meu shorts enquanto eu estava cochilando e eu acordei com meu pau quase congelando. Isso ajuda bastante.

— Tudo certo, tio Ax? — Skyler pergunta.

— Sim. Tudo ótimo.

Rooney geme novamente e desliza um dedo cheio de glacê profundamente em sua boca para lambê-lo até limpá-lo. Enfio o resto do bolinho de canela na boca e decido que, se eu me engasgar, não será a pior maneira de sair dessa situação infernal.

— Bem — diz Bennett, aceitando o prato de rolinhos de canela de Parker e fechando uma tampa ajustada sobre eles. — Viemos para ser prestativos, mas parece que não somos mais necessários.

Rooney olha para nós.

— O que você quer dizer?

Tento falar, mas minha boca está tão cheia de bolinho de canela que as palavras não são nem remotamente inteligíveis.

Parker franze a testa para ela, e eu já sei o que está por vir, mas – boca cheia de rolinho de canela – sou incapaz de impedir.

— Desencalhar esse cara, é claro — diz ele.

Eu engasgo com o rolinho de canela, os olhos lacrimejando. Skyler bate nas minhas costas, o que não ajuda em nada. Todo mundo me ignora.

Rooney se inclina para a frente.

— Espere, o que?

— Axel nos ligou um pouco em pânico na noite passada sobre se casar para receber sua herança — Bennett diz a ela. — Eu presumi que você e ele haviam planejado algo. Mas... vocês não fizeram isso?

— Herança? — Rooney inclina a cabeça. — Pânico? Como é que é?

Este é o maior pedaço de comida do mundo de todos os tempos. Tento furiosamente mastigar e engolir, mas continuo engasgando. Malditos bolinhos sem glúten. Este bolinho de canela é duas vezes mais denso do que um normal. É como serragem pegajosa na minha garganta.

— Você sabe sobre a situação no chalé? — Parker pergunta.

Rooney acena com a cabeça.

— Estamos prontos para fazer o trabalho, — explica ele — mas Ax precisa de dinheiro para isso. Se ele se casar, terá acesso à herança que seu tio lhe deu. Então ele pode pagar por tudo o que o lugar precisar.

— Achamos que íamos passar por aqui com alguns bolinhos de canela de consolo e fazer um brainstorm com

algumas ideias. — diz Bennett, olhando na minha direção. — Mas então você estava aqui quando nós aparecemos, e nós apenas… presumimos que ele tinha se antecipado.

— Então, como vocês dois se conhecem? — Parker pergunta.

Finalmente, o rolo de canela desce goela abaixo.

— Gente, vamos com calma.

Parker se acomoda mais fundo em sua cadeira dobrável e apóia suas botas em uma das pedras ao redor do fogo.

— Estamos apenas conversando.

Eu lanço para ele um olhar mortal.

— Vá em frente, Rooney — diz Parker.

Rooney olha na minha direção, depois de volta para o seu bolinho de canela.

— Eu tenho passado um tempo com a família de Axel por causa de Willa. Ela é minha melhor amiga da faculdade.

— Nós amamos Willa — Bennett diz calorosamente.

— Somos dois. — diz Rooney com um sorriso. — Obviamente, eu senti saudades quando ela se mudou e ficou ocupada jogando aqui, e ela sentiu minha falta. Os Bergman me convidam para uma visita sempre que Willa e Ryder estão na cidade para aproveitar ao máximo seu tempo em LA e, nos últimos anos, passei a amá-los. Quero dizer, quem não amaria a família Bergman?

— E Axel? — Parker pede.

Rooney morde o lábio, um leve rubor beijando suas bochechas.

— Na verdade, nós nos conhecemos no primeiro jogo de Willa aqui. E desde então, acabo por ver Axel quando ele vai de vez em quando para uma dessas visitas.

— Estou entediada — Skyler diz, pulando de sua cadeira enquanto puxa sua máscara alienígena. Ela salta para Rooney e diz: — Ei, E.T., quer brincar?

Bennett suspira e olha para Parker.

— Viu? Viu o que você fez com nossa filha?

— Está tudo bem — diz Rooney. De pé, ela coloca o resto do bolinho de canela na boca e tira as migalhas das mãos. — Você quer ir procurar o cachorro de Axel, Skyler?

— Ele não é meu cachorro — eu lembro a todos.

— Ah, claro — diz Parker. — Aquele que você ficou em dia com as vacinas, que você alimenta e dá banho, para quem você construiu um mini chalé de cachorro porque ele não entra na sua casa, mesmo que esteja ficando muito frio para ele dormir do lado de fora, e que passa o dia todo com você. *Aquele* cachorro que definitivamente não é seu.

Abro a boca para responder, mas primeiro Rooney diz:

— Sim, — ela se vira para Parker e Bennett. — Aquele. Se estiver tudo bem para você, quero dizer. Eu só pensei que iríamos seguir nessa direção, ficar na sua linha de visão, mas fora do... alcance da voz? — ela diz incisivamente.

Bennett concorda.

— Isso é bom. Fique com Rooney, Skyler, e não entre na água.

Skyler faz um sinal de positivo com o polegar.

— Está muito frio de qualquer maneira. Vamos encontrar esse cachorro. Eu nem sabia que tio Ax *tinha* um cachorro. — Ela balança a cabeça alienígena. — Vou guardar segredo

— Ele não é… — Minha voz morre porque Skyler já está a caminho, segurando a mão de Rooney, saltando pela clareira.

Parker e Bennett as observam caminhar. Então, no momento em que Sky e Rooney estão fora do alcance da audição, suas cabeças se voltam para mim.

— O que está acontecendo? — Parker diz.

— Foi uma confusão. Rooney precisava de um descanso, e Willa disse a ela que o lugar era dela se ela quisesse.

Bennett se recosta na cadeira, puxando o coque. Sua pose de pensamento.

— Poderia funcionar com ela, você se casar pela herança? Ela está disponível?

— Isso não seria perfeito? — Parker diz. — Vamos lá, por que não? Foi inesperado. Obra do destino. Um sinal.

— Absolutamente não.

— Por que não? — Bennett pergunta.

— Porque eu disse que não.

Parker estreita os olhos para mim.

— O que você está escondendo?

— Nada.

— Por experiência própria, — pondera Bennett, — se você quiser avaliar o interesse de Axel por alguém, seu silêncio diz muita coisa.

— Não há nada a dizer, é por isso que estou quieto. Ela é a melhor amiga da namorada do meu irmão. Não tenho ideia se ela está disponível para se casar comigo por motivos estritamente financeiros, e não planejo descobrir.

Não vou me casar com alguém – por dinheiro ou não – por quem estou desesperadamente atraído, que passei anos evitando porque não há nenhuma chance de algo acontecer disso.

— Eu reconsideraria se eu fosse você. — Parker abaixa os pés e se inclina para frente, baixando a voz. — Você pode

confiar nela, certo? Não consigo imaginar Willa se importando com ninguém, exceto com pessoas boas.

Eu fico olhando para as minhas mãos, cutucando um calo.

— Sim.

— Excelente. Então vai ser com ela. Ela também disse que ama sua família, então tenho certeza que ela gostaria de fazer algo que os ajudasse–

— Eu concordo com Park. Ela é perfeita. Peça ela em casamento — Bennett interrompe

Eu puxo o colarinho da minha camisa, abrindo outro botão e respirando fundo. Minha garganta está muito apertada.

— Eu não posso. Eu não deveria. Ela não iria querer.

— Por que não? — Parker diz, vendo Rooney e Skyler saudarem o cachorro, que vem correndo em direção a elas com um pedaço de pau na boca. — Quero dizer, claro, ela pode ver o casamento como algo romântico e não estar interessada, mas você não saberá se não tentar. De qualquer forma, é apenas um acordo de negócios. Você não a está cortejando. Nenhuma pressão para tornar isso algo maior do que é.

— Mas era com isso que você ia me ajudar — digo a Bennett, ouvindo como pareço pateticamente desesperado. — Não era?

Bennett engole em seco, nervoso.

— Oh. Hum. Sim. Claro! Nós estávamos... Eventualmente. Encontraríamos alguém.

Eu suspiro.

— Me desculpe, ok? — Bennett diz. — Parker deveria me ajudar a fazer uma lista.

— Ei. — Parker cutuca sua cadeira. — Não me arraste para isso.

— O cachorro é tão fofo! — Skyler grita, correndo em nossa direção enquanto ele a persegue, a língua pendurada para fora de sua boca.

— Como estão as coisas? — Rooney pergunta, seguindo seu rastro.

— Terríveis — digo a ela, enquanto Bennett e Parker dizem em uníssono:

— Ótimas!

— Skyler — diz Park, levantando-se da cadeira e arrastando Bennett com ele. — Por que você não nos mostra o que ensinou ao cachorro do tio Ax com aquela vara?

Empurrando Skyler e o filhote para o outro lado da clareira, eles se foram em um piscar de olhos. Agora somos apenas Rooney e eu, sozinhos.

Eu me levanto do meu assento no toco da árvore, me sentindo desconfortável.

— Você ouviu tudo?

— Não deu pra evitar — diz ela. — Vocês três têm vozes profundas e não foram muito discretos. — Dando alguns passos lentos, ela se vira e se inclina contra uma árvore, olhando para o lago. — Então você precisa de alguém para se casar?

— Por razões puramente financeiras, sim.

Ela acena com a cabeça, os olhos ainda na água.

— Isso cuidaria do chalé. Consertaria o que precisar, tiraria a pressão de cima de você, para que possa pagar por isso rapidamente e esconder isso de sua família.

— Sim — eu digo lentamente.

— Eu me caso com você — ela diz simplesmente, se afastando da árvore. Então ela endireita o grande chapéu

amarelo felpudo e se vira na minha direção. — Se você me quiser, claro.

Eu pisco para ela, atordoado.

— *Por quê?*

— Porque eu posso. Porque sua família tem sido muito gentil comigo, e agora posso ser gentil de volta. Mesmo dessa forma pequena.

— Não é *pequena*. É um casamento.

— "Por razões puramente financeiras". — ela repete. — Não é grande coisa. Não sou romântica, pelo menos não quando se trata de casamento. Sou solteira e legalmente livre para ser sua esposa.

Esposa.

A palavra me atinge como um golpe corporal.

— Deve ser simples. — diz ela. — Não sou especialista em direito da família, mas sei o suficiente para entender o básico de testamentos e condições. Não precisa de muita coisa além de uma prova de que estamos casados que possa ser usada em uma condição para liberação da herança em um tribunal. Então, como eu disse, deve ser fácil de resolver. Cerimônia civil. Licença de casamento. Testemunhas. Prova disso entregue ao testamenteiro. Vou dar uma olhada na documentação, se quiser, me certificar de que os termos são razoáveis. Tenho certeza de que há uma condição subsequente também, como "após X período de tempo".

— Eu... Sim. Tem. Um ano.

— Tudo bem. Serei legalmente sua esposa por um ano.

Eu pisco para ela, atordoado.

— Você está falando sério.

Ela encolhe os ombros, cutucando o chão com a ponta dos pés.

— Não é como se eu tivesse muitas outras coisas acontecendo na minha vida.

— E a faculdade?

— Não que você não possa ser casado e cursar direito, mas tirei uma licença — diz ela, ainda olhando para o chão. — Eu tenho tempo de sobra.

Quero perguntar porquê, se tem alguma coisa a ver com o quão diferente ela parece estar, qualquer coisa pessoal que Ryder mencionou nas mensagens, mas não é da minha conta, certo? Não tenho que me preocupar com ela.

— Se você fizesse isso, eu lhe daria uma parte do dinheiro. Tenho certeza de que sobrará algum depois que eu pagar pelo chalé–

— Não — diz ela com força, balançando a cabeça. — Sem dinheiro. Eu não quero um centavo.

— Então esta não é uma opção. Eu não poderia deixar você fazer isso sem receber nada em troca.

Eu acabei de dizer isso? Estou realmente considerando isso?

Que outra escolha você tem? A voz da razão diz.

Rooney olha para as árvores, mordendo o lábio.

— Não preciso do seu dinheiro e também não o quero. Eu só quero ajudar. Eu apenas preciso-

Algum lugar seguro.

Não sou muito bom em intuir como as outras pessoas se sentem. Eu me esforço para saber o que *eu* estou sentindo com bastante frequência. Mas olhando para ela, tenho tanta certeza de que sei exatamente do que ela precisa e sei que será a minha morte.

— Você pode ficar aqui — eu ofereço. — Na minha casa.

Seu idiota, essa mesma voz sibila na minha cabeça. *Agora é oficial.*

Sua cabeça vira em minha direção.

— O que?

— Fique — eu digo a ela. — É disso que você precisa, certo? Um lugar para ficar por um tempo?

— Sim — ela diz com cuidado. Ela olha na minha direção, me encarando com curiosidade. — Tem certeza?

Eu concordo.

Um leve sorriso aquece seu rosto, e Deus, sou maluco por ele.

— Eu prometo que não vou incomodá-lo. — ela diz rapidamente. — Ou beijar você. Desculpa. Eu não deveria ter tocado nesse assunto. Novamente. Eu apenas lidei com a autoconsciência com humor autodepreciativo, e você me disse que eu atacar sua boca não era nada, mas não parece, e se vou ficar aqui, preciso sentir que está tudo bem entre nós.

— Rooney.

Lentamente, ela olha para mim. Mas eu não encontro seus olhos. Eu fico olhando para a boca dela porque é impossível não olhar. Está tão quieto que posso ouvir o ritmo da conversa de Bennett e Parker através da clareira, a risada de Skyler que parece um sino, o rosnado brincalhão do cachorro enquanto eles brincam de cabo de guerra com um pedaço de pau.

— Talvez — eu digo com a voz rouca, antes de limpar minha garganta, encontrando minha voz. — Talvez possamos apenas concordar em... deixar o beijo no passado e seguir em frente. Talvez seria mais confortável.

Baixando meu olhar para o chão, vejo nossas botas, quase frente a frente. É quando eu percebo o quão perto estamos. Como posso sentir o cheiro dela, suave e tranquilo, e ver a bola amarela felpuda adornando seu chapéu. E então sua mão entra em meu campo de visão, estendida, esperando.

— Combinado — ela diz calmamente.

Eu pego sua mão na minha, chocado com o prazer de nossos dedos roçando, o calor que se espalha pelo meu braço quando nossas palmas se conectam.

É quando percebo que *confortável*, não importa o quanto deixemos o beijo no passado, é a última coisa que esse casamento vai ser.

AO LONGO DE TRÊS DIAS, Rooney e eu dividimos tarefas, resolvendo todo o necessário para nos casarmos legalmente o mais rápido possível. Rooney insiste em lidar com o lado jurídico das coisas, já que essa é a especialidade dela, e eu cuido de todo o resto. Depois de 72 horas mal nos vendo, trocando apenas as informações e assinaturas necessárias, temos uma licença de casamento válida, anéis, trajes de casamento, um oficiante e testemunhas – tudo de que precisamos para garantir que tenhamos provas para o testamenteiro da herança do meu tio.

A manhã do casamento promete um daqueles dias claros e nítidos no final do outono que me faz querer passar cada momento do lado de fora, absorvendo tudo. Com o sol brilhando sobre nós e sem vento, estou confortável com meu uniforme para exposições de arte: terno carvão, camisa branca, sem gravata – porque *que se foda* ter qualquer coisa apertada em volta do meu pescoço – e cinto marrom combinado com chukka boots. Não tenho ideia do que Rooney irá vestir, só sei que ela me garantiu que tinha o que precisava.

Não que seja importante o que ela irá vestir.

Já que isso não é real.

Bem, além de legalmente.

Só preciso que meu sistema nervoso se lembre disso.

— Não desmaie em mim — diz Parker. — Respira.

Eu rolo meu pescoço de um lado para o outro e respiro fundo, esperando que isso rasgue as faixas de ansiedade em volta do meu peito.

— Eu não vou desmaiar. Onde está Lloyd?

O oficiante, Lloyd, é primo de Parker. Não o vejo desde que estávamos no colégio juntos, mas Parker me garantiu que ele está qualificado para fazer isso, gratuitamente.

— Ele está aqui. — Parker endireita os punhos e olha por cima do ombro em direção ao bosque. — Só teve que mijar. Sério, relaxe. Você está me causando estresse de contato. Respire, pelo amor de Deus.

— Estou respirando — resmungo, esfregando o rosto e passando as mãos pelos cabelos.

— Tem alguma coisa te incomodando — Bennett acena com a cabeça na direção do chalé. — Vamos deixar algumas paredes encharcadas para você destruir amanhã.

— É uma pena que você e Rooney não planejam trabalhar a tensão da maneira tradicional — diz Parker.

Eu rolo meus olhos.

— Só estou dizendo, — continua ele — foi assim que Bennett e eu começamos. Sexo sem compromisso. Amigos com benefícios. Agora olhe para nós.

Em um mundo ideal, eu teria encontrado estranhos como testemunhas que não me perturbariam enquanto eu esperava ansiosamente para casar por dinheiro, mas eles são as únicas pessoas que não são da família que posso tolerar levemente, e não podemos escolher mendigos. Lembro-me desse último ponto enquanto observo nosso "oficiante"

subindo seu zíper, claramente voltando de um xixi na floresta.

— Nós temos encanamento interno — eu murmuro. — É literalmente a razão de estarmos fazendo isso aqui, não no chalé.

Bennett ri.

— Esse é apenas o jeito de Lloyd. Ele não precisa de muito. A floresta é um lugar tão bom quanto qualquer outro para ele.

— Lembre-me de não apertar a mão dele.

Parker bufa.

— Você não correu esta manhã, correu?

— Corri. — Eu rolo meu pescoço novamente de um lado para o outro, em seguida, olho para cima, observando o sol disparar atrás de uma nuvem espessa. — Só não corri quilômetros o suficiente.

Eu nunca conseguiria percorrer quilômetros suficientes para um dia como este.

Antes que qualquer um deles pudesse me encher o saco ainda mais, o cachorro salta até a porta da minha casa, se apoiando um pouco em sua perna esquerda como sempre. Um antigo ferimento foi curado errado, de acordo com a veterinária. Isso foi antes de ela perguntar se eu queria que ele fosse meu e depois que eu fiz a triagem dele procurando por um chip que não estava lá.

O cachorro se parece com um galgo, mas na verdade ele é um lurcher, um mestiço muito menos valioso, o que tornava a falta de um chip também muito menos surpreendente. Lurchers são usados como cães de caça e mais propensos a serem descartados por seus donos quando se machucam, como este claramente foi quando ele vagou

em direção à minha casa no mês passado, choramingando e tremendo, mas se recusando a entrar e se aquecer.

Eu disse que construiria uma casa para ele e ficaria de olho nele. A veterinária disse que eu poderia chamá-lo do que quisesse, desde que assinasse os papéis e pagasse as radiografias, porque senão, se ele fosse para o abrigo, não demoraria muito para que ele fosse descartado. Ele parecia uma aposta segura, uma criatura viva que seria difícil de desapontar ou eventualmente negligenciar quando ele nem mesmo cruzaria a minha porta. Quando tudo o que ele queria era comida e alguns tapinhas na cabeça, duas refeições por dia e um lugar seguro e aquecido para dormir.

Mas quando ele late alegremente ao abrir a porta da frente da minha casa e salta para frente e para trás com o tipo de energia e força que ele não tinha quando começou a viver aqui, eu me pergunto se talvez façamos mais do que apenas coexistir. Se talvez estar comigo *tenha* sido bom para ele. Se, pelo menos uma vez, mostrar um pouco de amor por algo, do jeito que eu posso, não tem sido um completo desastre.

Quando ele salta sobre Rooney enquanto ela sai, uma dor furiosa floresce sob meu esterno. Seu cabelo dourado está trançado, um nó destacado por um ramo de urze cor de ameixa. Seu vestido-suéter marfim gira em torno dela como neve açoitada pelo vento, tortuosamente deixando a silhueta de seu corpo para a minha imaginação. E então o cachorro pousa as patas enlameadas em suas roupas imaculadas.

Todos nós estremecemos, exceto Rooney. Rooney ri, calorosa e brilhante, cheia de dentes e covinhas e olhos enrugados, um rosto de pura felicidade, assim que o sol irrompe por trás das nuvens. Suave, cintilante, ela parece neve fresca beijada pela luz do sol.

Observando-a, aquela dor em meu peito penetra e se aprofunda. Eu olho para longe e ajusto os punhos da minha camisa, então meu colarinho, meu cérebro fazendo a conexão enquanto eu me inspeciono – minha maldita flor de lapela combina com a urze no cabelo de Rooney. Faço uma carranca para Parker, que entrou sorrateiramente lá meia hora atrás, mas Parker apenas sorri para mim e balança as sobrancelhas.

Bennett suspira para Rooney e enxuga os olhos.

Eu me viro para Lloyd, o oficiante, que finalmente decidiu se juntar a nós.

— Aaaaaxellll — Lloyd diz lentamente com um sorriso largo e preguiçoso. — Parabéns pelo grande dia. — Como eu temia, ele estende a mão.

— Não posso apertar — eu aponto para meu nariz e fungo, provavelmente não convincente. — Acho que estou pegando alguma coisa.

O sorriso preguiçoso se alarga.

— Isso é legal, cara. Isso é legal. Agradeço a consideração.

Há algo em seu tom, a entrega lânguida e movimentos lentos, que é familiar. A curiosidade me obriga a fazer o que considero extremamente desconfortável por ser tão íntimo, e encontro seus olhos. É quando eu noto que eles estão injetados, suas pupilas dilatadas.

Pelo amor de Deus.

O oficiante está chapado.

7

ROONEY

Música da Playlist: "It Is Nice To Have A Friend" – Taylor Swift

TIVE TRÊS DIAS PARA PENSAR sobre esse casamento com o qual concordei. Acho que me surpreendi tanto quanto Axel quando me ofereci para fazer isso.

No início, pensei que talvez fosse tão simples quanto o fato de que, embora eu seja passional e provavelmente sempre serei um pouco romântica, sou profundamente desiludida com o casamento, então casar com alguém por razões puramente práticas não é nada para mim. Mas então comecei a pensar. E percebi que é um pouco mais complexo do que isso.

Eu me ofereci para me casar com Axel porque ultimamente me sinto impotente, com o capricho do meu corpo imprevisível e dos meus planos dispensados. E *fazer* algo, ter um propósito, uma maneira de ser útil deu à minha vida aquela estrutura e propósito pelos quais eu estava faminta. Sem meus dias lotados do nascer ao pôr do sol com a faculdade, sem o ritmo exaustivo dos últimos anos, eu tenho me sentido tão perdida.

Mas agora não. Agora tenho intenção de novo e um objetivo que admiro, mesmo que por pouco tempo. Felizmente, não estou recebendo uma herança por isso, mas estou recebendo algo de que preciso desesperadamente: uma direção, um propósito... e por incrível que pareça, um sentimento de pertencimento. Não é apenas Axel salvando o chalé, amando sua família à sua maneira – *somos nós*. Juntos. Não como um casal e provavelmente nem sequer como amigos, mas como parceiros. Este plano inclui nós dois,

totalmente comprometidos com ele. E esse senso de conexão, embora prático e estratégico, é algo que eu não sabia o quanto queria até que estava bem na minha frente.

Então aqui estou eu, parecendo um pouco mais com o meu antigo eu, graças a um vestido lisonjeiro e elegante, e o melhor corretivo do mundo embaixo dos olhos. Pronta para me casar.

Casar.

Pelo menos até que eu tenha que lidar com o abraço enlameado e entusiasmado do cachorro.

— Muito bem. — De pé atrás de mim na soleira da cabana com um buquê pequeno de urze em suas mãos, Skyler suspira. — Você sujou seu vestido.

— Pois é. Nada que um pouco de água com sabão e uma toalha não consertem, eu acho.

— Aqui — diz ela, entregando-me seu ramalhete de urze, em seguida, pulando para dentro da casa. Ela volta um momento depois com um pano macio, umedecido com água e um jato de sabão.

— Obrigada, Skyler.

— De nada. — Inclinando a cabeça, ela me observa enquanto eu esfrego a sujeira com bastante sucesso. — Você vai beijar o tio Ax?

Eu dou um grunhido e quase deixo cair o pano.

— Uh. Bem. Eu não–

— Um beijo faria bem pra ele, só isso. — Ela estende a mão para pegar o pano.

Hesitante, eu o devolvo para ela.

— Por que você diz isso?

— Porque ele é *mal-humorado.* E os beijos fazem o mau humor ir embora.

Eu mordo meu lábio, tentando não rir.

— Não acho que ele seja tão mal-humorado.

Ela me lança um olhar incrédulo.

— Ele é *muito* mal-humorado.

— Ele é sério. E, possivelmente, muito tímido. Nem todo mundo é tão social quanto você e eu.

— Por que não? Eu não entendo.

Olhando por cima do ombro, vejo Axel ajustando as mangas, limpando a garganta. Ele parece nervoso.

— Eu também não. Mas isso não significa que não podemos tentar.

— Ainda acho que um beijo resolveria — diz ela, voltando para dentro com o pano. — Mas eu sou apenas uma criança. O que eu sei?

Com um gemido baixo, o cachorro cutuca meu cotovelo e me olha. Eu acaricio sua cabeça suavemente, esperando até que Skyler se junte a mim novamente e pegue minha mão.

— Vamos fazer isso — ela diz, puxando-me com ela.

Atravessamos a clareira juntas, e enquanto tento absorver a beleza do outono que se esvai – uma chuva de folhas douradas girando no chão, o sol cortando como renda entre os galhos – tudo que vejo é Axel, a luz do dia brilhando em bronze em seu cabelo castanho, fazendo seus olhos verdes brilharem.

Olhando para ele, sinto meu coração bater, selvagem e feliz, não muito diferente do filhote que pulou em meus braços. Não posso permitir que meu coração reaja dessa maneira. Então, eu mando ele ficar quieto, com um lembrete gentil, mas firme: este casamento é um arranjo mutuamente benéfico, nada mais.

Parando em frente a Axel, sorrio para ele e tento muito não dar uma boa e longa olhada nele, mas ele está usando aquele terno que usou em sua exposição de arte em Los

Angeles, então resistir é impossível. Ele fez a barba, seu rosto liso mais uma vez, todos os ângulos em relevo – nariz longo e reto, as maçãs do rosto salientes, lábios franzidos em uma carranca pensativa. Seu olhar vagueia pelo meu cabelo, minha boca, em seguida, dispara para o chão, o rosa aquecendo suas bochechas. Ele limpa a garganta e lança um olhar para o oficiante que Axel me disse que é primo de Parker, Lloyd.

— Lloyd. — Eu me viro para ele e ofereço minha mão. — Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu — diz ele, sua voz suave, um sorriso atordoado no rosto. Na verdade, acho que ele pode estar chapado. Tipo *muito* chapado. Não que eu esteja julgando. Maconha tem sido um dos meus refúgios favoritos quando meu estômago está ruim, então não me importo que ele tenha fumado. Estou apenas curiosa para saber como vamos dizer os votos de casamento com um cara que está devidamente chapado. Deve pelo menos adicionar alguma leveza ao que de repente parece um evento sério.

Sorrindo, Lloyd estende a mão para apertar a minha, mas antes que ele me alcance, a mão de Axel se estende e agarra a minha.

Eu olho para ele, surpresa e confusa.

— Ax — eu sussurro — o que você–

— Vamos começar — diz ele a Lloyd, com a voz entrecortada e baixa.

Em justaposição à nitidez de suas palavras, sua mão desliza suavemente pela minha e entrelaça nossos dedos. Eu fico olhando para as nossas mãos, entrelaçadas juntas. É uma sensação tão inesperadamente boa. Como afundar em um banho quente o suficiente, relaxamento se desenrolando através de meus músculos.

— Lloyd — diz Parker — vá em frente.

Lloyd acena com a cabeça.

— Tudo bem. Aqui vamos nós. — Suspirando, ele fecha os olhos e abre as mãos, os braços bem abertos. — Amigos, primeiro, vamos tomar um momento para nos aquecer na magnífica e vibrante energia que preenche este espaço. A natureza tem sido boa para nós.

— Cristo — murmura Axel, olhando para o céu.

Eu mordo um sorriso enquanto aperto sua mão. Seu olhar se dirige para nossos dedos emaranhados, e ele olha para eles do jeito que eu fiz, como se ele não tivesse certeza de como isso aconteceu ou por que está acontecendo. Espero que ele se afaste, que ele faça o que fez na maioria de nossas interações, que é recuar quando eu chegar perto. Em vez disso, após um momento de hesitação, sua mão aperta suavemente a minha de volta.

Bennett se move, tirando fotos espontâneas. Não sou fotógrafa, mas com as folhas de outono ao nosso redor, a luz suave e difusa do sol, não consigo imaginar que não ficarão lindas.

Lloyd tem falado o tempo todo, tornando-se poético sobre a natureza, a energia e o amor completando o ciclo da vida, mas eu não prestei atenção. Tudo o que ouvi foi o clique da câmera. Tudo o que senti foi a mão de Axel, forte, calosa e quente, seus dedos entrelaçados com os meus.

— E então — diz Lloyd — abraçando a lembrança que a natureza nos dá, vamos comemorar essa união fecunda–

Bennett bufa e quase deixa cair sua câmera.

— *Fecunda*? — Skyler franze o nariz. — O que isso significa?

— Eu te conto mais tarde — Parker murmura, apertando-a contra ele e ganhando uma carranca.

— Axel, — diz Lloyd, tendo perdido aquela pequena interação — você aceita Rooney como sua esposa, sua parceira e companheira de viagem na jornada da vida?

Axel limpa a garganta e diz em sua voz profunda e suave:

— Aceito.

— Rooney, — Lloyd me diz — você aceita Axel como seu marido, seu parceiro e companheiro de viagem na jornada da vida?

Eu inalo lentamente enquanto os nervos empurram meu corpo, trabalhando para firmar minha voz.

— Aceito.

Fazemos nossas promessas de amar e cuidar um do outro, de esquecer todos os outros, na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza. Primeiro Axel, depois eu, cada palavra mais difícil de dizer do que a anterior.

Talvez seja meu complexo de culpa por mentir. Talvez seja meu amor pela verdade e pelos fatos e pelo certo vencendo o errado, mas é inquietante fazer votos que sei que, em um ano, vou quebrar. Quando termino, minha voz está tremendo, assim como meu corpo.

E Axel sabe. Ele sentiu cada tremor, cada onda de tensão crescendo através de mim. Porque nenhuma vez ele largou minha mão. Até agora, quando ele gentilmente solta o aperto e puxa os anéis que combinamos que devemos usar por causa das fotos que serão enviadas ao executor do testamento de seu tio.

Entregando seu anel para Skyler para quando eu precisar dele, Axel então escorrega a fina faixa de ouro branco pelo meu dedo em um deslizamento lento e constante. Ele começa a se soltar, então para e se inclina, ajustando suavemente o anel até que fique bem. Posso ver naquele momento a maneira como ele deve se afastar de suas pinturas, franzindo

a testa enquanto as examina, e então intervindo para deixá-las do jeito certo.

Gentilmente, Skyler me cutuca e oferece o anel. Pego a larga faixa de metal fosco, então seguro a mão de Axel na minha e o sinto tenso enquanto deslizo o anel por seu dedo, uma estranha sensação de déjà vu ondulando pela minha espinha.

Sinto o olhar de Axel me analisando. Eu odeio estar assim agora, incapaz de fechar todas essas pontas soltas vulneráveis e desgastadas sob a superfície do meu sorriso brilhante usual e energia otimista. Eu odeio que eu pareça instável e que minha voz possa ter soado insegura quando eu realmente fui pega de surpresa com o quão intenso foram meus sentimentos sobre isso.

Espero não ter ofendido Axel, não tê-lo feito sentir que estou tendo dúvidas ou me arrependendo disso ou dele ou…

De repente, suas mãos estão deslizando pelo meu pescoço, segurando meu queixo e – ah meu Deus – seus lábios estão nos meus, quentes e macios. Minha cabeça cai para trás e o tremor em meus membros se dissolve. O ar sobe para meus pulmões enquanto respiro ar frio e Axel quente.

Ele está me beijando. Ele está me *beijando*.

Com as mãos flácidas ao lado do corpo, eu balanço em direção a ele enquanto ele se aproxima e inclina minha cabeça para aprofundar nosso beijo. Sua boca cutuca a minha suavemente, enquanto ele respira e nossos lábios se encontram, forte e lentamente, em um ritmo estonteante e paciente. Meus olhos se fecham enquanto seus dedos descem pela minha nuca em movimentos calmos, enquanto seus polegares deslizam ao longo da minha mandíbula.

Nossas bocas não se abrem. Sem línguas ou dentes ou gemido de prazer. E ainda é um beijo mais poderoso do que

qualquer um do meu passado. É um beijo que ecoa pelos meus ossos e me liga à terra. É um beijo que acalma, alivia e acaricia com ternura.

É exatamente o que eu precisava.

Quando Axel se afasta, sinto-me tão atordoada quanto Lloyd soa quando diz:

— Eu ia dizer que você pode beijar sua noiva, cara, mas você foi mais rápido.

EU *AINDA* ESTOU ATORDOADA após a cerimônia ser dada por encerrada e Lloyd dizer adeus, dando o fora, enquanto acende um baseado no qual eu pagaria muito dinheiro por uma tragada agora mesmo.

Axel e eu ficamos perto, esperando enquanto Bennett ajusta o foco de sua câmera para tirar fotos que enviaremos como parte de nossa prova de casamento. Uma vantagem de o testamenteiro morar na Suécia é que isso requer apenas a digitalização de um punhado de documentos e um breve e-mail de Axel. Depois dessa sessão de fotos, minha parte acabou.

— Estou com fome — lamenta Skyler. Ela se joga no toco de árvore, com as mãos na barriga.

— Só mais algumas fotos — Parker diz a ela. — Então faremos um brunch.

As dores da fome também estão me atingindo, e faço uma careta no momento em que a câmera de Bennett clica. Ele ri.

— Rooney, a câmera ama você, mas tente relaxar.

— Desculpe — eu digo fracamente.

— Ax, coloque seu braço em volta dela — Parker grita atrás de Bennett.

Axel suspira, então abaixa a cabeça e abaixa a voz.

— Você se importa?

Sua respiração sussurra sobre a pele sensível atrás da minha orelha. Arrepios dançam na minha pele.

— N-não, eu não me importo.

Com cuidado, ele desliza seu braço em volta de mim, sua mão pousada perfeitamente na fenda da minha cintura, as pontas dos dedos roçando minhas costelas. Eu engulo e respiro fundo.

— Como você está? — ele pergunta, olhando para a câmera de Bennett.

Eu olho para ele, pega de surpresa pelo cuidado em sua pergunta.

— Estou bem, eu acho. Você?

Eu me viro para encarar Bennett quando a câmera clica, e Axel diz:

— Também.

Enquanto Bennett pede mais uma, o cachorro corre em nossa direção, colidindo com as canelas de Axel, e se sentando bem nos meus pés quando ele olha para cima. Abanando a língua, os olhos arregalados de excitação, ele cai para trás de tanto esticar o pescoço e bate em mim, o que me faz cambalear para trás. Eu grito em uma risada surpresa quando começo a cair, mas Axel me segura bem a tempo e me puxa de volta, fazendo eu colidir com seu peito.

Eu ouço o clique da câmera.

E eu sei que, de todas as fotos que Bennett tirou, essa é a que eu quero.

8

AXEL

Música da Playlist: "I CHOOSE YOU" - Adam Melchor

BOM. VOCÊ PODERIA DIZER que os procedimentos do casamento foram pro saco.

Eu a beijei. Eu a *beijei.*

Eu não posso pensar sobre isso, ou vou colapsar. Farei algo drástico como arrancar meu paletó, tirar minhas botas e sair correndo para a floresta para fugir da realidade de que beijei minha esposa quando não tinha o direito.

Esta situação é realmente surreal.

No momento em que Bennett nos diz que nossas fotos estão prontas, dou um passo para trás e puxo meu colarinho, soltando outro botão.

Eu não olho para a boca de Rooney. Ou penso em beijá-la. Penso no brunch e nas panquecas que vou fazer.

— Você conseguiu! — Parker diz, batendo palmas. — E devo dizer, parecia bastante legítimo.

— Tirando o oficiante chapado — murmuro.

Bennett ri, guardando sua câmera.

— Lloyd é maluco.

— Ele é um espírito livre — diz Parker defensivamente.

Rooney ri.

— Ele foi ótimo. Ele tornou isso memorável. — Acariciando o cachorro enquanto ele se senta em seus pés, ela sorri.

Pela primeira vez, noto que ela tem sardas leves na ponta do nariz e um leve toque de cobre no cabelo.

Isso faz minhas mãos desejarem pintar tanto quanto minhas pernas desejam fugir da realidade daquele beijo,

para desaparecer e escapar dessa... *sensação*. Esta sensação aguda e dolorida logo abaixo do meu esterno.

Tenho que lutar contra esse impulso de escapar e desaparecer. Não vou fazer isso hoje. Porque eu disse a mim mesmo que faria isso direito.

Para agradecer a ela. Para mostrar a Rooney o quanto percebo que ela se sacrificou. Ela tendo se casado comigo, recebo uma herança e tudo de que preciso para salvar o chalé. Por outro lado, Rooney consegue um lugar para ficar por um mês. Se eu não estivesse tão desesperado por sua ajuda, teria dito não simplesmente porque isso serve a nós dois de maneira desigual. Mas *estou* muito desesperado, e ela, com sua bondade determinada, está ansiosa para ajudar.

O mínimo que posso fazer é casar com ela e não desaparecer depois.

— Já é hora de comer? — Skyler pergunta, pulando do toco de árvore.

— Sim. — Tirando meu paletó, respiro profundamente e aprecio o alívio do aperto.

Rooney fecha os olhos enquanto puxa a urze do cabelo, depois a trança enrolada e apertada, suspirando de prazer. Tento não ver seu cabelo cair como uma folha de ouro tingido de cobre, não fantasiar sobre enterrar meu nariz naquela seda como luz do sol e respirá-la.

— Posso ajudar? — Ela olha para cima e me pega olhando para ela.

Desvio meus olhos e esfrego minha nuca, a pele formigando de nervosismo.

— Não. Apenas relaxe.

— O que você acha que estou fazendo há três dias? — Ela diz.

— Tudo no lado jurídico das coisas — digo a ela, começando a dobrar minhas mangas.

— Não deu muito trabalho. E eu tenho novidades para você, Axel. Eu e "nada para fazer" não nos damos muito bem. Por favor, deixe-me ajudar?

Eu suspiro pesadamente.

— Tudo bem.

— Excelente! — Virando-se para Skyler, ela diz: — Você o ouviu! Hora do brunch.

Eu levo Rooney para dentro da casa e me certifico de que Skyler tenha uma barra de granola para entretê-la. Uma olhada pela janela a mostra alegremente brincando com o cachorro na clareira, onde Bennett e Parker discutem como preparar a mesa para o brunch.

Passando pela mesa de jantar, coloco meu paletó em uma das cadeiras e rapidamente dobro minhas mangas até os cotovelos. Em seguida, vasculho a cozinha, retirando os itens para o brunch e os ingredientes que comprei no Shepard's ontem, incluindo tudo o que preciso para omeletes e panquecas.

— O que eu posso fazer? — Rooney pergunta, puxando seu cabelo em um coque bagunçado na cabeça.

— Você pode ler os ingredientes desta mistura e verificar se é seguro para você. — Aponto para a mistura de farinha sem glúten no balcão.

Rooney chega até o balcão, pegando-a.

— Muito gentil da sua parte.

— Ter certeza de que você poderia comer? — Eu pergunto, olhos na minha tarefa. — Eu acho que isso é decência.

— Você ficaria surpreso com o quão inconveniente algumas pessoas acham lidar com isso. — Ela encara a mistura, lendo. — É perfeita.

— Ótimo.

Tento não pensar no fato de que estamos nesta pequena cozinha de novo e que, da última vez em que estivemos, quase a beijei. Em vez disso, concentro-me na receita que faço desde que era adolescente, quando os irmãos mais velhos começaram a ter responsabilidades culinárias nos finais de semana. Enquanto a manteiga derrete no micro-ondas, bato os ovos e um pouco de leite, depois coloco a farinha e o açúcar.

— Receita de família? — Rooney pergunta.

Eu concordo.

Seu olhar acompanha meus movimentos enquanto adiciono a manteiga derretida e mais leite, depois o restante da farinha e do leite.

— Você faz de olho.

— Eu cresci fazendo isso. É memória muscular agora. Todo mundo tem receitas assim.

Ela balança a cabeça.

— Eu não. Sou uma péssima cozinheira.

Eu olho em sua direção, observando suas pontas dos dedos dançarem suavemente ao longo do balcão.

— Como você come, então?

Rooney ri.

— Obrigada por não lançar elogios falsos em minha direção. Não sei dizer quantas pessoas disseram: "Ah, tenho certeza que não!" quando eu realmente sou uma péssima cozinheira. Bem, tem exceções; eu posso esquentar uma tigela média de sopa.

Inclino a frigideira até que a manteiga se espalhe bem na superfície e, em seguida, coloco a primeira porção de massa.

— Não te ensinaram a cozinhar? — Eu pergunto a ela. — Seus pais nunca te mostraram como fazer?

Ela balança a cabeça.

— Não.

Sendo uma pessoa tão falante, ela fala muito pouco sobre sua família.

— Quem cozinhava, então?

— Meus pais tinham um chef. — Rooney vira e se recosta no balcão, olhando pela janela sobre a pia. — O que era um luxo, obviamente. Não parecia com as refeições em família dos meus amigos quando eu comia com eles. Eu amo isso na sua família. Todas as tradições e receitas de família sobre as quais sua mãe fala. Eu invejo esse sentimento de... pertencimento? Pertencer e estar conectado com todas essas pessoas antes de mim que fazem parte do que me fez ser quem eu sou.

Quero dizer a ela que você pode ter todas as tradições e receitas de família de que gosta e ainda assim sentir que não pertence a ela. Mas eu nunca diria isso a ela. Nunca disse isso a ninguém.

O silêncio se instala entre nós enquanto eu observo as bordas da panqueca em busca de sinais de bolhas e escurecimento. Ela se inclina e me observa de perto enquanto eu viro a panqueca e abaixo o fogo.

— Quer que eu te ensine? — eu pergunto a ela.

Ah, olá, auto-sabotagem. Eu diria que já faz muito tempo que não nos víamos, mas – considerando que acabei de beijar a mulher com quem concordei em me casar, quando ela é a mesma mulher que fiz todo o possível para manter distância

nos últimos dois anos – não posso. Ou se o fizesse, estaria mentindo.

Por quê? *Por que* eu continuo fazendo isso?

Tudo que eu tinha que fazer era sobreviver ao dia de hoje. Então eu daria um espaço novamente. O que eu fiz? Beijei ela. E agora eu ofereci a porra uma aula de culinária.

— Mesmo? — Ela diz ansiosamente. É o maior sorriso que vi em seu rosto desde que chegou aqui e, apesar do meu pânico, a satisfação cresce em meu peito, quente e orgulhosa.

— Mesmo. — Dando um passo para trás, eu desocupo o espaço na frente do fogão. — Vá em frente.

Ela olha entre a panela e eu.

— Agora?

Eu aceno.

Rapidamente, Rooney se move, olhando para a panela.

— O que eu tenho que fazer? — ela sussurra, um sorriso inclinando sua boca.

— Você deve observar as bordas ficarem borbulhantes e marrons. Em seguida, vamos deslizar a panqueca para fora da panela em um prato e fazer outra.

— Ok. — Ela franze a testa em concentração, juntando as mangas do vestido até os cotovelos. — Agora? — ela pergunta.

Eu me inclino para olhar mais de perto, meu peito, inadvertidamente, roçando suas costas.

— Não.

Um tempo silencioso passa.

— Agora? — ela pergunta novamente.

— Não. Seja paciente.

— Eu não consigo. — Ela mexe os ombros com ansiedade. Bate os dedos dos pés. Olha do relógio para a frigideira. — Ok, que tal agora? Vamos lá. Elas estão marrons!

— Agora sim.

Rooney segura a alça e inclina a panela até que a panqueca deslize para o prato.

— Uau — ela diz. — Elas são como crepes.

— *Pannkakor* são quase crepes, exceto que, como minha mãe diria, crepes não são tão bons.

Ela sorri.

— O que é *pannkakor* ? Panquecas suecas?

— Sim. — Pego a tigela de massa e coloco em suas mãos, em seguida, coloco um pouco mais de manteiga na assadeira. — Vá em frente, coloque uma colher cheia.

— Qual é a diferença entre crepes e *pannkakor*? — Ela pergunta, seguindo minha orientação.

— Além de uma ser francesa e a outra sueca, o que inerentemente torna a última muito superior para minha mãe, as panquecas suecas levam menos farinha, mais ovos e manteiga. Feitas da maneira certa, elas são leves como o ar. — Instintivamente, agarro a alça para inclinar a forma e espalhar a massa uniformemente. É quando eu percebo que a mão de Rooney já estava lá. Ela estranhamente ainda está dentro dos meus braços – uma mão no balcão, a outra guiando a panela.

— Desculpe — eu murmuro. — Piloto automático.

Ela balança um pouco a cabeça.

— Tudo bem. Eu esqueci essa parte.

— Eu também esqueci de te dizer.

Uma risada suave enche sua garganta.

— Eu continuo distraindo você com perguntas.

Eu solto a mão dela que está segurando a alça da panela, mas eu não consigo me obrigar a dar um passo para trás por nada nesse mundo. Eu fico olhando para a curva onde seu

pescoço encontra seu ombro, os fios macios de cabelo loiro beijando sua pele.

Eu quero beijar essa pele. E eu definitivamente não deveria.

Minhas mãos se transformam em punhos ao meu lado. Eu me afasto, remexendo na geladeira.

— Sabe fazer omelete?

— Vou ser honesta — ela diz por cima do ombro. — Há muito pouco que sei cozinhar. E o que eu faço acaba sendo horrível. Portanto, considere esta minha declaração geral: não.

Fecho a porta com o quadril e pego uma nova frigideira.

— Que tal mudarmos isso?

COMIDA FOI UMA MÁ IDEIA.

Uma péssima ideia.

Talvez seja porque sempre que ela esteve na casa dos meus pais, eu me certifiquei de sentar na extremidade oposta da mesa, o mais longe possível dela (procedimento operacional padrão perto de Rooney), mas eu nunca soube que ela desfrutava de suas refeições... assim.

Gemendo. Suspirando. Língua deslizando pelos dentes de seu garfo.

Tenho uma ereção do tamanho de Seattle. E agora estou em pânico.

— Vou lavar a louça — ela diz, pegando meu prato.

— Não! — Sai mais alto do que o pretendido, mas preciso que ela se sente, relaxe e pare de ser tão útil. O problema é que não posso ficar de pé agora e assumir, porque – ereção.

— Apenas… — Eu olho ao redor. — Que tal um chá?

Eu não quero chá. Eu quero um banho de gelo. Mas, por agora, vai me dar tempo para colocar meu corpo sob controle.

— Claro — diz Rooney, sorrindo enquanto empilha os pratos. Eu os empurro para longe dela, ganhando seu olhar brincalhão. — Presumo que esteja no armário acima da chaleira?

— Sim.

Ela dá a volta na mesa. Eu cavo meus dedos em meus olhos, uma vez que ela passa por mim, então não vou cobiçar sua bunda. Um inferno. Casar-se com alguém por quem você tem tesão é um inferno.

— Alguém mais quer chá? — Ela pergunta, deixando nossa mesa de brunch ao ar livre para trás e abrindo a porta da casa.

— Por favor — diz Bennett. — Eu ajudo. — De pé, ele empilha o resto dos pratos e talheres e a segue.

— Deixe a louça para mim — Parker grita por cima do ombro.

— Eu estava planejando isso — Bennett fala.

Rooney ri, o som desaparecendo conforme ela e Bennett entram na casa.

Parker mexe nas flores que arrumou em um vaso, as quais tenho quase certeza de que ele cortou do chalé, depois limpa as migalhas da mesa. Seu olhar desliza em minha direção.

— Tudo bem, amigo?

Respirando fundo e lentamente, tenho visualizado afundar meu corpo, centímetro a centímetro, no lago no auge do inverno. Agora que meu pau não está mais em perigo de estourar meu zíper, deixo cair minhas mãos e olho para o

céu. Droga. O tempo ainda está perfeito para uma caminhada.

— Estou bem — digo a ele.

— Ainda planejando o–

— Sim.

Parker acena com a cabeça, olhando para Skyler onde ela dorme ao lado dele em uma cadeira dobrável, enrolada em um cobertor da minha casa.

— Eu acho que é um belo gesto.

Eu me recosto e puxo meu colarinho, respirando fundo.

— Só por hoje.

Conhecendo-me bem o suficiente para sentir quando estou no meu limite, Parker se recosta na cadeira e observa Skyler dormir, deixando o silêncio ter seu lugar por alguns minutos. O som baixo de Bennett e Rooney fazendo chá dentro de casa sopra em nossa direção. Skyler se contorce em seu sono e sorri.

Finalmente, ele quebra o silêncio.

— Posso dizer algo?

Eu gemo.

— Você vai dizer de qualquer maneira.

— Acho que ela está um pouco... leve agora.

Eu franzo a testa para ele.

— Como você poderia deduzir do pouco tempo que passou com ela?

— Porque eu reconheço. Eu já passei por isso. Eu sinto isso. E ouça, talvez eu esteja muito enganado. Mas eu só quero dizer, mantenha seu plano se quiser, mantenha essa relação platônica e de negócios, mas... pelo menos tente ser um amigo para ela enquanto ela estiver aqui.

— Essa é a última coisa que vou ser para ela.

— Você é tão teimoso — diz ele, olhando para Rooney e Bennett enquanto eles voltam da casa, carregando bandejas de xícaras de chá e alguns acessórios, uma chaleira fumegante e um prato de biscoitos sem glúten.

— Confie em mim — digo a ele. — É o melhor.

— Besteira — diz ele através de seu sorriso enquanto os dois se juntam a nós na mesa.

Ainda estou carrancudo para ele quando Rooney chama meu nome.

— Chá preto? — ela pergunta. — E sem açúcar, certo?

Eu concordo.

Ela serve suavemente enquanto Bennett prepara a próxima xícara, perguntando o que Parker quer. É uma sensação estranha sentar ao lado dela, tomando chá com meus amigos. Por mais estranho que tenha sido sentar à mesa e sentir que talvez ela não se importasse que eu estivesse tão quieto enquanto comíamos. O que provavelmente está totalmente errado. Ela é extremamente graciosa. Tenho certeza de que ela está apenas tolerando minha reticência.

Seus dedos roçam os meus enquanto ela desliza a xícara em minha direção, tirando-me dos meus pensamentos.

— Obrigado — digo a ela.

Ela sorri, depois se volta para Bennett e Parker, colocando biscoitos nos pratos para eles. A conversa deles preenche meu silêncio. Eu bebo meu chá e os vejo falar tão facilmente, como se eles se conhecessem há anos.

Só quando eles se levantam, Parker e Bennett agindo como se realmente fossem entrar na minha casa e lavar a louça por mim, é que encontro minha voz.

— Vão para casa porra — digo a eles, apontando para a caminhonete. — Vocês já fizeram o suficiente.

Parker revira os olhos.

— Ok. — Ele pega uma Skyler adormecida, que mal pôde dormir na noite passada, de tão animada com o casamento.

Bennett dá um abraço de despedida em Rooney e pisca para mim.

— Vou editar essas fotos quando estivermos em casa e, em seguida, as envio para você.

Eu concordo.

— Obrigado, B.

— Obrigada por *tudo* — diz Rooney, aceitando o abraço de adeus de Parker também, seu olhar demorando em Skyler adormecida em seus braços. Eu vejo sua expressão ficar tensa por um momento, então suavizar.

E então ficamos lado a lado, observando meus amigos irem.

— Bem — ela diz com um suspiro enquanto a caminhonete deles desaparece no caminho.

Eu coloco minhas mãos nos bolsos porque elas estão tremendo.

— Bem.

Ela olha para mim.

— Tudo certo?

— Uhum. — Limpo minha garganta, olhando para o chão e remexendo o solo com a bota. — Eu pensei que talvez… — Eu limpo minha garganta novamente quando minha voz falha como se eu fosse um adolescente chiando. — Talvez pudéssemos fazer uma caminhada mais tarde.

Uma batida de silêncio.

— Uma caminhada?

— Nada muito técnico. Apenas... relaxante, com uma bela vista no final.

Ela enfia uma mecha de cabelo solta atrás da orelha.

— Eu iria gostar.

— Excelente. — O alívio passa por mim. — Vou limpar a cozinha, deixar você ter uma tarde tranquila, então talvez possamos sair na hora do jantar. Isto é, se você estiver com vontade.

— Tudo bem por mim, sim. Obrigada... Obrigada por perguntar.

Eu concordo.

— Bom. Eu só... — Eu aponto para a casa. — A louça. Vou lá lavar.

— Eu ajudo.

— Rooney–

— Você prometeu — diz ela, caminhando à minha frente. — Você prometeu que me deixaria ajudar hoje.

Derrotado, eu abro a porta e seguro para ela. Exceto que o cachorro salta em nossa direção e entra primeiro. Eu fico olhando para ele.

Ele entrou. Ele *nunca* quis entrar.

Ele gane e olha para Rooney, seus grandes olhos castanhos fixos nela.

Rooney cruza a soleira, então se agacha na frente dele, passando as mãos por seu corpo em carinhos lentos e constantes.

— Você é um amor — ela sussurra para ele, massageando afetuosamente em torno de suas orelhas. O cachorro fecha os olhos e balança sonhadoramente.

Bastardo sortudo.

— Ele tem permissão para entrar? — Ela pergunta, enquanto ele começa a vagar.

— Pode deixar — Eu o vejo cheirar tudo, com as orelhas em pé. Ele olha da cama para mim. — Não exagera — digo a ele.

Ele corre em minha direção e lambe minha mão. Ainda não consigo processar que ele está confortável dentro da casa. Mas então eu o vejo trotar atrás de Rooney até a cozinha, os olhos fixos nela, e entendo. Ele é doido por ela. Claro que ele é.

Enquanto Rooney acaricia o cachorro, coloco água e sabão na pia. Após alguns minutos esfregando, eu a sinto se endireitar e dar um passo à minha direita. Ela começa a enxaguar os pratos e depois a secá-los. O cachorro ronca no tapete atrás de nós.

Então ele solta um peido, fazendo Rooney bufar de tanto rir.

— Repensando a decisão de deixar ele ficar? — Eu pergunto, olhando por cima do meu ombro para ele. Ele chuta em seu sono e peida novamente.

— Nem um pouco — ela diz, gentilmente pegando o prato da minha mão. Seus dedos roçam os meus e o calor sobe pelo meu braço, inundando meu corpo. — Não é culpa dele ter gases. Acho que Skyler o alimentou com metade de seus ovos.

O silêncio se instala entre nós e, embora eu desejasse saber como preenchê-lo pelo bem de Rooney, nunca fui de conversa fiada. Não sei o que dizer e não tenho energia para isso. E ainda assim, quando eu ocasionalmente olho de relance para ela enquanto lavamos os pratos, Rooney parece contente – ela tem um pequeno sorriso em seu rosto enquanto trabalha.

Somente quando a água está escorrendo pelo ralo e ela colocou a toalha úmida sobre o ombro, ela quebra o silêncio.

— Ax — ela diz baixinho. Pegando seu chá meio batizado, ela toma e diz: — Hoje... quando você segurou minha mão, quando me beijou–

— Sinto muito — eu deixo escapar. A humilhação passa por mim, deixando minhas bochechas quentes. — Eu não... Quer dizer, eu não estava…

As palavras evaporam na minha língua.

Eu sabia que eu tinha entendido errado. Bem, eu agarrei a mão dela, porque nem fodendo ela tocaria os dedos infestados de germes de Lloyd depois que ele, de forma anti-higiênica, urinou na floresta. Mas beijá-la... era um risco. Acho as pessoas difíceis de ler, mas todo o corpo de Rooney era um retrato de nervosismo. Membros trêmulos, pele pálida, seu lábio pressionado tão duramente entre os dentes que eu estava preocupado que iria tirar sangue, e eu não podia deixar isso acontecer, então eu a beijei. Eu a beijei porque esperava que, como dar as mãos, ajudasse.

E eu esperava que nunca mais falássemos sobre isso, que, se ela tivesse odiado, ela seria graciosa como sempre e não me contasse.

Mas aqui está ela, prestes a soltar a bomba.

Rooney inclina a cabeça, me examinando. Eu me viro para que ela não possa ver meu rosto, pegando o que sobrou do chá, que está frio e salobro. Eu bebo mesmo assim.

Encostada no balcão, ela embala a caneca nas mãos, mergulhando o saquinho de chá dentro e fora.

— Eu ia agradecer. Eu sei que não estava na descrição do trabalho de hoje, mas ajudou.

Eu congelo, atordoado.

— Ajudou?

— Por que você parece tão surpreso? Não foi por isso que você fez isso?

— Sim — eu admito lentamente. — Estou apenas... surpreso que tenha funcionado.

— Funcionou — ela diz por trás da caneca.

A satisfação flui através de mim, rara e pacífica.

— Bem... que bom.

— Foi muito ousado da sua parte, no entanto.

Minha cabeça vira em sua direção. Ela está sorrindo. Ela está me *provocando* .

— Suponho que sim — Bebo meu chá e dou de ombros. — Porém, eu te devia um beijo não solicitado, não é?

Seu arfar ecoa na cozinha. Em um movimento suave, ela puxa o pano de prato úmido de seu ombro e o chicoteia em minha direção, batendo-me no estômago.

— É tão difícil para você ser um cavalheiro.

— Eu nunca disse que era um cavalheiro.

Ela revira os olhos.

— Como você chama um homem que sempre abre a minha porta do carro e insiste em dormir em uma *barraca* enquanto eu tomo a casa dele?

— Um homem que foi criado por Elin e Alexander Bergman.

Rooney ri.

— Tá bom. Ok. Você não é um cavalheiro, Axel Bergman. Você é um patife de coração frio.

A sensação profunda e estranha de riso chega em meu peito e ressoa. Animando-se com o barulho que estamos fazendo, o cachorro acorda de seu cochilo. Então ele rola de costas, a língua para fora. Rooney estende uma longa perna e esfrega suavemente a barriga dele com o pé com meia.

— Você realmente me deve um pedido de desculpas — diz ela.

Eu paro com minha caneca a meio caminho da minha boca, não tenho certeza se ela ainda está brincando ou não.

— Pelo que?

Ela beberica um gole de seu chá e sorri para si mesma.

— Por fazer dele um beijo tão *bom.*

— Eu sinto muito.

— Espero que sinta mesmo — ela diz afetadamente. — Da próxima vez – se um beijo for necessário por qualquer motivo – certifique-se de que seja absolutamente terrível.

Eu olho para ela e vejo um sorriso fraco e secreto brincando em seus lábios. Com os quadris contra o balcão, uma pia entre nós, levanto minha caneca em uma saudação.

— Vou fazer o meu melhor.

9

ROONEY

Música da Playlist: “You and I” - Wilco

MÃOS NOS BOLSOS, JOELHOS BALANÇANDO DE NERVOSISMO, espero do lado de fora da casa de Axel, olhando para o céu enquanto um pássaro voa em círculos em grandes e constantes batidas de asas.

Um galho estala e eu me viro em direção ao som.

Axel está na clareira, parecendo tão perfeitamente lindo em seu habitat que me deixa um pouco sem fôlego. Alto, as costas retas, cabelo bagunçado pelo vento, escuro como chocolate derretido. Ele está de volta aos jeans surrados e botas sujas, uma camisa de flanela xadrez macia e desbotada, com alguns botões abertos. A expressão perpétua de carranca é mais severa, com aquela sombra das cinco horas fazendo uma aparição e–

Ah, *nem fodendo.*

— Você usa óculos? — Eu pergunto com voz rouca.

Suas mãos vão para as armações, como se ele nem tivesse certeza de que estão lá.

— Uh. Sim.

— Eu nunca vi você usá-los antes.

— As lentes estavam me incomodando — diz ele.

Molduras finas, sua estampa é de um redemoinho de café e creme que realça a rica cor chocolate de seu cabelo e cílios, as pequenas manchas de caramelo em seus olhos verdes. Ele é estonteante.

Mal engolindo um gemido embaraçoso de desejo, eu puxo meu gorro com mais força na minha cabeça, quando o que eu realmente quero fazer é arrastá-lo sobre o meu rosto

e esconder o rubor que aquece minhas bochechas. Meu marido totalmente platônico (ou seja, totalmente fora dos limites) passou de perigosamente gostoso para sexo ambulante de óculos.

Universo cruel, cruel.

Fechando os olhos, respiro profundamente e, quando os abro, me sentindo um pouco menos exausta, vejo Axel olhando para minha mão. Eu sigo seu olhar. E então eu coro novamente.

Ainda estou usando minha aliança. Meu olhar se fixa em sua mão, e meu estômago dá uma cambalhota estranha.

Ele ainda está usando sua aliança.

E a mão que o usa está bem aberta, como um punho que ele simplesmente abriu e flexionou. Ele olha para baixo e fecha os punhos com força, os olhos na aliança.

— Eu, uh… — Ele limpa a garganta. — Eu acabei de perceber que ainda estou usando a minha também. É estranhamente... confortável.

Eu rio baixinho, olhando para a faixa lisa de ouro branco.

— Eu também. Quero dizer... poderíamos simplesmente usá-las,por segurança – autenticidade, no caso. Especialmente com a chegada da equipe – não que eu esteja querendo dizer que todos os trabalhadores da construção são nojentos, a maioria deles não é, mas sempre há algumas maçãs podres, e eu não me importaria de exibir o sinal universal de "indisponivel", então não precisaria me preocupar em ser cantada. Não que eu esteja dizendo que sou cantada o tempo todo ou que serei por eles–

Eu ofego por ar depois dessa monstruosidade verbal, me forçando a parar.

Que desastre. Eu não divaguei nervosamente assim há anos.

Axel esfrega os nós dos dedos contra a boca e, observar ele fazer isso, sua aliança de casamento brilhando enquanto sua mão esquerda passa pelos lábios, faz coisas estranhas na boca do meu estômago. Coisas boas e estranhas.

— Estou de acordo com isso — ele finalmente diz.

— Excelente! — Eu digo a ele. — Ótimo. Ok.

— Pronta?

— Aham. Totalmente. Nasci pronta.

Ele se vira e começa a andar, ajustando a bolsa grande nas costas.

— Qual é a do equipamento? — Eu pergunto, aumentando meu passo para alcançá-lo.

— É uma surpresa — diz ele.

Eu ajusto a bolsa menor nas minhas costas e olho para ele, curiosa.

— Uma surpresa?

Ele concorda.

Axel tem uma surpresa para mim. Ele planejou uma caminhada para nós. *Por quê*?

— Axel?

Diminuindo a velocidade até parar, ele olha na minha direção, mas mantém os olhos baixos.

— Sim?

— Por que estamos fazendo isso?

O silêncio paira no ar, exceto pelo som do vento na água próxima. Axel esfrega a nuca e ajusta os óculos.

— Não é todo dia que você se casa. Mesmo que seja por... razões não tradicionais.

Assim como quando ele segurou minha mão, quando me beijou, quando perguntou como eu estava durante as fotos, é inesperadamente doce. Uma risada suave salta de mim.

— Justo.

Satisfeito, Axel se vira e começa a andar novamente.

— Me sinto mal por não ter uma surpresa para você. — digo a ele. — Se eu soubesse que celebraríamos nosso casamento não tradicional, teria planejado algo para nós.

Axel aponta à frente, onde um pequeno tronco de árvore obstrui o caminho. Eu pulo sobre ele.

— Você fez mais do que o suficiente. Graças a você, salvar a casa é possível. Isso é tudo que preciso. Diga-me se estiver indo muito rápido. — acrescenta.

Eu franzo a testa para ele.

— Não se preocupe comigo. Estou um pouco abatida ultimamente, mas não sou frágil.

— Eu… — ele hesita, levantando um galho que eu quase esbarrei. — Só estou tentando ser atencioso. Tenho um tendência a perder a noção de quando estou me movendo muito rápido para outras pessoas, o que não é difícil, considerando o tamanho do meu passo.

— Oh. Certo. — Limpo minha garganta nervosamente. — Então... para onde estamos indo?

Ele lança um olhar na minha direção, os óculos deixando seus olhares de lado duas vezes mais sexys. Rude, óculos. Muito rude.

— Você estuda direito em Stanford — ele diz uniformemente — e não sabe o significado da palavra *surpresa*? Os padrões de admissão estão caindo.

— Ah, ha-ha-ha! Muito engraçado.

Sua boca se contorce como se ele estivesse prestes a sorrir, mas sua expressão volta a ser séria antes mesmo de eu ter certeza do que aconteceu.

— Eu não sabia que nosso *destino* era uma surpresa também, espertinho.

— É — ele diz. — Cuidado.

Pulo uma pequena vala bem a tempo de não torcer o tornozelo.

— Achei que você tivesse dito que a caminhada não seria muito técnica.

Ele encolhe os ombros.

— Eu acho que é, se você for um novato.

— Axel Bergman. Se eu não te conhecesse mais, pensaria que você estava *tentando* me irritar.

Outra contração da boca. Vou arrancar um sorriso dele!

— Eu estava respondendo à sua pergunta — diz ele. Então, depois de um momento — e talvez provocando você um pouco.

— Muito coisa de marido.

Ele balança a cabeça.

— Não do jeito que eu cresci. Meu pai sabe o que é bom para ele.

— Eu com certeza já vi seu pai provocar sua mãe.

Ax aponta para um caminho menor, fora da trilha principal, e lidera o caminho.

— Verdade. Mas ele sabe das provocações que ela gosta e até onde pode ir, e nunca vai além disso.

Eu sorrio.

— Seus pais são tão fofos. Você percebe que eles ainda estão muito apaixonados.

— É sufocante. — diz ele. — Eu já peguei eles se beijando muitas vezes.

— Bem, quero dizer, mais cinco de você tiveram que acontecer de alguma forma–

— Já chega — diz ele, tapando as orelhas com as mãos e franzindo o nariz.

Eu gargalhei.

— Entendo. Mas também acho muito fofo. Meus pais não eram… — Eu mordo o resto da minha frase e olho ao redor, lutando para mudar de assunto. — Então, estamos subindo. Vamos ver o pôr do sol?

Axel olha na minha direção, seu olhar dançando no meu rosto, então para o céu.

— Por que você mudou de assunto?

— A coisa mais educada a fazer seria continuar com a mudança de assunto.

— Não é realmente minha praia — ele diz. — Educação. Eu sou péssimo nisso. Como quando eu pedi para você me dizer se eu estava indo rápido demais e de alguma forma eu dei a entender que você era frágil.

Eu mordo meu lábio.

— Ops. Isso foi minha culpa. Eu sinto muito.

— Me compense. Diga-me o que você ia dizer. — Ele sai do caminho rapidamente, quebra uma vara comprida na coxa e me entrega metade dela. — Deve ser um tamanho bom.

— Eu… o quê?

Ele coloca a bengala ao meu lado e envolve minha mão em torno dela.

— O pau. Vá em frente.

— O quê, com a vara ou a conversa?

— Ambos — diz ele, usando a outra metade do bastão para si e gentilmente me empurrando para frente.

À medida que avançamos no caminho, testo a bengala, gostando de como ela afunda no chão e me dá força.

— Meus pais simplesmente não eram assim.

— Assim como? — ele diz.

Eu fico olhando para o chão, concentrando-me em meus passos.

— Apaixonados. Pelo menos não por muito tempo.

Eu o ouço vacilar atrás de mim, então olho por cima do meu ombro. Ele franze a testa para o chão. Caminhamos em silêncio por um tempo, Axel nos apontando em uma nova direção, a trilha ficando cada vez mais alta.

— Não sei o que dizer — admite.

— Às vezes não há nada a ser dito. Está tudo bem.

Ele olha na minha direção, nossos olhos se encontrando muito brevemente, antes de olhar para a frente.

— Você pode falar mais sobre isso — diz ele. — Se você quiser. Eu vou escutar.

Um nó se forma na minha garganta e eu mantenho meus olhos à frente.

— Não há muito a dizer. Eles se divorciaram quando fui para a faculdade. Aparentemente, eles pensaram que era importante ficar juntos por mim durante o ensino médio, pensando que eu não percebia o quão infelizes eles estavam antes disso. Agora minha mãe passa a maior parte do ano na Itália porque ama o clima e Paolo, seu segundo marido. Meu pai passa a maior parte do tempo trabalhando porque é isso que ele ama. Meus pais também me amam, é claro, e eu os amo, e eles estão mais felizes agora que se divorciaram, mas simplesmente não somos próximos, como uma família – opa!

A mão de Axel dispara, agarrando-me pelo braço, como se soubesse que eu tropeçaria na pedra à minha frente. Meu corpo balança e imediatamente se endireita com a firmeza de seu aperto.

— Tudo bem? — Ele pergunta.

Eu aceno, me afogando em vergonha tanto por eu ter tropeçado e por ter acabado de dizer a ele tudo isso.

Por que estou abrindo meu coração assim? Talvez seja a proximidade que vem de nossa parceria improvável, todo

esse trabalho que compartilhamos para fazer o casamento acontecer. Talvez seja a simples intensidade de tê-lo tão perto, ter mais atenção e conversa do que nunca. Talvez sejam esses malditos óculos.

— O que foi? — ele diz, percebendo que estou olhando para ele.

Eu olho para longe, com as bochechas vermelhas.

— Com os óculos, você tem uma vibe de lenhador estudioso. Está mexendo comigo.

— Um lenhador estudioso? — Ele franze o nariz. Puta merda, ele é fofo quando franze o nariz. — O que?

Tento empurrá-lo para longe, mas ele habilmente me contorna, me fazendo cair. Mais uma vez, sua mão dispara, pegando meu cotovelo e me fazendo girar de volta para o caminho.

— Mais como um *ninja* estudioso — ele diz, antes de me soltar.

— Você tem reflexos impressionantes. Com sua altura e esses reflexos no campo de futebol, você devia jogar como goleiro. Estou certa?

— Sempre preferi a defesa, mas sim, minha grande história do futebol começa como lateral direito e termina sendo arrastado para o gol.

— Você ainda joga?

— Não agora que o chalé está caindo ao meu redor, mas em outros momento, sim. Apenas por recreação. Você?

— Muito ocupada. Espero voltar assim que as aulas acabarem.

Apontando para a frente, ele diz:

— Quase lá.

Eu sigo sua direção, onde as árvores se estreitam e o sol da tarde goteja um tom tangerina e dourado pelo chão. A visão me faz parar no meio do caminho.

— Isso é... uau.

Axel está ao meu lado, absorvendo, os olhos no horizonte.

— É o meu lugar favorito.

Eu olho para ele enquanto ele olha para mim. E eu me lembro daquele beijo da cerimônia, me lembro um pouco bem demais. A cientista em mim quer testar beijar Axel de novo e de novo. Para ver se foi algo pontual ou se cada beijo seu realmente vai me deixar com os joelhos fracos.

Mas mesmo que isso aconteça, e daí? O que vou fazer, criar o hábito de beijar o homem com quem casei até voltar para casa?

Nem eu sou tão boa em compartimentalizar. O beijo durante a cerimônia foi uma coisa – um gesto doce e comovente da parte dele que eu nunca esperei. Especialmente quando, até muito recentemente, eu teria jurado que ele nem me achava atraente. Você tem que estar pelo menos um pouco atraído por alguém para beijá-lo assim, não é?

Não importa. Não é isso. Esse beijo vai ter que ser o suficiente.

— Rooney?

— Huh?

Sua boca se levanta um pouquinho no canto enquanto ele desvia o olhar, os olhos no sol poente.

— Com fome? — ele pergunta.

Eu fico olhando para ele, cabelos e cílios escuros despenteados, a linha longa de seu nariz, a barba por fazer

que não consigo parar de imaginar arranhando minhas coxas.

— Faminta.

— BEM, AX, SE VOCÊ DECIDIR DESISTIR DA PINTURA, acho que sua vocação são tábuas de charcutaria vegetarianas e sem glúten. — Esfregando minha barriga cheia em círculos suaves, eu fico olhando para o pôr do sol, um céu exuberante de ameixa, pêssego e rosa-claro.

— Talvez eu tenha que desistir — ele murmura.

Ajustando minha bolsa, que estou usando como travesseiro, olho para ele. Mãos atrás da cabeça, olhos no horizonte, ele parece profundamente sério.

— O que aconteceu? — Eu pergunto. — Com a pintura?

Ele não me responde imediatamente. Observo suas engrenagens girarem, a maneira como sua mandíbula se move antes de ele dizer:

— Não consigo pintar o mesmo que costumava.

— Isso é ruim? — Eu pergunto. — Não é natural que a estética de um artista evolua?

Ele limpa a garganta, ainda observando o pôr do sol.

— Sim. No entanto, o que *posso* pintar agora não é para o público.

— O que você quer dizer?

Ele suspira.

— E eu pensei que Skyler fazia muitas perguntas.

Eu me apoio em meu cotovelo e jogo uma folha nele, mas ele nem pisca em minha direção.

— Sou uma alma curiosa — digo a ele.

— Bom, você vai ter que ficar curiosa sobre esse assunto, então.

— Tudo bem. — Eu caio de costas novamente e olho para o horizonte. — De nada, a propósito.

Axel me olha de lado, muito sexy, através dos óculos.

— Pelo que?

— Eu comi muito. Te fiz um favor e fiz esse sacrifício para que você não tivesse que carregar toda aquela comida de piquenique de volta morro abaixo. Agora está na minha barriga, em vez de nas suas costas.

A boca de Axel se contorce em outro sorriso interrompido. Seu olhar se fixa na minha boca.

— Estou feliz que você gostou.

O calor se espalha por mim, quente e abundante como a luz do sol enfraquecendo banhando tudo o que os olhos podem ver.

— Demais.

Ele engole asperamente, seus olhos escurecendo. Mas então ele volta a olhar para o horizonte.

— Por que este é o seu lugar favorito? — Eu pergunto.

— Melhor vista do nascer e do pôr do sol. Minhas horas favoritas do dia.

— Aposto que você adora pintá-los.

O vento aumenta, bagunçando ainda mais seu cabelo.

— Não.

— Não? Como assim não?

— Nunca pintei um nascer do sol ou um pôr do sol.

— Por quê? — Eu pergunto, olhando para o pôr do sol também.

Depois de um longo silêncio, ele diz:

— Promete que não vai rir?

Eu me viro ligeiramente, de frente para ele.

— Claro.

— Eu nunca pintei um nascer do sol ou um pôr do sol porque... Não tenho certeza se posso fazer justiça a eles. Em ambas as horas do dia, a luz muda tão rapidamente que é absurdamente difícil. Tenho medo de não conseguir acertar e isso vai estragar tudo para mim, essa coisa que amo, que é tão linda que faz algo em mim… — Ele coloca a mão sobre o coração e esfrega. — Doer.

Eu fico olhando para ele, atordoada e inesperadamente comovida.

Perguntei a Axel sobre pintura e obtive uma resposta sobre *ele*. Sobre o quão profundamente ele sente, o quão duro ele é consigo mesmo.

— Eu acho que entendo — eu digo baixinho.

Axel olha na minha direção, nossos olhos fixos.

— Você entende?

— Quanto mais profundamente você ama, maior é o risco de decepção, mágoa e perda. Quanto mais você se importa, mais dor pode enfrentar. E, no entanto, espero que você não deixe que isso o impeça sempre. — digo a ele. — Medo de falhar, medo de não viver de acordo com os padrões que você impôs a si mesmo, que parecem altos para caramba. Porque... bem, você já considerou que a profundidade do sentimento pelo assunto é o motivo de você ser a melhor pessoa para pintá-lo?

Seu olhar foge novamente, de volta ao sol, apenas uma lasca de bronze remanescente. Está tudo quieto por tanto tempo que eu começo a me preocupar se o ofendi, fui longe demais, falei muito tempo. Eu inspiro e prendo o ar, o medo crescendo dentro de mim.

— Não — ele diz finalmente. — Eu não tinha considerado isso.

Sua resposta é breve, mas sinto que ele está simplesmente perdido em seus pensamentos, considerando o que eu disse.

Eu expiro, aliviada.

— Acho que se alguém pudesse fazer isso, Axel, pintar algo tão complexo e bonito, seria você.

— E se eu fizer terrivelmente? — ele pergunta.

— A arte é subjetiva. Você é o juiz dela, certo? É claro que você tem seus padrões, mas talvez acabe percebendo que eles precisam ser ajustados ou não eram razoáveis, para começo de conversa. Talvez você se esforce por meio de algumas tentativas ruins antes de fazer algo de que se orgulhe, e será tudo o que você queria. — Eu me aproximo com cuidado dele, tirando a folha que joguei em seu cabelo. — Talvez até mais.

E então eu percebo o quão perto estou, como de alguma forma, acabei quase me inclinando sobre ele.

— Você… — Axel engole asperamente. Seus olhos escurecem, fixos na minha boca.

— Eu...?

Ele se senta ereto de repente.

— Você se importa se voltarmos? Está escurecendo, e eu não quero que você torça algo na descida.

Minha boca se abre em ofensa.

— Torcer algo no na descida? Ouça, Bear Grylls, nem todos nós temos o terreno memorizado. — Tento dar um empurrão, mas, mais uma vez, ele habilmente se esquiva e se levanta, me deixando cair na grama. — Você deveria ser cavalheiresco e me pegar — eu o lembro, como uma estrela do mar no chão.

Ele balança a cabeça.

— Você nunca vai aprender.

— O que?

— Que eu não sou o tipo de pessoa com quem você conta para te pegar.

Meu estômago embrulha.

— Isso não é uma coisa muito gentil de se dizer sobre você mesmo.

— Gentil ou não, é verdade. — Ele empacota o último de nossos itens de piquenique, em seguida, coloca sua bolsa nas costas. — Vamos. Levanta.

De pé e encolhendo os ombros em minha própria mochila, faço o que sempre fiz. Coloco um sorriso e tento manter as coisas leves.

— Isso foi legal, Axel, obrigada.

Ele concorda.

— Na verdade. — Eu paro no caminho. — Tem mais uma coisa.

Nos últimos dias, desisti com sua insistência para que eu ficasse na sua casa enquanto ele continuava a penar em sua barraca. Mas isso não pode continuar pelo resto da minha estadia.

— Eu não estou confortável com você dormindo em uma barraca enquanto eu fico em sua casa. Eu não–

— Rooney, eu *gosto de* dormir do lado de fora. É confortável e tranquilo. Eu não sou um mártir — ele diz calmamente. — Confie em mim.

Tudo bem, ele não é um mártir, ele é apenas teimoso.

— Estou disposta a negociar — digo a ele. — Vou permitir que você durma na barraca–

— Você vai me *permitir*?

— Foi o que eu disse. Vou permitir que você durma dessa forma, *se* nós jantarmos juntos dentro de casa, então você ficará confortável durante a noite. Uma refeição quente e um banho em casa para você, não o que você tem feito até agora.

Ele massageia a ponte do nariz, por baixo dos óculos.

— Eu tenho um espaço para me lavar no meu estúdio.

— Sim, e imagino que seja para enxaguar tintas e limpar pincéis, não para o banho de um homem crescido e mais alto do que a média. Uma refeição adequada e um chuveiro interno adequado. Esses termos não são negociáveis.

Ele suspira cansado.

— Eu tinha que casar com uma advogada.

— Quase advogada — eu o lembro. — Sou naturalmente boa em argumentar. Um traço da família Sullivan.

Nossas sombras ficam mais longas à medida que caminhamos em silêncio por um momento.

— Tudo bem — ele resmunga.

— Excelente. A partir desta noite. Já jantamos, então quando voltarmos, você toma banho primeiro.

— Não. Os convidados vão primeiro.

— Se não — eu digo casualmente, ajustando minha bolsa enquanto ganhamos ímpeto em nossa descida pela trilha. — Sempre posso ir para um hotel para que você fique com sua cama. É tarde, mas o pior que pode acontecer é eu ficar a noite inteira no lounge até que um quarto fique disponível amanhã–

— Absolutamente não. — Ele me encara. — Você é…

— Incorrigível? — Eu ofereço, sorrindo docemente.

Ele murmura algo sob sua respiração, então marcha à frente na trilha. O resto da nossa caminhada passa em silêncio, mas não me importo. Ainda que meu marido esteja fora do alcance das minhas mãos, o mesmo não acontece com meus olhos. Eles estão desavergonhadamente secando a parte de trás dele.

Quando chegamos ao final da trilha na clareira ao redor de sua casa, Axel para abruptamente, fazendo-me tropeçar e me desviar dele por pouco.

Curiosa para saber o que o deteve, tento seguir sua linha de visão. Não consigo ver nada na quase escuridão, exceto o contorno tênue de sua barraca e, mais longe, a casinha.

— O que é? — Eu pergunto.

Com um suspiro sombrio, ele diz:

— Gambá.

10

ROONEY

Música da Playlist: – The Circle Married The Line – Feist

AXEL ENTRA NA CLAREIRA, em direção a sua barraca.

— Fique para trás — ele me diz.

Eu ignoro essa ordem e o sigo à distância enquanto ele procura pelo lugar. Quando o vento muda, sinto o cheiro de algo que não é particularmente forte, mas é definitivamente desagradável. É ruim o suficiente para beliscar meu nariz.

— Tem certeza de que é um gambá? — Eu pergunto, minha voz anasalada.

— Não — diz Axel, aproximando-se de sua barraca. — Eu acho que uma pequena fada das flores dançou por aqui e borrifou seu perfume de pétalas.

— Nota para si mesma: Axel é um idiota mal-humorado depois de um longo dia.

A repulsa pinta o rosto de Axel enquanto ele caminha pelos arredores de sua barraca.

— Nota para você mesma — diz ele. — Axel é *sempre* um idiota mal-humorado.

— Isso não é verdade — eu contraponho, ainda com a voz anasalada, seguindo-o. — Você foi muito não mal-humorado com Skyler quando ela elogiou suas panquecas e molho de amora durante o brunch, e você foi uma companhia agradável durante nosso picni... — Minha palavra morre com um suspiro seco. — Jesus Cristo — eu suspiro, virando-me e correndo em direção à casa, longe de onde o cheiro é pior.

Parada do lado de fora da porta, eu olho para a escuridão, esperando Axel ressurgir de onde quer que ele tenha vagado.

Finalmente ele se materializa nas sombras, parecendo desolado.

Eu tiro meus dedos do meu nariz e dou uma fungada experimental. O cheiro aqui não é tão ruim.

— O que foi? — Eu pergunto.

— Está na minha barraca.

Meus olhos se arregalam.

— *Na* sua barraca?

Ouve-se um farfalhar que assusta Axel. Aproveitando-se de seus movimentos ninja novamente, ele destranca a porta atrás de mim, me arrastando para dentro antes que eu pudesse gritar de surpresa.

A porta bate quando ele cai contra ela.

— Esses filhos da puta são aterrorizantes — diz ele.

— Os gambás são... violentos?

Ele me lança um olhar penetrante e se afasta da porta. Tirando a bolsa das costas, ele a deixa cair na mesa de jantar com um *baque*, depois vai até a cozinha.

— O cheiro deles é uma violência para o meu nariz.

Eu me viro, observando Axel abrir um armário acima da geladeira e puxar uma garrafa.

— O que é isso?

— É uma forma de lidar com isso. — Ele arranca a rolha da garrafa com os dentes, cospe-a e despeja uma porção pesada em uma caneca de vidro.

— Quer um pouco? — ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça, reprimindo um sorriso.

Ele capta minha expressão e congela, o copo a meio caminho de sua boca.

— Gambás não são motivo de riso, Rooney.

— Eu só nunca vi você tão nervoso.

— Aquele roedor fedorento — diz ele gesticulando com o copo — está rastejando em volta das minhas coisas, e, sabendo o quão sortudo eu sou, o maldito cachorro vai passar por aqui, irritá-lo e fazê-lo espirrar em toda as minhas merdas, e então tudo terá de ser substituído.

A culpa me bate.

— Ah. Eu não pensei nisso. Eu sinto muito.

Axel murmura sombriamente em seu copo antes de virar... tudo. Uau. Ok. E então ele se serve de outra dose.

— Harry ficará bem? — Eu pergunto.

Ele franze a testa.

— Quem diabos é Harry?

— O cachorro — digo a ele enquanto tiro minha mochila e me jogo na cama.

— Esse cachorro não tem nome.

— Ele tem, desde de ontem — digo a ele, tirando minhas botas e suspirando enquanto caio de volta no colchão. — Harry e eu decidimos durante um almoço de cachorro-quente vegetariano na fogueira – ele adora aqueles cachorros vegetarianos, aliás – que precisa de um nome e de alguém que o ame. Pelas próximas semanas, eu serei a garota dele.

— Absolutamente não — ele diz.

— Por que não?

— Quando você se for, ele terá expectativas sobre mim.

— Isso seria a pior coisa? — Eu pergunto.

— Sim. — Largando o copo de vidro, ele se vira e inclina os quadris contra o balcão, mostrando-me a largura de suas costas, que se estreita até sua cintura. Ele passa as duas mãos pelo cabelo e puxa. — Vá em frente e tome um banho — diz ele.

— Ok, mandão.

— Mandão e um idiota mal-humorado. Não apenas à noite. Não apenas depois de um longo dia. O tempo todo. Sem propaganda enganosa aqui.

Suspirando, me empurro para fora da cama.

— Tudo bem. Eu vou tomar banho. Mas aí você é o próximo.

— Todas as minhas roupas limpas estão na barraca nesse momento — diz ele. — Não há sentido.

Eu entro na cozinha e me encosto no balcão ao lado dele, perto, mas sem tocar.

— Eu tenho um short de pijama, que com as suas longas pernas ficaria muito bom.

A cabeça de Axel vira na minha direção. Sua boca se contrai.

— Isso não é engraçado.

— Eu sei. — Eu olho para ele e sorrio. — Mas só porque não é engraçado não significa que você não pode rir. Às vezes, rir é tudo que você pode fazer.

Ele olha para o copo.

— Qualquer coisa eu roubo aquele seu robe pendurado no banheiro.

Imagino meu robe de seda vermelha, que mantenho no banheiro para o caso de Axel estar dentro de casa e meu nudismo não fosse apreciado. Uma risada surpresa salta de mim.

— Viu? — Eu digo a ele. — Não foi tão difícil, foi?

AXEL CEDE AO BANHO depois de lembrar que tinha um par de jeans respingados de tinta e uma camiseta desbotada um pouco menos respingada de tinta em seu estúdio. Seu cabelo

está molhado e suas roupas grudadas em seu corpo longo e magro, me fazendo imaginar como ele fica quando está pintando, com a testa franzida, perdido em sua criatividade.

Sinto uma pontada de decepção, por saber que este pequeno vislumbre dele em seu habitat natural é tudo o que terei. Mal-humorada com isso, me aconchego mais na cama, aconchegando-me em calças de pijama e meu moletom da UCLA. Axel se senta na beira do colchão e espia pela janela, os olhos grudados no gambá que vagueia ao redor de sua barraca. Já se passaram horas e o animal se recusa a sair.

— Por que você simplesmente não dorme no sofá e desiste da vigília do gambá?

Axel não pisca, o olhar fixo do lado de fora.

— Então o gambá vence. — diz ele. — Pare de me tentar com promessas de sono, Margaret.

Eu bato nele com um travesseiro, fazendo-o grunhir.

— Shh — ele diz, sério. — O gambá.

— Meu primeiro nome é algo que você levará para o túmulo, Axel Bergman. Lamento o dia em que tive que compartilhar uma certidão de casamento com você.

— Eu não sei por que você está tão chateada com isso. Margaret é um nome bonito.

Seu humor é tão seco, eu não posso dizer se ele está me provocando, então eu o bato novamente, apenas para me certificar.

— Ei. — Ele pega o travesseiro e me dá um tapinha nas costas. — Pare com isso. Eu estava falando sério.

Eu coloco o travesseiro atrás da minha cabeça.

— Não combina comigo. Eles o escolheram porque era o nome da mãe do meu pai e é parecido com o nome da minha mãe – Margo. Mas não sou eu.

A boca de Axel se levanta levemente no canto, seu foco, de outra forma, ininterrupto.

— É um nome bonito. Mas simplesmente não combina. Você é uma Rooney.

Meu estômago embrulha. Gosto muito desse lado do Axel, aquele que brinca um pouco e fala mais, aquele que senta na cama e espera um gambá. Aquele que me beija e me leva para uma caminhada ao pôr do sol. E eu sei que ele vai embora pela manhã. Eu sei que as paredes vão subir e as coisas vão para seus devidos lugares, e eu percebo que vou perder esse pedaço de tempo quando ele me tratou como se eu não fosse apenas mais uma pessoa periférica em sua vida.

Depois de um período de silêncio que eu uso para cobiçar – não tão disfarçadamente – Axel com seus óculos de novo, ele diz:

— Por que Harry?

— O nome do cachorro é uma homenagem ao meu outro marido, o primeiro e único Harry Styles, é claro. Porque, assim como o ícone, aquele filhote me faz sorrir e se move no seu próprio ritmo.

Um músculo na mandíbula de Axel se contrai enquanto ele toma outro gole de uísque.

— Esse cara é superestimado.

— Tome cuidado com o que você fala. Harry Styles é um presente para a humanidade.

Axel encolhe os ombros. O silêncio cai entre nós.

Sentindo o sono começar a me incomodar, tomo minhas pílulas imunossupressoras diárias que tornam meus remédios de infusão mais eficazes e as engulo com um longo gole de água. Os comprimidos me deixam com náuseas, então eu os tomo um pouco antes de dormir, na esperança de desmaiar antes que o enjôo me atinja. Eu me enterro mais

profundamente sob os cobertores e pego a almofada de aquecimento elétrico que trouxe e com a qual sempre durmo.

Com os olhos ainda do lado de fora, ele diz:

— O estômago está doendo?

Faço uma pausa, a mão pairando sobre a almofada de aquecimento que alojei sob o meu moletom.

— Oh, hum... — Eu limpo minha garganta. — Você pode guardar um segredo?

— Acho que provei que posso.

— Então… eu tenho DII[1]. Colite ulcerativa[2].

Ele olha na minha direção, seus olhos não encontrando os meus na escuridão.

— Eu não sei o que é isso.

— Uma doença inflamatória intestinal. Termo sexy, eu sei. É uma doença autoimune que atinge meu intestino grosso.

Axel está quieto. Tento engolir o nervosismo que aperta minha garganta.

— Desculpe, se isso é desconfortável — eu murmuro. — Eu sei que problemas de estômago e coisas do banheiro não são uma conversa educada–

— Não estou desconfortável — diz ele. — Eu só… — Virando na cama, ele realmente abandona sua vigília do gambá para me encarar. — Isso parece sério.

— Bem, pode ser. A minha é muito bem administrada. Bom, começou a ser, depois que fiquei doente e fui diagnosticada no ensino médio. Mas recentemente saiu de controle novamente, que é uma das razões pelas quais estou

[1] DII (ou Doença Inflamatória Intestinal) é uma inflamação contínua da totalidade ou parte do trato digestivo.

[2] A colite ulcerativa é um tipo de doença inflamatória intestinal que atinge a camada interna que reveste o cólon e o reto. A inflamação causa dor abdominal, diarreia, muco e até sangue nas fezes, além de aumentar os riscos para câncer de cólon, a longo prazo. [Fonte: Pfizer]

aqui, morando em sua casa em vez de terminar a faculdade de direito.

Axel olha para as minhas mãos protetoramente apertadas sobre meu estômago, e então ele coloca sua mão sobre uma delas, passeando com ela. Estudando minha palma, ele desliza um dedo ao longo da minha linha da vida.

— Eu sinto muito.

— Está tudo bem — digo a ele em voz baixa, observando com perplexidade enquanto ele me toca desse jeito. Suavemente. Com ternura. — Era a decisão certa.

— Você não precisa dizer que está tudo bem — diz ele. — Dói, não é?

De muitas maneiras, quase admito.

Eu fico olhando para ele, a luz da lua traçando seu rosto, seus olhos na minha mão, que ele está... massageando. Ele está massageando minha mão. Talvez ele tenha bebido mais uísque enquanto eu estava no banho.

— Não é tão ruim — eu digo a ele.

O ar sopra de seu nariz.

— Vindo de você, isso significa que é excruciante.

— Às vezes — eu admito. — Mas agora não. É mais... como isso afeta tudo. Isso é parte do que está fodendo comigo. Estou tomando um novo medicamento que funciona, mas e se – não, *quando* – ele parar de funcionar e eu tiver que torcer para que outro remédio seja tão eficaz? É uma condição crônica – não vai a lugar nenhum e sempre terei. Como isso afetará minha capacidade de ter um trabalho no futuro? Lidar com os clientes, trabalhar em um caso, se estou com dor de estômago, sempre tendo que correr para o banheiro ou na cama com dor?

Axel fica imóvel. A massagem pára.

— Merda — eu murmuro, tentando puxar minha mão. — Desculpa. Minha boca às vezes vai falando sem parar e–

— Rooney. — Seu aperto na minha mão aumenta.

Eu paro de resistir e olho para ele.

— Sim?

Lentamente, ele coloca minha mão de volta antes de pegar a outra e massagear a segunda.

— Por favor, não coloque palavras na minha boca. Eu… — Engolindo lentamente, ele desliza o polegar na minha palma, fazendo-me arquear reflexivamente de prazer. — Às vezes, só preciso de tempo para dizer o que quero. É mais difícil quando as pessoas tiram suas próprias conclusões.

— Desculpe, — eu sussurro — eu fico nervosa quando falo sobre isso.

Ele concorda.

— Eu entendo. Mas comigo você não precisa.

Lágrimas picam meus olhos. É apenas um pouco de gentileza, mas é com uma parte tão sensível da minha vida, parece o abraço mais forte e o maior sorriso e o beijo mais doce. É bom ser aceita, não só através de palavras, mas também com demonstrações de que estou segura para ser não apenas a Rooney sorridente ou a Rooney feliz, mas a Rooney por inteiro. Até mesmo aquela que está doente para caralho às vezes.

Eu sorrio, esperando afastar as lágrimas ameaçadoras ao piscar, mas uma escorrega pela minha bochecha. Axel fica imóvel ao perceber isso. Então, com cuidado, ele estende a mão e remove a lágrima com o dedo. Sua mão embala minha mandíbula, as pontas dos dedos deslizando levemente sobre minha pele. Meus olhos vagueiam semicerrados em um prazer que é suave e gentil como a luz das estrelas.

Eu quero tanto me inclinar mais fundo no conforto de sua ternura. Eu quero que haja mais do que há. Mas tenho que lembrar o que somos, o que hoje foi – casados, mas não apaixonados, um beijo reconfortante, uma caminhada de piquenique para agradecer. Gestos de gratidão por ajudar Axel, nada mais. Mas, mesmo assim, quero mostrar-lhe *minha* gratidão. Por me fazer sentir segura. Aceita. Vista.

Minha mão desliza pelo edredom até sua perna, sobre sua coxa dura esticando sua calça jeans. Eu seguro minha mão lá, inclinando minha cabeça, inclinando-me em sua palma enquanto embala meu rosto. Com os olhos na minha boca, Axel se inclina mais perto, os dedos deslizando pelo meu cabelo. Eu me inclino mais perto também, nossas bocas a um sussurro de distância. Mas me contenho, sem querer repetir a história.

— Posso te beijar? — Eu pergunto.

Seus olhos escurecem, fixos na minha boca.

— Eu ia perguntar a mesma coisa.

Gentilmente, tiro seus óculos de seu nariz e os fecho antes de colocá-los cuidadosamente na mesa de cabeceira ao meu lado.

— Nós temos um pequeno problema.

— Que seria? — Ele diz asperamente.

— Você prometeu, que se outro beijo fosse necessário, você iria torná-lo terrível.

O ar o deixa, instável, enquanto ele se inclina mais perto.

— Não vou cumprir essa promessa.

Minha mão se acomoda em seu peito, e sua mão a envolve, segurando-a com força contra ele.

— Eu esperava que você dissesse isso.

E é quando ele me puxa para perto e sua boca encontra a minha, quente e terna e tão perfeita, que o ar fica preso na

minha garganta. É o tipo de beijo que eu nunca pensei que experimentaria. O tipo que cresce, quente e profundamente dentro de mim, então derrama e preenche todos os cantos do meu corpo. Do tipo que torna a necessidade de ar um aborrecimento e ter apenas duas mãos para sentir, uma frustração enlouquecedora.

Eu me dissolvo na cama, enquanto o corpo de Axel se estende ao lado do meu, longo e forte, seus braços me envolvendo enquanto ele me puxa para perto.

— Terrível? — Ele pergunta, respirando com dificuldade.

Afundo meus dedos em sua camisa e o puxo para mais perto.

— Horrível. Você deveria tentar novamente.

Eu o sinto hesitar por um momento.

— Você me diria se for realmente terrível? — Ele diz baixinho.

Encontrando seus olhos, eu afasto o cabelo que cai em sua testa.

— Eu diria, e não é. Eu prometo.

Sua boca roça a minha novamente, mais forte desta vez, mais insistente, profunda, deixando longos beijos enquanto sua mão envolve minha cintura.

— Não deveríamos fazer isso — diz ele.

— Provavelmente não — eu concordo, deslizando minha mão sobre suas costelas, sentindo a solidez de seu corpo, quente e forte ao meu lado. — Mas é o dia do nosso casamento. Eu digo que devemos nos dar um passe livre.

Ele geme quando mordo seu lábio inferior.

— Só essa noite.

— Só essa noite — eu sussurro enquanto ele me puxa para mais perto e alinha nossos corpos.

Inclinando a cabeça, ele encontra minha boca novamente, aninhando sua pélvis contra a minha. Eu sinto o cume duro de seu comprimento dentro de sua calça jeans e suspiro. Minha boca se abre e eu o provo – pasta de dente de menta e água fria, mas principalmente algo que é apenas Axel. Uma fome alucinante me queima.

Oh, isso é perigoso. Porque agora eu quero mais. Eu quero língua e dentes. Eu quero suas mãos segurando minha cintura, me balançando contra ele. Eu quero ele enchendo minhas mãos, me enchendo, seu peso me pressionando contra o colchão, a cabeceira batendo contra a parede no ritmo de nossos corpos.

Como se ele tivesse lido a volta perigosa dos meus pensamentos, Axel dá mais um beijo longo e suave em meus lábios, em seguida, se afasta.

— Por que você parou? — Eu sussurro, excitada demais para me preocupar com meu orgulho.

Ele se senta e volta a colocar os óculos. Gentilmente, ele tira meu cabelo do rosto, emaranhado em seus dedos. Mas ele não me responde. Ele apenas traça a ponta do dedo na minha testa, descendo pela minha têmpora, passando pela ponte do meu nariz até a minha outra têmpora, antes de seu toque deslizar ao longo da minha mandíbula, então minha boca. Então ele faz de novo, um circuito de calmaria que faz meus olhos se fecharem. Isso me faz afundar no travesseiro e sorrir sonhadoramente.

E quando abro os olhos, o mundo está ensolarado e brilhante, a cama vazia.

Exceto por um pequeno pedaço de papel no travesseiro ao meu lado. Apoiando-me em um cotovelo, arrasto o papel para mais perto. Um desenho. Um cachorro que se parece com Harry, o galgo, com um balão de fala. *"O gambá se foi.*

Sei que planejamos os carinhos, mas se você sabe o que é bom para você, mantenha distância de mim, já que fui eu quem assustou o gambá".

Como assinatura, há uma pequena impressão da pata desenhada, depois uma escrita bagunçada: *Harry*.

Eu sorrio para aquele papel, levando-o comigo enquanto saio da cama. E então o coloco com segurança na minha mala, esperando que não seja o último.

11

AXEL

Música da Playlist: “Sunflower, Vol. 6” - Harry Styles

DEPOIS DE TANTOS MOMENTOS DE MERDA me impulsionando para a fase mais surreal da minha vida adulta, estive esperando que algo desse errado nas últimas duas semanas. Mas eu tenho trabalhado com Bennett, Parker e a equipe, que estão se esforçando para caramba no chalé e nosso progresso é melhor do que o esperado.

Em suma, as coisas correram surpreendentemente bem.

Pelo menos, se eu não pensar muito sobre como me tornei escasso com Rooney. Como meu casamento, cumprir minha promessa tem sido, como disse Bennett, pela letra da lei, não o espírito. Nos últimos quatorze dias, eu dormi em minha barraca – o gambá, graças a Deus, não espirrou nela, apenas dizimou meu estoque de barras de granola – mas mantive minha promessa e tomei banho antes de dormir no banheiro de casa todas as noites. Eu tenho feito isso depois de ver a luz dela se apagar, para que a chance de falar fosse praticamente anulada? Sim. Sim, eu tenho.

Quanto ao jantar, tecnicamente compartilhei as refeições com ela também. Quando Bennett e Parker me deram a programação e vi que ia até as 20 horas, sugeri fornecer ao grupo um jantar simples, servido no café de Sarah no Shepard's, já que, com a herança, eu poderia pagar por isso. Se eu criasse uma refeição em grupo, não teria que sentar do outro lado da mesa com Rooney no silêncio da minha casa, suportando seu cheiro suave de flores da campina, observando-a suspirar e sorrir enquanto comia.

Então, todas as noites nas últimas duas semanas, eu montava meu prato e vagava por aí, procurando por alguma paz e sossego desesperadamente necessários depois de trabalhar com o barulho ininterrupto de ferramentas, equipamentos e comunicação por meio de gritos. Depois, me sentava por alguns minutos à mesa para receber o crédito por estar presente.

Rooney está sempre lá, do outro lado da mesa. Ela se senta ao lado de Skyler, compartilhando comida sem glúten e uma conversa animada privada sobre a qual tentei não ficar muito curioso.

Se Rooney se importa com a forma como eu quebrei as regras, ela não disse. O que é bom. Não – ótimo. Eu não *queria* que ela se importasse, que ligasse para o fato de que em vez de jantarmos apenas nós dois na casa, fosse um bando de pessoas barulhentas reunidas ao redor da mesa.

— Ah — Park diz quando eu volto da minha caminhada, sorrindo para mim enquanto se serve mais frango. — Que bom que você se juntou a nós.

— Guardei um lugar para você — diz Bennett, acrescentando salada ao prato.

Piscando para longe, parando de assistir Rooney, eu caio em uma cadeira vazia na mesa.

— E como estamos esta noite, Sr. Bergman? — Parker pergunta.

— Tudo bem — eu murmuro, roubando um pãozinho de uma cesta quando ela passa.

— Bem? — Bennett deixa cair a saladeira com um *baque.* — Estamos nos matando por conta da casa. Você sabe disso, certo? Tudo o que é crítico e urgente foi substituído, reparado ou está em andamento e estabilizado. Tivemos um

clima perfeito, sem atrasos com os materiais. Estamos dias adiantados…

— Hei! — Parker aponta uma garfada de frango para ele. — Não azare.

— *Tournesol*! — um dos caras chama. — Passe a água, por favor?

Rooney interrompe sua conversa com Skyler, então sorri para o cara enquanto ela lhe entrega a jarra de água. Eu o vejo sorrir de volta para ela e algo arrebenta, bem no centro do meu peito.

— Do que ele a chamou?

Bennett olha entre mim e o cara na ponta da mesa de Rooney. Coloquei um novo piso com ele, mas nem mesmo agora, consigo lembrar o nome dele. Lembro-me de seu leve sotaque francês, mas sou uma merda com nomes.

— Quem? Vic? — Bennett diz. — Ele a chama de *Tournesol*. Significa "girassol".

Minha mão envolve minha faca com tanta força que meus dedos latejam.

Parker pigarreia e se inclina na direção de Bennett.

— Caso você esteja se perguntando, Axel está bem. Ele não está sexualmente frustrado e definitivamente não está com ciúmes. Ele só se casou, está evitando e sendo celibatário com uma mulher que ele claramente deseja. Duas semanas já foram. Quantas mais faltam?

— Duas — eu murmuro. — Ela vai para casa no Dia de Ação de Graças. O apelido. Todo mundo a chama assim?

— Na equipe, sim. — Bennett encolhe os ombros. — Vic começou, e pegou. Ela para por lá todos os dias e passa o tempo com Skyler entre a hora que eu a busco na escola e quando jantamos, então os caras começaram a conhecê-la.

— O que?

— Sim — diz ele alegremente. — Você, convenientemente, nunca está por perto nessa hora.

Rooney ri de algo que Vic diz, um sorriso com todos os dentes à mostra e olhos brilhantes, e caramba, ele até ganha um vislumbre de suas covinhas – *ambas as* covinhas.

— Vamos — Parker se vira em sua cadeira e alcança a ilha da cozinha atrás dele e pega dois cupcakes sem glúten que Sarah enviou, então se vira e os coloca na minha frente — por que você não vai oferecer a Sky e Rooney um pouco de sobremesa?

Alimentado por aquela dor tortuosa e ardente sob minhas costelas, pego os cupcakes e caminho ao longo da mesa até onde Rooney e Skyler estão sentadas, as cabeças juntas, curvadas sobre um pedaço de papel.

— Isso faz sentido? — Rooney pergunta.

Skyler ergue os olhos para mim, depois de volta para o papel, que tem o que parece uma reação química anotada.

— Na verdade, não — ela diz.

Os ombros de Rooney caem.

— Droga. Estou tentando pensar em outra maneira de explicar isso.

— Explicar o quê? — Eu pergunto.

Rooney olha para cima, seu sorriso é menor do que eu gostaria quando nossos olhos se encontram. Ela volta a olhar para o papel.

— Skyler disse que fizeram um vulcão na escola com bicarbonato de sódio e vinagre hoje, e ela queria saber como isso aconteceu. Acabei de mostrar a ela a equação química para a reação entre o bicarbonato de sódio e o vinagre, uma solução diluída contendo ácido acético. Na verdade, são duas reações distintas, você sabia disso?

Ela aponta para a fórmula e continua.

— A primeira é a reação ácido-base, quando o vinagre e o bicarbonato de sódio se misturam. Os íons de hidrogênio no vinagre reagem com os íons de sódio e bicarbonato no bicarbonato de sódio e essa reação resulta em dois novos produtos químicos: ácido carbônico e acetato de sódio. E então a *segunda* reação é uma reação de decomposição, na verdade, que é um pouco diferente. O ácido carbônico que é o resultado da primeira reação se decompõe em água e gás de dióxido de carbono – daí as bolhas.

Nós a encaramos. Skyler balança a cabeça.

— O que você acabou de dizer?

Rooney estica o lábio em um beicinho adorável.

— Sinto muito, Skyler, não sei como explicar isso. É por isso que os professores são super estrelas. Eles não apenas aprendem o assunto, mas também como ensiná-lo a você.

Eu me agacho, puxo o papel para mais perto e pego a caneta. Rapidamente, esboço e rotulo as moléculas com seu símbolo periódico que Rooney usou – provavelmente não colocando-as com total precisão, mas arranjadas juntas com base em sua equação. Em seguida, deslizo o papel na direção de Rooney.

— Por que você não desenha setas para o que acontece na reação. Use uma caneta preta para a primeira reação, e — eu retiro outra caneta do meu bolso de trás — azul para a segunda.

Sky salta em sua cadeira, olhando para o desenho.

— Sim! Faz isso!

Rooney me olha com curiosidade. Quando ela tira a caneta da minha mão, seus dedos roçam os meus. Ela morde o lábio e estreita os olhos para mim.

— O que? — Eu pergunto.

— Você tem muita coragem, passando aqui com uma sobremesa sem glúten e a solução perfeita para o meu problema.

Ela está me provocando. Eu acho que gosto quando ela me provoca, mesmo que eu geralmente não entenda no começo. Vale a pena vê-la me encarar de brincadeira e depois descobrir.

— Me desculpe.

— Perdoado — ela diz, girando em sua cadeira e fazendo um diagrama da reação. — Pronto, Sky. O diagrama ajuda? O que achamos?

Skyler morde seu bolinho e sorri.

— Entendi! Isto é tão legal. Vocês dois deveriam fazer um livro de ciências. Você escreve as palavras, Rooney. Tio Ax pode fazer os desenhos.

À medida que esse pensamento passa pela minha mente, um calor estranho e inquietante se derrama em meus membros.

Rooney sorri enquanto pega seu cupcake de onde eu o coloquei na mesa.

— Talvez em alguns dias façamos o tio Ax desenhar algum material de biologia. O que você acha, Ax? Organismos unicelulares?

— Por que não amanhã? — Skyler faz beicinho.

— Eu tenho que ir buscar um remédio amanhã — Rooney diz, antes de morder seu cupcake.

Meu olhar se volta para ela.

— Você está bem?

Ela acena com a cabeça e sorri novamente.

— Sim. Este é um medicamento que preciso uma vez a cada seis semanas, e está acabando. Liguei para o consultório do meu médico e os secretários são incríveis. Eles deram um

jeito de eu conseguir, e estou agendada para amanhã. — Dirigindo-se a Skyler, ela diz: — O remédio me deixa com muito sono depois, então provavelmente vou desmaiar e dormir durante o jantar. É o que fiz das outras vezes. Mas vamos continuar de onde paramos em breve, ok?

Skyler parece pensar sobre isso, dando outra mordida no cupcake.

— Eu acho que sim.

— Então você vai pegar seu remédio e depois voltar? — Eu pergunto a ela, ainda agachado entre elas.

Rooney mastiga sua boca, balançando a cabeça.

— Não, eu tomo o remédio lá, depois volto para casa – quero dizer, para cá.

— Eu vou te levar, então.

— O que? — Rooney pisca para mim. — Por que você faria isso?

— Você disse que te deixa cansada. Que você apaga depois. Prefiro que isso aconteça na minha cama em vez de na estrada.

— Axel — diz ela, revirando os olhos. — Eu estava exagerando sobre apagar. Eu consigo voltar.

— Estamos bastante afastados aqui. Para onde quer que você vá, é preciso dirigir um pouco.

Ela encolhe os ombros.

— Meia hora.

Meia hora. Como se não fosse nada, como se ela não fosse dirigir letárgica ao volante.

— Eu te levo. Diga-me quando.

— Mas vai demorar horas. Isso vai acabar com sua tarde inteira e te tirar de perto da casa. Você não tem que…

— Rooney. Deixe-me levá-la.

Suspirando, ela olha para Skyler.

— Tio Ax é mandão assim com você também?

— Sim — Skyler diz, mastigando seu cupcake. — Ele me faz ir para a cama na hora certa quando ele fica de babá.

Rooney ri e me diz:

— Tudo bem. Eu agradeço. Eu costumo ficar sonolenta logo depois, então talvez seja melhor assim.

— Bom. — Eu me levanto, minha mão ainda em sua cadeira. Aquela com minha aliança de casamento.

Apenas para manter todos longe dela. Não porque ela é minha ou algo assim. Não porque eu esteja me sentindo toxicamente territorial – bem, não *tão* toxicamente territorial – mas porque ela está aqui para descansar e relaxar e estar sozinha, não para ser provocada e cantada por um bando de caras bonitos e em forma, de sua idade, que trabalham na casa chamando-a de "*girassol*".

— Tio Ax! — Skyler grita, me arrastando de meus pensamentos.

— Sim, Sky.

— Pedi ao papai e ao BiBi um cachorro como o seu e eles disseram que não, mas disseram que eu posso ter um peixe.

Agachando de volta para ficar no nível dos olhos dela, pergunto:

— Como você vai chamá-lo?

— Rachel Carson — Skyler diz.

— Por que Rachel Carson?

Rooney sorri enquanto observa Skyler escorregar de sua cadeira e pular uma amarelinha imaginária pelo saguão.

— Rooney me contou sobre ela outro dia — Skyler explica — e então eu peguei alguns livros na biblioteca e ela é tão legal. Ela fez as pessoas se preocuparem por pulverizar veneno que supostamente matava as pragas, mas na verdade deixava pessoas, animais e plantas doentes. Você sabia que

esse é o tipo de advogada que Rooney deseja ser? — Ela se vira e diz dramaticamente: — Uma advogada de *explosão* química tóxica.

— Exposição? — Eu pergunto.

Rooney encolhe os ombros e sorri ainda mais.

— Acho que ela gostou da vibração de super-herói que "explosão" deu a ela.

Em seu próprio mundo, Skyler se joga de volta em sua cadeira e termina a última mordida em seu cupcake.

— Ela quer ajudar as pessoas que adoecem por causa de produtos químicos e dizer isso aos juízes e fazer com que as empresas cuidem melhor da Terra ao usar produtos químicos. E como ela estudou produtos químicos, ela pode fazer um bom trabalho. Eu também quero fazer isso. Quero estudar ciência e falar sobre ciência aos juízes, ajudar as pessoas e tornar o mundo livre de venenos.

Ela tem glacê no nariz e eu limpo.

— Você pode fazer o que quiser, Sky.

— Eu sei — ela diz alegremente.

Quando olho para Rooney, nossos olhos se encontram. Sua expressão é ilegível para mim, mas eu sei que não a reconheço – sobrancelha franzida, olhos suaves, sua boca inclinada em um sorriso fraco. Corando, ela se vira e brinca com a caneta que estava usando e depois com a embalagem do cupcake.

De pé novamente, pergunto a ela:

— Que horas você quer sair para o seu compromisso de amanhã?

— É ao meio-dia — ela diz. — Eu gostaria de sair às onze e quinze, só para garantir.

Eu concordo com a cabeça, e então, relutantemente, solto meu aperto em sua cadeira, dando um passo para trás.

— Axel? — ela diz baixinho.

— Sim?

Ela pega o resto de seu cupcake do papel e chupa um bocado de glacê de seu dedo.

— Obrigada por trazer a sobremesa.

Digo a mim mesmo que não vou olhar para aquela boca cheia enrolada em seu dedo. Eu não vou assistir seu dedo deixar seus lábios com um *pop* sensual.

No entanto, eu fico lá e me torturo até que todas as migalhas acabem.

Duas semanas já foram. Faltam mais duas.

— É AQUI — ela diz, apontando para a entrada. — Mas, falando sério, você não precisa entrar. Se você quiser apenas dar uma volta enquanto espera, estarei pronta às duas.

— Você não quer que eu vá?

Ela exala lentamente, mordendo o lábio.

— Quero dizer... eu não me importaria.

— Então eu irei. Mostre o caminho.

Eu a sigo, encontrando a parte menos ocupada da sala e me encostando na parede. Rooney preenche a papelada e depois me encontra, juntando-se a mim à minha direita.

— Você pode sentar — eu digo a ela. — Eu apenas prefiro ficar em pé.

Ela mexe os joelhos e balança a cabeça.

— Eu estou bem. Ajuda com o nervosismo, ficar de pé.

— Você está nervosa? — Ela acena com a cabeça. — Agulhas não são minhas favoritas.

Agulhas?

Um suor frio começa a brotar na minha pele.

— Que tipo de remédio é esse?

Rooney está alheia ao meu pânico, perdida em seu próprio desconforto.

— Uma infusão. É por isso que fico aqui por duas horas.

Ah *porra*. Duas horas sentado ali, vendo Rooney com uma agulha no braço. Eu tenho que sair daqui.

Eu poderia fazer uma ligação, fingir que houve alguma emergência no chalé. Rooney sorriria e seria gentil quando eu pedisse licença. Ela me diria que está tudo bem.

Mas enquanto eu a observo, olhando para o talk show na televisão, mas sem assisti-lo, com as mãos apertadas, punhos nervosos atrás das costas, eu sei que não vou embora. Olhos na televisão também, eu estico minha mão até meus dedos roçarem os dela.

A respiração de Rooney acelera. Ela pisca, então engole rapidamente, o olhar fixo na tela. E então, lentamente, seu punho se abre, as pontas dos dedos roçam nos meus, nossas mãos se enlaçam com força.

— Respire fundo — digo a ela, enquanto olhamos para a TV.

Ela acena com a cabeça.

Eu me inclino um pouco mais perto, meu nariz escovando seu cabelo.

— De verdade, respire fundo.

Ela ri nervosamente, depois respira lenta e profundamente e depois outra vez. Eu os levo com ela, dizendo a mim mesmo que isso não é tão ruim, que vou cuidar de tudo. Claro, não gosto que agulhas entrem em *mim* – e por "não gosto", quero dizer, "tenho muito medo" – mas em outra pessoa vai ficar tudo bem, aposto. Totalmente bem.

Quando seu nome é chamado, Rooney aperta minha mão e a solta, mas ela olha por cima do ombro enquanto começa

a andar, como se para ter certeza de que a estou seguindo. Eu aceno encorajadoramente, em seguida, seguro a porta para a enfermeira e ela enquanto fazemos o nosso caminho para fora da sala de espera.

Eu pego meu primeiro vislumbre de uma intravenosa de soro e sinto meus joelhos mudarem de estado sólido para líquido. Respirando profundamente, cerro minha mandíbula até meus dentes doerem e fecho minhas mãos em punhos, cravando meus dedos de forma que a dor é crescente. Concentro-me nessa sensação enquanto a enfermeira nos direciona para um nicho com uma cadeira reclinável na qual Rooney desliza com cuidado. Há outra cadeira ao lado dela, ao longo da parede, mas perto o suficiente para que eu possa segurar sua mão, se ela precisar.

Merda, talvez *eu* precise disso.

Enquanto Rooney responde às perguntas da enfermeira, assina papéis e bate papo, fico quieto, de olhos fechados, visualizando coisas felizes. Uma caminhada tranquila na floresta, a paz reconfortante de estar atrás de uma cachoeira, a última pintura que fiz e que amei.

Até que a mão de Rooney está segurando a minha e meus olhos se abrem.

— Ok? — A enfermeira diz, esfregando o polegar ao longo da veia de Rooney.

O mundo balança um pouco.

— Sim — Rooney diz alegremente, soando convincentemente bem, exceto que ela está quase quebrando minha mão, ela está apertando-a com tanta força.

— Uma bela respiração funda — encoraja a enfermeira.

Puxo o ar ao mesmo tempo que Rooney, olhando para qualquer lugar, exceto a agulha se aproximando de seu

braço. Estou bem. Está tudo bem. Eu fico bem Até Rooney se assustar com a dor e choramingar.

É quando o mundo fica preto.

12

ROONEY

Música da Playlist: “fever dream” - mxmtoon

— NUM MINUTO VOCÊ ESTÁ SEGURANDO MINHA MÃO — digo a Axel, sua cadeira reclinada parada ao lado da minha — respirando fundo comigo. No próximo, você está caído sobre a cama.

A enfermeira ri para si mesma e verifica a máquina que distribui meu remédio.

— Pobre rapaz. Espere até você ter bebês. Ele vai precisar de sua própria cama de hospital.

Axel ainda está pálido quando seguro sua mão. Ele dá uma olhada no meu braço e fecha os olhos novamente.

— Está acabando? — ele pergunta com a voz rouca.

— O que, querido? — a enfermeira pergunta. — A infusão? Ah, não, está apenas começando. Vamos cobrir com uma toalha para que você não veja. Isso deve ajudar.

Exalando lentamente pelo nariz, Axel aperta minha mão.

— Desculpa.

Algo perigosamente próximo ao feto cresce dentro de mim.

— Por que você está pedindo desculpas?

— Porque eu *desmaiei* — ele diz com firmeza.

— Você estava tentando me apoiar. — Eu fico olhando para ele, os lábios franzidos em uma carranca, a proeminência de seu pomo de Adão enquanto ele engole. — Significa muito que, mesmo que as agulhas te assustem, você ficou.

— Hm. — Ele aperta minha mão, a cabeça caindo para trás novamente.

— Tente não mencionar a palavra — sussurra a enfermeira, piscando para mim.

— Desculpe, Ax. — Eu esfrego meu polegar sobre sua mão em círculos, esperançosamente, calmantes. — Eu sou a pior.

— Não, você não é — ele diz. — Essa honra é reservada para gambás.

— Aqui está um pouco de suco para você. — A enfermeira coloca uma caixa de suco de maçã no braço de sua cadeira.

Axel agradece, mas ele não abre os olhos ou se move para pegá-lo. Sua pele ainda está branca como papel.

Pego a caixa de suco, furo com o canudo e levo aos lábios dele.

— Abra a boca.

Ele abre a boca e aceita o canudo, bebendo devagar.

— Quer que eu conte uma piada de ciências? — Eu pergunto.

Virando-se na minha direção, ele abre os olhos e olha diretamente para mim por um breve momento antes que aqueles detonadores de esmeralda desapareçam por trás de suas pálpebras.

— Claro.

— Uma pena. As piadas boas acabaram, só sobraram as estanhas. Entendeu? Estanho? — Eu solto uma risada e suspiro.

Axel balança a cabeça lentamente.

— Isso não é uma piada. Isso é um trocadilho digno do meu professor de ciências nerd da oitava série.

— Ei!. — Eu bato em sua boca com o canudo novamente, até que ele separe os lábios e beba mais. — Para sua

informação, eu *ia ser* uma professora de ciências nerd da oitava série.

Ele franze a testa.

— O que mudou?

Eu fico olhando para a caixa de suco, girando o canudo.

— É uma longa história.

— Eu tenho tempo.

Suspirando, eu dou uma olhada nele, mas seus olhos estão fechados, e se ele sente que estou olhando para ele, ele não deixa transparecer.

— Foi um monte de coisas. Em parte, minha personalidade – sou muito competitiva comigo mesma e sempre busco realizações. Em parte, minha vida familiar.

— Sua vida familiar?

— O casamento dos meus pais foi difícil. Muita tensão e discussões sibilantes na cozinha quando eles pensavam que eu estava estudando ou assistindo TV ou na cama. Uma noite, desci para encher meu copo de água e bem quando estava prestes a entrar na cozinha...

Minha garganta trava enquanto eu me lembro, uma memória tão visceral. Tenho treze anos de novo, aparelho doendo na boca, meu cabelo preso em um rabo de cavalo desordenado, todos os membros longos e esqueléticos que ainda não me acostumei. E eu enxergo exatamente como enxerguei há mais de uma década – minha mãe bem perto do rosto do meu pai, a dor em sua expressão.

Enquanto me retiro dessa memória e engulo o nó de lágrimas na minha garganta, fico mais grata do que nunca pelo jeito tranquilo de Axel, a paciência em seu silêncio. Ele não me empurra ou me pressiona. Ele apenas lentamente pega a caixa de suco de mim e une nossas mãos.

— Meus pais brigaram — digo a ele. — E eu ouvi coisas que não deveria. Eu fui uma gravidez não planejada de um caso que eles tiveram enquanto trabalhavam em um filme juntos.

Axel está quieto, mas está ouvindo. Eu sinto sua atenção, sua presença, enquanto ele me observa, seu polegar circulando suavemente minha palma.

Colando meu sorriso de "*estou bem*", explico:

— Depois que soube que fui um erro, quis provar que valia a pena. Eu pensei que, talvez se eu fizesse tudo certo, se eu obtivesse as melhores notas e as maiores pontuações, eles não me veriam dessa forma, e eles seriam mais felizes. Eles perceberiam que fizeram a escolha certa em me ter e se casar, então eles se apaixonariam novamente e nós finalmente seríamos uma família feliz e unida.

Eu encolho os ombros, piscando para o teto para que as lágrimas que estão embaçando minha visão não derramarem.

— Então eu me joguei nisso. E quando percebi que isso não ia acontecer, eu havia me formado como oradora da turma, tinha uma bolsa de estudos para atleta na graduação. E como minha família parecia estar se desintegrando, eu me fortaleci em minhas realizações. Me formei em bioquímica, estudei políticas públicas e entrei em Stanford para Direito. *Achei* que tinha descoberto uma carreira que seria significativa e não muito difícil para o meu corpo. E todo esse trabalho me rendeu uma mãe que mora na Itália, um pai que é casado com o trabalho e remédios de quimio para lidar com o preço que meu corpo pagou por todo o estresse. Eu sei que eles deram o melhor de si e sei que, à sua maneira, me amam. Mas às vezes as pessoas amam você e ainda não é o suficiente.

O silêncio ressoa no ar. Minhas bochechas esquentam enquanto processo tudo que disse, por quanto tempo falei. Tudo que tenho engarrafado por anos acabou de jorrar.

Axel ainda está quieto, franzindo a testa pensando. Ele aperta minha mão. E então, lentamente, ele me puxa para perto até que minha cabeça pousa em seu ombro.

— Você está longe de ser um erro — diz ele. — Você sabe disso, não é?

Eu aceno enquanto inspiro, o cheiro limpo e reconfortante de cedro e sálvia que aquece sua pele.

— Sim, eu sei.

— Bom. — Axel fecha os olhos novamente e pousa nossas mãos entrelaçadas sobre a barriga. Sinto os músculos rígidos sob sua camisa, sua respiração estável. Por um tempo, simplesmente ficamos sentados em silêncio, até a enfermeira chegar e verificar minha infusão.

Quando ela se afasta, desta vez deixando para trás um saco de pretzels sem glúten em nossos apoios de braço, Axel enfia a mão no bolso de trás e puxa um pequeno livro com uma mulher e um homem na capa com roupas da era da regência, envolvidos num abraço apertado.

— Lendo romance histórico? — Pergunto.

Axel abre o saco de pretzels e leva um à minha boca.

— É culpa do meu irmão. Viggo encheu minha biblioteca de duques rudes e corajosas leitoras.

Eu sorrio enquanto ele coloca um pretzel na minha língua.

— Você ia ler isso enquanto esperava por mim?

Ele concorda.

— Este é muito bom.

Eu me aninho em seu ombro e mastigo meu pretzel.

— Você poderia ler um pouco para mim. Se você quiser.

— Contanto que você prometa nunca dizer a Viggo que estou gostando deles.

— Eu prometo. Mas por quê?

— Porque se ele descobrir, ficará insuportavelmente presunçoso. — Pigarreando, Axel abre o livro, não onde está com as orelhas no meio, mas no início, antes de fazer uma pausa e me dar outro pretzel. — Agora, prepare-se. Tenho um sotaque inglês deslumbrante.

COMECEI A ME PERGUNTAR SE AXEL não é tão ranzinza, mas só demora para se acostumar. E eu tenho me perguntado se, uma vez que ele se acostuma com você, isso o assusta um pouco.

Porque a transformação do gigante silencioso com quem eu tinha um contato casual, no cara atencioso e cuidadoso com quem me casei e me uni por um celebrante chapado, que me levou para ver um pôr do sol de tirar o fôlego e que tem medo de agulhas, de volta ao homem sério e quieto que me leva para casa, são como noite e dia… E noite. É como se, assim que ele começou a se abrir para mim, ele se fechou.

Ele tem estado inacessível nas últimas duas semanas. Eu esperava por isso. Eu precisava de distância também. Eu não tinha nenhum direito de ceder aos meus pensamentos luxuriosos sobre ele e chegar muito perto de fazer alguma coisa sobre eles. E então eu não deveria estar tão chateada a ponto de ele se retirar novamente.

Mas eu sou uma trouxa pelo Axel que segurou minha mão e me manteve alimentada com pretzels sem glúten. Que leu um romance histórico com uma gama de vozes que me faziam rir tanto, que recebemos um olhar torto do posto de

enfermagem que nos fez pedir desculpas em uníssono e me deu aquele sentimento de nós-contra-o-mundo, como no dia do nosso casamento.

Isso me faz pensar no que deve custar para ser simplesmente sua amiga. *Apenas* uma amiga, é claro.

Mas é uma dança delicada com alguém que claramente tem suas reservas sobre a proximidade, que diz coisas como "Não sou alguém com quem você conta para te apoiar", que não dá um nome para um cachorro que claramente ama e é claramente dele, que não quer que o cão "tenha expectativas" nele. E então digo a mim mesma para não ficar desapontada enquanto ele nos leva de volta e o silêncio aumenta e a carranca volta.

Os olhos de Axel permanecem fixos na estrada, suas mãos mudando as marchas com fluidez. Eu afundo sonolentamente contra a janela, observando as gotas de chuva escorregarem pelo vidro, e tento não me sentir chateada.

Quando voltamos para a casinha, ele abre a minha porta do carro, fecha-a, destranca a porta da frente da casa, abre também. Eu me jogo na cama e jogo minha bolsa no chão. Agora estou muito apagada para ficar chateada.

— Sua aparência não é boa. — Axel está parado perto de mim, os braços cruzados sobre o peito. Franzindo a testa.

Eu sorrio para ele, sabendo que ele não quis dizer isso de uma forma rude. Ele é simplesmente direto e, de alguma forma, é cativante que ele esteja aberto o suficiente para simplesmente falar o que pensa.

— Eu sei. Vou ficar melhor depois de dormir.

— Você está bem, entretanto?

Ah, aí está aquela doçura, servida com um lado de carranca.

— Sim. — Eu caio de lado, me enrolando na cama.

A carranca se aprofunda.

— Bem. Eu preciso ir.

— Sim. Obrigada novamente.

Ele concorda. Abre sua boca. A fecha. Em seguida, sai.

Então a porta se abre novamente, e apenas sua cabeça volta para dentro.

— Ligue se precisar de alguma coisa.

Eu sorrio com sono.

— Eu ligo, Axel.

Com outro de seus acenos, ele fecha a porta, mais silencioso desta vez, os sons de seus passos diminuindo. Já sei que não devo dar ouvidos ao motor do Jeep. Em vez disso, ouço o latido amigável de Harry, o estalo de um galho sendo quebrado, antes que Axel jogue o galho com um assobio pelo ar para o cachorro perseguir. Ele vai caminhar até o chalé, o cachorro anda desajeitado ao lado dele. Ele anda sempre que pode.

Eu sei coisas assim sobre ele agora. E é estranhamente reconfortante. Também não é como deveria ser um casamento estratégico e um relacionamento platônico. O que é preocupante. Estou muito cansada para me preocupar com isso ou analisar agora.

Então, fecho os olhos, deixando o cansaço me arrastar para o sono. Assim que estou começando a adormecer, meu telefone toca. Grogue, inclino a tela para cima até poder ler.

Willa

Eu deslizo para desbloqueá-lo para atender a chamada.

— Ei você.

— Ei! Adivinha? Voltei mais cedo!

Meus olhos se arregalam de pânico, a adrenalina de repente me deixando bem acordada. O plano era fazer o

máximo de trabalho pesado no chalé enquanto Willa estivesse fora e poderíamos contar que ela e Ryder ficariam longe. Mas agora que ela voltou mais cedo, o que vou fazer? Dizer a ela que estou aqui e arriscar uma visita ou mentir para ela de novo?

Eu não posso. Eu não posso manter mais uma coisa entre nós. Não quando eu já estou escrevendo mentalmente a minha confissão de tudo que eu *já tenho* escondido dela.

— Rooney?

— Desculpe, isso é ótimo! Como foi tudo?

— Tão bom — ela diz. — Joguei bem, o material de imprensa e patrocínio não foi muito difícil, e uma apresentação foi adiada, então aqui estou! Você ainda está no chalé? Posso ir ver você?

Estou suando como um porco em uma churrascaria. O que eu digo?

— Uh, eu estou, sim. Mas–

Pense, Rooney! Pense!

— Mas? — Willa pergunta.

— Mas — A lâmpada acende sobre minha cabeça. — Axel disse que precisa... fazer algumas coisas aqui. Eu deveria sair do caminho. — E não é verdade? — Por que eu não vou até você?

— Tem certeza? — Willa pergunta. — Eu adoraria que você viesse, mas não quero fazer você dirigir até Tacoma.

— Você quer dizer que não *confia* em mim para dirigir até Tacoma.

Ela ri inquieta.

— Quero dizer, mais ou menos.

— Vou ficar bem — digo a ela. — É para isso que serve o Google Maps.

— Tem certeza?

— Absoluta.
Posso ouvir o sorriso em sua voz, quando ela diz:
— Então vamos fazer assim!

13

AXEL

Música da Playlist: “Ready To Let Go” - Cage The Elephant

ROONEY ESTÁ INDO PARA A CASA DE WILLA para uma visita de fim de semana prolongada, e não traz o alívio que pensei que traria. Coloquei a mala dela no Subaru de Bennett, que ele insistiu que ela pegasse porque Rooney devolveu seu carro alugado na semana passada, e ela não pode dirigir o câmbio manual do meu Jeep nem que sua vida dependesse disso. Então eu assisti ela programar o endereço de Willa em seu GPS e a fiz prometer ligar – sem tirar as mãos do volante – se ela se perdesse.

E desde que a vi desaparecer de vista, sinto uma dor no peito que parece uma indigestão do coração.

Eu não gosto nem um pouco.

Normalmente, eu pintaria, trabalharia o que quer que esteja acontecendo dentro de mim enquanto arrasto a cor pela tela no silêncio do meu estúdio. Infelizmente, só há uma coisa que eu pintaria se tentasse, e é a última coisa que deveria pintar. Então, planejo passar pelo chalé neste fim de semana e me distrair com tarefas que posso fazer sozinho, enquanto a equipe não está trabalhando.

O que significa que tenho dois dias inteiros de sossego pela frente, começando esta noite. A partir de hoje, não ficaremos até tarde da noite, agora que o trabalho urgente foi feito, então a equipe parou às cinco e todos foram embora, o que é um alívio profundo.

Exceto que isso significa que os jantares fora acabaram, e *isso* significa que quando Rooney estiver de volta, terei que engolir e compartilhar as refeições com ela. Por mais

tentador que seja, não adianta ficar preocupado agora sobre como vou sobreviver a seus gemidos e suspiros, as pontas de seu garfo e lambidas de dedo. Eu vou cruzar essa ponte do tesão quando chegar a hora.

Não, agora, vou saborear que vou, pela primeira vez, em longas duas semanas e meia, ficar sozinho. Assim que Parker der o fora daqui. Bennett saiu há algumas horas para buscar Skyler na escola, mas Park está andando por aí, verificando o progresso, fazendo anotações.

— Ax! — ele chama.

— Aqui fora.

Ele vai até a varanda, onde eu estive apreciando o pôr do sol, e fecha a porta atrás de nós.

— Bem? — Pergunto-lhe.

— Não vou falar muito porque sou supersticioso. — Ele bate na casa. — Mas nós estamos arrasando. Sua meta era terminar em meados de dezembro e estamos muito bem para isso. Eu *poderia* dizer que terminaríamos uma semana antes, se continuar assim, mas não tentarei os deuses da construção.

— Isso significa muito, Park. Você fez tudo em tão pouco tempo.

Bennett chega na caminhonete, a voz cantante de Skyler ecoando das janelas abertas. Ele pisca as luzes e buzina, só para foder com a gente.

Parker acena para eles.

— Ei, você contratou o melhor. Estou apenas fazendo meu trabalho.

Descemos juntos os degraus da varanda e ele caminha em direção à caminhonete.

— Por quanto tempo ela vai ficar fora?

— Quem?

— Ok, docinho, não banque o idiota. Você sabe de quem estou falando.

Eu engulo o que parece ser um carvão quente alojado na minha garganta. Ele queima todo o caminho.

— Quatro dias.

Parker sorri.

— Tempo o bastante.

— O que isso significa? — Eu pergunto.

Ele não responde. Não posso dizer que gosto do sabor do meu próprio remédio.

Depois que Parker pula para dentro da caminhonete, seguido por buzinadas rápidas, eles seguem o caminho. De pé na varanda, fecho os olhos e saboreio – a escuridão cada vez mais profunda além das minhas pálpebras fechadas, a solidão e o silêncio absolutos.

Finalmente.

Até que o ruído surdo de um novo motor corta o ar. Eu mantenho meus olhos fechados. Digo a mim mesmo que é um carro que deu a volta e virou na direção errada. A qualquer minuto, ouvirei os pneus rangendo enquanto fazem uma curva fechada em U, o som vai diminuir e tudo ficará bem.

No entanto, o som do motor fica mais alto. Em seguida, o *estalo* e o *baque* de uma porta de carro abrindo e fechando ecoam na clareira. Meus olhos se abrem, depois se arregalam em descrença.

— Oliver?

Meu irmão mais novo levanta uma mochila no ombro e caminha em minha direção enquanto seu Uber faz uma curva de três pontos e começa a descer o caminho. O cabelo loiro claro de Oliver está meio fora de um pequeno rabo de cavalo na nuca, e seus olhos azul-acinzentados, assim como

os da mamãe, estão avermelhados. Ele está horrível, o que é... incomum para ele. Ele é o menino de ouro, o último filho, brilhante no futebol, brilhante na escola. A vida segue o caminho de Oliver.

Ele também parece que cresceu sete centímetros desde a última vez que o vi. Com o que eles alimentam essas crianças na UCLA? Hormônios de crescimento humano?

— O que diabos você está fazendo aqui? — Eu pergunto.

Oliver tenta sorrir para mim, mas é mais uma careta. Ele pisca para afastar a umidade que brilha em seus olhos e funga.

— Eu... precisava de um lugar para ir.

— Um lugar para ir.

— Eu precisava não ir à faculdade por alguns dias.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Uh. — Ele engole em seco. — Eu realmente não quero falar sobre isso. Eu só quero curtir uma fossa.

— E isso fez você vir pra cá?

Enxugando o nariz na manga, ele encolhe os ombros.

— Sim. Você é a única pessoa na família com a qual sinto que posso ser infeliz.

— Obrigado?

Suspirando, ele solta o cabelo, depois o puxa para trás novamente.

— Eu só quis dizer que você deixa as pessoas serem como elas precisam ser. Todos os outros membros da família tentariam consertar, e não é algo que você possa consertar.

Eu fico olhando para ele, esse menino que está se transformando em homem, e sinto o puxão profundo de proteção. Algo que me faz respirar fundo e abrir os braços.

— Venha aqui.

Com dois passos à frente, Oliver se joga contra o meu peito, um único soluço saindo enquanto eu o seguro com força contra mim. Se eu estiver no controle de um abraço, não é muito desconfortável. É quando as mãos das pessoas vagam pelo meu corpo que faz minha pele arrepiar. Mas Ollie está muito desolado para me abraçar de volta. Ele apenas fica pendurado, solto em meus braços, chorando silenciosamente.

De repente, estou muito ciente do que mal se esconde debaixo da minha camisa – a corrente que coloquei que segura o anel de Rooney. É quando me lembro que ainda estou usando o meu também. Cuidadosamente, eu deslizo para fora, enquanto o seguro, e escondo dentro do meu punho. Vou colocar ele na corrente quando Oliver não estiver prestando atenção.

Suspirando, Oliver se afasta e enxuga os olhos.

— Obrigado — ele sussurra.

Empurrando minhas mãos nos bolsos, incluindo aquela com o anel, dou um passo para trás e aceno com a cabeça.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta ele, apontando para os equipamentos deixados pela propriedade, os sinais de trabalho.

O pânico rola através de mim, então rapidamente diminui. Ele não distingue uma serra de uma machadinha. Ele não terá ideia do que tudo está sendo feito ou quanto pode custar.

Eu encolho os ombros.

— Apenas alguns reparos enquanto é minha vez de ficar aqui.

Ele cora e esfrega a nuca.

— Sim, desculpa aparecer assim.

— Está tudo bem. Você pode ficar. Só que está tudo espalhado no chalé, então terá que ser na minha casa.

Ele geme.

— Temos que andar, não é?

— Não, pensei em voar de vassoura.

— Ha-ha-ha — ele murmura, trocando sua bolsa de ombro. — É tão coisa do nosso pai. Andar por toda parte quando você tem um veículo que funciona.

— Bem, então tire esses trinta segundos para descansar suas pernas cansadas antes da jornada brutal. Eu tenho que fechar aqui.

Depois de desligar as luzes e garantir que nada está errado, eu fecho o chalé. Oliver desce os degraus com um gemido, alinhando-se comigo e resmungando baixinho.

— Resmungue o quanto quiser, mas caminhar é bom para você — eu o lembro. — É um esclarecimento mental. E economiza combustível.

Outro gemido.

— Minhas pernas doem pelo treino desta manhã.

— Você disse que queria um lugar para ficar na fossa.

Ele bufa.

— Pelo menos você vai me alimentar. Você vai me alimentar com o jantar, não é? Estou morrendo de fome.

— Sim, Ollie. Vou fazer o jantar — digo para ele e para o cachorro que comecei a reconhecer a contragosto como sendo Harry, e que corre em nossa direção, latindo feliz.

Só queria paz e sossego.

E, no entanto, parece que sou grato por esses sons felizes ecoando pelas árvores enquanto caminhamos. Com a partida de Rooney, tudo já parece mais vazio, subjugado... *muito* quieto.

Eu me impeço de seguir adiante nesse caminho mental. É um beco sem saída e não adianta ir até lá. Ela se foi por apenas alguns dias, mas logo ela irá embora para sempre. Ela irá embora e a vida continuará sem ela.

Tem que continuar.

EU PREPARO UM JANTAR SIMPLES e Oliver come o suficiente para alimentar três adultos. Ele boceja quase constantemente, mas me ajuda a limpar, então desmaia na minha cama na diagonal. Membros compridos, cabelos desgrenhados e roncos de um jovem de 20 anos.

E mais uma vez não tenho onde dormir. Oliver pegou minha cama. Eu desmontei a barraca esta manhã quando Parker me deu permissão para ficar em segurança no quarto principal do primeiro andar no chalé, mas não posso ficar lá esta noite sem levantar as suspeitas de Oliver.

Não me importei em acampar nas últimas semanas, mas o quarto do primeiro andar do chalé parecia um upgrade inteligente, agora que está habitável e as temperaturas noturnas estão diminuindo. O lugar ainda está em péssimo estado; será apenas um colchão de ar no chão, mas pelo menos há um banheiro e um encanamento funcionando. Entrar furtivamente em minha casa tarde da noite para tomar banho e me preparar para dormir, tentando não notar Rooney apagada na minha cama, seu cabelo loiro espalhado como um respingo de sol sobre os travesseiros brancos como nuvem, fez coisas engraçadas dentro de mim. Me fez querer alisar o cabelo preso em sua bochecha, puxar o cobertor até o queixo.

Merda, não tenho que querer fazer nada.

Oliver ronca e murmura algo baixinho. Resignado a dormir no sofá, que é pelo menos longo o suficiente para mim, escovo os dentes, depois desmorono, meus sonhos cheios de Rooney. Rooney percorrendo o caminho com Harry, o cachorro. Rooney rindo, olhos semicerrados, sorriso brilhante e largo. Rooney se acomodando na minha cama. Nua. Ofegando meu nome–

— Acorda dorminhoco!

Eu coloco o canivete na posição vertical e quase bato minha cabeça na de Viggo.

— Que *porra é essa*. — Eu o empurro para longe. — Primeiro ele. Agora você? O que eu pareço, um maldito Airbnb?

Viggo se joga na outra extremidade do sofá, empurrando minhas pernas para fora do caminho até que sua bunda esteja apoiada em uma das almofadas.

— Uma parte profundamente reprimida de você claramente deseja visitantes. Por que mais manter uma chave sobressalente acima da porta? — Ele inclina a cabeça e me inspeciona, sorrindo brilhantemente. — Você é tão fofo de manhã.

Eu poderia matá-lo.

— Você está satanicamente alerta.

Ele ri e dá um tapinha na minha perna. Eu o chuto nas costas, fazendo-o cair de lado.

— Eu diria que senti sua falta — ele geme — mas eu não consigo respirar. Acho que você quebrou meu rim.

— Você só precisa de um deles — eu resmungo, me afundando sob o cobertor xadrez sob o qual dormi. Quero dormir como Oliver, que ronca, na mesma posição em que estava quando desmaiou ontem à noite.

— Viggo, o que você está fazendo aqui?

Levantando-se lentamente de novo, Viggo apoia os pés no sofá, bem na frente do meu rosto. Eu os derrubo.

— Ollie não atendeu o telefone — explica ele. — E ele sempre atende o telefone. Não consegui rastreá-lo por um tempo – duh, porque ele estava voando, mal eu sabia – o que me assustou, mas uma vez que voltou ao radar, juntei dois e dois e percebi que precisava vir dar apoio moral.

Eu franzo a testa para ele.

— Você rastreia o telefone de Oliver?

— Só em emergências. Ele faz isso comigo também. É consensual.

— Vocês dois são estranhos — murmuro.

Viggo alisa para trás seu cabelo castanho, exatamente do mesmo tom que o meu, e suspira profundamente.

— Eu também posso estar evitando a mamãe.

— Por quê?

Ele faz uma careta e fecha os olhos, escondendo as íris cinza-azuladas que mamãe deu a ele.

— Eu vacilei com um pedido enorme da confeitaria, para um de seus incontáveis eventos de arrecadação de fundos para caridade. Ela não estava… satisfeita.

Isso não é incomum. Viggo é a definição de disperso. Dezenas de interesses, cem talentos, nenhum dos quais ele parece se estabelecer. Enquanto eu tenho um – pintura. Seu carisma o salva quase sempre, mas mamãe é uma das poucas pessoas que não é encantada por ele.

Viggo olha na minha direção.

— Vá em frente. Me dê uma bronca.

— Prefiro que você me faça café. Você me acordou. É o mínimo que você pode fazer.

— Eu não bebo café, então não posso dizer que tenho certeza do que estou fazendo, mas…

— Esquece. — Jogo o cobertor para trás e me sento. — Não toque na minha cozinha.

Mergulhando no sofá vazio, Viggo toma meu lugar. Ele estende o cobertor sobre as pernas e, em seguida, coloca os braços atrás da cabeça.

— Vou tomar chá de menta.

Eu dou a ele um olhar mortal.

Ele sorri.

— Então, O. disse a você o que aconteceu?

Balanço a cabeça enquanto encho a chaleira com água e, a contragosto, coloco um sachê de chá de hortelã em uma caneca.

— Disse que não queria falar sobre isso. Jantamos, limpamos tudo e ele apagou.

Viggo me olha como se eu tivesse quatro cabeças.

— E você apenas... deixou por isso mesmo.

— Sim. — Eu adiciono café pré-moído na prensa francesa, respirando o aroma. Eu prefiro o gosto do grão moído fresco, mas não suporto o barulho que um moedor faz, então Sarah faz isso no Shepard's para mim todas as semanas quando eu faço compras.

— Axel — diz Viggo, cansado. — Quando Oliver diz que não quer falar sobre isso, significa que ele realmente quer falar sobre isso.

— Isso não faz sentido, porra.

— É por isso que vim. Eu sabia que você precisava de ajuda. Parece que você também precisa de ajuda no chalé. O que você está fazendo?

Eu congelo no ar com a chaleira fervendo. *Merda*.

Merda, merda, merda.

Viggo não é tão alheio quanto Oliver a essas coisas. Eu tenho que ter cuidado.

— Eu chamei Parker e Bennett para desenvolver alguns projetos comigo. Nada importante.

Está perigosamente quieto enquanto eu despejo água sobre o café e na caneca de Viggo. Aprendi, assim que ele aprendeu a engatinhar que, quando Viggo estava quieto, algo terrível estava acontecendo ou estava para acontecer, então me preparo para o que quer que venha a seguir.

— Entendo. — Ele se senta e se inclina para o lado, enfiando a mão no bolso de trás. Eu juro, se ele me empurrar mais um romance, eu vou…

Uma calcinha cor de pêssego se desenrola de sua mão.

— A propósito, encontrei isso no chão do banheiro.

Lentamente, solto a chaleira. Saio da cozinha. Tiro-a de suas mãos. E ponho a calcinha no bolso. Então eu volto para a cozinha e continuo a fazer café, desejando que meu rosto não esquente. Tenho a calcinha de Rooney queimando um buraco na minha calça de moletom, as pontas dos meus dedos queimadas pelo tecido macio.

Por fora, estou frio e calmo. Por dentro, sou uma bagunça fervente.

— Agora — diz Viggo, esticando-se no sofá novamente, um sorriso malicioso iluminando seu rosto. — Por que uma pessoa que usa uma cueca boxer como você tem uma calcinha chique em sua humilde morada, Sr. Solteirão Declarado?

— Solteiro. Não monge. — As melhores mentiras contêm o máximo de verdade possível.

Seu sorriso se alarga.

— Bem, fale sobre elas.

— Não.

— Por que não?

— Porque não é nada.

Seu sorriso se aperta.

— É *realmente* nada? Ou você está tentando se convencer de que não é nada? Não sendo sarcástico. Estou perguntando honestamente.

Não respondo porque, se o fizesse, teria que admitir algo que não quero: que com Rooney não parece nada. Parece *algo* – algo que não consigo entender.

— Ouça. — Viggo suspira. — Está tudo bem se não for nada. Eu sei que sou um pouco duro nas palestras sobre romance, mas não é para todo mundo, e eu respeito isso.

Aponto para a prateleira flutuante que Rooney quebrou e que eu consertei, a pilha organizada de romances alinhados ao longo dela em ordem alfabética.

— É mesmo?

Atravessando o espaço até o balcão que divide a sala principal e a cozinha, ele pega seu chá.

— Meu objetivo era *expor* você ao romance, não bater na sua cabeça com ele. E sinto muito se fui opressor. Como eu disse, sei que nem todo mundo quer romance, e isso é válido, só não quero que você se negue *se* esse desejo estiver em você.

O ronco de Oliver estala no ar, a pontuação em sua declaração.

Viggo me pergunta o que eu "desejo", se eu quero romance com alguém, como se fosse uma pergunta fácil de responder, mas para mim não é. Eu não *sei*.

— Ah. — Viggo toma seu chá e se inclina. — Talvez você não tenha certeza?

Bizarro leitor de mentes com suas malditas palavras de sentimento e romances. Eu pressiono a tampa da prensa e imagino que é algo delicado de sua anatomia sendo esmagada enquanto eu empurro.

— Você está imaginando pulverizar minhas bolas, não é? — ele pergunta.

Eu levanto uma sobrancelha, mas não digo nada. Essa é resposta suficiente.

Estremecendo, Viggo leva o chá para a mesa de jantar, colocando o espaço necessário entre nós. Ele bebe da caneca e estremece.

— Porra. Queimei minha língua. Apenas um lembrete antes de você continuar sonhando acordado sobre minha tortura, eu só quero que você seja feliz.

— Uhum. — Eu me sirvo de uma xícara de café, em seguida, sento na extremidade oposta da mesa. Tomando um gole, fecho os olhos e imagino que estou sozinho, que dormi pacificamente na minha cama e acordei com um sossego tranquilo, em vez dessa paisagem infernal de projetos de homem se infiltrando em minha casa.

Mas não consigo nem encontrar contentamento nesse devaneio. Porque aquela dor aguda e amarga lateja sob meu esterno novamente.

Porra. Acho que… sinto falta de Rooney?

Como? Como isso é possível se eu mal a vi nas últimas semanas? Como posso sentir falta de alguém de quem me esforcei para manter distância? Com quem evitei fazer qualquer coisa que me faria sentir mais perto dela, mais faminto por ela.

— Então — Viggo bebe seu chá novamente, em seguida, pousa sua caneca. — Nós encontramos uma barreira com conversa sobre romance. Vamos voltar atrás. Me fale sobre a calcinha cor de pêssego, ou quem quer que seja que deixou você com uma aparência miserável.

— Eu estou sempre miserável — eu estalo.

Viggo levanta as sobrancelhas, tamborila os dedos ao longo da mesa.

— Ooook.

Eu me escondo atrás da minha caneca de café e deixo o silêncio pairar entre nós. Viggo odeia o silêncio.

Suspirando, ele se empurra para fora da mesa e caminha em direção à prateleira flutuante que contém os romances que ele empurrou para mim. Tirando um da prateleira, ele folheia as páginas e, em seguida, fecha-o com um estalo.

— Por que você lê isso? — ele pergunta.

— Porque você enfia um na minha mala toda vez que vou para casa para uma visita?

Ele me lança um olhar perplexo.

— Axel. Fala sério.

— Sempre falo sério. É por isso que todos vocês me atormentam.

— Não esse tipo de sério. Não rabugento sério, sério genuíno. E sim, eu os coloquei na sua mala, mas não forcei você a lê-los. Você poderia tê-los usado como lenha, mas leu pelo menos alguns deles, a julgar por aquelas lombadas quebradas. Por quê?

Olhando para o meu café, eu inclino minha xícara de um lado para o outro, observando o líquido escuro deslizar e beijar a superfície de cerâmica.

— Porque fiquei curioso, eu acho. Não sou... contra o romance. Só não sei se fui feito para isso também.

Viggo fica estranhamente quieto por um momento. Ele se senta mais perto de mim e abana suavemente as páginas do livro, uma e outra vez.

— E depois de ler alguns desses? — ele pergunta. — O que você acha?

— Não tenho certeza. Eu não falo e ajo como as pessoas em seus livros.

Viggo pousa o livro.

— Ninguém faz isso. Esse é o ponto. Certas partes do romance histórico são altamente sem nexo – o mercado do casamento, as roupas, a etiqueta elaborada, a linguagem formal – e, no entanto, é isso que torna as histórias comoventes. Ler sobre pessoas que parecem, vivem e falam de maneira tão diferente de nós, mas lutam como nós contra seus demônios internos e forças externas, lutam pelo amor em suas amizades e famílias e pelas pessoas por quem se apaixonaram, nos lembra que não só o amor romântico, mas o amor familiar, platônico e sacrificial é universal, e o romance é atemporal, há uma história de amor para qualquer um que queira uma.

Como posso explicar o quão inseguro eu me sinto de que o amor romântico como aquele seja algo ao meu alcance, quando eu sinto que, mesmo com minha família, essa ponte para a proximidade é tão difícil de cruzar? Que durante toda a minha vida as pessoas foram difíceis de entender, de ter intimidade, de estar por perto por muito tempo antes que eu precisasse de espaço para respirar e quietude para pensar e espaço para me mover para que eu pudesse funcionar?

Como posso explicar que mesmo com as pessoas que amo, quando minha língua fica presa e não quero o barulho de um grupo turbulento ou do corpo de ninguém perto do meu, é tão complicado encontrar maneiras de mostrar a eles que os amo que eles possam reconhecer? Essa proximidade dá muito *trabalho* quando pareço ter muito mais limites e sensibilidades do que a maioria, quando parece que o que preciso faz com que os outros se sintam mantidos à distância?

Não tenho dúvidas de que sou capaz de amar – apenas aprendi que não o demonstro em uma linguagem que a maioria reconhece. E se eu não conseguir encontrar essa linguagem comum, a compreensão das pessoas que não têm escolha, *a não ser* me amar, que mais me conhecem e por mais tempo, que tipo de oportunidade que eu tenho de construir o amor romântico com alguém?

Eu sei que não estou quebrado ou morto. Mas eu sei que sou diferente. E descobrir como fazer minha diferença se encaixar neste mundo tem sido difícil, às vezes doloroso. Encontrei um lugar e uma forma de ser que faz a minha diferença segura, que me permite pintar e encontrar a paz na natureza, que me dá o sossego de que preciso e a beleza que alimenta a minha criatividade. É apenas uma existência profundamente solitária.

E sim, às vezes eu sinto um puxão de solidão, uma sensação de que minha vida é rica, mas poderia ser mais rica se outra pessoa estivesse lá, compartilhando comigo, mas este mundo que eu fiz, um onde eu não sinto constantemente as bordas dos meus limites, não é para a maioria, não é? E eu não posso mudar muito. Quem me quiser, terá que querer isso. Porque esta é a vida que é saudável para mim, que subjuga minha ansiedade e me deixa com reservas suficientes para amar meu pequeno círculo de família e amigos da melhor forma que puder.

Alguém poderia querer essa vida comigo? E se o fizessem, eu poderia correr esse risco e compartilhá-la com eles? Deixá-los entrar e reorganizá-la um pouco? Eu também poderia amá-los do jeito que eles precisam?

— Ax — Viggo cutuca.

Eu olho para ele.

— Desculpa. Só pensando.

Ele coloca o livro na mesa, olhando para mim com curiosidade.

— Eu vou dizer algo, então eu vou parar, prometo. Na minha humilde opinião, os romances não são apenas fugas épicamente sexys e sinceras – eles são pequenos retornos para *nós mesmos*.

— Não entendo.

Viggo chega mais perto, os cotovelos sobre a mesa.

— Lembra, quando Freya e Aiden estavam com problemas neste verão, e eu dei a Aiden um romance?

Eu concordo.

— Não fiz isso porque pensei que ele precisava de um livro para ensiná-lo a amar melhor sua esposa. Eu dei a ele um romance porque eles são um lugar seguro para aprofundar nossas emoções, as felizes e as difíceis. Para reconhecer e processar sentimentos complexos, às vezes difíceis, dentro de nós mesmos que o mundo diz aos homens, em todas as suas besteiras tóxicas e de gênero, que não temos obrigação de enfrentar e sentir, quando realmente sentimos. Como *humanos*, devemos conhecer nossos corações.

O que eu daria para conhecer meu próprio coração, para entender esse *sentimento* dolorido e que puxa dentro de mim sempre que Rooney está por perto, e agora que ela se foi. Mas não parece que os romances funcionam para mim da mesma forma que funcionam para Viggo ou Aiden ou outros.

Viggo fica quieto por um momento, depois é cuidadoso ao dizer:

— Só porque você experimenta suas emoções de maneira diferente das outras pessoas, Axel, não significa que essa experiência não seja válida ou que alguém não possa amá-lo por isso. Com a pessoa certa, o amor é possível para qualquer um de nós que o deseje.

Em seguida, ele desliza o livro que tinha em mãos na minha direção.

— Este aqui não tem marcas na lombada.

— Sim, me perdoe. Eu não sofri por *todos* eles ainda. Tenho estado um pouco ocupado.

Ele bate no livro.

— Esse é o que você deve ler.

— Por quê?

— Porque eu acho que este aqui tem um personagem com o qual você pode se identificar.

— Improvável. — Raramente me identifico com alguém.

— Ele tem interesses altamente específicos, é direto e pode, na verdade, ser mais emocionalmente constipado que você.

— Me dê isso. — Eu olho para a parte de trás do livro, examinando-o.

— Dê uma chance — diz Viggo. — Ler um livro é como abrir o coração para alguém. Você não saberá se vai se conectar até tentar.

Depois de ler a contracapa, coloco o livro de lado, inquieto. Não tenho tanta certeza se gosto da ideia de ler alguém com quem me identifico, afinal.

— *Agora*, você quer me falar sobre calcinhas cor de pêssego? — ele pergunta. — Porque eu vejo suas engrenagens girando. Você está pensando nela. — Ele bate no livro. — Pensando nisso.

— Não.

Ele geme alto, fazendo Oliver roncar e bufar em seu sono, então se jogar de costas.

— Vamos lá, cara. A negação não é uma forma de viver.

— Você poderia gentilmente usar sua boca para tomar aquele chá de hortelã que fiz para você e parar de falar logo?

— Você está pensando sobre isso, sobre *alguém*, e vou arrancar essa informação de você, Axel Jakob, nem que seja a última coisa que eu…

— Tem café da manhã? — Ollie pergunta do nada.

Viggo e eu pulamos de pé fora de nossas cadeiras.

— Jesus Cristo — Viggo se encaixa, a mão no coração. — O que há de errado com você? Você era um vampiro em outra vida?

Oliver está ao pé da cama, coçando a barriga.

— Nossa. Tudo que eu fiz foi sair da cama — ele murmura. Então ele pisca, esfregando os olhos. — O que V. está fazendo aqui?

— Eu segui sua trilha — Viggo diz a ele. — Você não atendeu minhas ligações. O que está acontecendo?

A expressão de Ollie se fecha.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Ok. — Vigggo levanta as mãos em sinal de rendição. — Não precisamos falar sobre isso. *Ainda*. Mas vamos conversar sobre isso. Sobre como você está faltando na faculdade e nos treinos da equipe agora, o que não é comum para você, é assustador.

— Eu não vou falar sobre isso — Oliver diz, olhando para a cozinha com esperança. — Mas vocês fariam eu me sentir melhor se algum *pannkakor* aparecer depois do meu banho.

— Você e seu estômago sem fundo — murmuro, levantando-me e levando minha caneca de café comigo. — Tome um banho. Você cheira a avião e comida de refeitório.

Viggo bufa.

— É para ele que você corre? Para os braços e palavras reconfortantes de Axel?

— A miséria adora companhia — digo a ele.

Oliver sorri na minha direção enquanto me observa pegar os ingredientes para as panquecas. Estou tentando desesperadamente não me lembrar do dia em que ensinei Rooney a fazê-las.

— Ele me abraçou ontem à noite — Oliver se regozija.

Viggo engasga e me lança um olhar magoado.

— Foram circunstâncias extenuantes — declaro, para deixar registrado, pegando a farinha.

— O que devo fazer para ganhar um abraço? — Viggo exige.

— Se você voar mil e seiscentos quilômetros e chegar à minha porta chorando, vou abraçá-lo, Viggo.

— *Tss*. Fácil. Já voei mil e seiscentos quilômetros até aqui. Agora eu só preciso de algumas lágrimas, o que é... — Ele pisca, funga um pouco, e quando você menos espera, seus olhos estão brilhando. — Olhe. Estou em prantos. Praticamente uma poça de lágrimas.

Eu jogo um pedaço de manteiga em sua cabeça.

— Levanta essa bunda daí e me ajude com essas panquecas.

14

ROONEY

Música da Playlist: “Cover Me In Sunshine” - P!nk & Willow Sage Hart

O NASCER DO SOL SE INCLINA NO HORIZONTE e derrama uma dúzia de tons brilhantes de laranja e amarelo. Olhando para as árvores, vejo o céu frio e azul brilhar mais forte contra uma renda de galhos quase nus, apenas com o que restou das folhas, que são iluminadas pelo sol e dançam ao vento como minúsculas línguas de fogo. Estou tentando muito não sentir falta de Axel e me lembrar dele contemplando o pôr do sol em nossa caminhada no dia do casamento. Estou tentando não pensar muito sobre o fato de que ele compartilhou seu lugar favorito comigo.

E então meu telefone vibra na mesa de centro. Eu pego e abro. Um sorriso surge em minhas bochechas enquanto leio a mensagem de Axel.

Obrigado por me dizer que você chegou em segurança. Desculpe por estar respondendo só agora. Oliver apareceu ontem à noite do nada (muito comum dele) e quando eu o alimentei, o que levou horas (também muito comum dele), e tive a chance de olhar meu telefone, era tão tarde, eu não queria arriscar te acordar.

— Merda — murmuro.

O que ele está fazendo aí? Eu digito. *Ele notou a construção?*

Felizmente, ele ignora completamente o trabalho de reforma, escreve Axe, *ou o que isso acarreta, então estou tranquilo. Quanto ao motivo de ele estar aqui, não tenho certeza. Seja o que for, acho que ele só precisava de uma pausa.*

Eu sorrio para minha tela quando uma nova mensagem dele chega: *A propósito, Harry disse oi.*

Há uma foto do cachorro, olhos castanhos arregalados, focinho virado para a lente da câmera. Mas o que faz meu coração girar no peito é que é uma selfie, o antebraço magro e musculoso de Axel enrolado nele. É só da boca para baixo que posso ver, mas bebo em cada detalhe. A sombra da barba que ele continua esquecendo de barbear porque literalmente parece trabalhar do nascer ao pôr do sol, até desabar naquela barraca. O longo estiramento de sua garganta e o vazio sombrio na parte inferior que eu definitivamente não fantasiei traçar com minha língua.

Toco o dedo na foto e seleciono a opção de salvar.

Diga oi para Harry, eu digito *e que sinto falta dele.*

Três pontos dançam imediatamente, e meu coração gira como um pião.

Harry disse que sente sua falta também.

— Cachorro fofinho.

Eu grito e deixo cair meu telefone como se fosse uma batata quente. Willa me lança um olhar curioso enquanto coloca meu chá na mesa de café, em seguida, se junta a mim no balanço da varanda que Ryder construiu.

— Obrigada — eu digo na minha melhor voz alegre.

— Você está bem? — ela pergunta.

Eu concordo.

— Sim. Totalmente. Absolutamente.

Willa procura meus olhos por um minuto antes de parecer decidir que estou apenas sendo um pouco estranha. Suspirando, ela coloca a cabeça no meu ombro enquanto olhamos para o nascer do sol de sua varanda protegida por tela.

— Estou tão feliz por você estar aqui — diz ela.

— Eu também — digo a ela. — Estou feliz por ter encontrado o lugar. Eventualmente.

Ela bufa, então toma um gole de café.

— Pobre mulher. Eu disse que estava feliz em ir até você, mas você é tão teimosa.

— É preciso ser uma para reconhecer a outra.

Brindamos as canecas e eu tomo meu chá, sentindo falta do café, mas sabendo que, quando meu estômago dá um ataque, café é a última coisa de que preciso. Aquela garrafa de vinho e a comida inesperadamente apimentada que comemos ontem à noite, além da minha ansiedade sobre confessar tudo para Willa sobre a minha doença, faz meu estômago ter espasmos desconfortáveis.

— Rooney? — Willa diz, colocando a mão no meu joelho. — Para onde sua mente foi?

Eu encontro seus olhos, grandes e castanhos, cintilando com pequenas manchas de ouro e âmbar. Suas ondas selvagens estão em um coque bagunçado em sua cabeça, e quando ela sorri para mim, sinto uma onda de ternura por minha melhor amiga, a coisa mais próxima de uma irmã que eu um dia terei. Estou com tanto medo de que ela se machuque com essa confissão, mas esperar só vai piorar as coisas. É hora de aceitar e ser honesta.

— Eu tenho algo para te dizer.

Willa inclina a cabeça. Ela aperta meu joelho, depois o solta, segurando sua caneca de café com as duas mãos.

— Estou ouvindo.

— Em primeiro lugar, quero que saiba o quanto lamento por ter escondido isso de você. Eu não queria, mas não sabia como ser a amiga que queria ser e dizer a verdade.

Sua testa franze em confusão.

— Rooney, do que você está falando?

Eu engulo o nó na garganta e forço as palavras a saírem.

— Você sabe como nós somos. Temos esse amor de *Gilmore Girls*, Lorelai e Rory. Eu, fazendo malabarismos demais, com pais complicados, embora bem-intencionados. Você, detonando para conquistar seus sonhos e abrindo seu próprio caminho. Nos apoiamos fortemente uma na outra e comemos porcaria juntas e falamos muito e nos abraçamos como se fôssemos crianças em vez de mulheres adultas, imprudentes e de esmagar de ossos.

Willa acena com a cabeça.

— Eu sei. E eu te amo por isso.

Eu também aceno e pisco para afastar as lágrimas.

— E eu... queria te proteger. Não queria preocupá-la quando sua mãe estava tão doente, quando você já carregava tanto. Você não precisava de outra pessoa que você amava pesando em sua mente, não quando isso não iria evoluir. Porque isso com o que estou lidando está aqui para ficar. É crônico.

— Rooney. — Ela agarra minha mão e aperta suavemente. — O que é?

Explico a doença, como fui diagnosticada no início do ensino médio e, na época em que estávamos na faculdade, eu estava em remissão clínica. Conto a ela como os remédios estavam agindo e como meus piores sintomas não estavam presentes, então arrisquei.

— Pensei que ou continuaria assim — explico — e seguiria o que disse a você, que era que eu tinha um estômago sensível, ou ficaria mais doente e contaria porque eu teria que contar a essa altura. Tive alguns episódios menores, mas passei por eles como se eu fosse para casa e passasse alguns dias com meus pais. Eu realmente sinto muito por ter escondido de você, mas espero que você

entenda que eu só estava tentando não adicionar outro fardo à sua vida, a menos que fosse absolutamente necessário.

Willa abre a boca, mas eu continuo.

— Além disso, não é realmente um grande problema. Quero dizer, muitas pessoas – mais de 130 milhões, na verdade – vivem com doenças crônicas apenas nos Estados Unidos. Você sabia disso? Quer dizer, mais de *quarenta por cento* dos americanos são cronicamente doentes. Não é o ideal, mas estou honestamente bem. Estou bem–

— Rooney. — Willa me corta e aperta minha mão. — Respire fundo.

Eu respiro.

— Eu quero te abraçar muito forte — ela diz, piscando para conter as lágrimas. — Mas eu sinto que não deveria estar espremendo a merda para fora de você se você não está se sentindo tão bem.

— Provavelmente não. A menos que você queira arriscar literalmente apertar a merda para fora de mim.

Há uma longa pausa. Então, a primeira explosão de risada de Willa, brilhante e alta.

— Ah meu Deus. Eu sou a pior.

— Ria, idiota! Na verdade, meu *cu* é o idiota.

— Rooney! — ela grita, rindo ainda mais. Nós duas estamos rindo agora, e o som está cheio de lágrimas também – a gargalhada que compartilhamos muitas vezes desde que nos conhecemos no primeiro ano. E esse é o melhor tipo de amizade, não é? Amizade que permite que o riso e as lágrimas se dêem as mãos, onde a dor e a gratidão podem ser amigas, não inimigas.

O sol sobe mais alto além do horizonte, e um novo raio de luz chega até nós. Conforme nossa risada desaparece, a

expressão de Willa fica séria. Ela coloca as mãos em cada lado do meu rosto e diz:

— Gostaria que você não tivesse escondido isso de mim. Mas eu te amo tanto, e sei que tudo que você queria era me proteger quando... — Ela engole e pisca para afastar as lágrimas. — Quando minha vida estava desmoronando.

Eu concordo.

— Eu não queria que você se preocupasse. Antes. Agora. Nunca. Por favor, não, Willa. Estou bem…

— Você não *tem* que estar — ela diz com firmeza. — Você não precisa estar "bem" para estarmos bem, Rooney. Você pode passar por momentos difíceis e sentir dor, assim como abriu espaço para mim por anos.

Eu limpo meus olhos enquanto as lágrimas transbordam.

— Eu só não quero que você se preocupe.

— Eu vou — ela diz suavemente, segurando meu olhar. — E tudo bem também. Você não é responsável pelos meus sentimentos. Eu posso me preocupar com você porque eu te amo. E devo dizer que esses últimos anos de terapia me ajudaram mais do que só com a dor e as merdas da infância. Eles me ajudaram a lidar com todos os tipos de desafios que surgem quando tento ter relacionamentos saudáveis. Lidar com minha preocupação com minha melhor amiga apenas foi adicionado a essa lista, e isso é uma coisa *boa*.

Eu penduro minha cabeça e respiro fundo.

— Você está me fazendo sentir que *eu* preciso de terapia.

— Ah, você precisa. — Willa diz enquanto se senta. — Todo mundo precisa. A terapia deveria ser tão comum quanto exames médicos anuais e limpezas dentárias regulares. Como você *não* faz terapia? Foi você quem me convenceu a ir.

— Ugh. — Eu coloco minha caneca na minha barriga, apreciando o conforto do calor que escoa através da minha camisa. — Eu continuo dizendo a mim mesma que eu vou. Mas eu estive tão ocupada com a faculdade de direito, e antes disso era o futebol e a graduação. Sempre tive uma desculpa para evitá-la. Porque se eu for, terei que falar sobre Margo. E Jack. E minha infância disfuncional. E eu realmente não quero. Eu sei que isso precisa acontecer, no entanto.

Willa bebe seu café e acena com a cabeça.

— Os pais são complicados. Acredite em mim, eu sei que não é divertido falar sobre essa merda. Tive que trabalhar com as coisas que minha mãe disse e modelou que não eram saudáveis, e é difícil aprofundar, especialmente quando ela não está aqui para discutir comigo, mas vale a pena. Isso me tornou uma pessoa melhor.

Olhando para Willa, digo a ela:

— Estou orgulhosa de você.

— Também estou orgulhosa de mim mesma — diz ela.

— E me desculpe por tornar o nosso momento de garotas um pouco deprimente.

— Você não fez isso, Roo. — Ela sorri suavemente. — Eu quero estar aqui para você. Da mesma maneira como você esteve lá para mim durante toda a faculdade. Quer dizer, Deus, lembra depois que mamãe morreu? Você literalmente teve que me levar até o chuveiro porque fiquei tão deprimida que nem estava tomando banho.

— Mas isso é dif–

— Não é diferente. É ser humano. Isso é existência. Isso é amizade. Nós nos amamos. Nós nos revezamos segurando uma a outra.

Eu fico olhando para o meu chá e suspiro pesadamente.

— Você tem razão. — Olhando para ela, encontro seus olhos e franzo a testa. — Eu sinto muito por ter escondido de você. Me perdoa?

Ela usa o indicador e o polegar para transformar minha carranca em um sorriso e sorri de volta para mim.

— Perdoada. Estou tocada por você esconder de mim, mas gostaria de ter sabido. Porque então eu poderia ter sido uma amiga melhor para *você*.

Eu dou um abraço nela.

— Você é uma amiga incrível.

Ela me abraça de volta e se afasta.

— Bem, eu diria que na maioria das vezes não sou muito ruim, mas... eu devo a você um pedido de desculpas por um dos meus momentos menos estelares.

— O que você quer dizer?

Ela limpa a garganta e sorri com força.

— Eu conversei sobre isso com minha terapeuta, e embora eu tenha certeza que a fez rir – ela escondeu isso atrás de uma tosse – ela me disse que eu não posso manipular a vida das pessoas com intromissão. Mesmo que seja, tipo, um rito de iniciação dos Bergman. Então… Sinto muito pelo jogo de mímicas em setembro. As garotas – mulheres, aliás – bem, nós meio que... plantamos aquela pista do "beijo" quando era a sua vez.

— Eu descobri isso. O que eu não descobri é *por quê*? Você pensou que depois que eu atacasse a boca de Axel, nós apenas iríamos cavalgar juntos para o pôr do sol?

— Sinto muito — diz ela um pouco desesperada. — É só que vocês dois estão dançando em torno um do outro há *anos*. Nós pensamos que talvez apenas um pequeno empurrão fosse tudo de que você precisava…

Sua voz morre quando ela olha para mim.

— Eu não vou dar desculpas. Eu só vou pedir perdão. Sinto muito por tentar juntar vocês dois, porque egoisticamente quero que você faça parte dessa família para o resto de nossas vidas. Mais do que qualquer coisa, é claro, o que eu realmente quero é a sua felicidade, e se isso não vir dessa tensão sexual que você e Axel têm, que eu juro que torna a sala dez graus mais quente cada vez que vocês dois estão nela, então vou respeitar isso.

Eu levanto uma sobrancelha.

— E o chalé? Você me mandou lá para cima para que eu pudesse trombar com ele – literalmente, devo acrescentar – e ter um adorável encontro fofo, mas estou aqui para te dizer, isso só tornou tudo ainda mais estranho, o que eu tinha certeza que era impossível.

— Isso! — Willa se senta e põe seu café na mesa. — Disso posso me defender. Ry disse que Axel disse a ele repetidamente que ele apenas fica em sua própria cabana e pinta, que ele nem mesmo mexe com o chalé. Então, sim, eu sabia que era a vez dele lá, mas tinha certeza de que vocês dois não se cruzariam.

Minha sobrancelha se arqueia ainda mais. Willa bate os cílios.

— Quero dizer… — Ela ri nervosamente. — Talvez eu tenha pensado que vocês iriam se esbarrar em uma caminhada ensolarada na floresta, mas–

Eu coloco a palma da mão em sua testa, fazendo-a cair para trás.

— Você leu muitos romances.

— É culpa do Viggo! — Ela diz, se levantando. — Ele me fisgou. Romance de época *quente*, Rooney, juro por Deus, você nunca mais volta a ser o que era. Ryder não está reclamando, se você sabe o que estou dizendo.

Nossa risada enche o ar, então desaparece, e Willa pega minha mão novamente, segurando firme.

— Me perdoa por isso também? — Ela pergunta.

Eu concordo.

— Perdoada.

Willa me oferece seu dedo mindinho.

— Vamos prometer. Sem mais interferências. Chega de segredos.

Eu engancho os dedos mínimos com ela e cruzo os dedos dos pés.

Isso é péssimo. Não quero mais mentir para ela, mas não posso contar a ela sobre o casamento com Axel. Mesmo que eu queira despejar tudo, contar a ela sobre os minúsculos momentos entre nós que me fizeram ver a ternura por trás de seu exterior áspero, que me fazem pensar como seria ver ainda mais dele.

Por mais que eu queira, esse segredo não é meu para contar.

— Prometo — eu digo a ela. Os dedos se desenrolaram, nós nos abraçamos mais gentilmente, mas ainda com vontade. E então nos sentamos e encaramos o nascer do sol, a lembrança diária do mundo de um novo começo.

— VOCÊ ESTÁ FELIZ AQUI? — Eu pergunto.

Willa dá uma mordida em seu Twizzler e gira o palito de alcaçuz restante em um círculo, sorrindo a meia distância.

— Tão feliz. Eu amo o clima, as caminhadas. Eu amo estar em um lugar que faz Ryder feliz também. Eu gostaria de não viajar tanto, mas faria isso não importando onde

morássemos. Eu sinto muita falta dele quando eu estou longe, mas... isso torna o reencontro ainda mais doce.

— Estou feliz, Willa. — Eu coloco uma minhoca de gelatina na minha boca e mastigo antes de mergulhar minha mão no saco novamente.

— Mudando de assunto — ela fala enquanto morde seu alcaçuz. Olhando para mim de nossos lugares no balanço da varanda do qual mal saímos o dia todo, ela diz:

— Você e Axel *passaram* um tempo juntos? Eu não estou pressionando, apenas curiosa, porque quando nós planejamos isso lá atrás, você disse que ele lhe disse que ele tem projetos para o chalé, ou seja, você *tem* que ter falado com ele, pelo menos um pouco, não que isso signifique mais do que–

— Acalme-se, marinheiro. — Eu acaricio sua mão. — Nós conversamos um pouco.

Isso não é mentira. Embora basicamente estejamos coabitando por mais de duas semanas, passamos muito pouco tempo juntos. Quero dizer, com certeza, o tempo que *já* passamos juntos foi... intenso, mas eu não posso explicar exatamente a natureza disso, posso?

Willa está franzindo a testa para mim quando encontro seus olhos.

— Isso é tudo que eu recebo?

— Sim.

— Precisamos estar bêbadas para falar sobre isso? Porque se for o caso, temos que começar agora, para que eu não vá para a cama acabada e acorde de ressaca amanhã.

— Chega de álcool — eu gemo. — Fizemos estragos suficientes com aquele vinho ontem à noite. E bêbada ou não, não tenho mais nada a dizer sobre Axel.

— Tudo bem — diz ela tristemente. — Eu acho que é melhor. Eu tenho uma agenda péssima de condicionamento e treino amanhã.

Eu sorrio.

— Mal posso esperar para assistir.

— Me ver morrer mil mortes, você quer dizer. Ela me faz correr pra caralho. — As palavras de Willa são tristes, mas seu rosto é pura felicidade. Atletas profissionais são criaturas estranhas e maravilhosas. — Podemos nos destruir amanhã à noite, se necessário, porque aí vou estar de folga.

— Acho que a noite passada foi destruição suficiente para mim.

— Sério? Estamos ficando velhas. Nossas atividades mais loucas na noite passada foram tirar fotos com filtros estranhos do Snapchat, e você dançando de calcinha ao som de Harry Styles.

Eu dou a ela meu olhar de "*Que rude!*"

— Em primeiro lugar, *você* estava dançando também, nesta mesinha de centro vou acrescentar. E *eu* estava usando minha camiseta de dormir que vai até os joelhos. Não havia nenhuma nudista bêbada dançando com o lenhador estando em casa.

— Falando nisso, o lenhador — este é o apelido de Willa para o barbudo e amante do ar livre Ryder — se ofereceu para sumir sempre que necessário enquanto você estiver aqui, para que você possa endoidar e fazer o que seu coração nudista desejar, desde que eu esteja bêbada o suficiente para não me lembrar da sua nudez. Ele disse que poderia ir até o chalé e ver como Axel está–

O pânico me atinge enquanto processo o que ela disse. Eu faço balanço dar uma parada brusca, o que faz Willa quicar para trás, em seguida, cair da coisa.

Eu explodi em gargalhadas quando ela bateu no chão.

— Merda, Willa. Você está bem?

No chão, ela está ofegando de tanto que ela está rindo.

— Aqui. — Eu ofereço a ela minha mão. —Vamos. Levante– Ai*!*

Willa me puxa para o chão. Eu caio em cima dela, rolando de costas ao lado dela com um *baque* enquanto a risada nos deixa em gargalhadas.

Depois de um minuto, Willa tateia ao redor, encontra seu Twizzler perdido e dá outra mordida.

— Que nojo! — Eu grito, arrancando-o de sua mão antes que ela possa mastigar. Jogo-o na mesinha de centro e procuro um novo na sacola.

— Era um Twizzler perfeitamente bom!

Eu bato no ombro dela com o alcaçuz fresco.

— Você não estudou microbiologia. Acredite em mim quando digo que o que está em seus pés está no chão e o que está no chão está no Twizzler, e o que está no Twizzler não é o que você quer em sua boca.

Ela estreita os olhos para mim e morde a ponta do Twizzler com um *estalo* brutal.

— Por que você parou o balanço? Mencionei que Ryder visitaria Axel e você teve um surto.

Pego um Twizzler da sacola – contém trigo, então não é para mim – e faço para mim um bigode vermelho de alcaçuz.

— Você tem tantas perguntas.

Ela dobra seu Twizzler no meio e dá a si mesma a maior monocelha de alcaçuz do mundo.

— Estou falando sério.

— Willa — eu gemo. Tirando o Twizzler do meu rosto e evitando seus olhos, eu o torço em um símbolo do infinito. Não posso contar a ela tudo sobre nós, o que é uma merda –

por casa da tal nova promessa de transparência – mas posso dizer algo a ela, acho. — Axel tem sido... gentil enquanto eu estive lá. Não fica muito por perto, mas quando está, ele é gentil. Nós passamos algum tempo juntos e conversamos um pouco–

Nos casamos. Fizemos panquecas. Mantivemos uma vigília a um gambá. Nos pegamos. Demos as mãos. Você sabe, como se faz com o homem por quem você segura uma tocha insaciável de luxúria.

Sim, não posso dizer isso a ela.

— Vocês fizeram isso? — ela pergunta baixinho. E eu ouço, em sua voz. Esperança. Esperança velada.

Eu suspiro e viro minha cabeça, encontrando seus olhos.

— Nós somos apenas *quase* amigos, Willa. E embora ele tenha sido um anfitrião cortês, acho que ele poderia aproveitar um pouco de solidão agora que eu parti. Diga ao lenhador para ficar, por favor?

Virando seu Twizzler para que encoste em sua boca, Willa me dá um largo sorriso de alcaçuz.

— Pode deixar, Roo.

15

AXEL

Música da Playlist: “That's What's Up” - Edward Sharpe & The Magnetic Zeros

— VOCÊ DEIXOU UMA. — Aponto para uma única folha de bordo que caiu na grama. Viggo parece estar pensando em assassinato. Que é como eu o quero: puto o suficiente para ir embora. Ele e Oliver já estão aqui há um dia e meio, Oliver exigindo qualquer coisa para manter sua mente longe de tudo ou de quem o deixou infeliz na faculdade, Viggo tentando mostrar solidariedade a Ollie enquanto evita as ligações de mamãe.

Eu continuo jogando tarefas cada vez mais torturantes no caminho deles, porque não consigo descobrir o que mais pode assustá-los. Amanhã a equipe está de volta ao trabalho e eu só tenho um dia e meio até a volta de Rooney. Não há nenhuma maneira de eu arriscar que os projetos de homem tenham tempo demais com qualquer um deles.

Oliver, sem falar nada, pega aquela folha solitária para sua pilha. Estou começando a me preocupar um pouco. Ele não é exatamente um raio de sol sorridente como meu irmão Ren, mas Oliver tem essa... confiança desenfreada na vida. Sempre motivado, sempre em direção ao seu próximo objetivo, ele vive com um otimismo confiante e despreocupado de que a vida seguirá seu caminho. Esse cara desanimado e derrotado varrendo folhas, forçando um sorriso para as travessuras de Viggo que estão absolutamente falhando em fazê-lo rir, não é nada como o Ollie que eu conheço.

Viggo franze a testa para Oliver – eu acho, compartilhando minha preocupação.

— Ollie. Vamos roubar o Jeep de Axe e ir ao Shepard's comprar um bolo. Sair de perto do gênio do mal antes que ele pense em qualquer outro projeto de paisagismo infernal para nós.

Oliver balança a cabeça.

— Não, obrigado, V.

— O que? Sem *bolo*? Oliver–

— Só… — Oliver solta o ancinho e crava as palmas das mãos nos olhos. — Deixe-me ficar triste, Viggo.

— Você tem estado triste. Agora é hora de raiva. Vamos processar essa merda e seguir em frente. — Viggo tira o pó das mãos, vai até Oliver e o puxa pela camisa.

— Eu não quero seguir em frente — Oliver geme. — Eu quero me afundar. Eu quero me afogar na miséria de que não há como escapar dele quando ele está na metade das minhas aulas e na *porra do* time!

Bom. Agora estamos chegando a algum lugar. Oliver se recusou a discutir o que o está incomodando. Até agora.

— É isso — diz Viggo, arrastando-o em direção à árvore próxima. — Agora suba ali, dê um bom grito e pule. Tire-o do seu sistema.

Oliver se solta do aperto de Viggo, cruza os braços sobre o peito e faz uma careta. Ele parece ter oito anos novamente.

— Não.

— Tudo bem. — Viggo encolhe os ombros, subindo à sua frente. — Eu vou primeiro.

Os olhos de Oliver se contraem. Suas mãos caem para os quadris e ficam brancas nas juntas. Ele é tão parecido com Ryder agora, com aquele rabo de cavalo curto e loiro, a nova gravidade em sua expressão.

— Puta merda — ele murmura, subindo na árvore e rapidamente ultrapassando Viggo. — *Eu* vou primeiro.

Viggo sorri antes de se esconder atrás de um rosnado competitivo de “não fode comigo".

— De jeito nenhum, Oliver. Eu vou–

Oliver passa por ele, caminha pela ponta do galho como uma corda bamba e, com um grito agudo, cai como uma bola de canhão na enorme pilha de folhas abaixo dele.

Viggo grita e depois segue, caindo em uma parte visivelmente menos confortável da pilha com um *baque* que me faz estremecer.

— Ah meu Deus — Viggo geme de dentro das folhas. — Estou ficando muito velho para isso.

Harry, que tem estado especialmente colado em mim desde que Rooney saiu, choraminga, com a cabeça inclinada enquanto encara Viggo e Oliver.

— Não se preocupe — digo a ele, coçando atrás das orelhas. — Eles são palhaços, mas palhaços altamente resistentes. Eles ficarão bem.

Ele choraminga novamente.

— Quero dizer, Viggo pode ter quebrado alguma coisa, mas isso não é problema meu. Ele tem que aprender sua lição algum dia.

— Estou bem! — Viggo chama, rastejando para ficar de pé. — Apenas talvez uma pequena luxação torcida na minha coluna.

— Seu idiota. — Oliver se senta e puxa as folhas do cabelo. — Você não pode ter uma luxação torcida.

Oliver de alguma forma conseguiu não apenas jogar futebol da Divisão I para a UCLA, mas também está no curso de pré-medicina e considerando seriamente a faculdade de medicina, o que significa que ele sobrevive com pouquíssimo

sono e funciona como um *Gray's Anatomy* ambulante, falante, jogador de futebol. O livro, não o drama médico que meu pai, um médico, e minha irmã Freya, uma fisioterapeuta, passaram muitas noites destilando ódio conta, vaiando enquanto jogavam pipoca na tela por causa de suas incontáveis imprecisões médicas.

— Tanto faz. O que quero dizer é que estou ferido — diz Viggo pateticamente.

Oliver apenas balança a cabeça e começa a escalar as folhas, mas antes que ele possa escapar, Viggo se lança nos tornozelos de Ollie e o derruba de volta. Oliver se levanta da pilha enorme, olhando furioso para Viggo, folhas presas em seu cabelo.

— Você sabe que quer me dar uma surra — diz Viggo. — Vamos lá, tire isso do seu sistema. Eu aguento.

A carranca de Oliver se aprofunda.

— Eu não quero brigar.

—Bem, você não pode fazer amor — diz Viggo. — considerando que algum idiota claramente afetou você–

— Argh! — Oliver se lança em Viggo, e eles rolam pela pilha de folhas com tanta violência que uma nuvem de caos estilo Charles Schultz em *Peanuts*[3] paira no ar acima deles.

Harry, o cachorro, geme novamente.

— Sério, Harry, eles estão bem — eu o tranquilizo. — Eles têm feito isso desde que Oliver podia engatinhar.

O cachorro olha para mim, colocando uma pata em meu quadril. Eu envolvo minha mão em torno dele, sacudo, em seguida, coloco-o no chão e acaricio sua cabeça. Quando eu olho para cima, Oliver deu uma chave de braço em Viggo, o início de um sorriso iluminando seu rosto.

---

[3] São os quadrinhos que contam a história do Charlie Brown e aqui ele fala da nuvem que era desenhada em cima das personagens quando elas brigavam

Eu rolo meus ombros, um aperto inquieto puxando-os, apertando minhas costelas. O cachorro ao meu lado. Meus irmãos no quintal. Eu deveria me sentir contente. E ainda... eu não estou.

E não consigo parar de pensar em Rooney.

Eu pensei que talvez fosse apenas o primeiro dia, o fato de que mudanças me perturbam, e Rooney sair depois de duas semanas estando sempre na periferia da minha consciência, se não na frente e no centro, foi definitivamente uma *mudança*.

Mas dois dias passaram e não estou melhor. Na verdade, acho que estou pior.

Incapaz de me conter, pego meu telefone, tiro uma foto dos filhotes de homem em modo de caos e, em seguida, mando uma mensagem para Rooney.

Três pontos aparecem quase imediatamente, e meu coração começa a bater como um bumbo no meu peito.

Espere, Viggo está aí agora?? ela pergunta. *O que eles estão fazendo?*

Me torturando, eu digito de volta. *Mas eu dei a eles meio hectare de folhas para limpar com ferramentas de 1998 que estão com metade dos dentes faltando, então as coisas estão indo muito bem.*

LOL, ela responde. *O que eu daria para ver isso.*

Eu mando uma mensagem para ela com mais algumas fotos de live-action, algumas de antes, enquanto eles estavam varrendo, algumas que eu tiro agora enquanto caem pelas folhas.

Uau, diz a mensagem dela. *Isso é incrível. E eles realmente fizeram tudo. Só mostra o quanto eles amam você e aquela casa. Você está dando a eles muito para fazer com que o lugar seja o melhor possível novamente.*

Eu fico olhando para suas palavras, um calor profundo e silencioso enchendo meu peito.

Tudo só foi possível porque você seguiu com esse casamento, digito.

Você tornou a proposta muito fácil, ela responde.

Eu engulo com força. Essa dor no meu peito volta como um trovão.

O gemido de Harry é uma distração bem-vinda. Eu me viro e tiro uma foto dele, em seguida, envio para ela. *Harry disse que ainda sente sua falta.*

Eu ainda sinto falta dele, ela responde. *Eu vi todo mundo menos você, até agora. Estou preocupada que você tenha se machucado durante a construção e esteja se escondendo de mim.*

Eu rolo meus ombros, autoconsciente. *Não me machuquei. Sou cientista e três quartos de advogada. Eu preciso de provas.*

— Droga — eu murmuro, passando a mão pelo meu cabelo. Mas, por mais que eu seja autoconsciente, também estou um pouco satisfeito por ela estar exigindo uma selfie.

Suspirando, viro a câmera do telefone, os olhos estreitando um pouco contra o sol.

— Tirando fotos para a calcinha cor de pêssego? — Viggo grita.

Eu mostro para ele o dedo do meio, tiro a foto, em seguida, envio antes que eu possa analisá-la ou dizer a mim mesmo que importa até mesmo minha aparência.

Viu? Eu digito. *Sem ferimentos.*

A foto e o texto mostram "Lido". Mas não há resposta pelo que parece uma década. Então Rooney finalmente responde com duas palavras: *Esses óculos.*

Eu franzo a testa enquanto digito: *O que tem eles? Você não gosta deles?*

GOSTO DELES, ela manda de volta. *Eles são sexo em forma de lentes.*

Vendo essas palavras, quase deixo cair o telefone.

Sinto muito, ela diz antes que eu possa responder. *Eu tive que ser honesta. Sendo objetiva, puramente objetiva, esses óculos fazem grandes coisas por você, Ax. Quando você sair de seu primeiro casamento brutalmente transacional, estaremos enviando você para o mundo do namoro, de óculos. Você terá que arrancar as pessoas de você.*

Eu estremeço. A ideia disso é repulsiva, claro, mas é o fato de que ela está tão pronta para me juntar com outra pessoa que me irrita.

Não, obrigado, eu digito.

Os pontos aparecem. Desaparecem. Aparecem. Então: *Estraga-prazeres. Os projetos de homem estarão aí ou vão embora antes de eu voltar? Eu preciso de uma história para explicar minha presença?*

Eu olho para Oliver, que finalmente está rindo, Viggo que está gritando tão alto que faz as orelhas de Harry virarem para trás quando Oliver atinge seu ponto de cócegas.

Eles já terão ido embora. Vou me certificar disso.

— VOCÊ ME QUEBROU — diz Viggo, saindo do carro em frente ao desembarque da Alaska Air.

— Esse tipo de trabalho é para construção de caráter — digo a ele enquanto puxo sua mala para fora do Jeep. — Agora posso ser uma referência quando você decidir experimentar o paisagismo.

Ele me encara sombriamente.

— Nunca irei, nunca.

Divertido, coloco sua mala aos seus pés.

— Obrigado por sua ajuda, V.

— Sim, sim — ele diz.

Ele está pegando sua mala quando eu puxo Viggo em meus braços e dou um abraço forte. Depois de um momento de delay, ele lentamente envolve seus braços em volta de mim e os mantém parados. No que diz respeito aos abraços, esse é muito bom.

— Obrigado... pelo que você disse ontem — digo a ele. — Significou muito. — Afastando-me, puxo a alça de sua mala. — Agora sai daqui. Use o cinto de segurança no avião. E mande uma mensagem quando você chegar.

Viggo sorri.

— Você é tão pai. Quando você vai me dar sobrinhas e sobrinhos–

— Vá. Embora. Agora. — Eu o empurro suavemente, direto nos braços de Oliver. Eles se abraçam, trocando palavras enquanto o fazem, então se afastam.

Viggo puxa sua mala do meio-fio e me diz:

— Cuide dele. Certifique-se de que ele coma.

— Jesus, gente — Oliver geme.

Abro a porta do carro e aceno com a cabeça.

— Tenho tudo sob controle.

Em um último aceno, Viggo corre para o aeroporto, desaparecendo de vista. Oliver e eu entramos no carro, o silêncio pesado no ar enquanto eu entro no trânsito lento.

— É tão silencioso sem ele — diz ele, a cabeça apoiada no vidro da janela.

Mudo de marcha e acelero.

— Considerando que ele nunca cala a boca.

Oliver bufa uma risada.

— Ele é um pé no saco, mas é o nosso pé no saco.

— Isso ele é.

Oliver franze a testa quando eu viro na direção oposta do chalé. Ainda que eu tenha conseguido assustar Viggo o suficiente para ele pegar um vôo noturno com a ameaça de mais projetos de paisagismo amanhã, Oliver agendou seu voo para amanhã de manhã porque ele queria ficar longe o máximo possível antes de voltar para uma prova.

— Onde estamos indo? — ele pergunta.

— Onde você acha?

Seus olhos se iluminam quando eu faço a próxima curva.

— Ah meu Deus, sério?

— Eu disse a Viggo que cuidaria de você.

Não é uma longa viagem do aeroporto até o Píer 57. Encontramos um lugar para estacionar, então descemos e pedimos o jantar. Os irmãos mais novos têm menos lembranças de viver na área, mas certos rituais estão cimentados em seus cérebros. Qualquer coisa que quiséssemos comer e dar uma volta na roda gigante é uma delas.

Oliver observa a icônica roda-gigante da cidade iluminada e brilhando contra o céu noturno. Bolinho de caranguejo e camarão na mão, ele sorri como uma criança no Natal.

— Obrigado por isso, Axe.

Com a boca cheia de peixe frito, eu aceno.

— Por nada.

— Você não precisava fazer isso, levar V. e eu por Seattle, me levar ao meu lugar favorito, quando você tem coisas para fazer. Eu realmente agradeço.

Eu olho em sua direção.

— Sei que nem sempre estou disponível e voltei para cá assim que pude, mas quero ver você, Oliver. Eu só... nem

sempre tenho esse instinto em mim. Estou feliz por ter feito isso desta vez.

Oliver faz uma pausa, no meio da mastigação, então lentamente recomeça e engole.

— Axel, você sabe que eu entendo. Viggo e eu infernizamos você por ter voltado para Washington, mas estamos felizes por você estar aqui. Porque é onde *você* está feliz. Estávamos apenas dizendo da nossa maneira idiota que sentimos sua falta.

Um nó estranho se instala na minha garganta enquanto eu olho para a minha comida.

— Também sinto saudade.

— Nesse caso, eu deveria vir aqui com mais frequência. — Ollie sorri e depois morde o pãozinho. — Talvez eu vá morar com você.

— Nem fodendo. Eu sou o recluso na floresta e vou continuar assim.

Ele inclina a cabeça, me examinando.

— Não estou julgando, ao perguntar isso, mas você quer ficar sozinho *para sempre*?

Eu coloco minha comida na mesa e olho para a água porque é mais fácil dizer merdas como essa com o vento no meu rosto e uma pausa no contato visual.

— Não tenho certeza. Quer seja ou não o que eu quero, há partes dos relacionamentos nos quais não sou muito bom, e estar comigo significa optar por uma existência simples e privada. Nunca serei alguém que tem muitos amigos ou um grande círculo social. Quando estou vendendo arte, fazendo exposições, nem tenho energia para meus melhores amigos. Não é... — Eu encolho os ombros. — Não é o que a maioria das pessoas quer.

— Alguém vai querer — Oliver diz, sorrindo contra o vento que chicoteia seu cabelo em seu rosto. — Eu tenho certeza.

Primeiro o discurso estimulante sobre romance de Viggo. Agora Oliver e sua confiança inabalável. Isso faz eu me sentir... estranho. No bom sentido. De uma forma enervante. Eu aponto para a roda gigante.

— Você não tem um balde gigante para entrar?

— Com certeza! Venha andar comigo.

— Não, obrigado — digo a ele. — As únicas alturas de que gosto são as que escalo.

— Além disso, não pense que não percebi que você mudou de assunto — diz ele, antes de dar outra mordida.

— Eu nos redirecionei. Não estamos aqui para falar sobre mim. Estamos aqui para que você possa comer seus sentimentos e falar sobre suas coisas.

Oliver geme com a boca cheia.

— Eu não quero falar sobre minhas coisas. Eu quero fugir delas.

— Bem, Viggo se foi, então ninguém vai forçar você a fazer o contrário. Mas… — eu limpo minha garganta e encolho os ombros. — Se isso mudar, você sabe, quando você voltar para LA, eu estou aqui. Apenas mensagens de texto? Posso mandar mensagens o dia todo. Mas telefonemas — faço uma careta — apenas em emergências.

Colocando o resto do pão na boca, Oliver sorri.

— Mensagens, então.

16

ROONEY

Música da Playlist: "Waiting for You" - The Aces

DEPOIS DE DEIXAR WILLA com a hesitante promessa de "fazer o que puder" para ir ao Dia de Ação de Graças, entro no Subaru de Bennett e pego a estrada. É um pouco mais fácil desta vez, refazer meus passos, mas ainda é estressante.

E então vai de estressante para um desastre nuclear quando meu estômago decide que é um daqueles momentos em que tenho trinta segundos para encontrar um banheiro.

Na estrada.

Você realmente experimentou estar na natureza antes de cagar seus miolos ao ar livre? Eu acho que não. Estou dizendo a mim mesma que meu contratempo à beira da estrada tem um lado positivo. Ele: a) me deu credibilidade ao ar livre, que eu não tinha nenhuma; e b) me trouxe o gatinho minúsculo que está miando no chão do banco do passageiro do carro de Bennett.

Tendo lidado com meu pit stop traumático (esta não é uma realidade incomum para pessoas com problemas de estômago como eu, o que significa que sempre tenho o essencial para lidar com isso, esperando na minha bolsa), eu estava voltando para o carro e quase tropecei em uma minúscula bola de pelo cinza, miando sozinha na grama alta. Eu a peguei e vagamos por um tempo, ela miando, eu a colocando no chão periodicamente para deixá-la cheirar na esperança de que ela me levasse até seus irmãos e sua mãe. Mas não havia um único sinal de que eles estavam por perto. Eu quase a deixei. Eu não queria tirá-la de sua família, mas o que eu deveria fazer?

As opções eram ou deixá-la para a morte iminente por uma das muitas aves de rapina que sobrevoavam nossas cabeças enquanto realizávamos nossa busca, ou eu a trazia para casa – isto é, de volta para a cabana.

E foi com uma estranha sensação de "volta ao lar" que estacionei do lado de fora do chalé, olhando para ele e sabendo que nada era igual a quando cheguei aqui pela primeira vez. Meu coração dá um salto quando me lembro de subir os degraus, entrar, tropeçar em Axel e ter o reencontro pós-beijo mais estranho do mundo.

Apenas algumas semanas se passaram e muitas coisas estão diferentes. Não menos importante, é a gatinha minúscula e peluda piscando para mim.

— Miau — ela diz enquanto abro a porta do passageiro e a coloco em meus braços. Em vez de escondê-la na casa de Axel sem sua permissão, acho melhor tentar encontrá-lo primeiro e fazer as apresentações, impressioná-lo com nossa ideia de parar na pequena loja no nosso caminho de volta e comprar areia para gatos compostável e comida orgânica úmida para gatinho. E se *isso* não o impressionasse, eu só teria que torcer para que dois pares de olhos azuis grandes e tristes sejam o suficiente para convencê-lo a ficar com ela.

Caminhamos ao redor do chalé, procurando Axel. Estranhamente, é apenas hora do jantar e a equipe não está aqui. Eu esperava me deparar com outro grande jantar, mas não havia ninguém por perto.

— Miau — ela diz novamente. É o miado mais baixo que já ouvi.

Eu beijo a cabeça dela.

— Eu também te amo. Não tenho certeza de como você se chama, mas vou pensar em algo bom.

Ela é cinza-pálido, com grandes olhos azuis, tão adoravelmente pequenos e fofos, que não deveria ser possível.

Caminhando pela casa, chegamos ao anexo na parte de trás do chalé, que Axel explicou ser o ponto vendido a seus pais e sua crescente família quando eles compraram o lugar. Chamando o nome de Axel, tento a porta do primeiro quarto. A porta se abre e me faz parar no meio do caminho. A vista é de tirar o fôlego. A luz do sol refletindo no lago, diminuindo a folhagem de outono salpicada de sempre-vivas. A luz penetra pelas janelas e transforma o chão em cor de caramelo. Não pela primeira vez nas últimas semanas, pensei que poderia me acostumar a morar em um lugar que é tão bonito o tempo todo.

— Miau — diz a gata novamente.

Eu saio do meu sonho e a abraço suavemente.

— Você tem razão. É hora de levá-la até a casinha e preparar sua caixa de areia. Se alguém consegue sentir empatia com o estresse de estar em uma zona sem banheiros, sou eu.

— Miau — ela concorda. Então ela começa a se mexer, agarrando meus braços. Ela parece de repente profundamente angustiada.

— Miau! — ela diz. *Alto*.

O som atinge meu coração como uma flecha.

— Qual é o problema, querida?

— MIAU! — ela diz novamente. Não tenho certeza de como é anatomicamente possível que um som tão grande venha de uma gatinha tão pequena. Ela também soa como se estivesse sendo esfolada viva.

Desço correndo as escadas com ela segura em meus braços. Ela solta outro ensurdecedor:

— MIAUUUUUU!

— Oh, meu amor! O que está errado? — Minha voz de bebê é absurda, mas meu coração está destroçado, e a gatinha parece destroçada também. — Tudo bem. Eu estou aqui.

— Miau? — ela diz, pondo a pequena pata no meu braço.

Minhas entranhas são como gelatina. Se isso é o que os animais de estimação fazem comigo, o que acontecerá se eu tiver bebês? Vou me dissolver em uma poça de sentimentos? Como vou sobreviver a isso?

— Opa.

Eu bati de frente com uma parede muito sólida. Uma parede quente e cheirosa. Meus olhos processam o que estão vendo – uma camisa de flanela xadrez de um azul profundo, com fios verdes, dobrada em seus antebraços. Alguns botões desabotoados, um delicioso peito masculino e–

Meu sorriso é ridiculamente largo, mas sou incapaz de pará-lo.

— Oi.

Axel franze a testa para a pequena e doce criatura aninhada em meus braços. Que eu acho que pode estar mijando em mim. Passo correndo por ele pela varanda, desço correndo os degraus e coloco a gata em um pequeno pedaço de grama. Ela imediatamente se agacha e faz cocô.

— Bem — digo a ela. — Tal mãe, tal filha.

Os passos de Axel cruzam a varanda. Ele se apoia na grade.

— O que é aquilo?

— Uma gatinha.

Nossos olhos se encontram, e é como um raio, sacudindo meu corpo.

— Eu posso ver isso — diz ele secamente, olhando para a gatinha que está arranhando suas patinhas e dançando para longe de um cocô que, como seu miau, estou chocada que poderia sair de um corpo tão pequeno. Enquanto Axel enfia as mãos nos bolsos, noto uma mancha de tinta verde-azulada na lateral de seu pulso. É uma sensação estranhamente íntima. — Você sabe o que eu quis dizer — diz ele.

Sentando no último degrau da varanda, digo a ele:

— Eu a encontrei na beira da estrada. Eu não poderia deixá-la lá.

Pequena, cinza e absurdamente fofa, ela cambaleia como uma bola de poeira enorme escada acima e salta sobre a bota de Axel. Então ela olha para ele e solta o menor miado da história dos miados.

Ela e eu sabemos do que ela é capaz, mas ela está usando todos os recursos fofos.

— Ela gosta de você — digo a ele enquanto ela ataca seus cadarços com gosto, puxando com tanta força que ela cai para trás com um pequeno baque.

Axel cruza os braços e a encara com uma sobrancelha arqueada.

— Ela gosta de cadarços.

— Ah, mas eles são *seus* cadarços.

Miando, ela sobe em sua bota novamente e se estica para cima, colocando suas miniaturas de patas na canela dele.

— Viu? — Eu sorrio enquanto coço sua bochecha minúscula. Ela se inclina para mim, mas permanece firmemente plantada na bota de Axel. — É mais do que apenas seus cadarços. É você.

Ele franze a testa para ela.

— Eu sinceramente duvido disso.

Ela mia de novo.

— Acho que ela se sente em casa aqui. — Aponto para a vista deslumbrante à nossa frente – um céu cinza de vidro fumê cortado por incontáveis sempre-vivas. — É lindo, não é? — Eu canto para ela enquanto ela sobe no meu colo e começa a ronronar. — E você é da mesma cor daquelas nuvens lindas. Você pertence aqui, não é?

Depois de um longo período de silêncio, Axel diz:

— Talvez ela pertença.

Quando eu olho para cima, ele não está olhando para a gatinha. Ele está olhando para mim.

Há um estrondo de trovão em meu coração. Acho que estou imaginando coisas. Ele estava falando sobre a gatinha, não sobre mim. Seu olhar mergulhou na minha boca e ficou lá porque ele está observando o que eu digo a seguir, não pensando na ideia absurda de me beijar.

No entanto, Axel está sentando na varanda ao meu lado, pernas longas esticadas pelos degraus, cotovelos sobre os joelhos. Ele se inclina ligeiramente e nossos braços se roçam quando ele se aproxima, coçando atrás das orelhas da gatinha. Seu ronronar dobra. Outra coisa na qual ela e eu somos semelhantes: o menor toque de Axel Bergman e estamos ronronando.

Eu inspiro e a dopamina inunda meu cérebro de prazer. Ele cheira a ar fresco, sabonete de cedro e ao calor de seu corpo. Quero minhas mãos deslizando por sua pele, afundando em seu cabelo. Eu quero seu peso sobre mim, *em* mim–

— Onde você estava? — ele pergunta. Seus olhos estão no meu cabelo, algo muito perto de um sorriso em sua boca.

Eu levanto minha mão reflexivamente, mas Axel me antecipa, extraindo uma pequena flor silvestre branca do topo da minha cabeça.

Oh céus. Uma flor do campo do desastre intestinal.

Não posso dizer a ele que tive uma emergência intestinal enquanto voltava para casa. Bem, eu posso, mas eu simplesmente não vou. É muito constrangedor. Uma coisa é explicar brevemente que você tem uma DII, mas ninguém gosta dos detalhes, já que tudo nos poucos metros quadrados do corpo humano entre o umbigo e as coxas é tabu. Eu sei – racionalmente, eu sei – não há vergonha na minha doença, mas é difícil. É difícil ter coragem de lhe contar a realidade, quando quero Axel, quando quero ser atraente para ele.

— Rooney? — Ele gira a flor suavemente para a frente e para trás, presa entre o polegar e o indicador.

— Eu estava em... um campo. De... flores silvestres.

A ponta da boca chega ainda mais perto de um sorriso.

— Eu percebi isso. Que campo?

Eu fico olhando para a gata, acariciando-a e esperando que meu cabelo caindo no meu rosto esconda esse rubor de vergonha.

— Uma garota precisa de seus segredos.

Ele está quieto. Eu sinto seus olhos em mim. Então, mantenho meus olhos na gata, rezando para que ele deixe isso passar.

Felizmente, ele faz.

— Como… — Ele limpa a garganta e começa a coçar o queixo da gatinha. Ela estica o rosto minúsculo na direção dele, os olhos fechados, extasiada. — Como foi seu tempo com Willa?

— Muito bom. Eu estava com saudades dela. A visita me lembrou o quanto. — A gatinha cai de costas no meu colo, com as patas para cima, em uma pose de rendição sonolenta. — Ela vive me dizendo que eles precisam de advogados em Washington também.

Axel fica tenso ao meu lado, então se inclina um pouco mais perto enquanto acaricia o minúsculo peito branco e a barriga da gatinha.

— Você... algum dia gostaria de morar aqui? — ele pergunta.

— Antes desta viagem, provavelmente teria dito não — admito. — Eu sou uma garota do sul da Califórnia. Eu amo meu sol e verões quentes e dias lendo na praia, mas… — Eu olho para cima, meu olhar concentrado em seu rosto bonito. — Agora que vi o que este lugar tem a oferecer, é tentador.

Ele engole em seco, arrastando os nós dos dedos pelos lábios. O movimento faz doer bem entre minhas coxas.

E de repente aquela mão está segurando meu queixo, seu polegar acariciando minha garganta. Sua boca roça a minha, um beijo tão suave quanto o vento que sussurra ao nosso redor. É como uma fantasia se tornando realidade.

Axel se afasta, parecendo atordoado.

— Eu não deveria... me desculpe.

— Por que não? — Pergunto a ele. Eu prendo meu olhar ao dele, e é um presente raro vê-los de verdade – um verde vívido, lascas de âmbar, folhas de verão salpicadas de luz do sol.

Não sei por que fiz a pergunta. Eu só sei que preciso da resposta. Por que os beijos, a gentileza, o cuidado?

Por quê?

Seu aperto se intensifica, ainda suave, mas desesperado. Ele suspira, o som de cansaço encontrando conforto, o alívio agridoce de cair na cama depois de um longo dia.

— Porque eu... eu acho que senti sua falta. Porque eu odeio beijar, mas adoro quando é você, e isso significa algo. Eu não sei o que, e eu gostaria de saber mais, mas eu sei disso — ele diz asperamente, e então ele me *aconchega*. Não sei

como descrever, esse toque carinhoso de sua têmpora contra minha bochecha, o sussurro de sua boca sobre a minha orelha. — Eu quero tanto beijar você que isso apagou todos os outros pensamentos do meu cérebro. Não há nada além de desejo. Desejo por *você*.

Disse a mim mesma que aceitaria apenas a linguagem mais direta e não poluída para satisfazer minha curiosidade, meu amor pela ordem sistemática e por termos claramente definidos. Mas ele me deu poesia. O homem de poucas palavras, que é tão apaixonado pela maneira como o sol pinta o mundo no começo e no fim do dia que tem medo de não fazer justiça a esses momentos. O homem que se reduz a grunhidos e distância, mas desenha rabiscos de cachorro e dá as mãos. Claro que ele me deu uma resposta complexa e de devastar o coração.

Uma resposta que está me fazendo enfrentar algo que não queria antes: o quanto tenho medo desse tipo de complexidade e porque adoro a lógica que aprendi na preparação para a faculdade de direito, a objetividade do método científico. Relacionamentos são tão... ilógicos, e sua subjetividade é onde eu fui ferida. Esses espaços cinzentos e confusos me ensinaram que você pode ser amado e ainda assim abandonado, desejado, mas lamentado. Então, eu os evitei. Porque eu não queria me machucar de novo.

O que significa que, agora, o medo da dor diminui enquanto eu contemplo o prazer que poderia sentir com Axel? Quando olho para ele, sinto mil novas terminações nervosas sob minha pele, como se tudo em mim fosse feito para tocar e saber tudo sobre ele. Eu *quero* ele.

Ele é tão paciente enquanto eu delibero, e ainda assim ele nunca para de me tocar – seu polegar deslizando ao longo da minha garganta, as pontas dos dedos passando pelo meu

queixo. Aquele olhar verde penetrante pousou na minha boca, como se minha resposta já fosse conhecida, como se o *sim* estivesse no ar entre nós.

— Eu também quero você — digo a ele.

O gemido mais suave o deixa, enquanto sua boca roça a minha novamente. Suave como penas, reverente. Depois, mais profundo e desesperado. Suas mãos estão em meu cabelo, sua língua traçando meus lábios, me implorando para abrir a boca, e eu o faço. E então eu gemo, um som para a dor que está na minha garganta e nos meus seios e na parte inferior da minha barriga, doce e forte entre as minhas coxas. Eu caio em direção a ele, me ancorando nos músculos que saltam sob minhas palmas. Meu toque desliza por suas coxas e afunda no tecido macio de sua calça jeans.

Nossos beijos encontram um ritmo lento e profundo. Compartilhamos o ar e a respiração, e então nos beijamos com mais força, enquanto uma gatinha minúscula e indefesa se aninha no meu colo, uma chuva de folhas douradas do outono caindo sobre nós. Isso me faz sorrir o tipo de sorriso que não sorria há anos, um que começa no meu coração e ilumina minhas entranhas, uma chama moribunda que encontrou seu combustível.

Meu aperto fica mais forte em suas coxas enquanto sua língua faz uma serenata com a minha, enquanto as mãos de Axel deixam meu cabelo, descem pelo meu pescoço e sussurram sobre minha clavícula até meus ombros. Ele me abraça com força e me beija mais uma vez, forte, urgente, antes de se afastar, respirando irregular e rápido.

Ele olha para mim do jeito que eu imagino que olhei na primeira vez em que olhei em um microscópio – chocado, fascinado, desesperado por mais – sabendo que algo que eu pensei que era claro e óbvio era na verdade selvagem e

incrivelmente complexo. Que havia infinitas coisas para aprender e inúmeras possibilidades, se eu olhasse de perto o suficiente.

Lentamente, ele inclina a cabeça, sua boca se fixando no espaço tenro onde meu pescoço e ombro se encontram. Ele pressiona o mais fraco beijo ali, marcando minha pele.

— Axel? — Eu sussurro.

Ele arrasta o nariz sobre meu pescoço, dá outro beijo fraco ao longo da minha mandíbula.

— Hm?

— Eu acho que senti sua falta também.

17

AXEL

Música da Playlist: “We’re Going Home” - Vance Joy

EU CULPO OS PROJETOS DE HOMEM INTROMETIDOS POR ISSO. Eu culpo Oliver por me fazer sentir apenas um fio de esperança, e Viggo por aquele livro que ele recomendou que eu *posso* ter lido metade, na noite passada enquanto estava deitado na minha cama, em cima de lençóis e travesseiros que, apesar de terem suportado alguns dias de meus irmãos, ainda cheiravam ao crepúsculo em uma campina. Como Rooney.

Eu soo como um esquisito do caralho, sobre os lençóis, mas deixe registrado, eu não fiz isso de propósito – eu apenas caí na cama depois que limpei tudo do jantar e comecei a ler. Antes que eu percebesse, eu adormeci, e então eu estava sonhando com o que você esperaria depois de ler metade de um romance quente enquanto estava banhado pelo cheiro da mulher pela qual você está sempre duro, sempre pensando, sempre querendo.

Querendo tanto que você a beija sem perguntar no momento em que a vê, então você conta a ela coisas que você nem sabia que tinha dentro de você para dizer.

O terror absoluto e a sensação de queda livre disso. Parece que Rooney me pegou apenas um momento antes de eu atingir a superfície dura de uma rejeição brutal. E então eu me senti leve, porque ela disse, *eu também quero você.*

— Axel?

— Hm? — Eu pisco, tirado de meus pensamentos, e olho para a gatinha. Cuidadosamente, eu coço seu queixo. Ela está apagada, de patas para cima, dormindo. Essa bola de poeira é muito fofa. Estou apenas esperando que ela mostre seu

lado diabólico. Algo tão adorável é bom demais para ser verdade.

— Nós podemos ficar com ela? — Rooney pergunta.

Nós. O som dessa palavra faz um arrepio percorrer minha espinha. Mas então a realidade surge, me lembrando do que está por vir. Como logo o *"nós"* não existirá mais.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia — digo a ela, deixando cair minha mão. — Considerando que seremos um *nós* só até você partir, em algumas semanas.

Rooney faz beicinho.

— Você pode amá-la até lá. Ela poderia ser a melhor amiga de Harry até lá–

— Ela poderia ter uma casa até lá — eu interrompo — com Parker e Bennett porque Skyler está implorando por um gato.

Ela se ilumina.

— Mesmo?

Eu suspiro pesadamente.

— Precisamos levá-la ao veterinário primeiro. Ensiná-la a usar a caixa de areia.

— Eu posso fazer isso — diz Rooney. — Eu serei responsável por ela. Você pode perguntar a Parker e Bennett sobre adotá-la depois que eu… — ela faz uma pausa e franze a testa, acariciando a gata. — Depois que eu for embora?

Embora.

Eu costumava contar os dias até que ela fosse embora, porque tudo que eu queria era sobreviver a eles. Mantendo minha cabeça baixa, mantendo minha boca fechada, mantendo minha distância. Mas agora, aqui estou, me rendendo. Eu quero beijá-la quando eu quiser – quando *ela* quiser – e tocá-la e conhecê-la um pouco, por um tempo.

E então deixá-la ir.

Porque alguém tão brilhante e extrovertido nunca vai querer o para sempre com um rabugento quieto e privado como eu, mas talvez ela pudesse me querer por um tempo. Tempo suficiente para desfrutar do que posso dar a ela, para que eu possa dar a ela tudo o que ela precisa em sua breve fuga do mundo exterior.

E então ela vai voltar à realidade antes que eu possa falhar. Antes que eu fique muito quieto e não seja expressivo o suficiente. Antes de eu ficar tão absorto na pintura, que a faça se sentir ignorada, tão recluso que a frustre quando ela quiser socializar. Antes que qualquer um de nós tenha que experimentar a dolorosa verdade: que não sou alguém que ela desejará para sempre.

Eu observo Rooney enquanto ela murmura para a gata em voz de bebê, enquanto ela sorri e os cantos de seus olhos se enrugam alegremente.

— Vou perguntar a eles — digo a ela. — Sobre ficarem com a gata.

Rooney olha para cima e me dá um sorriso tão deslumbrante quanto o nascer do sol.

— Obrigada, Axel. — Olhando de volta para a criatura adormecida em seu colo, ela passa a ponta do dedo ao longo do cinza macio e felpudo pelo na cabeça da gatinha. — Não consigo pensar em nenhum nome que combine com ela. Como nós devemos chamá-la?

Nós. Essa palavra novamente. Eu saboreio sem vergonha.

— Skugga — digo a ela.

Ela olha na minha direção.

— Skugga? Isso é sueco?

Eu concordo.

— Significa *sombra*. — Deslizando meu dedo por baixo da pata da gatinha, sinto as pequenas patinhas rosa de veludo.

— Tenho a sensação de que ela a seguirá por toda parte. Ela será sua sombra.

— Skugga. — Rooney sorri. — Eu gosto disso.

— Skyler provavelmente mudará o nome. Mas, por enquanto, Skugga combina com ela.

Ela ri.

— Se Skyler souber que você pensou nisso, ela vai adorar. Ela é louca por você. Ela me disse que você é o tio favorito dela.

A surpresa, seguida pelo afeto, floresce em meu peito.

— Parker tem mais irmãos do que eu. Duvido que ela realmente queira dizer isso.

— Foi o que ela disse — sussurra Rooney antes de dar um beijo na cabeça da gatinha. — Você não a ouviu falar de você todas as noites no jantar. Já que você mal está por *perto* para o jantar.

Eu mereço essa farpa por minha evasão na hora do jantar. Então, novamente, pensei que ela estava insistindo que eu comesse com ela na cabana, em vez de comer sozinho por gentileza e educação. E se ela realmente quisesse passar um tempo comigo?

Não. Não, não é isso. Ou, se fosse, talvez fosse o fato de Rooney ser um perigo na cozinha, e eu não, e ela sabia que eu poderia preparar uma refeição decente para nós. Ou talvez, como eu, essa *coisa* elétrica entre nós seja algo que a tortura, e o jantar seria um prelúdio para tirar isso do nosso sistema.

Esse pensamento é um que tenho tido obsessivamente desde que ela foi embora. E se, pelo menos uma vez, fizéssemos isso, percorrêssemos todo o caminho, não parássemos nos beijos e nos toques, mas tirássemos nossas

roupas e fodêssemos um com o outro para que já pudéssemos ter um pouco de paz?

Antes que eu possa levar esse pensamento adiante, o estômago de Rooney ronca alto.

— Com fome? — Eu pergunto.

Um rubor aquece suas bochechas.

— Um pouco.

— Vamos — digo a ela. — Vamos dar um jeito isso.

ROONEY PEDIU ALGO "GENTIL", que ela explicou com um claro rubor em suas bochechas, que descarta coisas altamente fibrosas como lentilhas e feijão, os ingredientes que eu geralmente uso para suplementar a proteína animal, que ela também não come.

Eu ando pelo Shepard's, adicionando comida ao carrinho que já contém brinquedos para gatos, guloseimas para gatos e tudo que eu preciso para uma sopa de batata e alho-poró. Eu adiciono meio quilo de bacon local, um punhado de espinafre e uma dúzia de ovos para uma salada de espinafre quente que posso fazer para nós dois, sem o bacon para Rooney. Eu atravessei mais quilómetros do que o normal nas últimas manhãs, tentando fugir da dor torturante de sentir falta dela, e estou morrendo de fome. Sopa de batata e alho-poró não vai satisfazê-la.

Tento passar reto pelos doces, mas não consigo. Eu sei o quanto Rooney gosta deles. Viro pelo corredor, pegando mais farinha sem glúten, cacau e um saco de açúcar branco. Vou fazer brownies.

Sarah está me observando por trás de seus óculos de aro metálico, fingindo que está lendo o romance de Beverly

Jenkins em suas mãos. É o mesmo que Viggo estava lendo enquanto estava aqui.

— Viggo fez uma visita a você? — Eu pergunto. Deve ter sido para um dos lanches noturnos dele e de Oliver enquanto eles estavam aqui.

Ela abaixa o livro e me dá um sorriso tímido enquanto coloco meus itens no balcão.

— Claro que ele fez. Trouxe-me um novo romance, como sempre. E quanto a você, destruidor de corações? — ela diz, pegando meus itens e começando a escaneá-los. — Outra semana que você está comprando farinha sem glúten. E – *hm* – ingredientes para a sobremesa.

Eu cerro meus dentes.

— Por que você não pega uma garrafa daquele vinho Riesling seco local? Está com os vinhos gelados — diz ela. — Vai ficar ótimo com a sopa de batata e alho-poró. Ah, e o Red Blend para acompanhar a sobremesa de chocolate.

— O vinho não é necessário.

É? Estou apenas preparando o jantar.

— Como quiser — ela diz, registrando os itens. — Estou apenas salientando que um bom vinho pode tornar o jantar especial.

— Tudo bem!

O sofrimento que eu suporto.

Caminho em direção à seção de vinhos, pego as garrafas recomendadas e as coloco no balcão com um baque surdo.

— Feliz agora?

Sua boca se levanta em um sorriso.

— Não sou eu quem você quer fazer feliz. É *ela*.

Eu congelo, com a mão na carteira.

— Como é?

Sarah franze a testa para mim, envolvendo as garrafas de vinho em papel reciclado antes de colocá-las em minhas sacolas de lona reutilizáveis.

— Você não se lembra?

— Lembro do quê?

— Você estava distraído naquela noite, quando você veio aqui meio cansado, mas achei que você se lembraria. Você disse que uma mulher estava visitando. A melhor amiga de Willa?

Meu estômago embrulha. Sarah e minha mãe são amigas íntimas. Eles falam ao telefone todos os dias. Como eu fiz isso? Como vacilei tão terrivelmente? O que eu estava pensando?

— Sarah, você disse alguma coisa para minha mãe?

Ela me lança um olhar de profunda ofensa.

— O que você acha que eu sou? Uma fofoqueira?

— Sim.

— Justo — ela admite, ensacando o último dos meus itens e aceitando meu cartão. — Mas até *eu* posso ser discreta. Especialmente quando sei o quão privado você é. Eu não disse uma palavra.

O alívio me anima.

— Obrigado. Mas ouça, mesmo que você tenha cometido um deslize – o que, por favor, não cometa – não é nada disso, ok? Ela só... ela não é...

— Uhumm. — Sarah pega o recibo da impressora e o coloca para eu assinar. — Apenas alguém que você hospeda há semanas, se virando para cozinhar e assar, que está ficando *em sua casa, a* menos que meus passarinhos, que me mantém informada de todas as coisas por aqui, estivessem mentindo sobre o quão grande é a equipe de Parker e Bennett no chalé.

Meus olhos se arregalam.

— Que tipo de rede de espionagem você comanda por aqui?

Ela sorri.

— Moradora intrometida não é um título que você reivindica sem estar seriamente à altura dele. Agora — ela arranca uma caixa de preservativos da parede atrás dela, onde guarda coisas que as crianças roubam com muita frequência, e as joga na minha bolsa de lona. Em seguida, ela congela, pesca-os e troca-os por uma nova caixa carimbada com uma letra *L em* negrito e grande demais. — Se você for como sua mãe diz que seu pai é–

— Jesus — eu gemo, enterrando meu rosto em minhas mãos. — Pare. Eu não preciso disso, Sarah. Eu te disse, não é assim entre nós.

Tanto quanto eu gostaria que fosse, apenas uma vez. Só uma vez para superar isso e poder seguir em frente com minha vida.

Sarah não remove os preservativos. Ela me lança um olhar longo e duro que me faz desviar o olhar.

— Isso foi o que Meg disse sobre nós também.

A foto de sua falecida esposa está no balcão ao lado da caixa registradora, o cabelo ruivo de Meg, com fios brancos, está em sua cabeça, preso em um coque, seu sorriso brilhante como a impressionante constelação de sardas em sua pele. Sarah agarra a moldura e desliza o polegar suavemente ao longo da bochecha de Meg.

— Se há algo entre vocês, não perca a porra de um minuto, está me ouvindo?

Suavemente, eu trago minhas sacolas para meus ombros.

— Eu te entendo, Sarah. Boa noite.

— VOCÊ VOLTOU! — Rooney salta na minha direção e tira metade das sacolas de supermercado dos meus braços. — Obrigada Senhor. Só tivemos dois acidentes e já os limpei. Acho que ela não gosta do banheiro. Não… — A porta bate. — Deixe a porta bater.

— MIAU! — diz a gata. Como algo tão pequeno faz tanto barulho?

— Ela *estava* dormindo — murmura Rooney, caminhando em direção à porta do banheiro. — Ok, então, dado que a caixa de areia no banheiro não está indo tão bem, onde mais devemos tentar colocá-la?

— No closet.

Rooney quase deixa cair as coisas que segurava.

— No closet? Não podemos enfiá-la no closet!

— É um grande closet.

— Axel Bergman, a gata não vai para o closet. Ela precisa de luz solar para se bronzear. Cantos fofinhos para se enterrar. Muito espaço para brincar.

Há um som líquido assustador do outro lado do banheiro. Se aquela gata cagou nos meus azulejos–

— E talvez de algum lugar com um piso não poroso que possa ser lavado também — acrescenta Rooney, envergonhada.

Isso deixa apenas um espaço. Outro suspiro me deixa.

— Me dê cinco minutos.

Eu destranco a porta do estúdio e entro, fechando-a atrás de mim. É tranquilo e pacífico aqui, as janelas do chão ao teto nos lados oeste e leste deixando entrar a luz lilás do crepúsculo pelas persianas que fechei apenas parcialmente. Arrumei as coisas com bastante cuidado quando aceitei que

a pintura não estava acontecendo, mas esta manhã, finalmente com um pouco de tempo sozinho, me vi aqui, trabalhando em uma tela na qual não tinha nada que trabalhar.

Eu guardo ela, e o resto daquelas telas semi-acabadas e altamente incriminatórias espalhadas por aí. Eu as viro para encostar na parede e jogo um pano sobre elas.

Então, certifico-me de que meus cadernos de desenho conceituais estejam fechados e guardados nas prateleiras finas e organizadas que tenho para eles. Verifico se minhas tintas a óleo e terebintina estão hermeticamente fechadas e colocadas no alto, os pincéis também estão fora de alcance. É como uma proteção para bebês, com base no que me lembro quando Parker e Bennett tinham Skyler.

— Ok — eu chamo, abrindo a porta. — Você pode trazê-la.

Um minuto depois, Rooney entra, com a gatinha nos braços. Ela está usando um moletom que a engole, a cor verde escuro fazendo o verde de seus olhos se destacar. E então eu percebo porque aquele moletom parece familiar.

— Moletom legal — digo a ela.

Ela se arrasta e se agacha, deixando a gatinha saltar de seus braços para o chão.

— Eu precisava de algo para me proteger de suas garras de agulha. Você deveria ver como meus braços estão arranhados. — De pé, ela tira a poeira das mãos e cruza os braços sobre o peito. — Achei isso no closet. Aquele em que você queria enfiar a gata.

— Então você viu – ao roubar *meu* moletom – como ele é grande. Quão confortável ela teria ficado.

— Não tem luz solar! — ela diz.

— É aconchegante — eu rebato.

— Agora já passou. Este é o seu quarto, Skugga — diz ela à gatinha, se curvando e coçando a bochecha dela. Skugga ronrona, depois salta sobre minhas botas, atacando os cadarços.

— Pare — eu digo a ela, pegando-a pela nuca e gentilmente a arrancando da minha bota.

— Você vai machucá-la! — Rooney diz.

— É literalmente assim que mães gatas carregam seus gatinhos. — Colocando Skugga em uma pilha de panos limpos, limpo o pelo das minhas mãos. — Vá — digo a gatinha. — Ataque aqueles ali.

Surpreendentemente, ela o faz, saltando em uma dobra escura no tecido. Ciente de que a gatinha está se divertindo, colocamos sua caixa de areia em um canto do estúdio, e seu prato de água e comida na outra ponta, perto da porta.

— Tchau, docinho! — Rooney chama, enquanto eu a empurro em direção à porta. Estou morrendo de fome e preciso de uma distração. Rooney em minhas roupas está fazendo mais daquelas sensações desconfortáveis de dor latejar no meu peito. E em outros lugares.

Skugga está muito ocupada com os panos para nos notar fechando a porta.

— Acha que ela está bem? — Rooney pergunta.

Eu a cutuco novamente.

— Ela está bem. Ela vai miar se não estiver.

— Eu sinto que a estou abandonando.

— Você não está. Você está dando a ela um espaço aconchegante para comer, cagar, dormir e brincar.

— Já me sinto desolada. Meus braços estão vazios da fofura da gatinha com unhas de agulha. Não consigo parar de me preocupar com ela.

Algo muito perto de um sorriso puxa minha boca.

— Vamos distraí-la, então.

— Como? — Rooney geme, caindo na minha cama.

Seu gemido. Meu colchão. Eu preciso de uma distração também.

Graças a Deus pela intrometida e insistente Sarah Shepard. Pego o Riesling seco ainda frio e faço um trabalho rápido, tirando a rolha.

— Que tal um pouco de vinho?

Rooney apoia-se sobre os cotovelos, olhando para a mercadoria no balcão.

— Que tal vinho *e* outra aula de culinária?

Um zumbido inquieto se instala na minha garganta. Cozinhando em minha pequena cozinha com Rooney. Vinho em nossos sistemas. Eu sinto que é um desastre esperando para acontecer.

Rooney sorri como se ela tivesse lido minha mente.

Talvez um pequeno desastre na cozinha não fosse o fim do mundo.

18

AXEL

Música da Playlist: “Talk Too Much” - COIN

— COMO ESTÁ? — Rooney aponta a faca para a batata que ela está cortando.

Eu paro de mexer a panela que tem alho-poró e aipo refogado, olhando para ela.

— Isso é… algo.

Ela estreita os olhos para mim.

— Gostaria muito de receber críticas *construtivas*.

Abaixando a colher de pau, eu me aproximo.

— Posso?

— Certamente. — Ela pousa a faca na tábua de corte, mas não se move. Quando pego a faca e giro a batata picada pela metade, nossos lados se roçam. O calor corre através de mim.

— Corte ao meio. — Eu mostro a ela, cortando a batata e, em seguida, colocando cada metade em seu lado achatado. — Em seguida, corte-a em seções longitudinais, depois gire-a e corte no sentido contrário.

Quando eu olho para cima, seus olhos estão em minha boca e ela está vermelha, sua garganta e suas bochechas.

— Está tudo bem?

— Eu realmente estou com calor — ela diz de repente, dando um passo para trás e arrancando meu moletom fora de seu corpo, em seguida, jogando-o em uma cadeira na mesa de jantar. Isso faz sua camiseta subir, revelando um pedaço tentador de pele ao longo de seu estômago.

Meu olhar vagueia enquanto ela puxa suavemente a camisa para longe de seu corpo para se abanar. A mulher não usa sutiã, e isso está me matando lentamente – a curva leve

e macia de seus seios dentro das camisetas, como seus mamilos arrepiam sob o tecido quando ela está com frio. Eu não a culpo por não usar sutiã, porque baseado em como Freya reclama deles desde o ensino médio, eles parecem dispositivos de tortura, mas Deus, estou sofrendo por isso.

Ela larga a camisa, que se acomoda, revelando a Srta. Frizzle atrás do volante do Magic School Bus. Rooney sorri ao me ver olhando para ele.

— Você é fã do Friz?

— Eu gostei da série, mas odiei o quão barulhenta era. Eu li os livros, no entanto.

— Uau. Agora que você mencionou, a Srta. Frizzle basicamente grita tudo.

Eu encolho os ombros.

— Ela é entusiasmada. Você gostou?

— Amei. — Rooney volta às batatas, a língua para fora em concentração enquanto tenta seguir meu exemplo. É insuportavelmente doce. — Ela foi meu primeiro contato com uma mulher na área de exatas, e ela fez parecer normal ficar *animada* com isso, sabe? Senti que ela amava ciência pelas mesmas razões que eu.

— E quais eram? — Eu a vejo picar outra batata, desta vez com mais confiança.

— A ciência fez o mundo fazer sentido, e isso fez o mundo parecer tão bonito, vasto e cheio de potencial. Com a ciência, minha curiosidade sempre poderia ser atendida, cada coisa magnífica que vi ou sobre as quais aprendi poderia ser explicada, e isso foi incrível para mim. Ainda é.

Seu cabelo continua caindo em seu rosto enquanto ela corta. Eu paro atrás dela, alisando-o de volta.

— Posso?

Ela olha ligeiramente por cima do ombro.

— O que?

— Colocar seu cabelo para trás.

Ela sorri para mim timidamente.

— Ok?

Rooney é alta, mas eu sou uns 15 centímetros mais alto, o suficiente para ter um bom ângulo para dividir o cabelo dela, começando pelo topo.

— Você pode continuar cortando — digo a ela. — Eu não vou abalar você. Seus dedos estão seguros.

Lentamente, ela pega a faca e começa a mexer na batata. Eu tranço a parte superior de seu cabelo, deslizando meu dedo naquelas mechas loiras e lisas como seda, adicionando pedaços de um lado, depois do outro.

— Então, Srta. Frizzle — eu pergunto a ela, olhos na minha tarefa — alguma frase favorita?

— Hm. — Ela enxuga a testa e volta a cortar. — Bem, há a clássica que todo mundo conhece e provavelmente é a minha favorita: "Arrisque-se, cometa erros e bagunce!" E depois outra que meus pais definitivamente nem sempre gostaram que eu levasse a sério: "Se você continuar fazendo perguntas, continuará obtendo respostas".

Puxando outra mecha de cabelo junto, eu aperto a trança.

— Você soa como a Skyler.

— Ela me lembra um pouco de mim mesma — diz Rooney. — Mas ela é mais esperta. Eu sou inteligente o suficiente, mas basicamente eu estudei para caramba. Com Sky, você pode perceber que tudo está disparando tão rápido em seu cérebro. Ela vai longe.

— Ela também é brutal em jogos de tabuleiro.

Rooney ri.

— Eu posso imaginar isso. Quando brincamos com Harry naquela manhã em que eles apareceram aqui, ela estava

tentando fazer de tudo uma competição. Eu continuei com o jogo que ela inventou usando o pedaço de pau que estávamos jogando para ele, e felizmente perdi.

— Você é uma pessoa melhor do que eu. — Uma mecha se solta da trança quando me aproximo das pontas de seu cabelo. Eu coloco de volta.

— Acho que estou pegando o jeito dessa coisa de picar batatas. Estou contratada?

Eu espio por cima do ombro dela.

— Com certeza.

— Então — ela diz, pegando outra batata. — Há algum artista que te inspirou? Uma citação de algum deles que você ame?

Eu termino de trançar seu cabelo, e, em seguida, alcanço o elástico de cabelo que está em seu pulso. Quando eu o tiro, meus dedos roçam sua pele, arrepios percorrendo seu caminho. Eu a observo, de cabeça baixa, o perfil que já memorizei, arrastando meu carvão pelo papel enquanto representava a curva suave de seu nariz, a covinha sombreada em sua bochecha, aquela boca carnuda e exuberante.

— Picasso disse: "A arte é uma mentira que nos faz perceber a verdade".

Largando a faca, ela me encara.

— Isso é muito bonito.

Meus olhos percorrem seu rosto.

— É.

O silêncio se estende entre nós e a dor dentro de mim se transforma em fome. Fome que me dá vontade de deslizar minhas mãos por sua blusa e senti-la, de fazê-la sentir o que não sei dizer, de explicar o que é beijá-la e conversar com ela

e cozinhar com ela, que inexplicavelmente tudo isso parece certo, quando nunca pareceu certo com mais ninguém.

Mas de que adianta, quando meu lugar é aqui, o dela lá, e nossas vidas estão em mundos separados? Então, eu supero o impulso e o silêncio confortável, pegando as batatas e dizendo a ela:

— Você fez um bom trabalho. Agora vamos apenas mexê-las e dar-lhes alguns minutos.

— Entendi. — Rooney afasta uma mecha do rosto dela e passa a mão pelo cabelo, sentindo-o. — Trança embutida? — ela pergunta.

Mexo as batatas e pego a colher.

— Uhum.

— Quem te ensinou a fazer trança embutida? — ela diz, pegando seu vinho e tomando um longo gole. — Uma namorada? Namorado? Desculpe, eu tenho que perder o hábito de fazer essas suposições de gênero. *Parceiro*, eu deveria ter dito. Quem quer que fosse, tenho certeza que era super legal. Talentoso. Artístico. Cozinheiro incrível. Definitivamente, não precisava de uma lição de cortar uma batata. — Ela ofega por ar, então toma um longo gole de vinho. — Eu falo demais.

Levo o vinho à boca e tomo um gole também.

— Foi Freya. Ela me fazia fazer isso para seus jogos de futebol. Em geral, a mamãe estava muito ocupada com as outras crianças, e Freya nunca conseguiu pegar o jeito de fazer isso sozinha.

Rooney pisca para mim.

— Você trançava o cabelo da sua irmã?

— Totalmente para meu próprio benefício. Ela se sentava na frente do espelho, tentando fazer sozinha, e acabava xingando e gritando e chorando tão alto que meus ouvidos

doíam. Se eu trançasse seu cabelo, não teria que lidar com isso.

— Uhum. — Ela sorri, depois volta para a comida. — O que vem agora?

— Primeiro, mexa as batatas novamente, antes de adicionar o caldo de legumes.

Ela se inclina sobre a panela, mexendo. Abro duas caixas de caldo de legumes que ela acrescenta.

— Agora ligue o fogo — digo a ela. — Assim que estiver fervendo, vamos baixar a temperatura e deixar ferver.

— Tudo bem — ela diz, batendo com a colher. — Estou indo muito bem fazendo essa refeição, e, até agora, nada pegou fogo ou explodiu. Isso é incrível.

— Afaste-se, Julia Child. Há uma nova chef na cidade.

Ela inclina a cabeça para trás e ri.

— Não sei, não. Estou contente em comemorar por não estar pondo fogo em sua casa.

— Você está indo bem. — Pego meu vinho e tomo um gole.

O olhar de Rooney vai para a minha boca novamente antes que ela desvie o olhar, puxando sua camisa.

—Deus, está quente — ela murmura. — Posso abrir a janela sobre a pia?

— Claro.

Ela se vira e se inclina sobre a pia, revelando a bela silhueta de seu corpo. Pernas longas, uma bunda redonda e doce, a inclinação suave de seus quadris. Eu agarro a bancada e começo a contar regressivamente a partir de cem em sueco.

— Você não está com calor? — ela pergunta.

Calor? Estou queimando de dentro para fora.

— Uh. Um pouco. Sim.

— Você não quer tirar essa camisa? — ela pergunta. Suas bochechas se transformam em framboesas.

— Quero dizer, não *tirar, tirar*, mas tirar e substituir a camisa de flanela por uma camiseta… Quer saber? Vou parar de falar agora.

— Não, você está certa. Quero dizer… — eu limpo minha garganta, me desencostando da bancada. — Eu farei isso.

Enquanto ela se volta para a panela e a mexe, eu caminho até o cômodo principal, passo pela cama e abro minha cômoda para pegar uma camiseta. Arranco a flanela pela cabeça e a coloco de lado.

Enquanto puxo para baixo minha camiseta, o tecido logo acima dos meus peitorais, Rooney ergue os olhos das batatas.

—Você... *Puta merda*. — Sua boca se abre. Seu olhar percorre meu torso. Então ela fecha os olhos. — Desculpa. Apenas... Sim. Desculpa.

Eu acabo de puxar minha camisa para baixo. Volto com cuidado para a cozinha.

— Por que você está se desculpando?

— Esquece. — Sua voz está estranhamente aguda. Ela limpa a garganta. Ela está corada, os olhos brilhantes enquanto puxa a camisa para longe do peito novamente. Digo aos meus olhos para não percorrerem seu corpo, mas não consigo parar. Deus, as coisas que quero fazer com ela.

— Você, hum, quer um pouco de ajuda com a salada de espinafre até que a sopa esteja pronta para ser batida? — ela diz, me trazendo para a realidade.

Salada. Certo.

— Certo. — Isso sai áspero e grave. Minha vez de limpar minha garganta. — Você consegue descascar ovos cozidos?

— Muito bem. — Ficamos lado a lado, trabalhando na salada, cada toque de nossos corpos uma tortura que eu

nunca soube que experimentaria simplesmente cozinhando ao lado de alguém. Depois que a salada está pronta, ela segue minhas instruções e coloca a sopa no liquidificador.

— Então. — Ela agarra a base do liquidificador, os olhos nos botões. — Qual eu aperto?

— Qual você acha que parece melhor?

— Eu acho que a configuração mais baixa, para aliviar o motor e a comida, em vez de chicotear em alta velocidade, de repente.

Eu concordo.

— Certo, mas primeiro…

Com o gatilho feliz, Rooney aperta o botão. A sopa de batata com caroços explode como um gêiser pelos dois segundos que ela leva para apertar DESLIGAR.

— …Tenha... certeza... que a tampa está totalmente fechada — eu murmuro.

Rooney fica parada, boquiaberta, com as mãos para cima, chocada. Lentamente, ela se vira e me encara, piscando rapidamente. Uma batata mole desliza pelo seu cabelo.

Eu arranco um pedaço de batata do meu ombro, em seguida, me afasto da bancada, dando um passo para perto dela. Há um pedaço de batata aninhado em sua trança que eu removo, colocando-o na bancada.

— Um erro compreensível.

Ela morde o lábio inferior e me olha com os olhos grandes e tristes. Então ela começa a fungar. Isso faz eu me sentir como se meu peito estivesse sendo aberto.

— Rooney, não chore. Tudo bem. Lembre-se? "Arrisque-se, cometa erros e bagunce!”

A fungada se intensifica.

— Eu sou um desastre na cozinha — ela sussurra, piscando para afastar a umidade que brilha em seus olhos.

Limpo um pouco de sopa de sua têmpora, depois de sua bochecha. Estamos ambos um pouco sujos, mas felizmente, a maior parte da comida parece ter ido para os armários e o balcão.

— Você não é um desastre na cozinha.

— Sim, sou — diz ela miseravelmente, os ombros caindo. — Eu fiz cair sopa de batata em seus armários e em seu cabelo–

— Eu... precisava de um banho de qualquer maneira.

Uma explosão de risos a deixa. Então outra. Então ela está rindo tanto que sua testa bate no meu peito. Aproveitando o alívio por as lágrimas terem sido evitadas, tiro mais batata de seu cabelo, jogando na pia, até que ela se endireite novamente e enxugue os olhos.

— Certo — ela diz. — Você tem razão. Tentativa e erro. Erros são oportunidades de aprender. Estou legal. Estou bem. Isso pode ser corrigido. — Ela passa por mim, molha um pano de prato e rapidamente limpa a sopa de batata dos armários e balcões. Pego o que está no chão e jogo no balde de compostagem.

Assim que limpamos tudo, aponto para o liquidificador novamente.

— Tudo bem. Segunda rodada.

Rooney coloca a mão na tampa desta vez.

— Preparado? — ela pergunta, seu sorriso nervoso.

— Espere. — Volto até o cabideiro, tiro minha jaqueta de chuva de lá e a coloco. — Vá em frente.

Seus olhos se estreitam. Então ela ri tanto dessa vez que ecoa na cozinha.

— Espertinho — ela murmura. Então ela me agarra pela jaqueta de chuva e me puxa para perto.

Eu fico olhando para ela, corada, os olhos brilhando. E então eu seguro seu rosto e a levo de volta contra o balcão. Ela fica na ponta dos pés, e nossas bocas se encontram, depois se abrem. Sua língua sacode a minha suavemente, e é um interruptor acionado. Estamos nos beijando com o tipo de energia frenética que fez a sopa voar pelo ar.

Eu tiro a jaqueta enquanto ela agarra a frente da minha calça jeans, arrastando meus quadris contra os dela. As pontas de seus dedos roçam na minha barriga, enquanto sua boca viaja pela minha garganta – beijos quentes lentos, sua língua provando minha pele em seu caminho para um espaço sensível abaixo da minha orelha que me faz gemer como se estivesse morrendo.

— Tudo bem? — Ela pergunta, enquanto suas mãos deslizam pelo meu torso, descansam sobre meu peito, bem abertas. Pressão forte, suave e uniforme. Fodidamente perfeito.

Eu aceno, beijando-a profundamente.

— Sim. — Minha boca percorre seus lábios, suas bochechas, seu pescoço. Minhas mãos envolvem suas costelas, descendo até a cintura e depois voltando. — Posso te tocar? — Eu pergunto.

— Deus, sim. — Pegando minha mão, ela a desliza por baixo da camisa. Já estou duro para caralho, mas agora, de alguma forma, estou mais duro ainda, sentindo sua pele macia e quente sob meus dedos, o leve peso de seu seio na minha mão. — Merda — diz ela sem fôlego.

Eu solto minha mão, agarro-a pela cintura e a levanto sobre o balcão, parando entre suas pernas. Minhas mãos encontram seus quadris e a puxam para perto, mas não perto o suficiente. Eu deslizo meu toque em torno de suas costas,

em seguida, abaixo, massageando sua bunda, balançando-a contra mim.

Suas mãos vagam pelo meu pescoço, passando pelo meu cabelo, raspando meu couro cabeludo.

— Tudo bem? — ela pergunta.

— Uhum. — Eu aceno contra o nosso beijo, minha língua fazendo em sua boca o que eu quero tanto que meu corpo faça com o dela que é difícil ficar de pé, pensar ou funcionar.

Está fazendo a porra de uns mil graus aqui, o pequeno espaço ecoando com nossas respirações ofegantes, a fricção silenciosa de nós nos movendo um contra o outro, mas eu não consigo parar, e eu não consigo obter o suficiente.

Minhas mãos envolvem suas coxas. Eu quero senti-la, molhada e quente. Eu quero prová-la e respirá-la. Só *pensar* nisso está prestes a me matar.

Tenho sido celibatário por tempo demais.

19

ROONEY

Música da Playlist: “Green Eyes” - JOSEPH

AXEL SEGURA MEUS QUADRIS E PUXA CONTRA OS SEUS. Ele pressiona um beijo atrás da minha orelha, sua respiração sussurrando sobre minha pele sensível.

— Posso tocar em você aqui? — ele diz baixinho.

O ar foge de mim enquanto suas mãos sobem por minhas coxas, seus polegares circulando mais alto. Cada vez mais. Sua boca roça a minha. Um leve beijo. Então mais forte.

Eu concordo freneticamente.

— Sim.

Assim que a palavra sai da minha boca, ele puxa minha legging e a joga de lado. Estou sentada no balcão da cozinha com meias de lã felpudas, uma calcinha dolorosamente entediante e uma camiseta vintage do Magic School Bus. Este é basicamente meu uniforme para a vida toda quando outras pessoas não estão por perto, mas não tenho a ilusão de que seja sexy.

Porém a maneira como Axel está respirando, como ele embala meu rosto e me beija, em seguida, passa as mãos pelo meu corpo e me puxa para mais perto como se ele não se cansasse, diz o contrário.

— Jesus — ele respira, esfregando meus mamilos através da minha camisa. Em seguida, ele abaixa a cabeça e os chupa sobre o tecido, seguindo com um leve arranhar de dentes. Eu me apoio no balcão enquanto ele me segura, uma mão nas minhas costas, então na minha bunda, a outra segurando meu pescoço enquanto ele lambe meus mamilos.

— Você não usa sutiã — ele murmura, mudando para o outro seio, massageando minha bunda, esfregando-me contra a saliência grossa e dura de sua ereção dentro de sua calça jeans. — Isso me mata.

— Eles são pequenos — digo a ele fracamente, ofegando enquanto ele chupa o mamilo com mais força e o provoca mais com os dentes. — E eu odeio sutiãs. Eu odeio roupas. Eu seria nudista se pudesse.

Ele geme, beija minha garganta, reclama minha boca.

— Tortura — ele murmura. — Tortura do caralho. — E então sua mão vagueia pelo meu estômago – toques suaves e ternos. A junta de seus dedos roça meu clitóris através da minha calcinha, e eu quase caio do balcão.

— Por favor. — Estou implorando, esfregando-me contra sua mão, tão desesperada pelo orgasmo que mal consigo levar oxigênio suficiente aos meus pulmões, mal consigo formar um pensamento coerente.

Axel observa, como um dedo, depois dois, se esfregam na minha calcinha. Então, lentamente, ele os desliza por baixo do tecido, a primeira pincelada de seus dedos onde estou molhada e extremamente sensível, fazendo eu me agarrar a ele. Beijos fracos roçam minha têmpora. Seu polegar circula suavemente onde eu preciso. E então ele afunda um dedo dentro de mim, se enrolando suavemente e acariciando meu ponto G.

Minha boca se abre. E então mordo seu pescoço como o animal em que me transformei.

Ele grunhe enquanto eu o sigo com um beijo, enquanto lambo sua clavícula, seu pomo de Adão, e pressiono longos e quentes beijos em sua garganta.

— Sinto muito — eu digo contra sua pele.

— Não sinta — ele murmura. — Deus, você está tão perfeita. Tão quente e úmida e... *porra.*

Estou esfregando-o sobre sua calça jeans, saboreando o contorno grosso e esticado do tecido.

— Rooney, agora não — ele implora.

— Por quê?

Ele geme enquanto eu o esfrego novamente, mas então ele remove suavemente minha mão. Ele me beija profundamente, depois adiciona um segundo dedo e bombeia mais rápido.

— Porque eu quero te dar isso, e eu não posso enquanto você me toca. Vou foder sua mão e esquecer do meu nome, e não é isso que estou fazendo agora.

— Eu… — Engolindo, eu inclino minha cabeça para trás enquanto ele beija minha garganta. — Eu quero que você se sinta bem também.

— Eu me sinto — ele diz suavemente, com sinceridade, enquanto seu toque me traz cada vez mais perto. — Isso me faz sentir bem. Diga-me o que é bom para *você*. Eu quero saber.

Eu suspiro contra seu beijo.

— Esfregue para cima e para baixo também, não apenas em círculos. Um pouco mais gentil.

Seu toque se suaviza, muda para golpes rítmicos de cima para baixo. É tão perfeito que mal consigo montar sua mão com força suficiente para perseguir a liberação mais rápido.

— Eu consigo sentir você — ele sussurra. — Tão perto.

Eu aceno furiosamente, olhos fechados, perdida na leveza de ser segurada em seus braços, saboreada, tocada e beijada. Minhas coxas apertam em torno de seus quadris. Nossas línguas acariciam e sugam enquanto o calor sobe pelo meu peito e garganta. Meus seios roçam em seu peito,

meu clitóris lateja contra sua mão e, quando gozo, é um suspiro apertado e sem fôlego.

É apenas a nossa respiração, pesada e rápida, ecoando na cozinha enquanto Axel me beija profundamente, mais uma vez, então suavemente se afasta. Ele fecha os olhos enquanto coloca cada dedo que estava dentro de mim contra sua língua e chupa. Eu o toco novamente através de sua calça jeans enquanto ele faz isso, ganhando um gemido e um longo suspiro quando abro o primeiro botão, em seguida, acaricio sua cueca boxer.

Sua mão segura a minha. Ele balança a cabeça.

— Está tudo bem.

— O que?

Ele pressiona um beijo suave na minha têmpora, depois na minha bochecha.

— Às vezes eu sinto prazer quando não gozo. Fazer você gozar foi prazeroso o suficiente.

Minha boca se abre. Ele disse o *quê*?

— MIAUUUUU! — uiva Skugga do estúdio.

Suspiro e fecho os olhos enquanto Axel se afasta ainda mais, se ajustando discretamente.

— Eu vou ver como ela está.

Eu fico sentada no balcão. Atordoada. Chocada.

Talvez adotar uma gatinha não foi uma ideia tão boa, afinal.

— TEM CERTEZA DE QUE NÃO QUER PROVAR? — Eu seguro um pedaço de brownie.

Axel balança a cabeça.

— Não.

— Bem, isso é um desastre. Você não gosta de doces e tem uma forma inteira de brownies para ser comida. Brownies de *chocolate amargo* sem glúten. — Eu coloco um pedaço na boca e suspiro feliz. — Meu favorito.

Sua boca se levanta levemente no canto, a coisa mais próxima de um sorriso.

— Suponho que você terá que comer tudo.

Eu suspiro dramaticamente enquanto pego a faca para cortar outro quadrado de brownie, um canto delicioso e grudento.

— Eu deveria. Porém, talvez eu guarde um pouco para o jantar amanhã à noite com a equipe, para compartilhar com Skyler.

— Não teremos mais desses — diz ele.

Eu vacilo com a faca, perplexa com o quão desapontada estou. Eu adorava aqueles jantares turbulentos.

— Oh. Por quê?

— Os projetos urgentes foram concluídos, então não há mais necessidade de ficar até tarde mais. — Axel franze a testa, tentando ler minha expressão. — O que está errado?

— Nada — eu digo automaticamente, por um hábito muito arraigado. *Sorria, acalme as coisas, está tudo bem.*

O pé de Axel gentilmente cutuca o meu por baixo da mesa. Ele olha para o prato que estava cheio de bacon, ovos e salada de espinafre, completamente limpo. O homem come como um adolescente.

— Rooney — diz ele calmamente. — Eu… — Limpando a garganta, ele olha para o teto e diz: — Eu não leio muito bem as entrelinhas. Você disse que nada está errado, mas tudo em seu corpo diz que algo está. Não sei o que fazer com isso.

Eu deslizo meu pé contra o dele, pés com meias nos pés com meias.

— Desculpa. Mau hábito. Eu deveria ter dito que estou... desapontada. Vou sentir falta de todos, principalmente de Parker, Bennett e Sky.

— Eu posso pedir a Bennett para trazer Skyler depois da escola um dia desses, antes de você ir. Talvez possamos jantar com eles também.

Eu sorrio.

— Sério?

Axel se afasta da mesa, em seguida, pega um caderno e uma caneta de ponta fina que está na borda de uma das prateleiras flutuantes.

— Quando uma coisa te faz sorrir assim, como eu poderia dizer o contrário?

Meu rubor é espetacular.

— Eu sorrio o tempo todo. Não custa muito.

— Verdade. — Abrindo em uma nova página, ele se recosta na cadeira em um ângulo que eu não posso ver o que ele está desenhando. — Mas há sorrisos diferentes.

Eu inclino minha cabeça. Ele está flertando comigo?

— Existem?

Ele balança a cabeça, a mão movendo-se rapidamente.

— Tem o pequeno sorriso. Talvez seja... o educado. Para pessoas que eu geralmente faria careta.

Eu rio.

— Há o sorriso maior. Talvez seja esse o sorriso de contentação. Eu vejo muito ele na casa dos meus pais.

— É porque gosto muito da sua família. Estou contente com eles.

Ele estreita os olhos para o papel, enquanto sua caneta dança em sua superfície.

— Então há o sorriso que você acabou de dar. Esse é mais difícil de ganhar.

Meu coração está dando um salto selvagem no meu peito, batendo contra minhas costelas, tornando difícil respirar.

— Que sorriso é esse?

Sua boca levanta no canto novamente enquanto ele olha para seu desenho.

— Não é o maior, mas é o mais *você*. Seu sorriso quando ninguém está olhando. Quando você pensa que ninguém está.

— Corrija-me se eu estiver errada, mas só posso concluir que, já que você percebeu este sorriso, você *tem* olhado.

Ele limpa a garganta. Um leve rubor aquece suas bochechas.

— É uma prerrogativa dos artistas, observar os humanos.

Eu coloco outro pedaço de brownie na minha boca.

— Diz o artista que pinta abstratos.

Ele inclina a cabeça, ajusta a caneta em seu punho.

— A arte abstrata é profundamente humana.

— Como assim?

— A boa arte – não importa quão representativa pareça ser ou não – *é* uma representação da emoção humana. Expressa e evoca nossos sentimentos, não apenas com a cor na tela, mas com todos os espaços onde a cor não existe. A ausência tem presença. Abstração é representacional.

— Isso é um grande paradoxo.

— Toda arte é um paradoxo — diz ele, de olhos baixos, ainda desenhando.

Eu sorrio, lembrando do que ele me disse na cozinha.

— "A arte é uma mentira que nos faz perceber a verdade".

Ele concorda.

— Exatamente.

— Nunca soube o que fazer com a arte. Eu só sabia que sua arte falava comigo. Agora eu entendo o porquê – ela me faz sentir *e* me sentir vista em meus sentimentos.

A caneta de Axel faz uma pausa. Ele olha para cima, seu olhar passando rapidamente para a minha boca, então de volta para baixo.

— Mesmo?

Eu cutuco seu pé debaixo da mesa novamente. Ele prende meu pé sob o dele.

— Você só foi exposto uma vez em LA, mas eu estive lá o máximo que pude. Achei que fosse bastante óbvio que amo sua arte, Axel.

O rubor se aprofunda. A caneta cai de sua mão. Ele fecha o caderno.

— Hm.

— Eu teria dito isso. — Eu coloco meu outro pé em cima do dele embaixo da mesa. — Mas eu estava tentando não ser uma fã descarada. Você certamente tem fãs o suficiente, dada a atenção que você recebeu naquela exposição.

O calor inunda minhas bochechas. Eu acabei de deixar muito muito claro que eu o estive observando, também.

Se Axel percebe, ele não deixa transparecer. Ele olha para seu bloco de notas, uma carranca profunda em seu rosto.

— Hm.

— O que é todo esse *hmm*?

Ele arrasta os nós dos dedos pela boca, e há algo errado comigo, porque cada vez que ele faz isso, é como se ele tivesse ligado a minha libido. Eu me movo desconfortavelmente na minha cadeira.

— Nada — ele murmura.

— Ah, não, eu acho que não. Se eu não consigo me safar com um "nada", você também não pode.

Axel tamborila os dedos em seu caderno de desenho. Então ele se senta, joga na mesa e passa as mãos pelos cabelos. Ele fecha os olhos e respira fundo.

— Eu honestamente não me importo com o que estranhos pensam da minha arte. Gosto que venda, mas não me importo com a opinião deles além disso. Fiquei um pouco em pânico quando todos vocês apareceram na minha exposição em LA. Se meus pais tivessem ido, eu teria perdido a cabeça.

— Por quê?

Lentamente, ele abre os olhos, olhando para o teto.

—É como a coisa toda de pintar amanheceres e entardeceres. Quero que eles entendam e se conectem com minha arte, e não suporto a ideia de que não o façam. Portanto, ainda não permiti que meus pais comparecessem a uma exposição.

Minha boca se abre.

— Axel Bergman.

Seus olhos baixam e pousam na minha boca. Ele engole com dificuldade.

— Sim?

— Seus pais vão adorar sua arte porque te amam. Deixe-os ir a sua exposição.

— Só porque você ama alguém, não significa que você os compreende — diz ele. — Você mesma disse, quando me contou sobre sua família, que às vezes a maneira como as pessoas te amam não é suficiente.

Eu fico olhando para ele.

— É um contexto muito diferente. Você realmente acha que seus pais não entenderão o seu trabalho e o amarão?

Ele olha para suas mãos.

— Eu não sei. Só sei que não tenho certeza se conseguiria lidar com isso se eles não o fizessem. Talvez isso pareça ridículo, mas é como eu coloquei na minha cabeça.

Eu fico olhando para ele e me inclino um pouco mais para perto.

— Pense no que você está perdendo por não confiar neles, por outro lado. Do jeito que você tem feito, com certeza, você evita a possibilidade de que eles possam te machucar por não se conectar com o que você fez. Mas você também está perdendo a oportunidade de experimentar o orgulho e o amor deles. E se eles gostarem, Axel? E se eles estiverem brilhando, emocionados e apaixonados pela sua arte?

Lentamente, ele olha para cima.

— Nunca pensei no que estava perdendo. Só no que eu estava evitando.

— Tente dar uma chance a eles?

Ele concorda.

Eu sorrio, satisfeita.

— Bom.

Axel também se inclina, os cotovelos na mesa, os olhos fixos no meu ombro. Alcançando minha trança, ele enfia um pedaço solto de volta. A trança cai suavemente no meu ombro, mas as pontas dos dedos de Axel permanecem, deslizando ao longo da minha clavícula, seu olhar seguindo seu toque. Sua expressão é tão séria, tão focada.

— No que você está pensando? — Eu pergunto.

Ele inclina a cabeça. Seus olhos escurecem enquanto seu dedo desliza para baixo, sobre a protuberância do meu seio.

— Estou pensando no que eu disse antes, quando você chegou. Sobre beijar você.

O calor corre através de mim enquanto se repete na minha memória.

Eu quero te beijar tanto que isso apagou todos os outros pensamentos do meu cérebro. Não há nada além de desejo. Desejo por você.

— E? — Eu pergunto com muito menos fôlego do que eu pretendia.

— Você gostaria… — Ele limpa a garganta. — Digo, você gostaria de... Foder? — Afastando-se, ele enterra o rosto nas mãos.

— Se eu gostaria de... foder?

— Não — ele geme. — Espere. Quero dizer, sim, mas não foi isso que eu quis dizer, não que eu não... Merda. — Ele agarra minha mão, traçando minha palma com a ponta do dedo, e exala lentamente, então diz:

— Eu sou péssimo nisso.

Eu deveria dizer algo para deixá-lo à vontade, mas é muito difícil pensar quando ele está acariciando minha palma, uma ponta de dedo calejada girando em um círculo hipnotizante que eu quero que aconteça onde estou me sentindo tão dolorosamente carente de novo, é quase insuportável.

Tenho sido celibatária por muito tempo.

— Ax… — Minha voz sai tão aguda quanto a dos Lollipop Guild. Limpando minha garganta, tento novamente. — O que você quer me perguntar?

— Eu… — Olhando para mim, ele diz: — Você sente isso?

Eu fico olhando para ele, meu coração batendo forte.

— Sinto o quê?

Seu polegar desliza sobre a base macia da minha mão.

— Essa... *coisa* entre nós. Quando nos beijamos. Quando nos tocamos. O que aconteceu na cozinha…

— Sim — eu deixo escapar enquanto suas mãos se movem para os meus pulsos. Sinto minha pulsação no clitóris e todo o meu corpo dói tanto por ele que mal consigo respirar. — Sim, eu sinto isso.

— Você… — Ele fica quieto por um momento, exceto por sua respiração, que é tão instável quanto a minha. — Quer *fazer* algo a respeito?

Eu arqueio quando ele atinge um ponto sensível.

— Sexo?

Ele concorda.

— Nós poderíamos... tirar isso de nossos sistemas. Uma vez, resolvendo tudo.

— Uma vez? — Eu gemo.

— Uma noite — ele corrige. — Uma noite é mais razoável.

— Com certeza. Seria. Sim. Eu quero isso. Se você quiser.

— Eu quero — ele diz, parando sua massagem, nos tirando da névoa erótica. — Mas isso está... Você está confortável com isso? Estar casada por, você sabe, razões obviamente não românticas, e fazer sexo por... razões também não românticas?

O *Sim* não sai da minha boca como deveria, mas por que eu não estaria confortável? Claro, eu gosto dele além da atração sexual que se tornou óbvia para nós dois. Provavelmente sinto um pouco mais por ele do que deveria, mas é difícil não sentir, dada a situação em que estamos – sempre juntos ou perto um do outro, dividindo espaço... casados.

Eu fico olhando para sua mão. Aquela que estava usando a aliança de casamento e não está mais.

— Para onde foi a sua aliança?

Ele enfia a mão dentro da camisa e puxa uma corrente que prende os dois anéis. Deslizando-a pela cabeça, ele desfaz a corrente e, em seguida, desliza para fora dos anéis.

Ficamos olhando para eles empilhados sobre a mesa, em silêncio.

— Eu a tirei quando os projetos de homem chegaram — ele finalmente diz.

Eu pego a minha, quente de sua pele, e a examino.

— Eu me senti nua sem ela, na casa de Willa.

Ele corre o polegar ao longo do dedo anelar.

— Deveríamos continuar usando. Não quero que Vic tenha ideias.

Eu rio suavemente.

— Ele é inofensivo.

— Hm. — Axel desliza meu anel de volta, depois o dele. — Pronto — ele diz. — Melhor.

Eu fico olhando para nossas mãos, sua aliança de casamento ao lado da minha. Me ocorre, como tende a acontecer de vez em quando quando vejo, que estou em um casamento luxurioso e sem amor.

E agora estou discutindo fazer sexo luxurioso e sem amor com meu marido.

Há uma parte de mim que se pergunta se poderia haver mais, se Axel está tão curioso sobre o que pode haver entre nós quanto eu? Sim. Mas... ele ofereceu apenas uma noite, e acho que deveria respeitar isso. Já não me insinuei o suficiente na vida dele, sem pedir ainda mais?

— Uma noite — digo a ele tanto quanto a mim mesma. — Apenas sexo.

Ele engole em seco.

— Apenas sexo.

Eu reorganizo nossas mãos para que elas fiquem bem apertadas, prontas para firmar a única promessa – ao contrário dos muitos votos de casamento – que faremos e realmente cumpriremos. Apenas uma noite de sexo, sem estranheza depois, sem tentação de prolongar o inevitável. Ele vai voltar a estar ocupado, eu vou ficar sozinha, então vou voltar para casa no dia de Ação de Graças–

Espere. Ação de graças. Ver sua família. Socializar. Onde isso vai nos deixar? Estaremos *ambos* confortáveis, depois de resolvermos isso entre nós?

— Estou confortável com isso — digo a ele. — Mas, depois, será possível... Você se sentirá confortável estando perto de mim? Tipo, se eu fosse ao Dia de Ação de Graças na casa dos seus pais, você ficaria bem com isso?

Ele inclina a cabeça.

— Claro, Rooney. Esse é o ponto, certo? Vamos seguir em frente a partir *disso* e então nós poderemos estar perto um do outro com mais facilidade. Você tem que ir para o Dia de Ação de Graças. Minha família, eles sentiriam sua falta se você não fosse.

Eu sorrio levemente enquanto seu polegar acaricia minha palma.

— Então, podemos ser amigos?

— Sim. — Seu olhar é sério, sua mão quente e forte segura a minha. — Amigos.

AXEL ESTÁ DE PÉ NO TAPETE de boas-vindas do lado de fora de sua casa, pronto para sua caminhada até o chalé, onde ele está dormindo agora. Eu me inclino na porta e sorrio para ele.

— Obrigada pelo jantar. E pela sobremesa. E pela aula de culinária. Desculpe pela explosão da sopa de batata.

Ele corre o dedo pela minha trança e enrola a ponta dela em torno de seu dedo, parecendo estar muito perdido em seus pensamentos.

— Uhum.

Harry, o galgo, emerge das sombras, seu galope feliz fazendo um ritmo irregular contra o chão. Eu coço suas orelhas e me curvo para dar um beijo na cabeça dele.

— Senti sua falta — digo a ele.

O cachorro sobe nas patas traseiras e eu o abraço.

— Calma, Harry — diz Axel.

O cachorro solta e apoia o focinho em minha mão.

— Então você cedeu, não foi?

Axel balança a cabeça enquanto o cachorro lambe os nós dos seus dedos.

— Ele responde melhor a Harry. O que eu poderia fazer?

— MIAUUUUU! — a gatinha grita do estúdio. Os ouvidos de Harry se levantam antes que ele se afaste em direção ao estúdio no final da cabana para explorar o som desse novo intruso felino.

— Bem. — Eu aponto com o polegar por cima do ombro. — A maternidade me chama.

A boca de Axel se inclina deliciosamente perto de um sorriso. E então, de repente, o ar parece diferente, algo preenchendo o espaço entre nós, quieto, silencioso e inseguro.

Isso se parece perigosamente com... *sentimentos*. O que não pode ser. Não, não é. Não quando acabamos de concordar que tudo de que precisamos é foder um ao outro para fora de nossos sistemas e depois nos separarmos como amigos. Talvez não sejam sentimentos, então. Talvez seja

simplesmente sentir-se seguro com alguém. Seguro e compreendido.

— Você… — Eu engulo meu nervosismo e deixo escapar. — Você acha que poderíamos nos abraçar?

Axel fica quieto por um momento, olhando para suas botas, antes de levantar a cabeça e se aproximar. Suas mãos deslizam pelos meus braços até que nossos dedos se enredem. Ele descansa sua têmpora contra a minha.

— Abraços são um pouco estranhos para mim — ele admite. E agora eu sei por que ele está me dizendo assim, quando estamos nos tocando, mas não olhando, perto, mas não compartilhando o contato visual revelador. Ele se sente vulnerável quando fazemos isso. — Mas se você não passar as mãos nas minhas costas ou me fazer cócegas, vai ficar tudo bem.

Sua barba é surpreendentemente macia enquanto roça minha bochecha. Respiro o calor de sua pele, aquele cheiro reconfortante de sabonete de cedro pelo qual estou viciada. Afeição aperta meu coração.

— Me mostra?

Axel me puxa para mais perto, fazendo-me inclinar em direção a ele e esbarrar em seu peito. Com nossas mãos entrelaçadas, ele envolve meus braços em volta da cintura e diz:

— Segure-me com força.

Eu faço o que ele pediu, travando minhas mãos em torno da largura de sua cintura magra. Minha cabeça repousa logo acima de seu coração. Eu ouço batendo forte.

— Ax, se isso não for–

Antes que eu possa dizer outra palavra, seus braços me envolvem, uma mão nas minhas costas, enrolando em volta da minha cintura, a outra deslizando pela minha espinha, me

fazendo arquear para ele, até que se estabeleça no meu pescoço.

— Tudo bem? — ele pergunta.

Eu aceno, sem palavras. Um abraço nunca foi tão sensual. Finalmente, encontro minha voz.

— Muito bem — digo a ele. — Tudo bem para você, também?

— Surpreendentemente agradável.

Eu rio, mas minha risada desaparece quando seus dedos deslizam em meu cabelo, tocando suavemente ao longo do meu couro cabeludo. A mão em volta da minha cintura me segura com força. Eu sinto cada parte de nossos corpos, próximos. Como nos encaixamos bem. Como será bom quando ele estiver me tocando, movendo-se comigo, seus quadris presos perto como estão agora, seus braços ao redor dos meus. Eu respiro contra seu suéter e o bebo enquanto ele agarra meu cabelo com mais força, sua mão desliza para baixo na curva das minhas costas e me segura perto.

— Você é um bom abraçador — eu sussurro.

Ele está quieto e parado, mas sinto como isso o agrada. A maneira como sua bochecha acaricia meu cabelo e seu nariz se esgueira em minha trança e me inspira também.

— Você também — diz ele.

A última das folhas teimosas do outono voa no vento. O ar está frio, mas Axel está quente, seu abraço é tão calmante, eu me dissolvo nele. É a força de uma árvore enraizada no chão, o conforto de uma fogueira em uma noite fria. É perfeito.

E só o terei por mais um pouco.

— Obrigada — eu sussurro, enquanto o solto. Enquanto ele me solta.

As pontas de seus dedos roçam nos meus antes que ele dê um passo para trás e se vire em direção ao caminho.

Eu observo ele e Harry até que eles se dissolvam na escuridão. E então eu deslizo de volta para dentro para abraçar a gatinha gritando no final do corredor.

Mas, quando passo pela cama e pela mesa de cabeceira, noto um pedaço de papel de desenho quase rasgado brilhando sob a luz do abajur. Eu paro e pego o que deve ser o desenho que ele fez enquanto estávamos sentados à mesa. Harry, o galgo, está deitado de bruços, o rosto sereno, um céu de estrelas, preto como tinta, nuvens e lua crescente pairando acima. Aninhada ao seu lado está uma pequena gatinha, ligeiramente sombreada para se parecer com a bola de pelo cinza miando pelo corredor, um sorriso largo e sonolento iluminando seu rosto.

Eu guardo esse desenho seguro em minha mala. Mais um tesouro daqui que nunca mais quero esquecer.

20

AXEL

Música da Playlist: “Sunlight” - Hozier

ESTOU COM DOR DE CABEÇA e não é por causa do vinho que bebemos ontem à noite. É por causa da máquina de pinball que é meu cérebro, ricocheteando com pensamentos conflitantes. Alívio porque Rooney e eu vamos tirar essa atração inconvenientemente intensa de nosso sistema, nos separarmos como amigos, e a vida continuará. Me preocupa que esse *algo* torcido e dolorido em meu peito e que dobrou durante a noite seja algum tipo de aviso no qual devo prestar atenção.

— Você está extremamente quieto hoje. — Parker enxuga o suor da testa enquanto nos sentamos encostados na parede, fazendo uma pausa em nosso trabalho no piso dos quartos do andar de cima.

— Sarah me empurrou um vinho no mercado — digo a ele. — Rooney e eu bebemos, e posso ou não ter me colocado em uma emboscada.

Parker se anima.

— Parece promissor.

— Não é.

Ele se levanta com um gemido, esfregando os joelhos.

— Bem, eu sou todo ouvidos. Tire isso do seu peito. É sobre Rooney, é claro.

Eu olho torto para ele.

Ele bufa e começa no último piso que precisamos rasgar.

— Sabe, tenho feito um ótimo trabalho cuidando da minha própria vida desde que você me disse para parar de tentar arranjar gente para você. Que foi — ele olha para o

teto. — O que? Dois anos atrás? E, sabe, por acaso, Rooney mencionou de passagem que é há quanto tempo vocês se conhecem.

Meu olhar se transforma em uma carranca trovejante.

Parker dá de ombros.

— Claro que eu gostaria de pagar para ver e, bancar o casamenteiro com vocês dois, já que estou em dívida com você, mas não vou.

— Não, você não vai. Porque ter alguém tentando me juntar, com minha esposa é *totalmente* inapropriado.

Ele assobia.

— A ironia disso. É muito grande.

Vou fingir que nem ouvi isso.

— Além disso — digo a ele. — Você não me deve nada.

— Eu devo sim! Você é a razão pela qual Bennett e eu nos conhecemos e terminamos juntos.

— Isso foi não intencional e totalmente altruísta — eu aponto. — Bennett não parava de falar na minha cabeça naquele show, então eu apresentei vocês dois para tirá-lo da minha cola. Eu não tinha ideia de que vocês se dariam bem.

— Ou que ele estava dando em cima de *você*.

— Eu nunca sei quando alguém está dando em cima de mim. Como alguém sabe uma coisa dessas está além de mim.

Parker ri.

— Aquilo foi impagável. Ele estava tão chateado.

— Até ele perceber que estava muito melhor com você.

A cadência das vozes das pessoas no andar de baixo fica mais alta rapidamente, quebrando o momento. Vozes gritam, risadas se misturam com os gritos. Eu franzo a testa.

— O que é isso?

Parker dá de ombros e arranca uma tira de piso de madeira danificada pela água.

— Quem sabe. Provavelmente apenas um dos caras contando piadas sujas. Eles são crianças. Excelentes com ferramentas, mas crianças. Ouça, posso apenas perguntar – por que você é contra explorar se poderia haver... mais com Rooney?

— Porque sou praticamente um ermitão, com a extensão emocional de um texugo mal-humorado quando sua comida acaba, enquanto ela é a borboleta social mais calorosa e agradável que já existiu, *e* logo ela estará voltando ao mundo real. Um "mais" nem sequer passou pelas nossas cabeças. E não vai, muito obrigado.

— Como você sabe? — ele insiste. — Você conversou com ela sobre isso? Axel, ela se acende quando você entra em uma sala.

— Eu me comparei a um texugo na *constituição emocional.* Eu não disse que parecia com um.

— Cristo — ele ri. — Você é um porre.

— O que? Eu sei que ela está atraída por mim. Também estou atraído por ela. É isso.

— Vocês estão claramente atraídos um pelo outro. Eu não estou negando isso. O que estou tentando dizer é que, *além* de se sentirem atraídos um pelo outro, vocês não deveriam falar sobre se têm sentimentos um pelo outro?

— Nós conversamos sobre isso! E a única coisa que vamos fazer é sexo.

— O que? — Seu pé de cabra cai no chão.

Merda, eu não queria deixar escapar isso. Parker compete apenas com Viggo na encheção de saco. Eu não posso aguentar muito antes de perder a calma.

— Eu te disse, eu me coloquei em uma emboscada. — Pegando meu pé de cabra, eu começo a trabalhar no chão.

— Axel, uau. Calma aí. Segura a onda, porra. Se é isso que você quer, sem sentimentos, apenas sexo, por que você está pirando? Você não deveria estar – ouso sugerir esta emoção para você – feliz?

— Vou dormir com a mulher com quem casei! — Eu solto. — Você vai me desculpar se eu estiver um pouco nervoso.

Ele sufoca uma risada.

— Você está ouvindo a si mesmo?

— Esquece. Finja que eu nunca disse nada disso.

Eu puxo o pé de cabra com um rasgo selvagem. Estou lidando com esse caos interno da boa e velha maneira. Que merda incrível.

— Vamos — diz Parker. — No que você está pensando?

Arranco mais uma tábua do piso e não respondo.

Parker bate seu pé de cabra sobre o meu, parando meu movimento.

— Axel.

— Parece diferente do que já aconteceu com outras pessoas. Não vou falar mais nada além disso. Fim. Nada mais.

Parker fica quieto por um momento.

— E você realmente não acha que pode estar desenvolvendo sentimentos por ela?

Eu penso naquelas dores, tortuosas, agudas e frias no meu peito. Elas não são sentimentos, são? Nunca as senti antes, por ninguém. E as pessoas de quem gosto – minha família, meu pequeno círculo social – bem, não me sinto assim em relação a eles. O que sinto por Rooney é luxúria. Desejo. Puro e simples desejo. Isso e uma azia estranha como o inferno. Essa é a resposta lógica.

Parker balança a cabeça como se soubesse o que estou pensando.

— Eu acho que você deveria considerar isso.

Ele pode dizer o que quiser. Não há nada a considerar, nada a descobrir. Estou fazendo o que faço, que é ficar ansioso quando as coisas mudam. Por mais que eu queira levar as coisas adiante com Rooney, não é fácil para mim. Eu fico nervoso quando a merda é diferente. Eu sempre fiquei.

Pelo menos terei alguma distância dela, depois de termos nossa única noite, que pretendo propor que seja *esta noite*, porque acho que estou prestes a desmaiar de frustração sexual. Vou passar o dia todo aqui. Ela vai fazer as coisas dela na minha casa. Iremos foder isso para fora de nossos sistemas – com isso, mais nossa distância diária, posso perder a luxúria por ela e seguir em frente.

A risada explode no andar de baixo novamente. Eu ouço uma voz que não ouvi na primeira vez que as coisas ficaram mais altas. *Dela*.

— Parker — eu digo, mortalmente quieto. — O que você fez?

Ele limpa a garganta, movendo-se propositalmente para fora do alcance de mim e do meu pé-de-cabra.

— Ela disse que está ficando impaciente, perguntou sobre passar por aqui e ajudar. Eu disse que ela podia. Há lixamento e pintura. Muito que ela pode fazer com segurança.

O pé de cabra escorrega da minha mão e cai bruscamente no meu joelho.

— *Filho* da *puta*!

— Jesus, Axel — diz ele. — É tão terrível assim incluí-la? Deixá-la ajudar se ela quiser?

— Sim!

— Tudo bem. Então se esconda em sua torre de herói torturado aqui, se for preciso. Os caras no andar de baixo vão mantê-la entretida.

Eu passo a ver tudo em vermelho.

— Como é? — Aponto para minha mão esquerda e o anel largo de tungstênio em meu quarto dedo. — Esposa. Minha.

Parker bufa.

— Uau, modo homem das cavernas ativado. Relaxe. Eu não quis dizer isso.

Eu pulo e caminho até a varanda interna com vista para a grande sala abaixo. O corpo de Rooney está em perfeita forma para fazer flexão, voando enquanto ela faz inúmeras repetições lado a lado com um dos homens da equipe, que começou a fraquejar, então caiu em como uma pilha de membros e acenou em rendição.

Ela termina uma última repetição, em seguida, cai no chão, rolando de costas, e seu cabelo loiro se espalha como uma auréola. Suas bochechas estão rosadas e seu peito sobe e desce rapidamente. Então seus olhos encontram os meus. Seu sorriso se alarga.

A pior dor que já senti me atinge, uma linha direta para o coração.

TODO MUNDO JÁ FOI embora por hoje. Exceto eu. E Rooney.

Posso ou não estar escondido em minha "torre do herói torturado", nomeada por Parker. Seja como for, está quieto e livre de uma bela esposa a quem, de repente, estou me sentindo profundamente nervoso por foder para fora do meu sistema esta noite. Estou desesperado por ela e também... um pouco sobrecarregado com a ideia de fazer em

uma noite tudo que eu quero com ela, esperando que possa ser tudo o que ela precisa que seja também.

Uma batida soa na soleira e eu olho por cima do ombro. Bem. Não estou mais livre da dita linda esposa.

Esposa.

Quando ouço falar de *esposa*, lembro-me de quando meu cunhado, Aiden, diz isso asperamente para minha irmã, Freya. Quando papai chama mamãe assim e ela aparece magicamente, os olhos se estreitam, sabendo que ele está prestes a dar a ela o inferno, de brincadeira, por alguma coisa.

É uma palavra íntima. O tipo de palavra que nunca pensei que usaria, muito menos pensaria.

E, no entanto, aqui está ela, minha... esposa, encostada na porta, suada e sorrindo.

— Oi — ela diz.

Eu abaixo o rolo de pintura.

— Oi.

Ela olha ao redor, empurrando a porta.

— Quer ajuda?

Não, pretendo dizer, mas minha língua faz algo terrível e diz:

— Claro.

Seu sorriso se alarga quando ela se inclina e pega o pincel que eu estava usando.

— Eu ia me oferecer para cuidar do jantar, mas Parker acabou de dizer quando estava de saída que ele nos veria em breve para comer comida mexicana?

Faço uma pausa, o rolo suspenso no ar. Pinga gotas de tinta no pano. O que *diabos* Parker está fazendo?

— É?

Olhos estreitados em concentração, língua de fora, ela arrasta o pincel ao longo do rodapé.

— Achei que você tinha feito planos com ele mais cedo e está tudo bem, por mim. Eu só não tinha certeza se esta noite seria nossa, uh, noite para, você sabe...

Eu passo a tinta na parede em "W", trabalhando rapidamente, quebrando a cabeça para saber como lidar com isso. São apenas cinco e meia da tarde, mas quando chegarmos à casa de Parker e Bennett e jantarmos, vou perder horas. Parando, eu a encaro.

— Vamos... vamos esperar uma noite. Depois do jantar com eles — eu realmente vou estrangular Parker por esta empatação de foda — vai estar tarde.

Ela cora e acena com a cabeça.

— Sim. Bom plano.

— Me desculpe, já passou da hora do jantar. Eu não queria trabalhar até tão tarde.

Mentiroso. Você estava se escondendo em sua torre do herói torturado.

Droga. Parker precisa sair da minha cabeça.

— Está tudo bem, Axel. Eu estava planejando descer para cozinhar, mas Parker me interceptou, o que provavelmente é o melhor. Não tenho certeza de qual é o seu seguro contra incêndio, e sinto que você tem desastres domésticos o suficiente em suas mãos.

Eu bufo, inesperadamente achando graça nisso.

— Pelo menos você poderá comer o que eles fazem. Eles sabem que você é vegetariana e a cozinha deles é segura para você.

Ela faz um som em aprovação.

— Sim. Vejo muitos tacos vegetarianos no meu futuro próximo.

— Tem que preparar seus carboidratos para qualquer desafio de CrossFit que venha a ocorrer entre a equipe.

— Escute — ela diz — Vic não me deixou ajudar a derrubar aquela parede de gesso que precisa ser substituída. Disse que não conseguia nem segurar uma marreta, quanto mais batê-la. E assim o desafio de flexões começou. Eu disse a ele que se pudesse fazer mais do que ele, eu mesma teria que derrubar a parede.

Vic. Aquele que a chama de *girassol*. Meu peito queima, como se um ferro quente estivesse sendo pressionado bem entre minhas costelas.

— Eu não tinha certeza se iria vencê-lo — diz ela, com os olhos fixos em sua tarefa. — Sempre fui decente com as flexões, mas não tenho feito exercícios desde que fiquei doente. Acho que a adrenalina ajudou – isso e o grande almoço que Vic comeu, retardando-o. Se fossem barras fixas, eu estaria frita.

Eu olho para ela de relance, concentrando-me no pincel. Ela está indo muito devagar.

— Não precisa ser perfeito, Rooney. Basta arrastar o pincel.

— Há. Não precisa ser perfeito. Você me conhece?

— O suficiente para saber que preciso lembrar a você que este trabalho, que você não tem obrigação de fazer quando deveria estar pegando leve, não precisa ser feito com perfeição.

Ela vacila com o pincel, depois olha para mim.

— Eu sei que tudo o que você está fazendo aqui na casa realmente importa para você. Eu só quero respeitar isso.

Olhando para ela, sinto a dor aguda e ardente se intensificar bem nas minhas costelas. Merda. Esta é a pior azia do mundo.

— Eu... agradeço por isso — eu consigo dizer. — Mas não quero que você faça todo esse trabalho, se estresse com isso. O estresse é ruim para você, certo? Quero dizer, é isso que faz você se sentir pior.

Ela sorri suavemente, então se levanta, enxugando a testa.

— Não estou estressada. Prometo.

— Você… — Eu olho para o rolo. — Você quer fazer isso em vez disso aí? Usar o rolo é um pouco mais difícil fisicamente, mas vendo que você superou o Vic, imagino que você possa lidar com isso.

Seu sorriso se ilumina.

— Sim, vamos fazer isso. Você é o artista, de qualquer maneira. Você provavelmente poderia fazer esses cantos enquanto dorme.

Trocamos de ferramentas, tocando os dedos, nossas alianças piscando sob as luzes do teto. Tenho uma sensação estranha e assustadora de déjà vu e recuo rapidamente, tropeçando no pano de proteção.

— Epa, epa! — Rooney agarra meu cotovelo, mas acaba apenas fazendo o que fez da última vez que ela tentou isso, quando ela chegou aqui – levando-a comigo. O rolo de pintura cai com ela, atingindo meu rosto. Eu movo o pincel rápido, mas não rápido o suficiente, pintando uma tira fina de azul claro em sua bochecha.

— Opa. — Eu caio com força nas minhas costas enquanto Rooney move seu joelho bem a tempo de evitar esmagar minhas bolas e acaba montando em mim.

Ela faz uma careta.

— Um dia desses, minha formação em física vai substituir meu complexo de salvador. Eu deveria saber como agarrar

uma pessoa que está caindo, e que é quinze centímetros mais alta do que eu e muitos quilos mais pesada.

Eu deslizo meu dedo ao longo de um cabelo grudado na tinta em sua bochecha e coloco de volta atrás de sua orelha.

— Desculpe — ela sussurra. Seus olhos pousam na minha boca.

E de repente estou profundamente ciente de seu corpo no meu. A suave abertura entre suas coxas aninhada na minha virilha. Eu expiro com força e nos sento, fazendo Rooney guinchar quando eu a levanto para ela ficar em pé, com um movimento suave.

Mas então minhas mãos estão em seus braços, e ela está olhando para mim, e eu estou olhando para ela e *porra*, eu quero beijá-la.

Rooney fica na ponta dos pés e desliza a ponta dos dedos pela minha têmpora.

— Eu joguei tinta em você.

— Eu joguei em você também. — Eu limpo a tinta de sua bochecha.

Nossos olhos procuram um ao outro, um sorriso suave curvando sua boca enquanto Rooney me beija. É gentil e quente, uma provocação tão deliciosa que me faz querer jogá-la por cima do ombro e dizer a Parker exatamente onde ele pode enfiar seu intrometido jantar mexicano.

Antes que passe a fazer exatamente isso, eu me afasto. Rooney enrubesce enquanto me olha com um sorriso mais largo.

— Eu posso encerrar por hoje — digo a ela. — Quer que eu te acompanhe até em casa, para que você possa se limpar?

Ela acena com a cabeça.

— Sim.

Eu fico olhando para a boca dela novamente e roubo outro beijo porque não consigo me conter.

— Ok.

— Ok. — Seu sorriso se aprofunda e as covinhas aparecem. — Encontro marcado. — Ela engasga, recuando. — Não como, quero dizer, você sabe o que quero dizer, não um *encontro* encontro, mas como "é um plano'" tipo de "é um encontro" – *argh*!

Eu a beijo, para parar onde eu sei que ela está indo – se desculpar pela maneira doce como as palavras saem daquela boca deliciosa, pela emoção e alegria que ela irradia e que eu absorvo como rara luz do sol em um dia cinzento.

Pressionando um beijo suave no canto da boca, então naquela covinha que se mostra novamente, e eu digo a ela:

— É um encontro.

21

ROONEY

Música da Playlist: “In the Waiting” - Kina Grannis

MEU ESTÔMAGO ESTÁ UM INFERNO E É MINHA CULPA. Comi um taco de feijão infernalmente picante, porque, Deus abençoe Bennett, ele sabe que sou vegetariana, e ele claramente colocou muito amor em fazer um prato que eu pudesse comer e que ele tinha muito orgulho de dizer, "na verdade tem gosto de alguma coisa”. Mas o que ele não sabe é que pimenta me mata.

Me. Mata.

Faz apenas algumas horas desde que mordi o taco de feijão que Bennett fez com todo cuidado – “do zero!” – mas não demora muito para começar a doer quando como algo que vai me fazer pagar. A princípio, disse a mim mesma que só seria um pouco difícil mais tarde, mas valia a pena o leve desconforto de ser educada e comer o que meu anfitrião tinha feito para mim.

Então experimentei o tempero.

E ficou cada vez mais picante, e foi quando eu soube que estava fodida. Alimentos ricos em fibras são o inimigo do meu estômago, mas pimentas são sua ruína. Decidi que aguentaria um taco. Apenas um. Porque Bennett estava radiante, e ele estava tão feliz que eu estava sorrindo e gostando (leia-se: tentando não morrer com a picância).

Quando ele me ofereceu outro, eu disse que este encheu muito bem, que eu não poderia, mas ficaria feliz em aceitar as sobras. Então aqui estou eu no carro de Axel, segurando um prato embrulhado de assassinos estomacais.

E agora vou morrer.

Vou morrer de dor de estômago sozinha em um banheiro, e isso é quase o suficiente para me fazer chorar.

— Rooney? — Axel diz do banco do motorista.

Eu forço um sorriso em sua direção.

— Sim?

— O que está errado?

Meu sorriso desaparece.

— Nada…

— Por favor, não diga "nada". — Seus olhos estão na estrada enquanto ele muda de marcha, mas suas palavras dizem que ele vê através de mim. — Você está segurando seu estômago. Dói, não dói?

— Eu estou be–

— Não diga isso também — diz ele. — Seja franca comigo, Roo.

Meu apelido em sua língua derrete uma parte de mim que permaneceu forte o tempo todo. Ele me chamou de *Roo.* E agora sou ainda mais uma bagunça emocional.

Eu vejo a mandíbula de Axel apertar enquanto ele muda de marcha mais uma vez e passa o carro vagando na nossa frente. Nossa velocidade sobe mais 24 quilômetros por hora quase que instantaneamente, e conforme os espasmos pioram, fico muito grata por Axel estar cansado da minha bobagem de "estou bem" porque de repente eu também estou. Estou feliz por ele saber que estou sofrendo e estar dirigindo como um demônio da velocidade.

— Fale comigo — ele diz, os olhos movendo-se rapidamente em minha direção por um momento.

— Não me sinto muito bem — admito. E então eu mordo um gemido quando a dor piora.

Agora estamos indo mais rápido, o Jeep voando pela estrada.

— Quão ruim é? — ele pergunta baixinho. — Você precisa ir para o hospital?

— Não. Apenas quero chegar em casa.

Casa. Não é *minha* casa. Ou *nossa* casa. *Sua* casa. E ainda, fechando meus olhos, pressionando minha testa contra o vidro frio da janela, eu imagino aquela casinha no bosque, que parece mais um lar do que qualquer outro lugar em tanto tempo. Um lugar onde estive segura. Um lugar onde pude ser eu mesma. Um lugar onde fui bem recebida, cuidada e... amada.

Não, não estou dizendo que acho que Axel me ame. Mas ele me *mostrou* amor. De maneira silenciosa e carinhosa. Em me dar um lar e conforto nas últimas semanas. Uma casa na qual estou prestes a morrer.

Suavemente, Axel sai da estrada principal, desce o caminho para a casa e, um momento depois, estaciona o carro.

— Posso fazer alguma coisa? — Ele pergunta, destrancando a porta da casa.

— Dê uma olhada na gata e depois dê um passeio — digo a ele enquanto corro para dentro.

E chego perto de morrer.

MEU ENCONTRO COM A MORTE não está *tão* perto, mas a dor não está de brincadeira. Quando finalmente não estou mais enjoada, tomo um banho quente e choro.

Um pouco menos infeliz, visto-me com calças de pijama e uma camisa térmica de mangas compridas. Eu ligo a almofada de aquecimento agarrada ao meu estômago, me aninho na cama de Axel em posição fetal e decido que tenho

60 segundos para encerrar o chororô. Então, vou respirar fundo, abrir meu bloco de notas e fazer uma lista de tarefas. Porque as listas de tarefas fazem o mundo girar.

Passado um minuto, abro meu telefone e começo uma nova nota.

1. *Nunca mais comer feijão.*
2. *Nunca mais comer especiarias novamente.*
3. *Agendar uma terapia para conversar sobre tudo, principalmente o futuro profissional, as merdas da infância e os pais. (Eca.)*
4. *Passar algum tempo pensando no que me faz mais feliz e saudável até que a terapia possa ser marcada. (Mais eca.)*

— Isso é o suficiente — digo a mim mesma, jogando meu telefone de lado e tentando respirar em torno do desconforto que aperta minhas costelas. Meu futuro não é algo em que me concentrei desde que cheguei aqui. Na verdade, tenho ignorado isso propositalmente. Mas esta noite foi um daqueles lembretes de que, embora meu corpo seja um milagre resistente e durão, também está cronicamente doente e não é invencível. E isso tem implicações para... tudo, incluindo o tipo de faculdade que faço, o tipo de trabalho que faço e a quantidade de estresse que isso acarreta.

Parte de mim se pergunta se eu apenas estava cursando a faculdade de direito de maneira errada, se estive fazendo tudo de maneira errada em relação a realizações. Muito obcecada, muito intensa. Talvez eu possa voltar e apenas... ser mais saudável. Mas outra parte de mim se pergunta se estou apenas me condenando a uma recaída, se voltar é cavar naquela parte teimosa e superestimada de mim mesma que me deixou tão doente em primeiro lugar.

Sim, é isso que a terapia vai ter que me ajudar a descobrir.

Meu telefone vibra, me tirando de meus pensamentos e, enquanto leio a tela, sinto meu coração pular. É do Axel.

A caixinha de Skugga foi limpa e, embora ela tenha gostado mais de comer meus cadarços do que o jantar, ele foi servido. Harry e eu estamos dando um passeio ao luar, mas ele está preocupado com você. Atualizações são apreciadas.

Há uma foto de Harry iluminado pelas estrelas, galho na boca, cabeça inclinada para o lado. Eu choro, e não posso nem culpar os hormônios. Não estou com TPM – já lidei com essa diversão física na segunda semana que estive aqui.

Não, a verdade é que estou genuinamente emocionada por aquele cachorro adorável. E a gata fofa. E esta casa aconchegante. E o homem que é o coração de tudo.

Droga. Acho que sinto algo pelo meu marido.

Jurei para mim mesma na noite passada, enquanto apertávamos as mãos concordando em nossos planos de uma noite, que não iria deixar meus sentimentos fugirem de mim. Isso só mostra como sou boa em mentir para mim mesma, como posso viver teimosamente na negação do que meu corpo e meu coração já sabem – que Axel passou a significar muito mais para mim do que deveria.

Excelente. Agora meu coração dói tanto quanto meu estômago. Suspirando desoladamente, digito:

Por favor, diga a Harry que estou me sentindo um pouco melhor e que estou aninhada na cama.

Três pontos aparecem, então a resposta de Axel:

Harry está se perguntando se visitantes são bem-vindos.

Eu sorrio.

Visitantes não são apenas bem-vindos, mas também desejados.

Poucos minutos depois, há uma batida suave na porta da frente antes de a maçaneta virar e Axel entrar, Harry

trotando atrás dele, a língua para fora. Ele geme, dá a volta na cama e coloca a cabeça bem no meu torso.

— Calma, Harry — Axel diz, sentando-se do outro lado do colchão. Seu cabelo está molhado, sua barba raspada é somente uma sombra de pelos. Ele está em um moletom preto como o céu da meia-noite e calças de moletom. E ele está usando aqueles óculos gloriosos.

Que visão do caralho de se ter.

Eu sorrio para ele ridiculamente, mas não posso evitar. Não posso.

— O que? — ele pergunta.

Eu coloco meus dedos em meu rosto no símbolo universal dos óculos, fazendo um delicioso rubor rosa subir em suas bochechas.

— Você os colocou apenas para me animar, não foi?

Ele limpa a garganta e se inclina para trás sobre um cotovelo, reclinando-se ao longo da parte inferior da cama.

— Funcionou?

— Sim — digo a ele, rindo.

Então acontece. Sua boca se torce em um sorriso irônico. Duas covinhas longas marcam suas bochechas. E então – Jesus Cristo me salve – seu nariz enruga.

É quando eu morro e vou direto para o céu. Eu suspiro e agarro meu coração, caindo dramaticamente de volta no meu travesseiro.

É quando Axel *ri*. Um som profundo e rouco direto de seu peito que faz o prazer dançar pela minha espinha.

— Ah — eu digo, me contorcendo na cama.

— O que você está fazendo? — Ele se inclina sobre mim, me olhando como se eu fosse uma criatura estranha pela qual ele ainda é inexplicavelmente atraído. Eu o puxo por um punhado de seu moletom preto e o trago para um beijo. Um

beijo lento e profundo que para o tempo e silencia o mundo que nos rodeia.

E então Axel gentilmente se afasta, os olhos procurando os meus.

— Oh.

Eu sorrio e endireito seus óculos.

— Desculpe.

Ele se apoia sobre o cotovelo ao meu lado e coça a cabeça de Harry, que ainda está decididamente assentado no meu estômago.

— Por quê?

— Porque eu não consigo parar de beijar você. E isso é tudo que posso fazer agora.

— Rooney, eu não vim aqui… — Ele se senta, franzindo a testa. — Você acha que eu vim aqui esperando isso, depois de quão terrível você estava se sentindo? Eu não–

— Axel, não! — Tento me sentar, mas a cabeça de Harry pesa uma tonelada. Eu caio de volta no travesseiro. — Eu só quis dizer... Eu *lamento* que seja tudo o que podemos fazer esta noite.

— Ah. Bem. — Ele rola para fora da cama, vai até a cozinha e fica mexendo nos armários. Ele coloca a chaleira no fogo e abre os armários onde guarda o chá. — Eu nunca posso dizer quando as pessoas estão se lamentando, se estão se culpando ou se estão apenas "se arrependendo" de algo — ele murmura. — Mente literal. Desculpe por isso.

— Você não precisa se desculpar. — digo a ele. — Na verdade, eu proponho um pacto sem desculpas. A menos que estejamos sendo idiotas um com o outro, obviamente.

— Assinado — ele diz. — Quer chá?

— Não, obrigada.

Ele observa a chaleira. Gira sua caneca. Coloca um saquinho de chá "hora de dormir" em uma caneca. Em seguida, volta para a sala principal.

— Posso fazer alguma coisa por você? — ele diz.

Eu sorrio para ele. Eu o vi em um canteiro de obras, músculos flexionando em jeans velhos e imundos e uma camisa encharcada de suor. Eu o vi vender sua arte, polida e lisa em um terno carvão costurado com o próprio pecado. Mas aqui está ele com aqueles óculos deliciosos, de preto da cabeça aos pés, moletom pendurado em seus ombros largos, pernas longas em um moletom que abraça os músculos de suas coxas e beijam seus ossos do tornozelo – e é o mais lindo que eu já vi.

A julgar pela maneira como me sinto olhando para ele, pela maneira como ele me olha, Axel sabe disso. Um novo rubor atinge suas bochechas. Ele se vira e encara a estante. Sua bunda. Nesse moletom.

Eu mordo meu punho e afundo mais fundo na cama.

— Quer que eu leia para você? — ele diz.

Eu choramingo, mas o universo me faz um favor e cobre minhas pegadas, porque isso acontece exatamente quando Skugga diz:

— MIAU.

Axel suspira, livro na mão, em seguida, o joga na cama.

— Vou ver como ela está.

— Na verdade… — Me sento tanto quanto Harry me permite. Ele está tão concentrado em sua posição sobre meu estômago que não parece se importar por ter ouvido a gata. — Você acha que ela poderia vir para uma visita também?

Axel olha de mim para o cachorro.

— Sério?

— Ele parece bem? — Eu encolho os ombros. — Ele nem piscou quando ela miou.

— Se Harry me atacar quando eu a trouxer e eu morrer, isso estará na sua consciência.

— Justo. Eu me confesso uma vez por ano, então minha vovó não vai me assombrar. Eu vou lidar com isso, então.

Gemendo, Axel desaparece pela porta do estúdio e retorna um momento depois, a pequena bola de pelos aninhada em seus braços.

Oh céus. Isso não foi bem pensado. Ele é de alguma forma ainda mais sexy com a gatinha em seus braços. É muito semelhante a como me senti observando-o segurar Skyler no jantar mais cedo, quando ela esmagou suas bolas quando se sentou em seu colo, em seguida, dirigiu todo o seu processo artístico no desenho que ela pediu a ele. Ele suportou tudo como um santo. Muito parecido como Harry está suportando a curiosa inquisição de Skugga enquanto ela trota pela cama e bate no nariz dele de brincadeira. Seus olhos passam de mim para ela, de volta para mim.

Eu acaricio sua cabeça.

— Bom menino.

Skugga olha para mim e diz com a voz delicada que todos agora sabem que é uma total atuação.

— Miau.

— Miau, você — digo a ela enquanto ela se enrola no meu peito. Ela ronrona e amassa os cobertores, depois lambe meu queixo.

Axel observa com interesse enquanto ela se acomoda. Em seguida, ele se vira para Harry e lhe dá uma boa esfregada na cabeça, atrás das orelhas, nas costas.

— Bom menino.

Harry fecha os olhos, suspirando contente. Isso é o que eu também faço. Ouço Axel servir seu chá. Então eu sinto a cama afundar suavemente enquanto ele se acomoda no colchão.

— Como você está se sentindo? — ele diz.

Pego o livro que ele colocou entre nós, folheando-o. Querendo algo para fazer.

— Não espetacular. Mas não é como se eu estivesse prestes a morrer mais, então, progresso.

— Sinto muito — diz ele calmamente. — Eu deveria ter dito a Bennett para fazer sem feijão–

— Nah. — Eu bato na minha testa com o livro. — Não temos que falar sobre isso. É embaraçoso.

Axel se move ligeiramente na cama, na minha direção.

— Por quê?

— Porque é — Eu aceno com a mão. — Eu não sei, coisas de banheiro não são divertidas de conversar com alguém com quem você vai fazer sexo acrobático…

— Sexo acrobático?

— Você me ouviu. Não é sexy. De jeito nenhum.

Axel põe seu chá na mesa de cabeceira, o que requer estender a mão para mim. Quando ele se senta contra os travesseiros, ele está mais perto, seu ombro duro roçando o meu.

— Rooney. — Ele pega minha mão e a massageia suavemente. — Em primeiro lugar, não sei de onde você tirou essa ideia de sexo acrobático, mas só porque corro muito não significa que sou flexível. E em segundo lugar, o que aconteceu esta noite, isso não a torna menos atraente para mim. — Ele fica quieto por um momento, olhando para minha mão. — *Nada* poderia fazer isso.

Meu coração cai em queda livre, então encontra suas asas, subindo cada vez mais alto.

— É. Mas você não me ouviu cantar.

Sua boca se curva.

— Não me envergonha, e não é sexy ou pouco sexy. É apenas... a vida. É o seu corpo. Eu odeio que isso te machuque e que você fique doente. Mas não é algo que corta o clima.

Eu engulo um nó na minha garganta. Por que eu tive que casar com alguém tão perfeito? E por que o estou deixando tão cedo?

— Ok.

Ele puxa suavemente cada dedo da minha mão, liberando a tensão que eu nem sabia que estava segurando. Eu derreto no colchão e Skugga desce do meu peito. Ela se ajeita na barriga de Axel, enrolando-se nas dobras de seu moletom. Seu ronronar dobra de volume.

— Esta pequena bola de pelos está conquistando seu espaço dentro de mim — ele murmura. O ronronar se intensifica. Ela estende uma pequena pata e toca o braço dele. — Você disse que onde a encontrou era um segredo. Por quê?

Claro que ele pergunta agora, de todas as noites. E, claro, por alguma razão inexplicável, vou contar a ele.

Porque Axel fez eu sentir que a parte mais vulnerável da minha vida, os aspectos mais embaraçosos da minha doença, não vão mudar a forma como ele me vê. Não como meus pais, que *precisam* que eu seja melhor do que sou, ou os amigos em quem projetei isso. Ele fez aquela parte cansada e desgastada de mim sentar e colocar os pés para cima e *sentir* que está tudo bem em não estar bem.

Então, vou contar a ele, e será mortificante, e espero que mantenha essa ternura crescente que se apoderou de mim nas últimas semanas sob controle.

— Eu a encontrei porque tive que parar — digo a ele. — Porque eu não conseguiria voltar para casa antes de passar mal. Então saí da rodovia e... *aproveitei* de um campo.

Oh Deus. Por que eu fiz isso de novo? Sinto como se tivesse saltado de um avião e percebido que esqueci meu pára-quedas.

— Foi onde eu a encontrei.

Axel inclina a cabeça e volta a olhar para Skugga.

— Fale sobre o lado bom. Isso devia ser terrível. Mas pelo menos você a encontrou no meio disso.

É isso. Isso é tudo. Ele mudou.

Eu pisco para ele, atordoada.

Axel passa por mim para pegar seu chá, toma um gole e o põe na mesa. Quando ele se recosta no travesseiro, ele diz:

— Uma vez, Ryder e eu fizemos caminhadas. Isso foi há anos. Costumávamos vir aqui para o Natal com bastante frequência, e ele e eu íamos nessa grande caminhada no dia de Natal. E eu juro por Deus, ele colocou algo na minha aveia naquela manhã. Levantamos cedo, só nós dois, tomamos café da manhã e, mais ou menos na metade de nossa jornada… — Axel balança a cabeça. — Eu estava tão vestido, e de repente eu sabia que tinha, tipo, dez segundos, talvez. Nunca me despi tão rápido na minha vida.

Eu mordo meu lábio.

— E deu tempo?

— Foi por muito pouco. E Ryder estava rindo tanto. Idiota.

— Oh, Deus, Axel. Isso é um pesadelo. Estar cheio de roupas quando você está no momento de crise.

Ele acena com a cabeça severamente, sua mão deslizando ao longo das costas de Skugga.

— Eu começo a suar frio só de pensar nisso às vezes. Ryder nega até hoje, mas eu surrei ele no Mario Kart na noite anterior, e ele estava no auge de uma série de vitórias doentias até que eu o esmaguei. Ele fez aquilo no que é bom – bancou o legal, que não tinha sido afetado, me induziu a baixar a guarda. Ele agiu tão frio sobre isso, eu imaginei que as coisas estavam bem entre nós. O que era ingênuo. Eu sei que tipo de vingança Ryder prefere. Furtiva e rápida. Acho que ele colocou um laxante no meu mingau de aveia quando me levantei para pegar o leite, porque, quando voltei, poderia jurar que tinha um gosto diferente.

Tenho tentado não rir, mas não consigo me conter.

— Sua família não faz nada pela metade, não é?

Ele suspira e olha para mim.

— Não, eles realmente não fazem.

Depois de um momento de silêncio, digo a ele:

— Você é a única pessoa para quem já admiti isso abertamente.

Ele enfia um fio de cabelo solto atrás da minha orelha e diz:

— Por quê?

— Porque durante toda a nossa vida fomos ensinados que é vergonhoso e indesejável discutir esse aspecto de nossos corpos, muito menos quando há problemas de funcionamento. Não é uma parte de mim que posso confiar que outras pessoas vão lidar com compaixão. Portanto, eu guardo com muito cuidado.

Axel franze a testa para a gata, a mão correndo ritmicamente ao longo de suas costas.

— Eu não entendo – por que é visto como vergonhoso, quando são apenas nossos corpos trabalhando da maneira como foram feitos para, ou no seu caso, uma condição médica que afeta isso. — Ele fica quieto por um minuto, hesita e depois diz: — Mas eu entendo o proteger uma parte de você

Eu olho para ele.

— Entende?

Ele concorda. E então, após um longo período de silêncio, ele diz:

— Alguns anos atrás, eu descobri que eu sou… — Ele limpa a garganta. — Que eu sou autista.

Meu coração dá um salto. Palavras correm para a superfície de meus pensamentos, mas eu não digo nada. Eu fico quieta. Porque Axel me disse que quando está tentando encontrar as palavras certas, ele precisa de tempo. Então, em vez disso, coloco minha mão na dele e aperto. Ele a vira para que nossas palmas se conectem, então ele entrelaça nossos dedos.

— Eu não falo sobre isso — ele finalmente diz. — Não porque estou tentando esconder. Eu não tenho vergonha. Mas é… — Ele engole em seco e aperta minha mão. — Acho que, embora *esteja* em paz com isso e faça sentido para mim, sei que não é o caso para todos os outros. Então, cada vez que penso em contar a alguém, tenho que me preparar para decidir se vale a pena correr esse risco.

Ele fica quieto por tempo suficiente para me aventurar a dizer:

— Mas sua família?

— Eles sabem agora. Por um tempo, eu... eu não sabia como dizer a eles. Como se eu simplesmente não conhecesse as palavras, e toda vez que tentava pessoalmente, eu

simplesmente... não conseguia. Então eu adiei muito tempo. Quando minha irmã Ziggy teve um colapso nervoso e foi diagnosticada, me senti muito culpado. Somos pessoas muito diferentes e a neuro divergência é única de pessoa para pessoa, mas havia sinais suficientes que eu deveria ter visto antes que ela estivesse em um lugar tão difícil. Eu deveria ter estado lá por ela, mas eu estava aqui, envolvido na *minha* merda, e… — Ele suspira. — Foi quando eu decidi que tinha que descobrir uma maneira. Porque Ziggy merecia saber, e minha família também. Eu sei que eles me amam, minha família. Racionalmente, eu sabia que eles seriam totalmente favoráveis, e eles apoiaram. Eu só... tinha que encontrar uma maneira de dizer a eles que eu pudesse lidar. Demorei uma eternidade, mas escrevi um e-mail para cada um porque me saio melhor assim. Tenho certeza de que parece estranho.

— Não acho isso estranho. — Eu aperto sua mão. — Eu acho isso maravilhoso. Você encontrou uma maneira que se sentiu seguro para contar a eles e permitiu que você o fizesse.

Ele concorda.

— Mas mesmo assim, levou tempo e coragem, com pessoas que me amam incondicionalmente. — Ele olha para mim, e quando seus olhos encontram os meus, algo devastadoramente afiado pica meu coração. — Porque é aquela parte de mim que você acabou de falar. A parte que eu protejo mais profundamente.

Eu sorrio para ele. Minha visão está um pouco embaçada e meu queixo treme.

Sua expressão aperta.

— Porque você está chorando?

— Porque você *me* disse — eu sussurro. — Você acabou de compartilhar essa parte de si mesmo.

Ele levanta a mão, suavemente passa os nós dos dedos ao longo do meu queixo. Seu polegar sussurra sobre meu lábio.

— Você compartilhou a sua também. — Sua garganta se move ao engolir. — Eu ainda não sei por que isso te fez chorar, no entanto.

Eu rio e limpo meus olhos.

— Lágrimas de felicidade. Significa muito ser alguém de confiança. Obrigada.

Axel me encara por trás daqueles óculos, tão sério, como se estivesse tentando me decifrar.

— Ainda quer que eu leia? — ele diz.

— Sim, por favor.

Eu pego meus remédios noturnos e desligo a almofada de aquecimento elétrico. Harry se aninha no chão enquanto Skugga faz um barulho de gatinho enquanto dorme. Axel abre o pequeno livro de bolso e o segura em uma das mãos, folheando agilmente para a página com orelhas. Sua mão livre encontra a minha novamente e nossos dedos se entrelaçam com força.

Fecho os olhos, dizendo a mim mesma que vou ficar acordada, porque não quero perder um minuto disso. Mas então eu descanso minha cabeça na solidez reconfortante de seu ombro, e eu sei que é uma batalha perdida. Segura, pacífica. Essa voz profunda e suave, me embalando para dormir.

22

ROONEY

Música da Playlist: “Hotel Song” - Regina Spektor

NO DIA SEGUINTE, estou no chalé com Axel depois que todos foram embora. Estou dizendo a mim mesma que é porque quero compensar por dormir até tarde (obrigada, estômago, pelas inúmeras noites anteriores acordadas) e não aparecer para ajudar tão cedo quanto ontem. Não porque eu não consigo parar de querer estar perto do cara com quem me casei por razões completamente não românticas e por quem não criei nem remotamente sentimentos românticos.

E definitivamente não é porque eu acordei com outro desenho de Harry e Skugga que é adorável pra caralho e fez meu coração dar uma pirueta. O desenho está seguro na minha mala ao lado dos outros, este mostra Harry serenamente caído de lado, Skugga pulando de cima dele, pegando uma borboleta. É o esboço mais feliz até agora, e estou perturbadoramente ligada a ele.

Estou um pouco exausta e provavelmente menos do que extremamente útil hoje porque meu estômago ainda não está satisfeito com a vida, o que significa que não comi muito e tomar café estava fora de questão, e tive outro sonho sexual com Axel. Acordei tão desconfortavelmente excitada que não demorei muito para terminar o que meu sonho havia começado e, ainda assim, nem mesmo diminuiu a excitação.

Portanto, o dia de hoje passou em uma série de pequenas tarefas sendo realizadas com uma vaga sensação de insatisfação. Estou cansada, com fome e com tesão. Eu preciso de cafeína, mas não posso beber. Eu quero comida,

mas não vou comê-la. Eu quero sexo, mas não consegui. Em suma, estou perigosamente perto de ficar mal-humorada.

Subindo os degraus até o segundo andar do chalé, sinto minha bunda vibrar. Eu caminho pelo corredor até o quarto que Axel está pintando e verifico meu telefone. Eu tenho uma mensagem do meu pai.

Olá docinho. Espero que você esteja aproveitando seu tempo de descanso. Virá para o Dia de Ação de Graças? Sem pressão. Eu tenho um set de filmagens para onde posso ir, se não vier.

Eu subo mais um patamar no medidor de mau humor. Ele basicamente está pedindo minha permissão para fazer seu trabalho de produtor chique no set, em vez de comemorar o feriado.

A velha eu já teria mandado uma mensagem de volta e dito para fazer o que ele precisa, que eu ficaria bem. Mas a nova Rooney que encontrou seu lugar aqui no chalé não está tão ansiosa para suavizar as coisas preventivamente. Estou tomando meu tempo. Porque eu realmente não sei como me sinto sobre isso. Meu pai pode esperar pela minha resposta honesta.

Quando entro no quarto, Axel levanta os olhos, depois de pintar ao longo da moldura da porta.

— Tudo bem? — ele pergunta.

Eu coloco meu telefone no bolso.

— Estou evitando meu pai.

Ele franze a testa.

— Ele está incomodando você?

— Não. Apenas sendo meu pai.

Axel volta à pintura.

— Estou quase terminando, então podemos ir para casa…

E, finalmente, fazer sexo é o resto dessa frase não dita.

O calor inunda meu corpo, em todos os lugares, mal posso esperar que suas mãos, língua e corpo me toquem. As bochechas de Axel ficam vermelhas quando ele abaixa a cabeça, e uma mecha de cabelo chocolate cai levemente para frente. Vou fazer coisas deliciosamente sujas com este homem esta noite.

— Eu tenho que limpar as coisas primeiro — diz ele, — mas então podemos sair daqui e eu farei algo para comermos.

— Vou limpar esses pincéis e rolos — digo a ele. Quanto mais cedo eu limpar, quanto mais cedo sairmos, mais cedo estaremos fazendo *o* sexo.

— Obrigado, Roo.

Eu fecho as tampas das latas de tinta, em seguida, pego as bandejas e rolos para enxagua-los. Quando estou na metade da escada, meu telefone vibra novamente.

Já tive notícias do papai. Talvez este seja o típico vago, mas bem-intencionado "*Te amo. Devíamos conversar em breve*" da mamãe. Decido que não estou com vontade de ler ou responder a uma dessas mensagens, então ignoro a vibração até que ela pare.

Uma vez que estou no porão, jogo os pincéis e rolos na pia e lavo tudo. Meu telefone vibra novamente, assim que eu inverto a última bandeja para secar. Willa está fora da cidade e muito quieta, mas talvez ela esteja de volta e mandando mensagens de texto.

Curiosa, eu olho. Então eu suspiro. E então eu grito:

— Axel!

— O que? — ele grita de volta.

Em pânico e sem fôlego, corro escada acima, dou a volta no corredor e trombo com ele.

Ele também está sem fôlego. Suas mãos estão correndo para cima e para baixo em meu corpo.

— Você está bem? — Ele diz freneticamente. Ele me gira, depois volta, então agarra meus ombros com força. — Não faça isso! Você me assustou.

Eu pisco para ele, atordoada. Ele parece tão chateado.

— Eu assustei?

— Sim! — Ele diz, deixando cair as mãos. — Você gritou. Achei que você tivesse se machucado.

— Eu sinto muito. Eu não queria te assustar. Eu–

Meu olhar passa por suas mãos... Elas estão tremendo. Eu as vejo se transformar em punhos em seus lados, em seguida, dobrar em seu peito.

Ele se preocupa, a vozinha de esperança sussurra. *Tanto que ele corre por uma casa e apalpa você para ver se há algum ferimento. Tanto que ele está tremendo, ele está tão inquieto. Ele se importa.*

— Sinto muito — eu digo novamente, olhando para ele.

Axel estreita os olhos para mim.

— Tudo bem. Há algo que você gostaria que eu soubesse, visto que você gritou do porão?

— Certo. Sim. — Eu levanto meu telefone. — Nós temos um problema.

Ele pega meu telefone e lê as mensagens de Willa:

Ei! Ry e eu estamos na área pegando algumas bugigangas chiques, que eu não consigo soletrar, que ele precisa para a parede de escalada de sua loja. Pensamos em parar no chalé para dizer oi antes de você voltar para casa!

E o de dez minutos depois.

Você não respondeu, mas decidi que vamos pelo menos tentar. Estou com saudades dos seus abraços de Rooney! Estarei aí em quinze minutos.

— Merda — ele sibila, olhando ao redor. — Desligue todas as luzes. Rápido.

Batemos um no peito do outro antes de sairmos em direções opostas, apagando freneticamente as luzes, pegando chaves e telefones, e então saindo apressados pela porta da frente. Axel fecha a velha fechadura inferior e, em seguida, o novo ferrolho que instalou nas portas deslizantes dianteira e traseira, o que exige uma nova chave.

— Diga a Willa para vir para a minha casa em vez daqui — ele diz. — Vamos.

Eu mando uma mensagem de volta para Willa, um rápido, *Ei! Na verdade, estou jantando com Axel agora na casa dele. Nos encontre lá?*

— Feito — digo a ele.

Ele acena com a cabeça, então ele sai correndo pelo caminho. *Sai. Correndo. Mesmo.* Eu coloco meu telefone no bolso olhando para ele, e com atraso, saio correndo também.

Porém, essa corrida não dura muito. O que é um pouco frustrante, visto que eu costumava correr. Bastante. E estava em forma. Mas então me lembro que fui um ser humano muito doente até recentemente e hoje consegui comer apenas alguns bolinhos de arroz sem glúten e uma banana. Não tenho café no meu sistema e nem calorias suficientes. Minhas pernas são como macarrão. Acho que estou correndo parada no lugar.

— Vá em frente sem mim! — Eu grito, acenando para ele embora, curvada. — Eu te alcanço.

Mas então passos estão vindo em minha direção. Axel se agacha e pega minhas pernas. Por puro reflexo, agarro seu pescoço e seguro com força. Estou nas costas de Axel Bergman. E ele está voando, porra.

Uau, é como minha própria reconstituição pessoal de *Crepúsculo*, quando Edward corre com Bella em suas costas. Meu demônio da velocidade gostoso está correndo na velocidade da luz em direção à cabana.

— Isso não é natural! — Eu grito contra o vento. — Este é um condicionamento físico esquisito, Axel.

Seu aperto em minhas coxas aumenta. Acho que vejo o sorriso mais ínfimo escapulir.

— Eu corro todas as manhãs por uma hora, Rooney.

Eu olho para ele.

— Exibido.

— Transmitindo informações — diz ele. Ele está correndo comigo nas costas, e está falando como se estivéssemos caminhando pela calçada. Idiota.

Mas ele é um idiota rápido, então agora estamos em casa, Axel me empurrando para dentro, depois em direção aos chuveiros.

— Depressa — ele diz.

— Ok! Estou indo! — Estou tirando minha camiseta e minhas leggings enquanto entro no banheiro.

— Merda! — ele brada. — Eu esqueci a troca de roupa no chalé. Volto logo.

— Ok, Flash!

— Isso não é engraçado, isso é estressante pra caralho! — Ele grita.

Enquanto ele está fora, eu me lavo o mais rápido possível, tendo o cuidado de esfregar todas as evidências de tinta do meu corpo. Eu ouço a porta da frente bater assim que eu largo a toalha e coloco meu robe.

— Vamos — eu chamo. — Sua vez.

Abro a porta do banheiro e seguro. Axel está ali, com as roupas debaixo dos braços, olhando para mim. Ele pisca e desvia o olhar.

— Desculpa. — Sai grave e silencioso.

— Sem problemas. — Eu deslizo por ele, a frente do meu corpo inadvertidamente tocando seu braço. Eu o ouço respirar fundo, e pouco antes da porta do banheiro bater, eu poderia jurar que sinto seus olhos em mim.

É um absurdo o quão ridiculamente desajeitada estou sendo, puxando jeans e um moletom sobre a pele meio molhada. Eu tropeço, caio na cama, fico com o cotovelo preso na manga. Mas, eventualmente, consigo colocar tudo onde deveria estar.

Finalmente vestida, corro para a cozinha e pego o resto da sopa de batata. Eu despejo igualmente em duas tigelas, coloco as tigelas no micro-ondas para aquecer e rapidamente coloco a mesa.

Estou sem fôlego, como minha vovó costumava ficar depois de subir as escadas. Isso é o pior.

O microondas apita. Coloco as tigelas de sopa na mesa, coloco um pouco de queijo e salsa picada que ainda tínhamos na geladeira e caio na minha cadeira no momento em que Axel corre pela sala e se senta também.

Nós dois tomamos uma colherada. As colheres caem de nossas bocas e voltam para as tigelas. Axel estremece convulsivamente no corpo todo.

— *Cristo*, mulher. Pelo menos colocasse no microondas.

— Eu coloquei! — Eu assobio, começando a rir.

Axel enterra o rosto nas mãos, fazendo sua voz sair abafada.

— Por quanto tempo? Trinta segundos?

— Um minuto! — Eu digo, chutando-o por baixo da mesa. — Eu estava com pressa, ok? Eu entrei em pânico!

Seus ombros começam a tremer. Ele está *rindo*.

— Um minuto — diz ele com voz rouca. — E você disse que poderia esquentar uma tigela média de sopa.

— Eu estou acostumada com sopa para um, seu idiota. Esquentar para dois é algo totalmente diferente.

O som de um carro entrando na clareira faz com que nossas risadas parem bruscamente. As mãos de Axel caem de seu rosto. Nossos olhos se encontram.

— Eles estão aqui! Temos que comer — digo a ele, freneticamente colocando uma colher de sopa fria em minha boca e tentando não vomitar.

— Por quê? — ele diz desolado, olhando para sua tigela.

— Porque — eu digo em torno de outra colherada de sopa terrivelmente fria, — eu disse que estávamos jantando quinze minutos atrás, e vai parecer muito estranho se não dermos sinais de ter jantado?

Axel geme, levanta sua tigela e bebe um longo gole.

— Ai merda — diz ele, estremecendo novamente enquanto uma careta aparece em seu rosto. — Oh, Deus, isso é horrível.

Axel pousa sua tigela e é quando eu noto sua aliança de casamento.

Alguém bate na porta.

— Sua aliança! — Eu sussurro.

Os olhos de Axel se arregalam. Ele agarra sua aliança. Eu pego a minha. E nós dois congelamos.

— A minha está presa — eu choramingo.

— A minha também — diz ele, puxando-o.

— Pare. Isso vai piorar as coisas. É porque nós estivemos–

Ele explode em uma gargalhada rouca novamente quando eu começo a perder o controle também.

— Correndo como tolos em pânico? — ele sussurra.

Se eu não estivesse enlouquecendo porque seu irmão e minha melhor amiga estão prestes a nos ver usando alianças de casamento, sem nenhuma explicação que não vá anular todo o maldito ponto desse casamento de conveniência, eu seria uma poça grudenta e feliz, devorando Axel Bergman rindo tanto que ele está chorando.

— Ah, meu Deus. Que pesadelo — diz ele, ainda rindo e enxugando os olhos. — Ok, apenas mantenha sua mão sob a mesa ou a manga do moletom sobre ela até que você possa fazer alguma coisa.

— O que você vai fazer? — Eu sussurro.

Ele se vira e demonstra ao dizer:

— Vou colocar casualmente minha mão esquerda no bolso.

Não parece nada casual.

— Isso não vai dar certo — digo a ele.

— Olá! — Willa diz. — Estamos aqui!

— Bem, estou literalmente sem opções, Rooney, então vai ter que ser assim.

Eu afundo na minha cadeira, esperando o desastre. A porta se abre e Willa entra, cumprimentando Axel. Eu levanto, as mangas dobradas sobre minhas mãos, enquanto a abraço. Ela me dá um abraço caloroso de volta, depois me inspeciona, as mãos dentro das mangas.

— Frio? — ela pergunta.

Eu concordo.

— Sim! Só um pouco. Axel vai acender a lareira.

Ah, merda. Com a mão no bolso?

— Hum, mais tarde, quero dizer. Estou apenas com um pouco de frio. Mas aposto que ficarei com mais frio depois.

Willa me lança um olhar engraçado.

— Você bebeu muito café de novo?

— Uh, sim. Sim. Muita cafeína. Entre! Estávamos terminando nossa sopa.

Axel olha para o teto em um apelo por ajuda divina enquanto fecha a porta. Ryder dá a ele algum tipo de aperto de mão de irmão – graças a Deus Axel é destro.

— Ei, Rooney — diz Ryder. Então ele olha para Axel, que está encostado – casualmente – no batente da porta, a mão ainda no bolso. — Tudo certo? — ele pergunta.

— Sim! — dizemos em conjunto.

Willa olha entre nós, em seguida, inclina a cabeça, olhando para mim.

— Desculpe aparecer de surpresa. Acabei de voltar e estávamos fazendo algumas tarefas. Foi uma corrida de última hora e… — Ela encolhe os ombros. — Estou extremamente feliz por poder fazer isso agora, dar uma olhada em você.

Axel balança a cabeça silenciosamente. *Tudo culpa sua,* ele murmura.

Eu mordo meu lábio. Eu não vou rir.

— Eu também! — Eu digo a ela. E eu quero dizer isso. Eu adoro estar mais perto de Willa, mesmo que, com sua agenda lotada, não tenhamos nos visto muito. — Estou feliz que você tenha vindo.

— Então. — Ryder relaxa no sofá e estica as pernas. — O que está rolando?

Willa se senta ao lado dele.

— Sim, o que vocês tem feito?

— Oh. — Eu afundo de volta em uma cadeira de jantar e tento tirar meu anel embaixo da mesa. — Bem, eu tenho feito vários nadas. Tem sido ótimo.

— Mesmo? — Willa sorri. — De verdade? Você está se sentindo bem?

— Sim, estou. Acontece que sair do modo do Coelhinho da Duracell é realmente muito bom.

Ela acena com a cabeça.

— Que bom. Faz muito tempo que você estava precisando tirar um tempo de descanso, e estou feliz que você o tenha aqui.

— Como nosso anfitrião tem tratado você? — Ryder diz, olhando para Axel, que ainda está de pé, parecendo mal-humorado no canto.

— Eu não tenho sido nada além de acolhedor — Axel diz friamente.

Ryder sorri.

— Claro que sim.

— Ele tem sido — eu digo a ele. — Decidimos que somos amigos.

A boca de Axel se contrai, seguida por uma sobrancelha arqueada.

Amigos que se beijam, diz essa expressão. *Amigos que vão foder até a morte se finalmente conseguirem ter uma noite ininterrupta por aqui.*

Minhas coxas se apertam sob a mesa.

— Conte-me sobre o seu jogo, Willa. — Enquanto ela me responde e conversamos com Ryder, Axel dá o toque menos casual de sua mão pelo cabelo úmido, eu imagino tentando molhar o anel o suficiente para torcer. Depois de algumas tentativas sem sucesso, ele puxa com mais força e bate o

cotovelo na porta, fazendo Willa e Ryder olharem em sua direção.

— Estou cuidando de uma gatinha! — Eu digo alto demais, tentando chamar a atenção deles de volta para mim. — Axel está deixando ela ficar em seu estúdio.

Ryder recua. Volta a olhar para Axel.

— Você? Uma gatinha? Em seu *estúdio.*

Axel tenta encobrir o que está fazendo entrelaçando as mãos na cabeça e inclinando-se para trás. É a coisa menos Axel que já o vi fazer.

— Só até Rooney ir embora. Então Parker e Bennett vão levá-la.

— Você quer conhecê-la? — Eu pergunto.

— Claro! — Willa diz.

Eu vou na frente e abro a porta do estúdio, em seguida, acendo as luzes, gesticulando para que entrem. Quando eles estão de costas para mim, eu faço uma última coisa que posso pensar, que é enfiar o dedo na boca e dar uma boa chupada, molhando o anel e torcendo-o com os dentes. Finalmente, o anel salta e, no momento mais perfeito do mundo, consigo cuspi-lo e colocá-lo no bolso no momento em que eles se viram.

Willa faz uma cara de *Oh meu Deus* com os olhos arregalados.

— Ela é tão preciosa. Ry, deveríamos arranjar um.

Skugga se agita, esticando-se exageradamente de seu ninho de pano e pulando para fora.

Ryder franze a testa para ela.

— Ela parece uma bola de poeira.

— Ei — digo a ele. — É do meu bebê bola de poeira que você está falando.

Willa solta um grito agudo quando Skugga faz o movimento que ela fez com Axel, esticando suas pequenas patas nas canelas delas.

— Ryder, por favor.

— Uh-uh, Raio de Sol, não. — Ele balança a cabeça. — Eu é quem vou estar em casa o tempo todo, limpando sua merda e me certificando que ela não arranhe tudo. E eles são pequenos filhos da puta assustadores. — Skugga ataca os cadarços das botas. — Veja! Ela está me atacando.

— Ela está aprimorando suas habilidades de caça — argumenta Willa. — Além disso, ela poderia ser uma gata de ar livre. Comendo os ratos do celeiro.

— Não temos celeiro — diz ele. — Ou ratos. Temos um bangalô.

— E daí? Você mesmo disse que eu passo muito tempo fora. Você teria companhia. Os gatos são bons companheiros.

Ryder faz uma careta para ela.

— Bons companheiros? Quem disse?

Axel está agora na soleira, logo atrás de mim, a mão ainda no bolso. Eu olho para ele e rapidamente tento balbuciar, *chupe isso.*

Ele franze a testa para mim. Willa e Ryder ainda estão tendo suas brigas inofensivas, como de costume, então eu faço o gesto. Os olhos de Axel se arregalam.

— Que porra foi essa? — ele murmura.

— Oh! — Eu digo alto o suficiente para Willa e Ryder ouvirem. Eles nos dão apenas um olhar distraído. Willa pegou Skugga e está olhando com olhos grandes e tristes para Ryder enquanto implora por um gato.

— Acabei de me lembrar, Axel, preciso que você venha ver o banheiro. Estava fazendo um barulho estranho antes de eles chegarem aqui.

Eu o puxo comigo para o banheiro, coloco seu dedo direto na minha boca e chupo.

O ar sai correndo de Axel enquanto ele bate a mão na parede, firmando-se. Minha língua gira em torno do anel, antes de segurá-lo suavemente com os dentes, girar a mão dele um pouco e torcer o anel fora do dedo.

Axel me encara, boquiaberto, olhos escuros enquanto cuspo o anel e depois enxáguo na pia.

— Você poderia apenas ter *dito* que era isso.

— Desculpa. — Eu espio além dele, onde Willa e Ryder estão conversando, então encontro seus olhos. — Eu tentei te dizer, mas o tempo era essencial.

Eu deslizo o anel em seu bolso e não posso deixar de notar a protuberância significativamente maior em sua virilha.

— Saia daqui, encrenca — ele diz, me empurrando para fora do banheiro e fechando a porta propositalmente atrás de si.

Eu corro de volta para nossos convidados, meu rosto em chamas.

Não há tigelas de sopa de batata frias suficientes no universo para esfriar minhas bochechas em chamas.

23

AXEL

Música da Playlist: “Movement” - Hozier

— UAU. — ROONEY AFUNDA CONTRA A PORTA, olhos fechados, rosto relaxado de alívio ao som do Subaru de Willa e Ryder rodando pelo caminho.

Eu fico olhando para os lábios dela, rosa e suavemente separados. Eu ainda consigo ver meu dedo desaparecendo em sua boca, em seguida, puxando para fora com um *pop* longo e úmido.

Cristo, estou duro de novo.

Volto para a mesa, recolhendo as cartas.

— Momento legal para descobrir que minha esposa é uma trapaceira com as cartas — eu resmungo.

Ela ri malignamente, então desencosta da porta.

— Momento legal para descobrir que meu marido é um péssimo perdedor.

— Competitivo — murmuro, embaralhando as cartas e empilhando-as ordenadamente.

— Truco não deveria ser brutal, Axel. É um jogo de cartas descontraído, para passar o tempo com as visitas.

— Você tinha dois Bergmans jogando com você. Todos os jogos são brutais.

Ela sorri, e Deus, dói, quente e brilhante no meu peito.

— Bem, brutais ou não, vocês, meninos Bergman, tomaram uma surra. Willa e eu limpamos a mesa com vocês, idiotas.

Eu deslizo as cartas em sua caixa, em seguida, coloco-as na prateleira flutuante. O fogo estala e queima abaixo de mim, pintando o chão e minha cama com uma luz laranja

brilhante. É tão fácil imaginar o que estive esperando, desejando com uma fome que corrói meus ossos: deitar Rooney na minha cama, despindo-a lentamente até que ela seja apenas uma pele macia banhada pela luz do fogo.

Eu nunca quis tanto alguém, tão completamente, isso faz minhas mãos tremerem, fazer respirar ao redor dela e falar com ela e olhar para ela parecer uma forma de preliminares torturantes.

— Tudo bem? — Rooney pergunta.

Eu olho para ela, de repente chocado com a profundidade da minha negação. Eu realmente pensei que poderia me dar uma noite com ela e isso seria o suficiente. Mas quando eu a imagino embaixo de mim, em cima de mim, ao meu lado, meu corpo e o dela se movendo, seus gemidos e suspiros... aquela visão continua girando no tempo, e é perigosamente detalhada. É Rooney curvada sobre a mesa, cercada por papéis e um laptop, lendo o que quer que os advogados leiam para seus empregos, Skugga no colo, Harry a seus pés, a porta do meu estúdio aberta para que eu possa vê-la trabalhar enquanto trabalho, também. Estar segurando sua mão enquanto caminhamos e observamos o nascer do sol, enquanto eu a aperto contra mim, suas costas coladas no meu corpo e a respiro, e sei que isso é tudo que eu preciso – o sol surgindo no horizonte, outro dia que é um presente, porque ela está nele.

E essas são coisas absurdas de imaginar com minha esposa estritamente platônica, que já está com um pé para fora da porta para partir.

— Ei. — Sua mão desliza para dentro da minha, me tirando dos meus pensamentos. Ela se levanta, brilhando na luz do fogo que projeta um tom bronze em seu cabelo loiro.

— Desculpe. — Eu aperto sua mão e a solto. — O que você disse?

Ela sorri suavemente.

— Eu perguntei se você estava bem. Isso foi meio estressante.

— Sim. Foi. Mas estou bem.

— Depois que eu não estava mais petrificada de medo de que íamos entregar *tudo o* que estava acontecendo, eu realmente me diverti. Você também?

Diversão? Eu me diverti?

Certamente houveram partes boas. Assistir Rooney sorrir e rir enquanto elas ganhavam, a maneira como ela ficava ainda mais brincalhona e relaxada com sua melhor amiga. Vê-la tão em casa na minha casa, fazendo chá e pipoca para Willa e Ryder, sentada à mesa em frente a mim.

Mas não posso dizer que me diverti, sentindo meu anel de casamento queimar um buraco no meu bolso, lutando contra uma ereção porque cada movimento de Rooney me excitou, enquanto orava a Deus que Ryder não tivesse alguma coisa aleatória que ele quisesse pegar no chalé e então a situação teria se entregado.

— Foi... bom.

Seu sorriso diminui. Ela desvia o olhar, um gesto que reconheci significar a última coisa que eu gostaria de fazê-la sentir: cabisbaixa, desapontada. Saber que eu causei isso parece um golpe no corpo.

— Eu não quis dizer… — Eu me aproximo, envolvendo minha mão em torno de seu cotovelo. Minha garganta está apertada, meu peito mais apertado. Odeio quando faço isso. Quando eu sou honesto e a honestidade prova *não* ser a melhor política, quando o que eu digo não diz tudo o que eu quis dizer.

É por isso que meu círculo social é tão pequeno. Porque com estranhos e conhecidos casuais, não há o benefício da dúvida para mim, nenhum contexto de que, embora eu tente o meu melhor, traduzir o que vivi para como me sinto a respeito e, em seguida, articular isso para os outros, é mais difícil do que a mais cansativa corrida matinal. Com pessoas que não me conhecem bem, não há paciência quando preciso de tempo para endireitar minha cabeça e encontrar coragem para tentar novamente. Só existe mal-entendido e frustração.

Mas Rooney me mostra o que eu já sabia. Que ela está segura. Que ela está ouvindo.

Ela se vira e me encara, a cabeça inclinada.

— Eu não quis dizer não foi *nada* divertido — eu explico. — Eu estava apenas... distraído com o que poderia dar errado. Eu me senti... ansioso.

Ela se vira mais completamente, sua expressão suavizando.

— É difícil se divertir quando você está ansioso. A ansiedade não é uma idiota? Apenas reproduz tudo que pode dar errado em um loop. Eu sinto muito.

O alívio me inunda. Ela entende.

— Exatamente.

— Bem, quer se sentar em frente ao fogo e descansar um pouco? — Ela pergunta. — Eu posso fazer mais chá para nós. Colocar um pouco de uísque nele. Podemos dar alguns abraços terapêuticos em animais e desligar a cabeça.

O calor se espalha pelo meu peito. Eu concordo.

Seu sorriso retorna.

— Ok. Bom. Onde está Harry?

— Ele vai aparecer. — Eu caminho em direção à porta e a abro, assobiando baixinho no ar, que repentinamente, fica

mais frio. — Ele tende a vagar à noite, mas voltará para casa para se aquecer durante a noite.

Rooney enche a chaleira e liga o fogo, sorrindo enquanto Harry entra e passa correndo por mim na direção dela.

— É bom ver você também — murmuro.

Ele pula e ela o abraça, deixando-o lamber seu queixo, rindo enquanto ele dá uma lambida em sua orelha também.

— Harry Styles! — ela grita. — Comporte-se.

Skugga foge do estúdio e ataca meus cadarços com um minúsculo e feroz "Miau!".

Eu a pego e a seguro bem na frente dos meus olhos.

— Pare com essa coisa com os cadarços.

A pequena bola de pelos inclina sua cabeça, assim como Rooney fez um momento atrás.

— Miau — ela diz.

Eu suspiro e a coloco na cama. Ela corre por ela, então pula, perseguindo uma de suas bolas com sinos e com pontas de penas e desaparecendo de volta no estúdio. É estranhamente familiar e... caseiro.

Nunca pensei que dividir o espaço com alguém pudesse ser assim. Não considerando que cresci com uma família que amo, mas cujos níveis de ruído e caos me deixaram em um estado perene de agravamento sensorial. Ao ir morar sozinho foi a primeira vez que me senti tranquilo e em paz em minha casa. Nunca imaginei que seria assim com outra pessoa também.

Com ela.

Rooney nos serve chá enquanto a chaleira começa a assobiar.

— Chá da hora de dormir, certo? — ela pergunta.

Eu concordo.

— Obrigado.

Ela sorri, os olhos fixos em sua tarefa. Estou de volta ao inferno físico novamente, olhando para ela, a maneira como ela morde o lábio preguiçosamente, como ela enfia uma mecha de cabelo atrás da orelha, revelando a longa linha de sua garganta. Que eu quero beijar, chupar e provar–

Merda.

Eu me afasto e coloco mais lenha no fogo. É quando o primeiro *estrondo* de trovão ecoa ao nosso redor. Rooney ergue os olhos.

— Uau. Isso veio do nada. Tempestades estavam previstas?

— Não chequei a previsão. Agora que o telhado está pronto, parei de me preocupar com isso.

Ela pega o telefone e abre no aplicativo do Weather Channel, mergulhando o saquinho de chá ritmicamente.

Em seguida, ela vira o telefone, revelando uma tela piscando com as mesmas cores do fogo – uma vasta faixa de vermelho profundo, circundada por laranja queimada, com franjas amarelas.

— Estamos prestes a presenciar uma tempestade — diz ela.

Há outro flash de luz branca perseguido por uma explosão formidável.

É quando a energia é cortada.

— OOOK. — A VOZ DE Rooney diz da cozinha. Está escuro, nossa única luz derramando-se fracamente do fogo. Eu me movo rapidamente, encontrando as velas onde as guardo no armário e a lanterna. — Então, isso já aconteceu antes? — ela pergunta.

— Sim.

Ela pousa a chaleira, pelo barulho.

— Isso não acontece comigo. E... Escute, não ria.

— Eu geralmente não rio, não é?

— Justo — ela diz. — Então... eu posso ter um *pouquinho* de medo do escuro. Eu sei que isso é ridículo, mas eu tenho.

— Eu tenho experiência com isso. — Caminhando em direção a ela com a lanterna, ofereço minha mão. — Viggo também tem. Não diga a ele que eu disse a você.

Eu posso ouvir seu sorriso.

— Seu segredo está seguro comigo.

— Venha aqui. — Eu a guio para fora da cozinha com a lanterna, Harry choramingando atrás dela. — Harry está no seu barco também — digo a ela, enquanto nos sentamos no chão em frente ao fogo.

Rooney abre os braços enquanto Harry rasteja em sua direção e se deita sobre suas coxas. Ela acaricia sua cabeça em um ritmo longo e lento. Suas mãos estão tremendo.

— Você também tem medo de tempestades? — Eu pergunto a ela.

Ela encara Harry.

— Eu não gosto de como elas tornam tudo escuro. Minha mãe sempre costumava me deixar ir para sua cama durante uma tempestade. Ela tinha pisca-piscas que ela ligava e pendurava na cabeceira da cama, o que, se você conhecesse minha mãe, entenderia que é muito engraçado, porque tudo sobre ela e suas roupas e a decoração de sua casa estão no auge da moda, mas ela manteve esses pisca-piscas bregas, que ela acendia só para mim quando estava escuro e eu estava com medo.

Skugga dispara pela sala, caindo desajeitadamente sobre nossas pernas e correndo para a cozinha, claramente

gostando de ter as rédeas soltas do lugar e totalmente não afetada pela tempestade violenta lá fora. Rooney a encara e sorri, e é quando vejo a umidade em seus olhos.

— Você fica triste quando fala sobre sua mãe.

Rooney suspira pesadamente, esfregando as orelhas de Harry. Eu coloco a mão em suas costas também, onde ele está tremendo, esperando que o peso do meu toque o acalme. Ele suspira como Rooney.

— É complicado com minha mãe. Há distância, especialmente agora que ela mora em Positano com o marido, Paolo.

— Quando ela vem te visitar?

— Ah, ela não vem. Fui convidada para visitá-la, mas visto que mal respirei desde o primeiro ano da faculdade, encontrar tempo para passar um tempo na Itália tem sido meio difícil.

Eu a encaro e tento imaginar um mundo onde minha mãe não estivesse me perseguindo, me ligando para entrar em um avião e ir vê-la. Eu não sei o que dizer.

— Está tudo bem — diz Rooney, lendo minha expressão preocupada. *Tudo bem*. Esse é o refrão que estou aprendendo que acompanha seu sorriso *estou-bem-mas-não-realmente*. — Eu entendo porque ela não visita. Ela não estava feliz aqui. Em um casamento sem amor, geralmente cuidando sozinha de uma filha obstinada e cheia de energia com perguntas incessantes sobre vegetarianismo, ciência planetária e direitos dos animais. Eu gostaria de uma aposentadoria precoce e um amante italiano também.

— Mas você sente falta dela? — Eu pergunto. — E você gostaria que ela te visitasse, não é?

Rooney me olha com um sorriso aguado.

— Sim. Eu sinto falta dela. E eu adoraria se ela me visitasse.

— Você já disse isso a ela?

— Não. Eu... eu não conto para minha mãe coisas que acho que vão aborrecê-la. Ela não me visita, e se eu dissesse que gostaria que ela o fizesse, tenho medo de que isso a faça se sentir culpada e chateada.

— Parece que você é responsável pelos sentimentos dela. Cada um de nós não é responsável por seus próprios sentimentos?

Sua expressão se torna reflexiva.

— Este é um bom ponto. Eu realmente nunca pensei nisso dessa forma. Suponho que seja apenas nossa dinâmica. Aprendi a esconder meus problemas de minha mãe, porque ela já era infeliz o suficiente e eu deveria ser sua felicidade. Mas... eu não acho que isso seja muito saudável. — Ela olha para o fogo. — Willa disse que eu deveria ir para a terapia, e ela está certa.

— A terapia não é fácil, mas é exatamente o que precisamos às vezes.

A mão de Rooney encontra a minha. Ela a pega e a segura em suas mãos, seu dedo traçando meu dedo anelar vazio.

— Você já fez? — ela pergunta.

— Não muito frequentemente — eu admito. — Mas sim. O terapeuta foi quem sugeriu enviar um e-mail para contar à minha família. A terapia é difícil para mim. Descobrir o que estou sentindo e encontrar as palavras para isso é um processo complicado e às vezes demorado para mim. Também é muito difícil para mim falar sobre meus sentimentos com um estranho. Portanto, descobri que é melhor não ir com muita frequência. Eu agendo quando

estou sentindo a necessidade de processar, quando estou me sentindo pronto para articular esses sentimentos.

Ela olha para mim.

— O que você quer dizer com descobrir o que está sentindo?

Eu fico olhando para ela, meu coração batendo forte. Demoro um minuto para encontrar minha coragem, para encontrar as palavras para explicar.

— Às vezes eu só não... sei como me sinto. É como se minhas emoções estivessem dentro de mim e não se aflorassem tão rápido quanto nas outras pessoas. Outras vezes, minhas emoções estão lá, logo abaixo da superfície, e estou tão sobrecarregado com elas que as palavras invadem meu cérebro e não consigo acalmá-las o suficiente para me concentrar e encontrar a certa. Sei que às vezes pode parecer, mas não sou sem emoção. Eu *tenho* sentimentos.

— Claro que você tem, Axel. — O aperto de sua mão aumenta na minha. — Você apenas os sente de forma diferente.

Um nó se forma na minha garganta, quente e grosso. Nunca me senti tão visto pela última pessoa que eu esperava entender como é ser do jeito que sou.

— Sim.

Esse nó na minha garganta se desfaz enquanto ela olha para mim e suas mãos seguram meu rosto. Rooney pressiona o beijo mais suave na minha testa, depois na minha têmpora, depois na minha boca, e eu me derreto nela. Eu empurro o cachorro para fora de seu colo, em seguida, arrasto-a em meus braços. Eu me sinto cru e aliviado, trêmulo com a adrenalina se espalhando em meu sangue.

Rooney suspira, enfiando os dedos pelo meu cabelo enquanto nosso beijo se aprofunda.

— Eu quero você — diz ela sem fôlego enquanto minha boca trilha em sua garganta.

Um grunhido de concordância me deixa, porque é o único som que posso formar quando suas mãos estão deslizando sob minha camisa, sussurrando ao longo da frente do meu jeans.

Eu fico em pé com ela, enquanto nossos beijos ficam mais famintos, nosso toque mais selvagem. Minha camisa sai. Seu moletom também. Caímos no colchão com gemidos duplos e um gemido muito mais alto da cama.

Eu levanto minha cabeça.

— Você ouviu isso?

Rooney balança a cabeça.

— Não. Por que você está parando? Não pare.

Eu me inclino para ela, beijando-a profundamente, minha palma deslizando para baixo em seu estômago, tocando-a suavemente onde ela está quente e molhada. Estou perdido na sensação de tocá-la e ser tocado, esfregando-me contra a doçura de seu corpo, o calor entre suas coxas, tanto que digo a mim mesmo para ignorar o próximo gemido da cama que vem quando deslizo meu braço sob suas costas, arrastando-a mais para cima na cama, em seguida, colocando-nos pesadamente contra o colchão.

Ela está me incentivando, e estamos nos esfregando freneticamente, muito impacientes para tirar a roupa ou fazer qualquer coisa, exceto buscar nossa liberação. Mas com um impulso particularmente áspero de meus quadris, a cama geme mais alto ainda, range ameaçadoramente…

E se quebra no meio.

24

AXEL

Música da Playlist: “Happy Accidents” - Saint Motel

O COLCHÃO COMEÇA A AFUNDAR lentamente embaixo de nós. Rooney me encara com os olhos arregalados enquanto continuamos nossa descida para o vale da cama quebrada.

— Acabamos de quebrar sua cama? — ela sussurra.

— Uh. Sim.

Uma risada pula dela.

— Desculpa. Não é engraçado. É realmente uma merda. Mas... é meio engraçado.

O trovão estala no céu e seus braços se apertam em volta de mim.

Eu a puxo da cama enquanto nos empurro para cima, fazendo-a gritar.

— Ui, músculos. — Ela pisca para mim. — Acho que sabemos quem quebrou a cama. Isso é feito para alguém do seu tamanho?

Eu estreito meus olhos para ela.

— A cama suportou meu peso muito bem até *você* chegar aqui.

Ela engasga.

— Como é?!

Uma tora rola das chamas da lareira, diminuindo a luz. Rooney pode ter ficado irritada comigo, mas ela se achega ainda mais perto.

— Deixe-me acender o fogo novamente. — Eu me afasto dela, adiciono outra tora e sopro as brasas até que queimem mais brilhantes novamente. Então eu me viro e encaro o dano. Minha casa é intencionalmente compacta. Não preciso

de muito espaço. Alta o suficiente para não parecer claustrofóbica e um layout que parece aerodinâmica. Mas significa que, quando minha cama quebra, tenho que fazer algo a respeito. Não seremos capazes de fazer nada do que queríamos esta noite.

— Certo — eu suspiro. — É hora de reorganizar.

É UM TRABALHO SUADO lidar com a cama quebrada, porque a plataforma em que a construí é de madeira maciça. Aparentemente, não é maciça o suficiente.

Com a estrutura da cama quebrada puxada para o estúdio, o colchão agora está no chão. Rooney e eu estamos suando, e a parte inferior das minhas costas está tensa e dói como o inferno, como tem estado nos últimos dias. Não posso acreditar como estamos suados, mas, por outro lado, acho que precisou de Ryder, Parker e Bennett para montar tudo comigo, e Rooney e eu simplesmente fizemos isso com metade da força de trabalho.

Meu suor agora está úmido e frio na minha pele. O que eu *odeio.* Eu puxo minha camisa para longe do meu peito, completamente miserável.

Rooney se joga no colchão no chão.

— Deve haver água quente suficiente para mais um banho ou dois, certo? — ela pergunta.

Eu deixo cair minha camisa.

— Provavelmente. Quer tomar um?

Ela olha na minha direção e sorri.

— *Você* quer um. Eu posso dizer que você está se sentindo nojento. Tome um banho. Eu ficarei bem. O fogo está forte e eu posso ser uma garota crescida.

— Você tem certeza?

— Claro, Ax. Vá em frente.

— Eu serei rápido. Você pode tomar banho depois de mim.

— Soa bem. — Enquanto se ajeitava no colchão, ela congela. — Merda. — Rooney salta por ele e vasculha sua mala, que está dobrada perto da parede. — Esqueci que minhas roupas estavam lavando. Eu tenho... um par de jeans e uma camiseta do Reading Rainbow.

— Aqui. — Atravesso a sala até minha cômoda e vasculho minhas gavetas. Depois que desmontei a barraca e classifiquei o que queria no chalé, deixei algumas roupas mais batidas aqui. Há um velho moletom meu e uma calça de moletom que já viu dias melhores. Eu jogo os dois no colchão para ela. — Desculpe. Eles estão bem batidos, mas é o que eu tenho. A maioria das minhas coisas não está aqui.

— Não, isso é perfeito. Contanto que não sejam calças duras.

— Espero exatamente o mesmo. — Encontro outro par de calças de moletom velhas, uma camiseta surrada e desbotada e um moletom velho com gola redonda. — Volto logo.

Meu banho é o mais rápido possível, então deixo água quente para Rooney. Trocamos de lugar e, enquanto ela está no banho, percebo que devo fazer algo a respeito dessa situação de dormir.

Mas... será que eu *quero?*

Acho que poderia simplesmente jogar um cobertor no chão e encerrar o dia, mas algo em mim quer torná-lo especial para ela. Especial e... aconchegante?

O que está acontecendo comigo?

Não tenho uma resposta para isso, mas não consigo me conter. Eu apenas continuo. Procuro no armário e encontro

uma barraca mais velha e mais compacta do que a que usei enquanto dormia fora naquelas primeiras semanas. Harry segue em meus calcanhares, ganindo baixinho.

— Está tudo bem, amigo. — Eu dou um tapinha em seu lado. — Só um pouco de chuva. Vai passar.

Ele geme de novo, então se joga bem na frente do fogo enquanto eu puxo a barraca para ficar em cima do colchão que está perto do fogo, mas a uma distância segura de suas chamas. Parece estranho por fora, mas por dentro é promissor. Só não é muito aconchegante. Está muito escuro, mesmo com o fogo próximo.

Eu volto para o armário, encontro pisca-piscas de LED, operados por bateria, que Freya me deu como um presente de inauguração "para onde você quiser um pouco de brilho extra", uma frase que lembro vividamente de fazer Ryder bufar, resultando em Freya socando seu braço. Eu os desenrolo, passo-os pela abertura da tenda e uso prendedores de roupa para prendê-los à cúpula da tenda. É... definitivamente uma gambiarra. Mas está iluminado e aconchegante.

Espero que isso a faça se sentir segura. Da mesma maneira como Rooney me faz sentir seguro.

A voz de Parker ecoa na minha cabeça. *Você realmente não acha que pode estar desenvolvendo sentimentos por ela?*

Ah meu Deus. Eu não estou. Eu não posso.

Mas então quais eram aquelas cenas que eu estava imaginando na minha cabeça poucos minutos atrás, imaginando ela aqui, parte da minha vida, fazendo da minha casa seu lar? Por que não consegui me impedir de admitir que uma noite nunca seria o suficiente?

O piso range, me tirando de meus pensamentos e eu me viro. Rooney está perto do fogo, as mãos entrelaçadas na

frente dela, o cabelo molhado, mas penteado, minhas roupas engolindo-a. Seus olhos encontram os meus, e aquele momento parece uma nova cor, passando pela tela do meu coração. Um que eu nunca sonhei que pudesse agraciar minha vida, porque eu não sabia que ele existia.

Agora não consigo imaginar como seria minha vida sem ele.

É quando eu sei. Quando cada pergunta que eu tinha é respondida, e sei que dessa torção, dolorida, terrível, *algo* bonito cresceu e se aprofundou dentro de mim por semanas, e esse *algo* é um sentimento, e esse sentimento é todo por ela, e não é nada que eu já senti por qualquer outra pessoa.

E esse sentimento... é amor.

Eu amo ela.

Puta *merda.* Eu amo ela.

Alegremente inconsciente, Rooney sorri para mim, segurando o moletom.

— Bob Ross, hein?

Eu fico olhando para ela, paralisado. Além do rosto do famoso pintor da TV, o moletom é da mesma cor marfim do vestido suéter que ela usou no dia do nosso casamento. Por alguma razão, parece proposital – uma piscadela do universo.

— Eu amava o programa dele — ela diz. — Eu sentava lá e relaxava, ouvindo ele, assistindo ele pintar aquelas cenas que... bem, elas meio que me lembram da paisagem aqui.

— E– eu também — eu finalmente consigo dizer.

— Ele tinha ótimas frases. "Não rimos porque nos sentimos bem, nos sentimos bem porque rimos". Obviamente, eu adoro essa. — Rooney olha para o moletom, franzindo a testa. — Havia outra, mas eu não consigo me

lembrar totalmente. Começava com "Sem erros…" — Ela olha para mim. — Você se lembra como era? "Sem erros…"

— "...apenas acidentes felizes" — eu digo a ela baixinho, movido pela verdade nessas palavras. É isso que são as circunstâncias que a trouxeram até aqui, que nos fizeram chocar e convergir os caminhos... não os erros, mesmo que parecessem, mas os acidentes mais felizes.

Os que me deram ela.

Seu sorriso se alarga.

— É isso.

Ainda estou olhando para ela, atordoado, cambaleando. Eu estou apaixonado. E é um pouco assustador. É como olhar para uma tela em branco quando estou com vontade de pintar, com as cores prontas, o pincel na mão. Eu só tenho que me preparar para ficar completamente absorto.

Amá-la será como pintar? Como construir esta casa? Como correr? Imersivo, consumidor, tão intensamente possessivo com meus pensamentos, energia e tempo?

Eu gosto disso? Ou voltei a ficar com medo? Quem diria que o amor seria tão complicado.

Sua mão desliza para dentro da minha e todos os pensamentos se dissolvem. Talvez o amor não seja complicado, então. Talvez o amor seja simples. Talvez sejam as pessoas que o tornam complicado. Talvez eu possa apenas estar – aqui, agora, tocando-a, perdido neste momento e em cada momento que passo com ela.

Talvez isso possa ser o suficiente.

— Onde sua mente foi? — ela pergunta baixinho.

Eu aperto a mão dela.

— Só pensando.

Olhando para a barraca, ela parece percebê-la pela primeira vez.

— O que é isso? — Ela sorri e se agacha, levantando a aba. — Você colocou luzes nela.

— Você não gosta do escuro.

Ela se levanta novamente, então se aproxima, envolvendo os braços em volta de mim. Sua cabeça repousa no meu peito.

— Axel — ela suspira e pressiona um beijo lento bem sobre o meu coração batendo forte. — O que eu vou fazer com você?

25

ROONEY

Música da Playlist: "New Song" – Maggie Rogers, Del Water Gap

EU FICO OLHANDO PARA A TENDA cintilando com as luzes. Uma configuração confortável e aconchegante que Axel montou para fazer a tempestade parecer menos tempestuosa e a escuridão não tão escura, e meu coração explode, como um caleidoscópio de borboletas voando.

E é então que eu sei que toda essa racionalização que venho fazendo, dizendo a mim mesma que é apenas uma paixão com alguns sentimentos superáveis agregados por esse osso duro de roer que finalmente cedeu só para mim não é nada além de mentiras.

Eu amo ele. Acho que estou me apaixonando há um bom tempo. Como um efeito dominó, tem sido momento após momento, um colado no outro, construindo velocidade e beleza enquanto eles se conectavam. Antes do último *clique* inevitável quando a peça final se encaixou e tudo se revelou.

Amor.

Ah, claro eu faria isso. Claro que eu me apaixonaria pelo cara que tem todos os planos para foder a luxúria para fora de nós e me mandar embora. Meu coração está acelerado e se partindo e, mesmo enquanto dói, nunca me senti tão segura. Porque é isso que tem sido – não passional, embora tenha seus momentos, ou romântico, que temos tentado muito evitar. Tem sido seguro.

Que ironia, que um casamento sem amor se tornou o lugar mais seguro para construir o amor, afinal.

Eu abraço Axel com força, minha orelha descansando sobre seu coração. Está acelerado. Por quê?

Seus braços me envolvem, lentamente, com cautela, como se ele estivesse preocupado que eu pudesse mudar de forma enquanto ele estava me segurando. Eu fico parada, abraçando-o como ele me mostrou – forte, com minhas mãos presas em suas costas. Espero que o que quer que esteja fazendo seu coração bater forte dentro do peito não seja eu. Ou se for, que seja o tipo bom de aceleração.

Ele se sente como eu? Seu coração está disparado, batendo e explodindo no peito? Eu não vou saber, vou? Não, a menos que eu diga a ele. Não, a menos que ele me diga.

Eu quero ser corajosa. Eu quero perguntar, professar e abrir meu coração.

Mas está escuro e tempestuoso, e estou com tanto medo de ficar sozinha. Mesmo que eu queira saber, mesmo que eu fosse ficar eufórica se perguntasse e aprendesse que tenho seu coração do jeito que ele tem o meu, prefiro ter apenas um pouco dele esta noite do que arriscar perdê-lo por completo.

Amanhã serei corajosa. Esta noite eu preciso estar segura.

— Axel — eu sussurro contra seu moletom. Está desgastado e macio, e tem o mesmo cheiro dele. Eu respiro fundo e suspiro. — Obrigada pela minha tenda brilhante.

— Você gosta dela? — ele pergunta.

Eu aceno, apertando-o apenas um pouco mais forte.

— Eu amo ela.

Eu amo você.

Engolindo o nó na garganta, eu me afasto, o suficiente para olhar para cima e beber dele – aquela mecha teimosa de cabelo chocolate, beijando sua têmpora, o fogo brilhando em seus olhos verdes profundos. A beleza artística de suas maçãs do rosto e queixo, a suavidade de seus lábios.

Ele olha para mim também, olhando para mim de uma forma que eu não acho que ele já tenha feito antes. Com franqueza, uma curiosidade desprotegida enquanto seu olhar viaja pelo meu rosto. Ele alisa meu cabelo atrás dos ombros, em seguida, segura meu rosto suavemente.

Um trovão explode do lado de fora novamente e um relâmpago ilumina a sala. Eu agarro Axel com mais força.

— Desculpe, estou tão assustada. Eu não deveria ter medo de tempestades, mas eu só... tenho.

Ele me segura perto, uma mão deslizando ritmicamente pelo meu cabelo, e diz:

— Uma das primeiras coisas que aprendemos com meu pai quando começamos a caminhar e acampar foi que é importante ter um medo saudável da natureza, saber nosso lugar no grande esquema das coisas. Porque então podemos fazer escolhas sábias. O medo pode nos ensinar. Mas também pode mentir para nós. — Ele encosta a bochecha na minha cabeça. — Quer tentar uma coisa?

Eu concordo.

— Feche seus olhos.

Eu fico tensa.

— Mas…

— Eu sei, fica escuro. Apenas tente, mesmo assim.

Exalando lentamente, fecho meus olhos. O mundo parece duas vezes mais estranho e muito mais desorientador. Mas eu me seguro com força em Axel e mantenho meus olhos fechados.

— Eles estão fechados.

— Agora escute.

— O quê?

Suas mãos deslizam constantemente pelo meu cabelo. Seu coração bate no meu ouvido.

— O que está ao seu redor. Sinta o que você não pode ver. Deixe isso orientar você.

Tento outra respiração lenta para me acalmar e ouvir. O fogo crepitante, a respiração silenciosa de Harry aos nossos pés. A bola de Skugga tilintando enquanto ela a persegue no estúdio. Eu ouço a chuva caindo nas janelas e o leve rangido de árvores altas balançando ao vento. Outro estrondo de trovão sacode a terra, mas desta vez não me assusta. Apenas isso. Está lá, da mesma forma que o fogo está, e os animais e Axel me segurando. Eu ouço as batidas de seu coração como eu ouço o meu. Eu ouço a tempestade como ouço minha própria respiração, como ouço a de Axel.

— É como uma de suas pinturas — eu sussurro. — Grande e complexo e abstrato e... eu simplesmente *sinto* isso.

E então eu sinto seu sorriso contra o topo da minha cabeça, a maneira como seus braços me agarram um pouco mais forte.

— É isso.

Lentamente, eu abro meus olhos, piscando enquanto eles se ajustam da escuridão ao brilho fraco do fogo e as luzes cintilantes. Axel me encara, uma nova luz em seus olhos enquanto procura meu rosto.

— Como você está se sentindo?

Eu sorrio.

— Segura.

Ele abaixa a cabeça e me beija uma vez, suave como a mais leve chuva sussurrando sobre minha pele. Então ele se afasta.

— Quer s'mores de novo? Com aqueles biscoitos de chocolate sem glúten?

Meu pequeno sorriso se torna um sorrisão ridículo.

— Sim! Você é um gênio, você sabe disso, certo? Os biscoitos de chocolate sem glúten são um substituto brilhante para as bolachas de maizena sem glúten.

Virando-se para a cozinha, ele diz:

— Eu nem sabia que existiam bolachas de maizena sem glúten.

— Você não está perdendo nada. Elas são *horríveis*.

Quando ele dá a volta no balcão e entra na cozinha, eu o vejo ter um sobressalto, como se tivesse sido picado, e então, girar os ombros.

— Tudo bem? — Eu pergunto.

— Tudo bem — diz ele. — Minhas costas estão um pouco tensas.

— Bem, considerando que você trabalha doze horas por dia na construção e depois dorme em um colchão de ar, apesar de ter uma cama e um sofá perfeitamente úteis e disponíveis para você, não estou totalmente surpresa. Nenhuma das camas está pronta para usar em casa?

Ele abre um armário e começa a retirar os ingredientes dos s'mores.

— Nós as cobrimos com sacos plásticos para proteção. Elas ainda estão lacradas enquanto trabalhamos, e eu não suporto dormir naquele plástico.

— Então você está dormindo em um colchão de ar de plástico?

— Vinil. — Ele me lança um olhar por cima do ombro. — E com um lençol, muito obrigado.

Eu abro minha boca, pronta para fazer um protesto sobre esse arranjo para dormir absurdo, mas sou interrompida antes que eu possa. Porque quando Axel se abaixa para pegar o saco de marshmallows que ele acabou de deixar cair,

ele solta um som tão baixo e dolorido que eu esqueci tudo o que eu ia dizer.

E então ele cai no chão.

Eu corro ao redor da ilha e deslizo para a cozinha em minhas meias, caindo de joelhos.

Ele está esparramado de costas, as pernas se erguendo até dobrar. Eu vejo um leve tremor percorrer seu torso.

— Está tudo bem — diz ele com voz rouca. — Estou bem.

Eu sou a rainha do "estou bem". E eu vejo através das palavras dele.

— Você não precisa estar bem.

Ele não diz nada. Apenas fecha os olhos.

— Por favor, não me toque — ele diz.

— Eu não vou — eu digo baixinho, as mãos nas minhas coxas enquanto me sento ao lado dele. E então eu simplesmente sento ao lado dele enquanto ele respira, as palmas das mãos pressionando em seus olhos. Eu espero. E eu espero. E eu espero. Até que eu não aguento mais um segundo. — Então, quando você vai admitir que realmente não está bem?

Sua boca se aperta quando ele deixa cair as mãos.

— Minhas costas... podem ter ligeiramente se agravado.

— O que aconteceu?

— A parte de baixo das minhas costas. Desde que eu fodi ela na primavera, não é difícil irritá-la.

— Como?

Ele abaixa uma perna e estremece.

— Minha liga de futebol levou as coisas para um lado físico.

— Eu sinto que você não está me contando a história toda. Foi sério?

— Não foi grande coisa. Bennett age como se tivesse sido, porque eu tive que ligar para ele para vir me buscar no hospital–

— No *hospital*? Axel, isso é sério–

— Não. Foi porque eles me deram relaxantes musculares, então eu não podia dirigir. Foi apenas um espasmo muito forte. É o que está acontecendo. Na verdade, falando em relaxantes musculares. — Ele aponta rigidamente para o pequeno armário bem acima da geladeira. — Poderia pegar a garrafa para mim? Ao lado do uísque.

— Ah, com certeza. Muito saudável.

Ele geme, fechando os olhos.

— Eu não pedi por eles *juntos.*

— Estou te provocando. — Eu me levanto e pego os relaxantes musculares, tendo que ficar na ponta dos pés. — Você fez tudo gigante neste lugar. Eu tenho 1 metro e 52, e não consigo nem tocar nas suas prateleiras de cima.

— Eu realmente me encaixo na minha própria casa — ele fala sem rodeios. — Quão cruel.

Encho um copo de água e levo o frasco de comprimidos comigo.

— Quantos?

— Um.

Eu sacudo o frasco, tirando a pílula e, em seguida, coloco a tampa.

— Esses armários podem ser perfeitos para você, mas e se alguém que não tem 1 metro e 96 quiser morar com você um dia?

Ele olha para mim, o olhar explorando meu rosto.

— Eu nunca pensei que fossem querer.

— Visão limitada da sua parte. — Eu coloco a pílula em sua mão, então o vejo jogá-la na boca, seu pomo de adão trabalhando enquanto ele se inclina apenas o suficiente para beber todo o copo de água. — Uma massagem ajudaria?

Ele tosse um pouco no último gole de água, depois abaixa o copo.

— Você não tem que fazer isso.

— Isso não responde à pergunta que fiz.

— Acho que… — Ele desce de volta no chão. — Eu não sei. Só aconteceu quando estava sozinho. No hospital, eles não fizeram massagem – apenas me deram relaxantes musculares e eletroestimulação. A propósito, *não* gosto da eletroestimulação. — Ele se contrai, depois estremece.

Eu me sinto incrivelmente protetora com ele agora. Eu sei que Axel não é uma história triste. Ele gosta de viver sozinho e de sua vida solitária, mas ainda me faz desejar que alguém estivesse por perto para cuidar dele quando ele precisar. Felizmente estou aqui agora e posso.

Eu *quero* estar.

— Bem... se você se sentir confortável com isso — digo — podemos tentar.

— Acho que sim — ele murmura. — Assim que eu conseguir sair daqui.

— Eu ofereceria minha almofada de aquecimento também, mas isso está fora de questão até que a energia volte. Quando você se sentir pronto para se mover, você pode deitar na cama, e eu vou esfregar você por um tempo.

Sua boca se contrai.

Eu bufo.

— Ok, pervertido. *Massagear* você. *Esfregar* você. Que seja. Não há como dizer isso sem ser uma insinuação.

— Você tem razão. Peço desculpas.

— Você está perdoado. Sua penitência é deitar naquela cama.

— Se eu tenho que fazer isso… — ele geme. Lentamente, ele rola para o lado e fica de quatro. Ele cautelosamente tenta se levantar. — Não vai dar — diz ele. — Rastejar, é o jeito.

— Oh, Axel. Isso é terrível.

Harry invade a cozinha, choramingando e farejando Axel, que rasteja em direção à sala de estar. Eu movo a cadeira e, em seguida, pretendo mover a barraca quando Axel diz:

— Não, deixe-a.

Então eu faço. Eu apenas prendo a aba aberta e o deixo entrar. Lentamente, ele se estica no colchão como se deslizasse em câmera lenta para tocar uma base de baseball, com um gemido baixo de dor.

Tentando dar a ele um pouco de privacidade para se sentir confortável, começo a trabalhar, fazendo o que sempre me faz sentir melhor quando as coisas estão perturbadoras, que é deixar as coisas arrumadas. Eu acendo o fogo e adiciono mais lenha. Eu acendo as velas que ele colocou nas prateleiras flutuantes acima da lareira.

E quando eu volto, Axel está deitado de bruços, apenas de calça de moletom. Meu coração para. Ele é tão lindo. Eu fico olhando descaradamente para os músculos de suas costas, a inclinação de sua coluna e duas covinhas suaves logo acima do cós de seu moletom.

Quando eu olho para cima, nossos olhos se encontram.

— Desculpe pelo show — ele diz. — Eu simplesmente não consigo suportar a sensação de tecido na minha pele quando minhas costas estão assim. É um agravante.

— Está tudo bem. — Eu rastejo para dentro da barraca também, que é surpreendentemente espaçosa, mas,

novamente, para caber um cara de 1,96 ela tem que ser. — Tudo bem eu tocar em você?

— Sim — diz ele, o rosto abafado pelo saco de dormir em que ele deitou. — Você pode sentar na minha bunda? Isso vai lhe dar uma melhor alavancagem, e a pressão no meu cóccix é boa.

Eu monto nele e mentalmente me bato enquanto sinto os músculos rígidos de sua bunda. Este não é um momento sexual. Esta é a hora de "cuidar do Axel".

Gentilmente, coloco minhas mãos na parte de baixo de suas costas, sua pele esticada e macia. Não sou massagista, mas sou atleta há tempo suficiente para saber o que dói e o que geralmente me faz sentir melhor, então faço o que sei que é bom. Eu deslizo meus polegares suavemente ao longo dos grandes músculos de cada lado de sua coluna e ganho um gemido seu.

Certo. Não. Nada sexual.

Basta dizer isso para a dor entre minhas coxas e meus mamilos enrijecendo sob o moletom Bob Ross. *Sem erros. Apenas acidentes felizes.*

Repito o movimento algumas vezes, espalhando minhas mãos e amassando com as palmas em seguida. O ar sai correndo de Axel. Sua bunda aperta embaixo de mim.

— Tudo bem? — Isso saiu um pouco ofegante. Ops.

As mãos de Axel agarram o saco de dormir que ele colocou dentro da tenda.

— Sim.

Eu posso sentir a tensão em suas costas, e coloco minhas mãos nas duas pequenas covinhas de cada lado do cóccix.

— Bem aí — ele geme.

Parando, eu me recosto enquanto me lembro de uma massagem shiatsu que fiz no início deste ano. A terapeuta

ficou sobre minha cabeça, em seguida, deslizou as mãos pela minha espinha, em direção à minha bunda. Lembro-me vividamente de como isso abriu minhas costas.

— Vou tentar outra coisa, ok?

Axel abre os olhos apenas pela metade. Posso ver que o relaxante muscular começou a fazer efeito.

— Claro.

Eu me afasto de sua bunda, então rastejo em direção a sua cabeça. Ele ergue os olhos e franze a testa.

— O que você está fazendo?

— Não vou inventar moda, porque não sou profissional, mas só queria tentar algo que uma massagista fez em mim. Vai atuar bem na parte de baixo das suas costas.

Seus olhos estão fixos em mim enquanto eu me ajoelho mais perto, então me inclino sobre ele, meus joelhos montados em sua cabeça. Eu deslizo minhas mãos em suas costas.

— Não se atreva a dizer nada remotamente relacionado a insinuações.

Suspirando pesadamente, ele pressiona sua testa no meu joelho. Em seguida, ele leva a mão suavemente para minha coxa e desliza até meu quadril, em seguida, desce novamente.

— Isso é cruel.

— Isso dói? — Eu pergunto.

— Sim — ele geme. — Demais.

Eu faço uma pausa.

— Eu posso parar.

— Não a massagem — ele murmura. — Isso. — Ele aperta minha coxa. — Está tão perto de ser exatamente o que eu quero.

Minhas bochechas esquentam enquanto eu rio baixinho.

— Acho que o relaxante muscular também relaxou sua língua.

— Uhum — ele diz, acariciando o interior da minha coxa. — Relaxou. E minha língua não quer ficar relaxada. Quer estar ocupada.

Eu bufo uma risada.

— Uau. Você é divertido assim quando está bêbado?

— Não. Eu simplesmente fico muito quieto.

— Como se você já não fosse muito quieto.

— Ainda mais quieto — ele diz sério. — Como um rato.

Eu olho para ele e mordo a boca, segurando uma risada.

— Eu não sei. Aposto que se eu o colocasse na frente de um jogo de dardos com algumas cervejas, você ficaria um pouco doido. Você parece um cara de dardos.

Ele sorri, uma trinca devastadora: dentes brilhantes, covinhas longas e o grand finale – aquele nariz enrugado. Meu coração engasga, como um motor que pode parar.

— Quando você vier para o Dia de Ação de Graças, você descobrirá — diz ele. — Temos dardos no porão. Ah *merda*, sim. — Ele agarra minha coxa enquanto eu deslizo as palmas das mãos nos músculos de sua bunda. — Faça isso novamente. Foi tão bom.

Está levando tudo em mim para não entrar em colapso e simplesmente desistir, porque estou tão excitada, é irreal, e também estou prestes a explodir de tanto rir, massageando a bunda de Axel enquanto monto em seu rosto, enquanto ele geme debaixo de mim. Nada disso é sexo e nós dois gostaríamos que fosse. Se isso não somos nós em poucas palavras, eu não sei o que é.

— Sim — ele diz sem fôlego, agarrando minha coxa com mais força. — Porra, isso dói. Dor boa. Não pare.

— Se você me dissesse no dia em que cheguei aqui que apenas algumas semanas depois eu estaria casada com você, montando em seu rosto e esfregando sua bunda enquanto você me diz que "dói muito", eu teria rido tanto que eu teria chorado.

Axel geme.

— Espere até eu não estar dopado com relaxantes musculares. Você estará na minha cara, tudo bem. E você não vai rir.

— Estarei cobrando isso de você. — Eu continuo minha massagem, massageando profundamente aqueles músculos tensos. Eu ouço sua respiração ficar mais regular, seus gemidos se dispersam.

— Um pouco melhor? — Eu pergunto.

Ele murmura alguma coisa. Seus olhos estão fechados, a luz do fogo dançando em sua pele e nos longos músculos de seus ombros e costas. Eu me afasto para me sentar ao lado dele e escovar seu cabelo para trás, me entregando a uma carícia suave em sua barba. Tenho que usar o banheiro e planejo ficar no sofá, onde estarei perto e posso pelo menos ver as luzes da barraca. Eu não vou dormir ao lado dele, não quando ele está fora de si e não falamos sobre como dormir. Mas antes mesmo que eu possa sair da barraca, sua mão voa, envolvendo em volta do meu pulso.

— Venha aqui — diz ele calmamente.

Eu hesito.

— Axel, você só precisa dormir…

— É por isso que eu quero que você venha aqui. — Seus olhos se abrem e seguram os meus.

— Só por alguns minutos — digo a ele.

Ele estreita os olhos, mas não diz nada.

Com cuidado, coloco-me no saco de dormir ao lado dele. Axel levanta o braço apenas o suficiente para envolvê-lo em volta da minha cintura. Ele me puxa para mais perto, então enterra o nariz no meu cabelo e inspira.

E é assim que ele adormece, segurando-me perto, meu nome em seus lábios, um suspiro suave e sem fôlego.

26

AXEL

Música da Playlist: “Make Out in My Car” - Moses Sumney, Sufjan Stevens

EU ACORDO QUANDO HÁ APENAS UMA LUZ FRACA. A barraca ainda está aberta, Harry bem na minha linha de visão, fora do frio na frente do fogo que se apaga.

Lentamente, eu fico de quatro, esticando minhas costas. Ainda está muito ruim. Não tão ruim quanto ontem à noite, mas definitivamente não está bom. Inclinando-me, espio longe o suficiente para ver Rooney enrolada no sofá, um cobertor bem apertado no queixo. Ela parece pequena e fria, e isso faz o protecionismo rugir em meu peito.

— Rooney — eu chamo. Minha voz sai rouca e baixa como sempre faz de manhã.

Seus olhos se abrem lentamente e, Cristo, é impressionante como a primeira espiada no céu azul depois de dias de nuvens. Eles se fixam em mim enquanto um sorriso que surge lentamente aquece seu rosto.

— Ei — ela diz baixinho.

— Vem aqui? — Se eu tivesse algum orgulho sobrando, estaria em perigo, mas não tenho. Ela me viu cair no chão e engatinhar por causa das minhas costas machucadas. Então eu provavelmente disse Deus sabe o quê sob efeito do relaxante muscular – essas coisas me deixam *completamente* sem filtro. Ela me viu no meu pior estado.

Sentando-se, Rooney se espreguiça, um pequeno guincho a deixa, o que fez o mundo brilhar como uma pétala de rosa, a mancha vívida do nascer do sol, o tom de um rubor em sua bochecha. Eu volto para dentro da tenda e espero por ela. Eu a ouço se movimentar, conversando com Skugga, cujo sino

anuncia sua chegada. Observo uma nova tora pousar no fogo, o fole de mão criando ar suficiente para persuadir as brasas a fazerem uma pequena chama novamente. Em seguida, Rooney aparece, sorrindo e emoldurada na abertura da tenda, como a pintura perfeita.

Meu coração torce.

— Oi — ela diz, engatinhando. Ela estende algo pequeno e branco para mim.

— Eu tomo relaxantes musculares apenas para dor, Rooney. Eu não curto essas coisas mais pesadas.

Ela ri.

— É uma bala de menta, seu idiota.

— Ah. — Abro minha boca, e ela o coloca suavemente na minha língua enquanto coloca um em sua boca também. — Puta merda, isso é forte.

— Eu comia essas coisas o dia todo na escola. — Sua expressão escurece um pouco quando ela me encara, curvada de lado, as mãos sob a bochecha. — Falando em escola... Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Como você sabia que queria pintar, que esse seria seu trabalho?

Cautelosamente, também fico de lado e a encaro.

— Era a única coisa em que eu era muito bom e desfrutava profundamente, o suficiente para imaginar fazer isso como trabalho. Assim que soube que minha arte poderia vender, fui em frente. Achei que se desse errado, eu sempre poderia ir para construção com Park e Bennett, mas não tive que fazer isso até agora. O que isso tem a ver com Stanford?

Ela suspira, seu olhar passando do meu ombro para onde o primeiro raio de sol faz a tenda brilhar.

— Eu não sei o que fazer sobre a faculdade de direito.

Eu fico olhando para ela, seu cabelo loiro com frizz e emaranhado em um ninho de passarinho, uma marca de travesseiro em sua bochecha. Eu rastreio essa linha até sua mandíbula.

— O que parece certo?

— Eu não sei — ela diz calmamente. — Isso é o que é tão difícil. Não sei... e normalmente, sempre sei. Às vezes eu digo a mim mesma que, ao voltar, eu poderia tentar fazer as coisas de forma mais saudável, mais equilibrada. Outras vezes, digo a mim mesma que devo seguir em frente e escolher algo que seja mais compatível com meus problemas de saúde, algo remoto ou flexível para quando estou em casa e presa no banheiro.

— Você vai descobrir algo — eu digo a ela baixinho. — Eu sei que é difícil, porque você quer ter certeza de sua escolha, mas talvez esta seja uma daquelas coisas que você só precisa descobrir como a ciência faz – tentativa e erro. — As palavras de Viggo voltam para mim e eu as repito para Rooney. — Você não saberá até tentar.

As palavras ficam suspensas entre nós. Ou talvez elas apenas permaneçam em meus pensamentos. Porque eu nunca fiz isso antes. Amei alguém do jeito que a amo. Amei tanto, eu quero dar a ela tudo e protegê-la de tudo e amá-la com cada parte possível de mim que eu puder. Não sei como, ou se posso, mas não saberei até tentar.

Rooney sorri fracamente.

— Você tem razão. Sinto muito pela reflexão. Aqui estou eu, tendo uma crise existencial antes mesmo de tomarmos café. Eu deveria fazer café, não deveria? — Ela começa a se sentar, mas eu coloco a mão em sua cintura e a seguro com força.

— Rooney. — Eu a puxo para perto. — Eu não quero café. Gosto de ouvir você pensar e falar.

Seu sorriso retorna e ela se achega mais perto.

— Obrigada.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha dela e beijo sua testa.

— Você pode tomar café, se realmente quiser.

— Não. — Ela balança a cabeça, então se inclina e beija meu pescoço. — Não, estou bem. Mas não quero mais falar sobre a faculdade. Não quero que a preocupação me afaste de minha felicidade agora.

Eu deslizo meus dedos por seus cabelos, saboreando a maciez, esfregando suavemente seu couro cabeludo. Ela fecha os olhos e suspira. Eu a observo enquanto a toco, o crepitar do fogo embalando em torno de nós. A barraca está quente, e parece que minha casa está inundada de sol, não apenas porque o fogo estava aceso e o sol estava surgindo no horizonte, mas porque Rooney está aqui, bem ao meu lado.

Porque eu a amo.

E essa é a última coisa que posso dizer a ela. Porque se tornou algo que não deveria. Não foi por isso que ela se casou comigo, e não foi para isso que ela veio. Mesmo assim, sabendo que não vou contar a ela, sabendo que ela não me vê da mesma maneira, parece tão certo saber. Tão libertador, ter um nome para isso. Entender o que está dentro de mim e vivo para ela de uma forma que nunca esteve para ninguém.

Harry enfia a cabeça na tenda, apoiando o focinho na cintura de Rooney. Ficando sobre suas costas, Rooney passa a mão pela cabeça e pelas costas dele, em movimentos longos e constantes. Sua boca se contorce quase como um sorriso e ele solta um suspiro pesado.

— Como vou dizer adeus a você? — Ela pergunta baixinho.

A dor está de volta, torcendo bruscamente sob minhas costelas. Amor. Eu tenho um nome para isso agora. Amor, apenas para ela.

— Adeuses são difíceis. Ele vai sentir sua falta.

— Até que ele me esqueça — ela murmura.

— Não. — Eu engulo com força. — Ele não vai te esquecer. E ele sempre ficará feliz em vê-la quando você quiser visitá-lo.

A mão de Rooney vacila, antes que ela passe os dedos suavemente sobre as orelhas dele.

— Posso visitar?

A dor em meu peito fica mais aguda. Respiro fundo, o que não ajuda.

— Sim. Visite a qualquer hora. Ele adoraria. Talvez não depois de encontrar seu próprio... companheiro. Acho que se você o trouxesse, seria difícil para ele. Você sabe como são os cães.

Rooney olha para mim, sua expressão tensa e ilegível.

— E se eu disser a ele que não quero outro? E se eu o quisesse?

Eu fico olhando para ela, dividido. Sou péssimo para ler nas entrelinhas, mas estou tentando escrever as minhas próprias. Que dirão a ela como me sinto, sem me arriscar totalmente. Porque não tenho certeza do que é correto nesta situação. Eu nunca amei alguém assim, muito menos quando eles tinham um pé fora da porta.

Se eu lhe disser como me sinto, como isso faria *ela* se sentir? Ela iria querer ficar? Ela se sentiria culpada por ir embora? E se for assim, isso é amar alguém, dizer-lhe algo que pode fazê-lo ficar indeciso sobre seu futuro?

Procurando seus olhos, eu digo a ela:

— Eu acho que ele diria que gostaria de poder ir com você e fazer a vida dele se encaixar com a sua, mas ele não foi feito para os lugares que você vai. Ele precisa deste pequeno mundo que ele construiu para si mesmo e de um espaço pequeno e seguro, e que ele nunca, *nunca* vai querer que você altere seus planos por ele. — Eu coloco uma mecha de cabelo dourado suavemente atrás de sua orelha, meus dedos traçando sua garganta. — Ele diria que quer que você seja feliz mais do que qualquer coisa, e ele nunca poderia viver consigo mesmo se você acabasse perdendo sua felicidade ao tentar compartilhá-la com ele.

— E se eu disser a ele que não tenho tanta certeza sobre esses planos? E se eu disser que sinto uma felicidade que não sabia que existia até compartilhar com ele?

Eu procuro seus olhos. Ela está dizendo o que eu acho que ela está dizendo?

Mas e se ela não estiver?

E se ela não estiver, e eu entender errado, e estragar tudo? Esse tempo com ela, antes de ela partir. A tênue amizade que encontrei com ela. A possibilidade de que eu pudesse simplesmente vê-la novamente sempre que ela quisesse estar aqui, mesmo que ela não fosse minha.

— Ele diria a você algo que o sábio Bob Ross disse uma vez. "É difícil ver as coisas quando você está muito perto. Dê um passo para trás e olhe."

Rooney franze a testa.

— Muito enigmático para um cachorro.

— Os cães são criaturas filosóficas. — Eu pego outra mecha de cabelo e enrolo no meu dedo. — E ele lhe daria esse conselho porque, qualquer que fosse sua escolha, quaisquer planos que você fizesse, ele só iria querer que eles fossem

verdadeiramente o que *você* quer e que fossem os instrumentos para sua felicidade. Não a felicidade dele ou de qualquer outra pessoa. Sua. E ele sabe que leva tempo para descobrir. Tempo e perspectiva. Como uma boa pintura.

— E ele esperaria? — Ela diz, sua mão deixando Harry e encontrando a minha, entrelaçando nossos dedos. — Enquanto eu descubro isso? Enquanto eu dou um passo para trás e olho?

Eu deixo a mecha de cabelo se desenrolar em um cacho suave e a levo até meus lábios.

— Sim, ele esperaria.

Então, na segurança de outra língua, sussurro contra seu cabelo: "*Ele esperaria para sempre*".

— O que é isso? — ela pergunta. — Sueco?

Eu aceno, deixando seu cabelo cair dos meus dedos. Ela faz uma carranca. Ela é adorável quando faz isso, porque raramente o faz. Talvez seja como ela se sente quando eu sorrio.

— O que isso *significa* ? — ela diz.

— Se eu te contasse, isso estragaria a diversão.

A carranca se torna em uma encarada.

— Que diversão?

— Venha aqui. — Eu agarro seu braço e a puxo para perto. Ela tropeça em mim, e não é totalmente agradável, minhas costas sendo empurradas, mas eu tenho tão pouco tempo. Eu perdi tempo para caralho e não vou perder mais.

Rooney olha para mim, procurando meus olhos.

— O que é?

Eu deito de lado, de frente para ela, enquanto deslizo meu braço em volta de sua cintura, minha mão correndo suavemente ao longo de suas costas.

— Quero você.

— Eu também quero você — ela diz baixinho, puxando-se para mais perto do meu corpo.

— Vai ter que ser um pouco diferente, por conta das minhas costas, mas–

— Eu não me importo — ela sussurra. Então ela se inclina e me beija suavemente.

Rooney tira o moletom, depois a camiseta, revelando seios macios e mamilos rosados. Eu gemo quando os vejo, e a puxo para perto, até que eles estão pressionados contra meu peito, e estamos nos beijando profundamente.

— Eles não são normalmente tão pequenos — diz ela. — Quero dizer, eles são pequenos. Mas é porque quando estou doente, eu perco peso, e é sempre primeiro nos meus peitos–

— Rooney — eu sussurro, beijando suavemente seu mamilo, em seguida, acariciando-o. — Eles são lindos. Adoro eles.

— Estou um pouco constrangida. Tem os meus seios, então meu estômago fica sensível ao toque e... inchado, por falta de uma palavra melhor. Só não me sinto super sexy quando não me sinto eu mesma, com esses peitos pequenininhos e uma barriga sensível.

— Seios pequenos e barriga são uma obra de arte — murmuro contra sua pele. — Basta perguntar a Botticelli. Você conhece a pintura mais famosa dele, eu aposto. *Nascimento de Vênus*.

— Ohhh. — Ela sorri. — Você tem razão. Ela tem uma barriguinha e peitos pequenos.

Eu beijo seu outro seio, acariciando seu mamilo. O calor se espalha pelo meu corpo, e eu estou tão dolorosamente duro, o toque do meu pau contra as coxas dela, mesmo através da minha calça de moletom, faz meus olhos fecharem.

— Eu fui o garoto de treze anos que ficou em frente àquele quadro na Galeria Uffizi por um tempo inadequadamente longo. Mamãe teve que me arrastar para longe. Totalmente envergonhada.

Rooney ri.

— Eu não sabia que você foi a uma viagem em família para a Itália.

— Nós não fomos. Foi um presente de aniversário para mim dos meus pais. Cada um de nós recebeu um grande presente de aniversário quando completamos treze anos, uma forma de homenagear o fato de nos tornarmos adolescentes e de dar mais um passo em direção à idade adulta. Eu queria ver arte na Itália, então mamãe me levou por uma semana inteira. — Eu pressiono outro beijo entre seus seios, minhas mãos percorrendo-a com apreciação. — E agora vou parar de falar sobre minha mãe enquanto beijo você.

— Boa ideia.

Eu deslizo minha mão em seu estômago, cuidadoso e leve em meu toque.

— Do que você gosta? Como você gosta de gozar?

— Bem, hum… — Ela limpa a garganta. — Não costumo curtir toda a configuração do p-na-v e, quando o faço, leva muito tempo e muito toque.

— Então, o que te *dá* prazer? — Eu murmuro, beijando seu pescoço.

— M-mãos e línguas e... outras coisas.

— Como o quê? — Eu pergunto.

Ela exala tremulamente, seu toque viajando pelas minhas coxas, em seguida, acariciando-me por cima da minha calça de moletom.

— Tudo bem se eu fizer isso?

— Sim — eu respiro. — Mas eu posso realmente gozar se você fizer um pouco mais.

Ela faz uma pausa.

— Quer que eu pare?

— Provavelmente, mas apenas por um momento. — Eu a beijo suavemente, então com a língua. Eu provo a menta dela e a minha, e a doçura que é só ela. — Por que você não me respondeu? Quando perguntei sobre "outras coisas"?

— Posso perguntar algo? Como forma de te responder?

Eu me afasto, ouvindo.

— Sim.

— Aquela noite na cozinha. Quando você disse que às vezes você goza por não gozar. Você quis dizer... como negação do orgasmo? E outras coisas... nessa linha?

A luxúria bate em mim. Eu pego a mão dela e coloco sobre meus peitorais, guiando-a, até que seus polegares estejam esfregando meus mamilos porque é tão bom, e eu preciso que ela me toque, mas eu não quero ir até o fim ainda.

— Sim. Gosto de negar a mim mesmo, mas não quando estou com outra pessoa. Eu tentei, mas não parecia certo para mim. Mas eu gosto que minha parceira adie isso, no entanto. Eu gosto de ir até o limite, ter meu controle testado.

O ar sai correndo dela. Suas coxas se esfregam.

— *Você* gosta… — Minha voz sai baixa e rouca. — De adiar? E buscar o limite? Essas são suas... "outras coisas"?

Ela acena com a cabeça.

— Sim, são minhas "outras coisas". Não gosto muito que isso seja feito comigo, porque levo uma eternidade para chegar lá e, quando estou pronta para gozar, só quero gozar. Mas eu gosto de fazer isso, quando faz meu parceiro se sentir bem, quando se torna mais prazerosamente intenso para eles. Mas eu não… — Ela engole em seco. — Eu tive uma

experiência ruim na faculdade. Um cara me disse que eu era uma aberração por isso, e eu não forcei ou exigi, eu apenas... trouxe o assunto à tona.

A raiva rola por mim.

— Você não é uma aberração, Rooney. Todo mundo gosta de coisas diferentes.

— Eu sei. Eu só... só desanimei de tentar compartilhar isso com alguém por um tempo. Algumas vezes aconteceu organicamente com um parceiro, mas não é o mesmo que ter uma conversa e compreensão.

Eu levo sua mão até minha orelha, mostrando a ela como eu gosto de ser tocado ali, então abaixo em meu pescoço e ombros.

— Você disse pra mim.

Seu sorriso é perversamente sexy, assim como o rubor em suas bochechas, o calor em seus olhos.

— Eu disse.

— Provavelmente não sou um bom candidato para protelar hoje, mas quero tentar.

Ela lambe os lábios.

— Não é um grande candidato? O que você quer dizer?

— Porque... já faz um tempo.

— Hm. — Ela inclina a cabeça, seu toque descendo até meus peitorais. — Eu também.

Eu me mexo, querendo tocá-la mais, mas minhas costas queimam e eu endureço.

— Desculpe — eu assobio.

Ela se inclina mais perto, me beijando.

— Sem desculpas. Vamos apenas manter as coisas simples. Apenas encarar um ao outro assim? Isso é bom?

Eu aceno, envolvendo meu braço em volta de sua cintura, puxando-a para mais perto. E então, com cuidado, nossas

mãos deslizam uma pela outra, até que se afundam sob nossas roupas, alcançando o elástico e as roupas íntimas. Eu a sinto, e ela me sente, e nós ofegamos.

Rooney geme quando mergulho meu dedo dentro dela e a encontro escorregadia, tão quente e macia que tenho que beijá-la. Forte. Ela suspira contra minha boca enquanto eu circulo seu clitóris, em seguida esfrego para cima e para baixo, como ela me mostrou naquela noite na cozinha. Seu toque desliza ao longo do meu comprimento, um aperto firme que me faz ver estrelas.

— Mais apertado — digo a ela. — Só um pouco. E minhas bolas. Me toque lá também.

Ela balança a cabeça, suas mãos bombeando meu comprimento, então suavemente segurando minhas bolas, esfregando aquele ponto atrás delas que faz uma nova onda de luxúria dentro de mim.

— Desse jeito? — ela pergunta.

Eu aceno e roubo outro beijo profundo, nossas línguas trabalhando ritmicamente como nossas mãos. E não muito depois disso, eu sussurro

— Perto. — Estou muito longe para ter vergonha de ser tão cedo. Tudo se reduz à sensação de suas mãos me tocando, sua boca se movendo com a minha. Seus suspiros e gemidos e seu corpo sob a ponta dos meus dedos.

Quando estou prestes a gozar, guio sua mão até a ponta do meu pau e fecho seu aperto em torno dele, fazendo com que a necessidade iminente desapareça apenas o suficiente para ser uma tortura doce e inebriante. Eu ainda a toco, mantendo um dedo, depois dois dentro, acariciando aquela parte suave e macia dela que faz seus quadris se moverem, a faz montar minha mão.

— Ok — eu respiro. Ela libera seu aperto, em seguida, desliza pelo meu comprimento, tentando diferentes movimentos e toques, aprendendo aqueles que me fazem empurrar com mais força contra seu aperto.

Mais uma vez eu chego perto, e desta vez ela o reconhece, me segurando e me fazendo gemer com o prazer provocador disso. Mais uma vez ela me segura, me beijando com mais força, sua respiração irregular. Sei que ela está quase lá antes de me contar, porque vejo um lindo rubor rosa subir por seu peito e pescoço. Eu vejo seu peito arquear cada vez mais alto, seu corpo começando a tremer.

— Eu vou gozar — ela sussurra.

É quando eu guio sua mão para me soltar, para me trabalhar em movimentos firmes e rápidos que fazem minha cabeça cair para trás, minha própria respiração ficar frenética.

Eu derramo na mão dela, no meu estômago, de novo e de novo. E então eu guio seu toque para longe, e o deixo cair frouxamente ao seu lado quando ela goza também.

Observo Rooney se perder em sua liberação, seu grito rouco e quase silencioso, o espasmo agudo de suas pernas ao meu toque. Eu a observo e a amo dessa nova maneira, em outra faceta de algo que ainda mal sei como explicar, mas sei que é tão real quanto o coração batendo forte em meu peito.

Rooney se curva em minha direção, envolvendo o braço em volta da minha cintura.

— Tudo bem? — Ela pergunta sem fôlego. — Eu tocar em você?

Eu aceno, trazendo-a perto, lentamente me acomodando nas minhas costas novamente.

Nós nos abraçamos, seminus, bagunçados, ofegantes. Rooney aperta meu queixo e me dá um beijo lento e gentil.

Deitados em silêncio, olhamos um para o outro, mãos vagando, roubando beijos. Eu traço seus seios com a ponta do meu dedo como se fosse um carvão, sombreando onde há sombras, girando em torno de seu mamilo como eu faria.

Ela sorri e enrosca suas pernas com mais força nas minhas.

— Axel — ela diz baixinho, sua mão massageando suavemente meus músculos. — Com suas costas assim, você acha que deveria voar para o Dia de Ação de Graças?

Eu franzo a testa.

— Eu tenho todo o dia de amanhã para ficar bem o suficiente antes de voar. Não será muito confortável, mas provavelmente vou conseguir.

Ela cora enquanto morde o lábio.

— Mas, teoricamente, se fosse ser muito desconfortável... você *gostaria* de ficar? E se *eu* teoricamente quisesse ficar para trás também. — Seus olhos procuram os meus. — Você gostaria que eu ficasse?

Eu a puxo para um beijo longo e profundo, e o mundo se torna dourado como um raio de sol. Mais tempo com ela, mais tempo precioso e fugaz.

— Sim — eu sussurro contra seus lábios, segurando-a perto, saboreando esse sentimento estonteante, eufórico... isso é *alegria?* correndo por mim. — Eu quero isso. Eu quero… você. — Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, eu a beijo novamente. — Muito.

27

AXEL

Música da Playlist: "Looking for Love (Acoustic)" - Birdtalker

— FELIZ DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS, HARRY! — Rooney dá um beijo no focinho dele e fica de pé enquanto o cachorro corre para dentro para se aquecer antes de eu trancar a porta da casa. — Você promete que está pronto para isso? — ela pergunta. — Uma caminhada não é muito?

A sensação de culpa que eu sentia por nós dois dando nossas desculpas para nossa família e amigos, em vez de nos juntar a eles no Dia de Ação de Graças, evapora quando eu guardo minhas chaves e bebo dela. Leggings escuras e suas botas de caminhada. Um suéter azul-celeste pesado, que faz seus olhos brilharem. Aquele gorro horrivelmente amarelo com seu pom-pom felpudo ao qual estou estranhamente ligado.

— Estou pronto para isso — digo a ela. — Caminhar é bom.

E estou tentando. Estou tentando mostrar que te amo.

Acho que também estou tentando ser romântico. Não tenho certeza, porque honestamente não faço ideia do que isso envolve, e os únicos romances que Viggo me deu como possíveis pontos de referência não são exatamente relevantes, considerando que envolvem valsas, espartilhos e encontros em bibliotecas.

Obrigado por nada, Viggo.

Rooney sorri e puxa o gorro amarelo felpudo com força na cabeça.

— Ok, contanto que você realmente esteja se sentindo bem para isso.

— Eu estou. É melhor eu estar, considerando que literalmente dormi e não fiz nada o dia todo ontem.

— Pela primeira vez desde que cheguei aqui! — Ela diz, dando um passo ao meu lado. — É bom descansar.

Eu dou a ela um olhar penetrante.

— Diz a mulher que se insinuou em uma reforma em minha casa quando teve um surto e deveria estar *descansando*.

Ela fica vermelha.

— Bem, somos todos um projeto em andamento.

— Isso nós somos. — Uso meu galho de caminhada mais do que o normal e não estamos indo muito rápido, mas é bom esticar as pernas e aquecer o corpo. Não perdi uma corrida matinal desde a primeira vez que machuquei minhas costas, e alguns dias sem me deixaram desesperado para me movimentar.

Nossos passos são silenciosos, a luz fraca, e quando chegamos ao mesmo lugar para onde a trouxe na caminhada do dia do nosso casamento, Rooney engasga suavemente, porque eu cronometrei tudo certo.

O sol aparece no horizonte, pintando o mundo de uma aquarela rosa-pêssego, longas sombras de ameixa se estendendo pelo chão. O lago abaixo cintila como um espelho e tudo está silencioso, nada além de um vento fraco e alguns pássaros canoros resistentes que ficarão no inverno.

— Axel — ela respira.

Eu a vejo observar o nascer do sol, sabendo que eu poderia fazer isso pelo resto da minha vida: testemunhar a luz do sol pintando Rooney melhor do que eu jamais poderia, o dia envolvendo seus braços em volta dela, iluminando o que está dentro de seu coração – calor,

esperança, uma profundidade de alegria que eu nunca pensei que conheceria, muito menos o amor, mas aqui estou.

Envolvido para caralho nisso. Envolvido por *ela*.

Tenho estado com medo de contar a ela. Sou péssimo em arriscar mudanças como essa. E se ela não se sentir da mesma maneira? E se isso a afastar? E se? Eu fritei minha cabeça por dias, imaginando, mas o que finalmente me parou foi isso: me lembrar de quem ela é. Rooney. Rooney que ficou. Rooney que me queria, assim como eu sou. Rooney, a pessoa mais segura que já conheci. Se posso ser corajoso por alguém, é por ela.

Ela olha na minha direção e me pega olhando para ela.

— Você não está vendo o nascer do sol — ela diz.

— Não.

Um rubor mancha suas bochechas enquanto ela sorri fracamente, sua expressão perplexa.

— Você ama o nascer do sol.

— Eu te amo mais.

Sua boca se abre. Seus olhos se arregalam. E então um sorriso que eu nunca vi, nunca ganhei antes, ilumina seu rosto. Ela deixa cair seu galho, dá um passo entre nós e gentilmente envolve seus braços em volta de mim, tomando cuidado com as minhas costas.

— Diga isso de novo — ela sussurra.

— Eu te amo — digo a ela. — E eu não... Eu nunca fiz isso antes, Rooney, então posso realmente dar trabalho no começo. Estou lhe dizendo porque, embora eu queira que você me ame também, vou entender se não o fizer. Eu só precisava que você soubesse–

— Axel. — Ela leva as duas mãos ao meu rosto, seus polegares deslizando ao longo das minhas maçãs do rosto,

os olhos procurando os meus. — Isso parece um dos meus sonhos. — ela sussurra. — Não é um sonho, é?

Eu deslizo minhas mãos por seus braços, até que estou segurando suas bochechas também, meus polegares circulando aquelas covinhas profundas. Eu encontro seus olhos, uma estriagem de vitral de tirar o fôlego de grama verde e azul celeste.

Então, pressionando minha testa na dela, sentindo-a, bebendo do perfume suave e calmante das flores no crepúsculo que se agarra a seus cabelos, roupas, pele, eu digo a ela:

— Você não está sonhando.

— Então eu vou te dizer o que eu sei e tentei tanto esconder. — ela diz baixinho, ficando na ponta dos pés, sussurrando contra meus lábios, — Eu também te amo.

O mundo se inverte ao ouvir essas palavras – palavras que nunca pensei que ouviria – e eu a puxo para mais perto, a abraço com força, me ancorando na verdade do que estou segurando – a mulher que amo, a mulher que me ama. Agarrado a Rooney, beijo as palavras que não consigo dizer. Eu digo a ela com beliscões suaves de meus dentes e uma pressão firme e profunda de meus lábios, tudo o que meu coração sente, mas não sabe como articular. Ainda não. Mas vai aprender.

Sua boca se abre para a minha em um suspiro suave, enquanto eu nos mantenho juntos, seu corpo e o meu, enquanto nossos lábios se tocam e recuam, em seguida, buscam e devoram, enquanto nossas línguas fazem o que nossos corpos fizeram – tocaram e dançaram e aprenderam os passos que nos torna selvagens.

Mas não quero ser selvagem agora, e se seus toques ternos, seus suspiros lânguidos dizem alguma coisa, Rooney

também não. Então eu me afasto, apenas o suficiente para dar um beijo final em sua testa, para inspirá-la e gravar esse momento em minha memória.

Rooney inclina a cabeça, olhando para mim, e ajusta meus óculos.

— Eu posso tê-los entortado. Fiquei um pouco nervosa.

Ela mexe ainda mais com as molduras enquanto eu olho para ela.

— Eu não me importo.

— Eu me importo. Sou *profundamente* ligada a eles — ela murmura antes de finalmente deixar cair as mãos. — Pronto. Eu os consertei.

Eu roubo um último beijo.

— Com fome?

Ela sorri.

— Mas é claro.

Eu desempacoto nossa coisas, entregando a ela uma garrafa térmica de chá antes de tirar meu café, em seguida, puxando um pote com os bolinhos de canela que encomendei de Bennett e Parker com uma quantidade considerável de sobrancelhas balançando e sorrisos espertinhos. Eu desdobro o cobertor e o estendo. Então eu sento e gesticulo entre minhas pernas.

— Venha aqui.

Rooney se instala, suas costas coladas no meu corpo, nossos joelhos dobrados enquanto observamos o nascer do sol. Seu sorriso é contente, seus olhos no horizonte, estreitados contra o brilho crescente.

— Isso é perfeito — ela sussurra.

Eu pressiono um beijo em sua têmpora.

— É.

— Você disse que nunca fez isso antes. — Ela encosta a cabeça no meu ombro. — O que isso significa?

— Significa que tenho trinta anos e nunca estive apaixonado ou remotamente interessado em estar apaixonado, e nunca fui romântico com ninguém. Tive parceiras consensualmente casuais, mas nada sério. Nada assim.

Ela fica quieta por um momento, olhando para o nascer do sol, antes de olhar para cima e encontrar meus olhos.

— Como você sabia que era diferente?

— Simplesmente... era. Eu… — Limpando a garganta, tomo um gole de café e o coloco no chão. — Não ria.

— Eu não vou — ela diz.

— Sempre que eu te via, sempre que você estava por perto, e especialmente quando você chegou aqui, meu peito... doía. — Eu descanso minha mão sobre seu coração, mostrando a ela. — Bem aqui. Achei que tinha um problema cardiovascular. Eu estava pesquisando coisas no Google, preocupado se tinha algum tipo de doença corrosiva ou o caso mais grave de azia já conhecido na história da medicina.

Ela morde o lábio e luta contra um sorriso. Para seu crédito, ela não riu.

— Acontece que — digo a ela — é essa a sensação de se apaixonar por alguém por quem você está dizendo a si mesmo que não deveria, não, *não poderia,* se apaixonar. Quer dizer, é o quão estranho tudo isso é para mim.

Rooney desliza a mão pela minha coxa, um toque calmante e afetuoso.

— Agora pode ser familiar. Só você e eu.

Eu a beijo suavemente, jogando para trás uma mecha de cabelo que o vento jogou para seu rosto.

— E você?

Ela pega os rolos de canela, abre a tampa e pega um.

— Eu diria que tenho sido cautelosa sobre o amor e cética em relação ao casamento. Vendo o que eu tenho, de meus pais, de outros amigos deles na indústria do entretenimento, eu fiquei realmente desanimada. Na última década, desde que tive consciência do desejo e da atração, não olhei para as pessoas me perguntando se elas poderiam ser meu verdadeiro amor. Eu me perguntei se seria divertido dançar com eles e se seria divertido na cama. Eu não queria mais nada. Eu tinha um plano de carreira. Estabilidade financeira. Pais que me amaram à sua maneira, que estariam lá em um piscar de olhos se eu tivesse uma crise. Alguns bons amigos, todo o tempo do mundo. Por que eu precisaria me apaixonar? Por que eu precisaria me casar?

Ela tira um pedaço do bolinho de canela que nenhum glacê tocou e o leva aos meus lábios. Eu pego e suavemente mordo seu dedo, fazendo-a gritar, então se virar e me dar um beijo.

—Mas? — Eu a incentivo a continuar.

— Mas — ela diz. — Então me casei com você, porque precisava de um lugar para... pertencer por um tempo, e disse a mim mesma que era a pessoa perfeita para um casamento sem amor. Eu tinha certeza de que você mal tinha registrado minha existência, então disse a mim mesma que não havia perigo da intensa atração que sentia por você se tornar amor.

— Mal tinha registrado sua existência?

— Sim! — ela diz com uma risada. — Considerando que você costumava sair de uma sala quando eu entrava.

— Você me dava palpitações cardíacas. Eu deveria pensar que isso era uma coisa boa? Você embaralhou meu

cérebro a ponto de eu passar de conversas pomposas para grunhidos.

Ela ri de novo e acaricia suavemente minha bochecha.

— Bem. Nós nos entendemos, eventualmente, não foi?

Me movendo, coloco uma mão sobre a dela. Rooney sabe porque eu disse a ela, mas ela não *entende* como é difícil para mim entender as pessoas. Ela não percebe o quanto significa que ela se sinta entendida. Conhecida. Conectada a mim. Eu a puxo para perto e beijo seu cabelo.

— Sim.

— E ao entendermos um ao outro — ela diz com outro pedaço de bolinho de canela — eu aprendi que casamento é o que você faz. Alguns dias pareciam que não havia nada entre nós, e outros, como se houvesse tudo. Em alguns momentos, eu olhava para aquele anel e pensava em como era estranho estar legalmente vinculada a você, ter jurado minha vida a você, ter jurado valorizá-lo, confiar e honrá-lo, e ainda assim como facilmente poderia quebrar esses votos. E que... essa *facilidade* com que os votos podem ser quebrados – o que eu cresci vendo se desdobrar no casamento dos meus pais, quando meus amigos começaram a ter relacionamentos sérios e a acabar com eles com algumas brigas e escolhas ruins – me fez pensar que esse tipo de compromisso, casamento, nunca significaria nada para mim, porque quão forte é algo que pode se quebrar tão facilmente? Mas agora, eu acho que entendo. Não é que o casamento seja esse elemento forte por si só. Não são as promessas chorosas do dia do casamento, nem a legalidade, nem os anéis indestrutíveis que tornam um casamento forte. São as pessoas. São as escolhas delas. É o quão forte *elas o* tornam.

— Sem pressão — murmuro.

Rooney acena com a cabeça.

— Não acha? E é. É muita responsabilidade. — Ela se vira e dá um beijo no meu queixo, então se acomoda contra mim. — Mas eu quero isso com você — ela sussurra. — Eu quero aprender como ter isso.

— Vamos aprender — digo a ela, enquanto a abraço. — Juntos.

DE VOLTA À CASA, somos recebidos por Harry, que caminha feliz em direção a Rooney. Eu nem existo mais para ele, e isso honestamente dói um pouco mais do que eu gostaria.

— Ei, lindo — ela diz a ele, deixando-o pular e lambê-la. — Calma, Harry.

Ele se abaixa e nos segue, até que paramos ao pé do que agora é apenas um colchão no chão, a barraca desmontada ontem à noite quando me senti bem o suficiente para me mexer e desfazer tudo.

— Em algum momento — digo a ela — vou ter que conseguir uma cama de verdade de novo.

Com cuidado, ela remove a bolsa dos meus ombros.

— Suas costas provavelmente apreciariam um sistema de suporte real sob o colchão em que você está dormindo.

Skugga corre para a sala vinda do estúdio, miando e se contorcendo entre minhas pernas. Ela tem estado em cima de mim desde que machuquei minhas costas.

Voltando para o estúdio, ela mia alto e me encara do lado de fora da porta. Sinto um puxão em direção ao lugar como não sinto há meses. Tudo dentro de mim que está se construindo desde que Rooney chegou parece que está transbordando. Eu quero pintá-la e quero pintar mais. Quero pintar o que está dentro e o que não consigo nomear, o que

parece diferente agora que dissemos. Agora que sei o que é isso.

Amor.

Quando eu olho para longe, pego Rooney me observando. Sorridente.

— Você quer pintar — ela pergunta. — Não é?

Eu mudo o peso de pé.

— Quero dizer... eu poderia pintar, sim.

Seu sorriso se aprofunda.

— Então pinte.

Mas por quanto tempo você vai ficar aqui, eu me preocupo, *e como posso ficar um único momento longe de você antes que você vá embora?*

— Você poderia… — Limpando minha garganta, eu pego sua mão, entrelaçando nossos dedos. — Você poderia vir comigo. Passar o tempo enquanto eu pinto. Posso fazer um pequeno ninho com as almofadas e cobertores do sofá. Eu poderia conseguir uma cadeira, na verdade, para que você possa ficar– *mmph*!

Sua boca está na minha, suas mãos apertadas em volta da minha cintura.

— Sim, por favor — ela sussurra.

28

ROONEY

Música da Playlist: “Cool People” - Chloe x Halle

SONHOS SE TORNAM MESMO REALIDADE. Estou acomodada em um ninho de travesseiros e cobertores no estúdio de Axel, com uma xícara de chocolate quente, o romance que ele tem lido para mim e a melhor vista de todo o estado de Washington:

Axel Bergman pintando.

Ele está usando fones de ouvido com cancelamento de ruído e seu cabelo está indo para todas as direções. Seus jeans respingados de tinta caem baixo em seus quadris, e a camiseta branca que ele está vestindo está tão surrada que posso ver os músculos das suas costas se mexendo enquanto ele move o pincel pela tela, em seguida, pega mais tinta. Quando ele pousa o pincel e balança os braços, os músculos arredondados dos ombros se flexionam. Com a cabeça inclinada, ele examina sua tela.

E *eu* examino *ele*.

— Quanto desse livro você leu? — Ele pergunta, puxando seus fones de ouvido e me dando um olhar irônico por cima do ombro. — E quanto tempo você passou olhando para minha bunda?

Eu levanto uma sobrancelha, fechando meu livro.

— Li algumas páginas.

— Estou pintando há duas horas.

— E eu não sei?

Ele sorri enquanto desvia o olhar, os olhos voltados para a tarefa de limpar as mãos.

Encerrando abruptamente o silêncio, a gatinha puxa um papel de uma das prateleiras finas de um armário alto perto das tintas de Axel.

— Skugga — eu repreendo. — Saia daí!

Axel ergue os olhos, o pânico aumentando sua expressão enquanto a observa. Se as costas dele já estivessem melhores, aposto que ele a teria alcançado, mas Skugga sai correndo com o papel que é tão grande comparado a ela, que ela tropeça nele correndo na minha direção.

Eu a pego e retiro delicadamente o papel de seus pequenos dentes.

— Skugga má. — Eu a coloco no chão. — Isso foi muito feio.

— Miau — ela diz em um tom de um *oops* dissimulado, antes de sair correndo e atacar um rato de tecido.

Aliso o canto que está amassado pela boca de Skugga e digo a mim mesma que não deveria olhar para algo de Axel sem sua permissão, mas então meus olhos pegam o contorno de um seio, a curva de um quadril.

— Puta merda — murmuro. — Essa sou *eu*.

Axel tenta alcançar o desenho. Eu o arranco.

— Rooney — ele implora.

— O que é isso? — Pergunto-lhe.

Rosa floresce em suas bochechas. Ele fica quieto por um longo e prolongado momento.

— Você mesma disse. É você.

Olhando de volta para o desenho, estou reduzida aos meus seios de repente sensíveis, a dor latejante entre as minhas coxas, enquanto meu corpo inteiro fica quente. Ele me desenhou *nua.*

— Quando? — Eu pergunto.

Axel está quieto.

— Quando, Axel.

— Por meses — ele diz calmamente.

Minha cabeça levanta.

— *O quê* ?

— Eu... eu uso arte para processar — ele diz, se abaixando em frente ao meu ninho de cobertores, sentando com um gemido. Ele passa a mão pelo cabelo e suspira.

— Eu não sabia por que, a cada vez que te via, era mais difícil pegar um pincel e pintar o que eu costumava fazer. Por que todas as noites eu sonhava com você, rindo, sorrindo, suspirando, gozando, *comigo*.

Eu fico olhando para ele, atordoada, em seguida, olho de volta para o desenho. Eu mal posso respirar, estou tão excitada.

— Você pensou em mim assim? Você tem pensado em mim assim esse tempo todo?

— Eu não conseguia tirar você da minha cabeça. Eu não conseguia pensar, dormir ou funcionar, então comecei a desenhar o que estava na minha cabeça. Sinto muito, Rooney. Eu prometo que nunca foi feito para ou foi visto por alguém, exceto eu. Eu nunca... fiz nada impróprio com eles. Eu os desenhei, guardei e nunca mais olhei para eles. Era só para tirar você da minha cabeça, dos meus sonhos e da minha arte. — Ele suspira tristemente. — Obviamente não funcionou.

Eu fico olhando para o desenho novamente, agarrado em minha mão.

— Então você... você tem me desejado. Esse tempo todo.

— Rooney, desejo você desde o momento em que a conheci. Desde quando você estava gritando nas arquibancadas no primeiro jogo de Willa e ela marcou um ponto e você sorriu enquanto chorava. Seu cabelo estava

meio fora da trança, seus olhos estavam avermelhados e você *gritava de* alegria. Você estava tão linda e viva, e eu senti como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Você me assustou muito, o quanto você... *sentia*, o quanto você dizia e se expressava, tão livremente. Eu não tinha ideia do que fazer com você, exceto te desejar. Desesperadamente. E por um bom tempo, pensei que não tinha chance alguma. Então, tentei fazer tudo o que podia para impedir.

Eu fecho a distância entre nós, montando em seu colo. Ele é quente e sólido e cheira a tinta, suor e seu sabonete amadeirado, e eu fecho os olhos para memorizar este momento enquanto enterro meu rosto em seu pescoço. Porque eu nunca quero esquecer isso.

— Eu adoraria saber o que está passando na sua cabeça agora — diz ele, com a voz firme. — Você está sendo irritantemente quieta, sendo você.

Eu rio baixinho.

— Eu me sinto muito, muito lisonjeada. E muito, muito excitada.

Sua cabeça levanta bruscamente. Ele olha para mim, franzindo a testa.

— V-você gostou? Que eu tenha desenhado você?

— Sim — eu sussurro. Minha mão desliza para baixo em seu estômago e levanta sua camisa. — Na verdade não. Eu não gostei, eu amei.

O ar sai dele quando minha palma toca sua pele quente, a trilha de cabelo escuro e macio passando por baixo de sua calça jeans.

— Espere até ver o que venho pintando.

— Você me pintou? — A compreensão me alcança. — É por isso que você não poderia vender. Você não teve um bloqueio criativo, seu mentiroso.

Ele sorri.

— Eu tive uma espécie de bloqueio criativo. Eu não conseguia pintar o que poderia vender. Tudo que eu podia pintar era uma mulher que não poderia ter, de uma forma que nunca compartilharia com ninguém.

Eu rastejo para fora do colo de Axel antes de ele se levantar lentamente. Ele puxa panos de lonas volumosas empilhadas contra a parede, de costas para mim enquanto gira uma e a mostra para mim.

É incrivelmente comovente, não porque sou eu, mas porque é uma chance de experimentar como Axel me vê. Também é chocantemente preciso, visto que ele pintou antes de me ver nua. Meus seios pequenos, uma curva no meu estômago, o comprimento da minha coxa e panturrilha.

Estou... inundada de desejo, de como me sinto amada. Eu envolvo meus braços em torno dele, meu peito em suas costas, e descanso minha cabeça suavemente entre suas escápulas.

— Eu amei.

Ele coloca suas mãos nas minhas, agarradas com força à sua frente.

— Mesmo?

— Demais — eu suspiro enquanto minhas mãos vagueiam pelo seu estômago. — Posso? — Quando ele balança a cabeça, eu deslizo meus dedos sob o cós de sua calça jeans, esperando encontrar sua cueca boxer–

Eu suspiro.

— Axel Bergman. Você está sem cueca?

Eu ouço o sorriso em sua voz.

— Esses jeans ficam estranhos com roupas íntimas.

Um zumbido feliz sai da minha garganta e eu deslizo minha mão para baixo. Uma respiração áspera o deixa

enquanto eu desaboto o primeiro botão, então o próximo, até que eu o tenho quente, aveludado, duro e grosso, em minhas mãos.

— Você estava me dando uma bronca por ser distraída por você — sussurro — mas estou me perguntando de quanto você pintou versus prestou atenção em *mim*, com base nesta ereção em minhas mãos, Sr. Bergman.

Um gemido deixa Axel enquanto eu acaricio seu pau como ele gosta – um puxão firme e lento, meu polegar esfregando suavemente sobre a cabeça.

— Isso é uma fantasia — ele diz asperamente. — Você, aqui, enquanto eu pinto e tento não pensar em todas as coisas que quero fazer com você. Estou duro desde que peguei um pincel.

Eu trabalho nele, apertado e rápido, minha outra mão deslizando pelo seu peito, traçando seus mamilos. Sua respiração fica irregular e ele arqueia para trás, movendo os quadris. Eu sinto aquele momento em que ele começa a se perder, fodendo minha mão, e é quando eu paro e o agarro como ele me mostrou, uma forte pressão bem na cabeça de seu pau.

— Oh — ele geme. — Oh porra. — Eu faço isso mais uma vez, toco-o como ele gosta, sinto-o ficar mais duro, absorvendo seus gemidos e suspiros, antes que ele me pare. Envolvendo sua mão na minha, Axel afrouxa meu aperto em seu pau, em seguida, enfia cada centímetro duro ao acaso em seu jeans aberto. Ele se vira e me beija, caminhando, até que estou presa contra a parede de vidro de seu estúdio.

— Agora — ele diz entre beijos profundos. — Para a cama. Colchão. Qualquer coisa.

Nós dois rimos enquanto Axel me arrasta com ele, fechando a porta do estúdio atrás de nós, onde Skugga está

dormindo em sua cama de pano. Harry está do lado de fora vagando, talvez cochilando em sua casinha de cachorro em formato de chalé. Estamos sozinhos e está quieto, apenas uma luz fraca e o som de nossa respiração áspera enchendo a sala.

E de repente toda a pressa e fervor morrem. As mãos de Axel não me vagam mais. Elas simplesmente descansam na minha cintura enquanto ele me encara.

Não transamos ontem, por insistência minha. Eu não queria deixar suas costas piores que pareciam estar depois de nossa primeira vez na barraca. O desejo parecia uma terceira pessoa na sala conosco, e agora está finalmente aqui, tempo e capacidade para mais do que compartilhamos no outro dia.

Acho que estamos ambos um pouco sem fôlego com isso.

Nossas mãos se entrelaçam, os dedos dançando. Sinto a ausência de nossas alianças, que nenhum de nós tem usado desde a noite em que as arrancamos. Em vez disso, Axel usa nossas duas alianças em volta do pescoço em uma corrente. Eu olho para ele, enquanto seu polegar esfrega meu dedo anelar, percebendo que sinto falta do meu. Sinto falta daquele pequeno pedaço de metal que me lembra do nosso dia doce e estranho, das panquecas e de uma caminhada ao pôr do sol e a vigília do gambá e a maneira como ele me deslizou na cama e pressionou seu peso contra mim e me beijou como se eu fosse *dele.* Como se ele fosse *meu.*

Quando isso aconteceu? Quando exatamente eu me apaixonei por ele? Sempre pensei que perceber que você ama alguém seria este momento épico, um gran finale emocionante com fogos de artifício. Mas isso não foi assim. Foi quieto e estável, terno e inesperado. Exatamente como o homem com quem casei.

O homem que amo.

O homem que olha para mim e diz:

— Eu te amo.

— Eu sei — digo a ele, sorrindo, explodindo de alegria. — Eu também te amo. Como estão suas costas?

— Nada de sexo acrobático — diz ele com um leve sorriso — mas estou melhor do que da primeira vez. Ou eu estarei, com você, muito em breve.

Eu corro minhas mãos por seu cabelo e vejo seus olhos se fecharem.

— Eu não vim aqui esperando fazer sexo. Portanto, eu não trouxe lubrificante. E vamos precisar disso se você quiser estar dentro de mim.

— Rooney — diz ele em voz baixa, abrindo os olhos. Ele nos leva para trás até atingir a mesa de jantar e, em seguida, ele se abaixa lentamente sobre ela, de modo que estamos quase cara a cara. Inclinando-se, ele pressiona um beijo bem entre meus seios. — Eu tenho o que precisamos.

— Ah. Excelente. Porque Rooney está em um período de seca para p-na-v e Axel com seu pau de martelo...

Ele ri. De verdade, ri, rouco e profundo.

— Eu não tenho um pau de martelo.

— Diz você.

— Acho que saberia.

— Eu toquei naquela coisa. Eu sei com que dimensões estou lidando, e não vou mentir, você vai ter que trabalhar nas preliminares.

Ele sorri agora, o maior sorriso de todos. Isso faz seus olhos brilharem, faz meu coração transbordar de amor. Deus, isso simplesmente me engole, o quanto eu o amo, o quão silenciosamente e perfeitamente ele me envolveu em sua vida e me fez nunca querer ir embora.

— Será um prazer — diz ele, passando suavemente a ponta dos dedos ao longo da bainha do meu suéter. Ele o arrasta, deixando-me apenas com uma regata e sem sutiã. — Quer me dizer mais alguma coisa antes de eu começar o aquecimento?

— Sim. Absolutamente nada de ir para a parte de trás. Dói muito.

Ele concorda.

— Eu entendo.

— Você se importa? — Eu pergunto hesitante.

Sua boca roça meu quadril, sua língua provando minha pele.

— Nem um pouco. O que mais?

Meus olhos se fecham enquanto ele levanta a regata apenas o suficiente para beijar mais alto, na minha barriga. Beijos suaves e lentos que fazem meus joelhos fraquejarem.

— S-só o que conversamos outro dia, que meu corpo está um pouco complicado para mim agora.

Ele me encara, as mãos deslizando sobre minha barriga, leves como uma pena, então gentilmente acariciando meus seios. Minha visão fica embaçada com lágrimas que brotam por sua ternura.

— Eu amo seu corpo. Eu *te* amo.

Minha cabeça cai para trás enquanto ele beija meus seios, em seguida, acaricia meu mamilo. Ele chupa suavemente através do tecido, puxões rítmicos e úmidos que me fazem ofegar enquanto ele esfrega o outro com o polegar. Olhando para mim novamente, ele desliza as mãos por baixo da minha regata.

Lentamente, ele se levanta, elevando-se sobre mim, e tira minha regata, deixando-a cair no chão. Seus olhos viajam por mim em silêncio absoluto. E, finalmente, sei que tipo de

silêncio é esse. O silêncio de adoração. O silêncio de reverência. Aquele que bebe da beleza e a saboreia. E sob seu olhar intenso, suas mãos viajando pela minha cintura, saboreando meus seios, sei até os ossos que sou querida. Eu sou a mulher pela qual ele encontra luz na escuridão e mantém por perto quando a tempestade está forte. A mulher que ele ama.

Como em tantos momentos vitais com Axel, seu amor fala mais alto quando ele está quieto. Está aqui, em como ele olha para mim e me toca, em sua respiração curta e irregular e o tremor em suas mãos quando ele se aproxima para me beijar. Um beijo que diz,

Eu amo você.

Eu quero você.

Você é linda, assim como você é.

Deslizando os dedos dentro do cós da minha legging, ele lentamente a puxa para baixo. Eu assumo, para salvar suas costas, e tiro elas, em seguida, tiro minhas meias.

Axel alcança a parte de trás de sua cabeça, tirando sua camisa enquanto eu coloco minhas mãos em sua calça jeans e a empurro para fora de seus quadris. Ele as empurra para baixo, então as tira rapidamente.

E aqui estamos nós, nus, dedos se roçando, depois se enredando, antes que as mãos vaguem com cuidado, aprendendo declives e curvas, planos suaves e cristas duras. Suas palmas deslizam ao longo da minha cintura e descem para as minhas costas. As minhas sobem por seu peito, enroscando-se suavemente nos pelos finos e escuros de seu peito, depois descansando em seus ombros.

Gentilmente, ele inclina a cabeça e nossas bocas se encontram em um beijo lento e profundo. Eu me derreto nele, o calor de seu corpo, a satisfação de sua excitação, dura

e quente entre nós. E então ele se afasta e se abaixa no colchão que não é mais coberto por uma tenda, mas simplesmente está empurrado contra a parede, as luzes cintilantes amarradas acima da janela. Ele se deita lentamente, coloca os braços atrás da cabeça e encontra meu olhar em um sorriso irônico.

— Então? — ele diz. — Eu fiz uma promessa quando você me deu aquela massagem.

Eu mordo um sorriso, arrastando meu lábio entre os dentes.

— Sério? Você quer que eu sente no seu rosto.

Seu pau salta e sua língua se lança para fora, molhando seu lábio.

— Isso é exatamente o que eu quero, sim. Se for o que *você* quer.

— Quero dizer… — Minhas bochechas esquentam. Estou molhada entre minhas coxas, meus seios latejando de seus beijos e toque. Há uma pulsação suave e constante no meu clitóris. — Sim. Eu quero.

Sorrindo, ele afasta o travesseiro atrás da cabeça enquanto eu rastejo pelo colchão, sobre seu corpo comprido. Eu paro e me esfrego ao longo de seu comprimento duro, nos provocando.

Axel desliza as mãos entre nós e me esfrega suavemente, beija minha garganta, minhas clavículas, meus seios. Eu roubo um beijo confuso e faminto que tem língua e dentes, um beijo que o faz gemer e envolver seus braços com força em volta do meu corpo, então suavemente me afasto e me arrasto pela cintura.

— Tão linda — ele diz, as mãos deslizando ao longo das minhas costelas, os dentes beliscando minha coxa. — Tão, tão linda. — E então ele me puxa para mais perto, me

fazendo suspirar e agarrar o peitoril da janela para me apoiar.

Sua barba é macia em minhas coxas, sua boca quente e sua língua é uma mestre do caralho no que faz – desliza lenta e plana onde estou dolorida e molhada, o que me faz estremecer de prazer. Eu me movo contra ele em um ritmo preguiçoso, gemendo enquanto suas mãos se elevam e seguram meus seios, em seguida, puxa suavemente meus mamilos. Um suspiro me deixa quando sua língua faz o que eu ensinei a fazer com as mãos, provocando círculos, em seguida, movimentos rápidos para cima e para baixo que fazem minhas mãos ficarem brancas no parapeito da janela, minhas costas arqueando enquanto pressiono mais perto, querendo *mais*.

É quieto e pacífico e quente e cru, nada além de seu corpo e o meu, o calor do fogo, o leve rangido do peitoril da janela quando eu puxo para me equilibrar contra um prazer tão intenso, eu tenho que fechar os olhos porque tudo que eu posso fazer é sentir.

Estou subindo cada vez mais alto, enquanto minha mão desliza em seu cabelo, passando pelos fios frios e sedosos. Ao tocá-lo, ouço seus gemidos de satisfação, sinto o mergulho rítmico do colchão. Meus olhos se abrem enquanto eu olho por cima do ombro para ver seus quadris se movendo, seu pau alto e grosso, pernas longas dobradas e flexionadas enquanto ele se move como se ele não pudesse evitar.

Meus dedos afundam ainda mais em seu cabelo enquanto eu o observo, enquanto o prazer derretido derrete meus membros, em seguida, inunda bem entre minhas coxas.

— Ax — eu sussurro. — Ah meu Deus.

Gritando, eu arqueio em direção a ele e gozo, onda após onda que destrói meu corpo. Sua língua se move suavemente, suas mãos acariciam e acalmam, enquanto eu chamo seu nome e me ancoro contra ele, cavalgando minha liberação até que ela diminua para uma calmaria pacífica.

Ofegando, eu caio desajeitadamente no colchão. Não é nada sexy, mas estou morta demais para me importar.

— Tudo bem? — ele pergunta.

— Morta — eu murmuro.

Axel se levanta lentamente sobre os cotovelos.

— Melhor não estar. Eu não terminei com você.

Eu rio sem fôlego e rolo em direção a ele, emaranhando as pernas, envolvendo meu braço em volta de sua cintura. Então aperto seu queixo e o beijo, provando a mim e a ele, e de alguma forma já estou doendo de novo, o que acaba sendo conveniente, porque o que Axel diz a seguir é:

— Rooney. Eu preciso de você.

Acariciando sua bochecha, passo minha mão ao longo de sua barba e o beijo mais uma vez. Eu deslizo minha perna sobre seu quadril antes de Axel me puxar pela cintura para que eu monte nele.

— Eu quero estar dentro de você — diz ele sem fôlego — mas não temos que fazer isso se–

— Eu quero isso também — eu sussurro contra seus lábios.

Ele geme contra o nosso beijo, desliza um dedo, depois dois dentro de mim e trabalha em mim de forma constante. Quando ele me toca, sua boca viaja pela minha pele, seus gemidos retumbam contra minha mandíbula e, em seguida, meu pescoço. Em seguida, ele se arrasta para longe e cuidadosamente alcança a gaveta da mesinha de cabeceira, retirando preservativos e lubrificante.

Eu rolo a camisinha em seu comprimento, enquanto Axel usa o lubrificante e seus dedos, ternamente, com amor, certificando-se de que eu esteja bem pronta. O ar sai de nós dois enquanto o guio até minha entrada e começo a afundar. Não vou muito longe antes de ter que parar e dizer uma palavra muito ruim, muito alto.

Ele olha para mim com o rosto dolorido.

— Você está bem?

— Só preciso de algum tempo. — Eu suspiro enquanto relaxo um pouco mais.

Suas mãos deslizam pelas minhas coxas, ao redor do meu traseiro, gentis, toques calmantes.

— Eu sinto muito.

— Não sinta — digo a ele, inclinando-me em direção a ele para roubar um beijo lento. Sua mão desliza entre nós e me esfrega novamente, enquanto eu me abaixo um pouco mais. — Embora, talvez você devesse sentir. É sua culpa eu estar assim.

Ele franze a testa.

— Por quê?

— Porque muitos meses atrás, eu parei de querer qualquer coisa, exceto me tocar com o pensamento de você, desejando que fosse a coisa real. É assim que tem sido desde então.

Ele geme, seja por causa das minhas palavras ou pelo fato de que finalmente consegui me abaixar quase todo o caminho. Suas mãos sobem pelas minhas costas, me puxando para baixo sobre ele, até que nossas frentes se tocam e sua boca roça minha orelha.

— Eu também — ele sussurra.

Uma alegria primitiva e possessiva surge através de mim, sabendo que ele me queria do jeito que eu o queria. Eu viro

minha cabeça e encontro seus lábios, balançando suavemente com ele enquanto seus quadris se movem. Ouvindo, observando, eu sussurro:

— Diga-me o que você quer.

— Mais forte — diz ele com firmeza. — Quando você puder. Forte e lento.

Movendo-me contra ele em golpes lânguidos e deliberados, até que eu possa afundar completamente, eu o sinto me enchendo, meu corpo primorosamente apertado em torno de cada centímetro latejante dele.

Axel acalma meus quadris, me segurando perto, meu peito no dele, nossos corações trovejando um contra o outro.

— Fica? — Ele pergunta baixinho.

E a palavra parte meu coração um pouco. Porque quero que ele fale sério não apenas por agora, mas por dias, semanas, meses e anos. Porque embora haja uma vida que tenho que enfrentar na Califórnia, quero estar com Axel, não importa onde eu esteja. Não importa aonde eu vá, meu coração estará com ele – eu entendo isso agora – com este homem em sua casa tranquila na floresta, com suas tintas e seus livros e suas refeições caseiras. Espero que Axel também entenda isso.

— Desse jeito — ele sussurra.

Eu aceno, piscando para conter as lágrimas, beijando-o enquanto nos movemos juntos, em um abraço desesperado e um ritmo ondulante. O tempo se dissolve em um mundo de devaneios de minutos intermináveis, de estocadas profundas e lentas, pele quente, suor salgado e suspiros sem fôlego.

Axel sente minhas coxas tremendo, o cansaço do meu corpo, então ele se afasta, gentilmente me pressionando de volta no colchão, me virando para que eu fique encostada

nele, de costas para sua frente. Ele pressiona beijos quentes lentos no meu pescoço.

— Desse jeito é bom? — Ele pergunta, a mão deslizando sobre meu quadril, acariciando minha bunda afetuosamente.

— Contanto que você use a entrada que acho que você está usando.

Aquela risada profunda e rouca dança sobre minha pele.

— Eu sei que está fora de questão. Você me disse e eu disse que não me importava.

Eu olho por cima do ombro, inquieta.

— Você realmente não se importa? Você não sente falta de anal?

— Ei. — Ele aperta meu queixo, uma carranca familiar apertando seus traços. — Eu disse que não. Eu falei sério. Acredite em mim. Por favor?

Eu procuro seus olhos enquanto sua mão desliza para frente, acariciando meu estômago que não é plano ou tenso ou qualquer coisa que eu costumava dizer a mim mesma que tinha que ser para ser desejável. Sua mão se abaixa, roubando a umidade, então me tocando tão suavemente que lágrimas brotam em meus olhos.

— Eu acredito em você — eu sussurro.

Então Axel sorri. Um novo sorriso. Um sorriso suave e secreto que eu sei que ninguém mais ganhou. Ele me beija enquanto sua mão me deixa por apenas um momento, enquanto ele se guia para dentro do meu corpo. Tocando-me novamente – cada lugar dolorosamente sensível – ele balança dentro de mim. Lento, paciente, gentil.

Eu descanso em um de seus braços como um travesseiro, e seus dedos brincam com meu cabelo, suave e doce. Sua outra mão é uma amante dedicada do meu corpo, provocando meus mamilos e, em seguida, meu clitóris, me

levando ao frenesi, enquanto me movo contra a incrível plenitude dele. Tão bonito como é, o corpo de Axel dentro do meu, assim como todos os outros toques sensuais que compartilhamos – minhas costas contra seu peito, seus beijos em minha garganta, minha mão passando por seu cabelo, as palavras suaves e doces que ele sussurra em meu ouvido.

Eu o sinto se aproximar, o ritmo crescente de suas estocadas, como sua respiração para, e é quando Axel acalma seu corpo dentro do meu, controlando-se por mim, mesmo enquanto ele está pulsando, ansioso para gozar. Seus dedos acariciam onde nos encontramos, então mais alto, circulando meu clitóris pacientemente enquanto sua boca roça meu pescoço. Ele fica comigo, negando-se a si mesmo, enquanto subo cada vez mais alto até um precipício impressionante.

Eu o agarro com força, respirando o nome de Axel quando minha liberação começa dentro de mim. Ondas brancas, quentes e doloridas se criam em meus seios, na parte de baixo da minha barriga, cada centímetro de mim envolto em torno dele.

— Por favor — eu sussurro, implorando a ele. — Mova-se dentro de mim. Por favor, Ax.

— Rooney. — Ele respira meu nome como um apelo e uma oração com cada movimento tortuosamente lento de seus quadris, antes que seu desespero tome conta e ele bombeie em mim, rápido e profundo. Assim que meu orgasmo se transforma em um eco saciado, Axel aperta minha mandíbula para que nossos lábios se encontrem em um beijo frenético, e se derrama em estocadas longas e irregulares, sua boca aberta contra a minha.

Eu o toco e o beijo através de cada impulso requintado de seus quadris, cada suspiro indefeso do meu nome. E quando ele cai de costas, se afastando suavemente, aliviado e sem

fôlego, eu o sigo e me enrolo em torno dele, um sorriso sonolento no rosto enquanto Axel me envolve em seus braços.

Nossos olhos se encontram quando ele me beija e diz:

— Feliz Dia de Ação de Graças.

— O mesmo para você — eu sussurro. — Estou me sentindo muito, *muito* grata.

29

AXEL

Música da Playlist: “San Luis” - Gregory Alan Isakov

Três semanas. Três semanas terminando o trabalho no chalé, depois arrumando as coisas, mas ainda vagando no escuro até a casinha na floresta porque ali é meu lar. Três semanas de todo tipo de sexo em todas as superfícies, o tempo todo. Três semanas de caminhadas ao nascer e pôr do sol. Três semanas de dias de folga no estúdio, enquanto eu pinto e Rooney lê, o cachorro e o gato se debruçam sobre ela, cochilando ao sol. Três semanas de noites de jogos de cartas com Willa e Ryder, jantares com Parker, Bennett e Skyler. Três semanas vendo-a adormecer em meus braços, banhada pela luz do fogo, sentindo o tempo diminuir como as chamas morrendo aos meus pés.

Porque o tempo está acabando. O Natal está chegando, e é quando Rooney vai voltar para casa e retomar sua antiga vida. Não conversamos sobre o que vem a seguir, porque Rooney não sabe o que vai fazer sobre a faculdade, se vai passar o Natal com seu pai, e me recuso a pedir uma resposta antes que ela a tenha. A última coisa que farei é repetir a dor que os pais dela causaram, o que Rooney me disse no escuro depois de fazer amor. Que seu pai pede muito de seu coração e dá muito pouco de si mesmo, que sua mãe a ama à distância, mas não é o tipo de amor de que ela precisa.

Não sou muito bom em ler nas entrelinhas, mas passei semanas ouvindo, aprendendo a mulher que amo, e isto é o que sei: Rooney se escondeu e se machucou tentando amar pessoas que não a amavam como ela merecia. Sei muito bem

o que Rooney sabe, graças a eles, porque ela me disse uma vez: às vezes o amor não basta.

Este é um desses momentos. Eu sei disso, embora ela ainda não saiba. Rooney vai voltar para o Natal, sentindo-se melhor, com energia para se socializar e conhecer pessoas e estar no mundo. Ela vai ver amigos e esbarrar com alguém e perceber que, com vinte e quatro anos, é muito jovem para colocar seu coração em mim, para decidir que sou eu. Ela vai ver o que renunciaria se ficasse comigo, um homem cujo único tempo no mundo exterior se estende às suas exposições de arte e à raras partidas atléticas importantes para um de seus irmãos. Ela vai perceber que me amava, mas isso não significa que eu me encaixasse na vida dela.

Então vou me despedir dela com todo o controle necessário para não beijá-la sem fôlego e implorar para que ela volte. Porque aprendi o que meu amor é por ela – desejar sua felicidade, mesmo que isso signifique felicidade sem mim.

E não vou amá-la menos.

— Axel? — Rooney aparece no estúdio e, graças a Deus, minha tela está voltada para o lado oposto.

Está pingando tons de azul tão amargos e sombrios que envergonham o Período Azul de Picasso. Tentei não fazer isso no início, porque sabia que ela poderia ver, mas era a única maneira de lidar com isso, à medida que cada dia passava e minha felicidade diminuía e minha tristeza aumentava. Tive que pintá-la, para aliviar uma lasca da dor que crescia dentro do meu peito que vai estalar com a pressão da perda quando ela for embora amanhã de manhã.

— Ei. — Eu coloco meu pincel de lado, limpo minhas mãos e atravesso a sala. Não consigo forçar um sorriso, mas

tento esconder a tristeza, firmar meu queixo e encontrar seus olhos e tocá-la de uma forma que a deixe à vontade.

O sorriso de Rooney é um pouco instável enquanto ela agarra meu rosto, seus polegares deslizando ao longo do meu queixo.

— A barba está ficando formidável.

— Ela está. — Eu esfrego com uma mão. — Mas minha espo–

Eu me paro. Tornou-se uma coisa nas últimas semanas dizer essas palavras afetuosamente, provocando um ao outro – *esposa, marido*. Eu simplesmente não consigo fazer isso passar pela minha garganta agora.

— Você pareceu gostar — eu corrijo.

O olhar de Rooney procura o meu.

— Eu gostei. — Ela tira as mãos do meu rosto, entrelaçando os dedos nos meus. — Você está em um bom momento para parar?

De pintar meu coração sangrando em uma tela?

Eu não digo isso. Não digo a ela que esse tipo de pintura não vai parar tão cedo.

— Sim, posso fazer uma pausa.

Gentilmente, ela me leva pela mão para a sala principal. Minha jaqueta e gorro estão lá. Uma pequena bolsa que ela fez. Nossos galhos.

Uma caminhada de adeus.

Eu engulo com força.

— Uma caminhada?

Ela acena com a cabeça e tenta sorrir.

— Sim, se estiver tudo bem.

— Ok. — Sai rouco. Eu limpo minha garganta. — Só... preciso ir ao banheiro bem rápido.

Ela acena com a cabeça novamente.

— Certo. Eu vou me arrumar. É tempo suficiente.

Desde que as temperaturas caíram, Rooney tem que usar um número cômico de camadas para se manter aquecida, não acostumada com o clima de dezembro no noroeste. Eu sei que ela se refere a isso agora, deveria me divertir e me fazer sorrir. Mas isso não acontece.

— Volto logo.

— Ok — ela sussurra.

No banheiro, agarro a pia e tento respirar. É difícil. É difícil para caralho.

Eu ligo a água, espirrando em meu rosto repetidamente, esperando que ajude. Não ajuda. Minhas mãos tremem enquanto fecho a torneira e evito meu reflexo no espelho. Eu sei como me pareço e sei que é patético.

Fora do banheiro, concentro-me em puxar meu gorro de tricô e jaqueta. Eu coço a cabeça de Harry enquanto ele reclama para mim.

— Fique, Harry.

Ele *resmunga*, caindo no chão. Como se estivesse tentando aliviar o humor, Skugga salta sobre seu torso, rasteja de lado e bate na orelha. Ele apenas *resmunga* novamente.

Rooney se levanta, enrolada em um casaco velho da minha mãe que encontrei quando ficou frio e ela estava sem uma jaqueta de inverno, já que ela nunca esperava ficar tanto tempo. É fofo, da cor do céu azul-claro do inverno, e quando Rooney o usa com aquele maldito gorro amarelo, ela parece um raio de sol saindo de trás de uma nuvem.

Fecho o zíper da minha jaqueta, em seguida, chego mais perto, fechando o zíper dela o resto do caminho para fora da memória muscular. Rooney me encara. Suas mãos repousam em meus pulsos, apertando suavemente.

— Obrigada — ela diz.

Eu concordo. Agarrando nossos galhos, coloco a mochila nas costas, sem saber o que há dentro dela, apenas que Rooney quer que ela venha conosco.

Depois que eu saio, ela me segue, trancando a porta. Eu a observo, cabeça baixa, cabelo loiro balançando sobre o ombro, a mesma ordem de operações de tantas manhãs antes de atravessarmos o campo, de mãos dadas, e subir a colina até o chalé.

Ela se vira e encontra meus olhos, oferecendo outro sorriso hesitante.

— Preparado?

Não, eu acho. *Eu nunca estaria pronto para isso.*

— Sim — eu minto.

Rooney dá o primeiro passo e eu me coloco ao lado dela. Nossos galhos atingem o chão, nenhuma de sua tagarelice habitual nos acompanhando. Sem perguntas sobre que espécie é essa ou de que gênero é aquilo. Nenhum: *"olhe, Ax!"* enquanto ela aponta algo que ilumina seu rosto e a faz sorrir. Apenas silêncio, botas e galhos batendo na terra dura. Nada além de baforadas suaves de hálito quente materializando-se no ar frio enquanto caminhamos. E quando chegamos ao local, quase dou meia volta.

Ela tinha que nos trazer aqui.

Eu mostrei a ela outros lugares agora que ela se sente bem para isso. Rooney construiu resistência e força em apenas algumas semanas de caminhadas cada vez mais difíceis. Ela começou a aprender a se virar. Ela poderia ter nos levado a meia dúzia de lugares.

Mas não. Estamos aqui. Onde a trouxe quando nos casamos. Onde eu a trouxe para ser corajoso e dizer que a amava.

E agora eu tenho que ser corajoso novamente e deixá-la ir.

— Não é bem uma vista do pôr-do-sol — diz ela, olhando para a paisagem. — Mas eu queria que fosse aqui.

Eu engulo o nó na minha garganta.

— Ok.

Ela pisca na minha direção, sua expressão ilegível.

— Eu queria falar sobre o que vem a seguir.

Meu Deus, como dói, essa nova dor. Não é a dor de amor, ou pelo menos, não é só isso. É a dor de uma espada brilhando na forja, passando pelo meu coração. Tão quente que embranquece. Brutalmente afiada. A dor da perda.

Rooney caminha na minha direção e suavemente tira a bolsa das minhas costas. Agachando-se com ela, ela abre a aba, desdobrando um cobertor.

— Sente-se — ela diz. — Por favor?

Eu não quero sentar. Eu quero correr. Eu quero tanto fugir dessa dor.

Mas isso não é mais o que eu faço, não com Rooney. Eu não saio quando ela se aproxima. Não me escondo quando as coisas estão difíceis. Pelo menos, tento muito não fazer. Então, sento-me lentamente no cobertor, observando-a enfiar a mão na bolsa novamente. Ela puxa uma garrafa de água, apenas uma, para nós compartilharmos. Um saco de carne seca para mim e um biscoito de chocolate sem glúten para ela.

— Com fome? — ela pergunta.

Eu balanço minha cabeça.

— Não.

Sentada, ela puxa o biscoito do recipiente e o gira em suas mãos. Ela o quebra ao meio, depois o quebra ao meio novamente. Em seguida, ela o joga no pote.

— Eu não vou voltar para a faculdade — ela desabafa. — Pelo menos, ainda não. Vou voltar para Los Angeles no Natal e depois para Stanford para me encontrar com meu orientador. — Ela encontra meus olhos. — Vou trancar por um ano e, em seguida, reavaliar, quando estiver acabando, sobre se devo terminar a faculdade ou sair para sempre.

Eu pisco para ela.

— Um... ano inteiro.

Ela acena com a cabeça.

— Eu sinto muito por ter demorado tanto para falar sobre isso. Estive pesando muito sobre a decisão e acabei de decidir isso.

Eu aceno, respirando enquanto a dor queima mais profundamente.

— Você não precisa se desculpar. É o seu futuro para decidir, não o meu.

Sua testa franze.

— Eu estava na esperança de que... talvez, enquanto eu estava tentando resolver minhas coisas, você teria pensado em algumas coisas também?

— Como o quê? — Eu pergunto.

Ela olha para as mãos e morde o lábio.

— Eu pensei que talvez você tivesse algo para me dizer também. Ou me perguntar?

A confusão faz com que faixas de ansiedade se contraiam em minhas costelas. O que ela acha que eu teria a dizer a ela, quando ela vai embora e eu vou ficar?

— Não tenho certeza do que você espera que eu diga — digo a ela lentamente. — Exceto que estou feliz por você, Rooney, por quaisquer coisas brilhantes que a aguardam. E... estou honrado por ter sido mesmo que uma parte temporária

da sua vida, antes de você voltar a perseguir esse futuro brilhante.

— Axel — Ela balança a cabeça, piscando como se eu a tivesse dado um choque. — Nunca estive mais feliz do que estou aqui. Amo o que construímos, em cada significado dessa palavra, embora nunca tivesse esperado que isso acontecesse. De onde você tirou a ideia de que éramos temporários? Compartilhamos tanta... segurança, confiança e amor. Não compartilhamos?

—Claro — digo a ela, engolindo o nó na garganta. — Mas você mesma me disse, às vezes o amor não é suficiente.

Lágrimas enchem seus olhos.

— O-o que você está dizendo?

Eu quero tanto dizer a ela que retiro o que estou dizendo, que estou confiante de que nosso amor *é o* suficiente. Que quando Rooney retornar à sua vida real, o que compartilhamos ainda parecerá real também. Que sempre que ela me visitar, quando eu puder me esforçar para visitá-la, será frenético e amoroso e condensaremos semanas em horas e aproveitaremos ao máximo até que ela esteja aqui para sempre.

Mas e minha capacidade social tenebrosa? Terrível ao telefone, conciso nos textos. E a minha necessidade de ficar em casa, no meu espaço? Eremita, recluso, solitário. E o fato de que mal consigo manter um relacionamento de longa distância com minha família compreensiva, o que dirá com uma mulher que gosta de contato, conversa e conexão íntima?

E quanto às necessidades dela que não foram atendidas pelas pessoas que deveriam amá-la mais? E sobre a forma como ela magoou a si mesma tentando amá-los de volta, com esse enganoso sorriso de *"estou-bem"* e sua determinação

brutal para fazer tudo funcionar se ela só se *forçar* o suficiente? E se for assim que nos tornaremos – distorcidos e prejudiciais, a última coisa que eu queria – nosso amor se transformando em algo que a machuca?

E se tentarmos, e ela sair e voltar, e ela não me quiser mais?

Eu fico olhando para as minhas mãos.

— Estou dizendo que é melhor deixarmos isso acabar. Se você me quiser depois de passar um tempo no mundo real novamente, ver o que está lá fora, estarei aqui.

Ela cambaleia, como se eu a tivesse atingido.

— Ver "o que está lá fora"? Axel, não estou fazendo compras. Eu amo você.

Ao ouvir essas palavras, quero envolvê-la em minhas mãos e segurá-la com força. Eu quero que elas nos segurem de forma inquebrável. Eu quero confiar que elas são mais fortes do que qualquer força externa que poderia vir até nós. Mas eu sei melhor do que isso. Conheço minhas limitações e conheço seus padrões prejudiciais. E estou com tanto medo de que amar um ao outro não seja o suficiente para superar isso.

— Eu também te amo, Rooney. É por isso que estou dizendo isso. Porque eu te amo e quero que você seja feliz.

— *Estou* feliz. Ou eu estava, até cinco minutos atrás. Quer dizer, eu estava muito nervosa porque relacionamentos à distância não são fáceis e você não disse nada nas últimas semanas como: "Ei, Roo, quero fazer isso funcionar. Venha aqui o máximo que puder". Ou, porra "Vou voar até você". Mas agora — diz ela enxugando as lágrimas — percebo que você não disse nada porque não *quer* fazer funcionar. Você só me queria enquanto eu não dava trabalho, enquanto eu era conveniente, e agora que não sou, você está terminando.

Ouvir isso dói, é azedo e agudo, como se meu coração fosse um grande corte de papel e suas palavras fossem ácido puro.

— Isso não é verdade. Eu não estou terminando. Está terminando por conta própria. Você está voltando para sua vida. Eu vou ficar aqui É um fim natural.

— Mas não tem que ser! — Ela diz. — Está acabando só porque estou saindo por um tempo? Por que tenho um apartamento na Califórnia? Que merda, Axel. Você *diz* que é porque estou indo embora. Mas é hora de você assumir sua parte nisso. Você está distante. Você está me afastando.

Porque eu preciso, para processar. Porque se eu sentir tudo isso, vou me afogar e vou arrastar você para baixo comigo.

— Estou aqui, Rooney.

Ela balança a cabeça.

— Não, você não está. Você está agindo como o cara que conheci, não como o homem que passei a entender. Não como o homem com quem casei.

— Por favor, não diga isso — eu digo, porque corta muito fundo. — Não nos casamos por amor. Não é real.

Ela me encara, os olhos úmidos e o queixo trêmulo.

— Não é real? Se isto não é real para você, o que *tem* sido real? Você me mostrou que me amava mesmo quando minha vida estava uma bagunça do caralho. Você me fez sentir corajosa por tomar posse dessa verdade e pedir por amor quando ela estava prestes a ficar mais complicada, e então, no momento em que eu me arrisco, você arranca esse amor de mim.

As palavras passam pela minha mente como uma peneira. Eu fico olhando para ela, apavorado. Com medo de tê-la machucado quando tudo que eu queria era amá-la como ela merecia. Aterrorizado pelo que sempre senti: que meu

amor não é o tipo de amor dela, que o meu melhor não é o melhor para ela.

— Fale comigo — ela implora, agarrando meu casaco. — Por favor!

Eu me afasto instintivamente e ando para trás até que estou fora de seu alcance. Em pânico, estou tão confuso e oprimido que sinto que vou rastejar para fora da minha pele se for tocado.

Rooney olha para mim, ferida. Seu rosto se contorce. Então ela pega a mochila, a joga no ombro e sai correndo da clareira.

Pela primeira vez, não estou preocupado com Rooney encontrar o caminho de casa.

Desta vez, sou eu quem está perdido.

HORAS DEPOIS, APÓS UMA CAMINHADA da qual não me lembro, entro na casa, sabendo que ela se foi. Eu afundo em uma cadeira e esfrego meu rosto – uma dor aguda e amarga se contorcendo dentro de mim enquanto meus pensamentos se tornam sombrios e desesperadores.

Meu telefone apita, o que é profundamente irritante, visto que odeio esse som e sempre tento colocá-lo para vibrar. Eu o puxo do bolso, pronto para silenciá-lo, quando vejo novas notificações de e-mail iluminando minha tela. Ignorei notificações porque estive muito ocupado para prestar atenção nelas, muito ocupado absorvendo cada momento com Rooney.

Estou tão desesperado por uma distração da dor crescente dentro de mim, que abro meu telefone, preparado para me perder em detalhes administrativos opressivos e

correspondências por muito tempo ignorada. Contas. Mais contas. Meu agente me cutucando – como deveria, por direito – sobre como minha arte está andando.

— Um monte de azul deprimente para cacete está chegando, Emory — eu murmuro, percorrendo os e-mails. — Azul e preto e cinza e…

Meus pensamentos param abruptamente, quando vejo a linha de assunto e o remetente. Tenho um novo e-mail do executor testamentário do tio Jakob. Abro o e-mail e começo a ler.

Caro Sr. Bergman, começa. *Em anexo está um arquivo confidencial que foi escrito por seu tio para ser enviado a você no primeiro dia 13 de dezembro após o seu casamento. Lamento não ter percebido que o arquivo falhou ao enviar, então estou reenviando. Aceite minhas mais profundas desculpas por este atraso.*

Franzindo a testa, eu abro o anexo e começo a ler, então congelo.

— Que *porra é essa*?

Axel,

Se você está lendo isso, é porque agora está casado, seja por amor ou por dinheiro. Posso imaginar que, se for o último, então você não está terrivelmente satisfeito comigo, e é seu direito. Quem sou eu para pedir para se casar? O calado e solitário tio Jakob – o que eu sei sobre o amor?

Eu sei mais do que qualquer um acha que sei. Nem seus avós, nem sua mãe, nem meus amigos. Casei-me com Klara depois que sua mãe foi para os Estados Unidos e seus avós decidiram vender o negócio. Eu me mudei para Östersund e foi lá que conheci Klara e me tornei amigo dela, por mais que tentasse evitá-la porque estava perdidamente apaixonado por ela e era o último tipo de homem que alguém como ela desejaria.

Não vou perturbá-lo com detalhes, mas direi que nosso casamento não começou por amor, mas por dinheiro, e essa é a única razão pela qual consenti. Klara precisava de alguém e me fez uma oferta astuta, uma parcela não insignificante dos fundos que ela recebeu com nosso casamento, de que eu precisava, como artista faminto em uma nova cidade. Casamo-nos no dia de Santa Lúcia – sim, é isso que transparece o meu romantismo, mandando-lhe esta carta no dia 13 de dezembro, tendo-a escrito também na data do nosso aniversário. Nós dividíamos um apartamento porque era necessário para as aparências, e no começo eu odiei. Eu estava acostumado a fazer as coisas sozinho, do meu jeito, e Klara era incapaz de não me puxar para seus pensamentos e perguntas enérgicas, seus pequenos jantares com amigos e suas caminhadas tranquilas à noite. No entanto, de alguma forma, ao longo do caminho, me apaixonei por ela.

E então eu a perdi muito cedo. Tão cedo que eu nunca pude apresentá-la aos meus pais, à minha irmã, à minha sobrinha mal-humorada e seu novo irmãozinho – você. Ela era meu segredo e então ela era minha perda secreta. Klara havia quebrado meu coração e me amado, e então ela quebrou meu coração ao me deixar. Eu estava... além do consolável. Tornei-me recluso. Eu me fechei para longe da família por muitos anos.

Até que sua mãe exigiu que eu fosse para a casa em Washington, para encontrar os meus sobrinhos e sobrinhas e vê-la. Então eu fui. E eu sofri. Eu ainda estava zangado e amargo e solitário, e sendo cercado por um encontro caótico de pessoas que eu conheci e que eu amei, mas ainda sofria, foi mais difícil do que eu tinha previsto. Até que na terceira manhã eu estava lá fora, desenhando e bebendo café, e você foi até lá, calmo, sério, com seus próprios lápis e bloco de desenho debaixo do seu braço magro. Você me pegou desenhando-a – Klara. Seus olhos viajaram a partir do papel, para mim, e eu implorei em meus pensamentos para que você

não perguntasse, porque era muito difícil falar sobre o quão profundamente eu ainda sofria.

Você não disse nada. Apenas acenou com a cabeça, depois sentou-se em silêncio ao meu lado, abriu seu caderno de desenho e desenhou cuidadosamente ao meu lado. E você fez isso comigo todas as manhãs depois disso, enquanto eu estava lá.

Foi quando soube o que faria com o dinheiro que Klara, em sua doçura exasperante, deixou para o marido em caso de morte, um dinheiro que pensar em usar me deixava enjoado, mas pensar em desperdiçá-lo me enjoava mais: decidi deixar isso para você, e em algum gesto distorcido de esperança ou justiça cósmica ou ilusão – chame do que quiser – coloquei uma condição que suponho que esperava que pudesse dar a você o que eu tive por muito pouco tempo: amor.

Eu vi muito de mim mesmo em você, Axel, e poderia facilmente imaginar você crescendo acreditando em todas as coisas que eu acreditava de mim mesmo, coisas que só me fizeram concordar em me casar com alguém por motivos totalmente divorciados do amor. Eu esperava estar errado, e talvez esteja. Talvez você tenha se apaixonado perdidamente e se casado, e tenha distribuído o legado de Klara para a pessoa que conquistou seu coração.

Ou talvez eu estivesse certo.

E se eu estiver, eu espero que sua história tenha terminado mais feliz do que a nossa. Espero que pelo menos você tenha conquistado uma amiga e a compreensão de que cada um de nós é digno de ser amado, e amado da maneira que é verdadeira para nós. Espero que, se eu feri-lo em minhas maquinações, você me perdoe, que você entenda que esta foi a minha última chance para honrar Klara. A mulher que mudou meu mundo. A única mulher que amei.

Eu espero que se você tiver encontrado o amor, como eu fiz, que o tenha apreciado. Que você faça tudo ao seu alcance para protegê-lo, enquanto vocês dois viverem.

– Tio Jakob

Fecho os olhos, respirando com dificuldade por causa da dor que se espalha pelo meu peito, sobe pela minha garganta e queima pelas minhas pálpebras. Lágrimas molham meu rosto. Em seguida, as lágrimas se transformam em respirações pesadas e ofegantes. Mas não são lágrimas de desespero. Não são soluços de desalento. Elas são lágrimas de alívio. Alívio e amor tingidos com um vislumbre de esperança. Porque é tão profundamente simples: eu amo Rooney e meus medos não devem atrapalhar isso.

As palavras de meu tio estão aqui diante de mim, e elas são exatamente o que eu precisava – verdadeiras e convincentes e inegáveis: *eu espero que se você tiver encontrado o amor, como eu fiz, que o tenha apreciado. Que você faça tudo ao seu alcance para protegê-lo…*

Não apreciei nosso amor nem o protegi. Eu temia nosso amor e me protegia, e magoei Rooney quando a afastei. Eu claramente tenho algumas coisas pessoais nas quais trabalhar, enquanto descubro como dizer a ela o quanto errei – eu sei disso. E meus medos não vão desaparecer da noite para o dia, será uma batalha – eu também sei disso. Mas, o mais importante, sei que nossa história não termina aqui, que meu erro nos moldou, mas não dará a palavra final.

Fiz uma promessa à mulher que *amo* – para *amar e cuidar, agora e para sempre.*

Irei mostrar a ela o quão sério eu estava falando sobre isso.

30

AXEL

Música da Playlist: “Blue Christmas” - The Lumineers

— HO! HO! HO! FELIZ… — Viggo congela na porta do chalé. — Cristo. Você parece terrível. — Ele olha por cima do ombro para Ryder e diz: — Você disse que ele parecia bem. Que ele estava indo bem. O que diabos aconteceu?

Ryder pisca entre nós, franzindo a testa.

— Eu disse. Ele estava. Eu não sei.

Viggo revira os olhos.

— Vamos, deixe-me entrar. Feliz Natal e tudo mais.

Eu seguro a porta enquanto Viggo entra, então Willa na frente de Ryder. Ela me dá um sorriso fraco e seu high five habitual.

— Ei — ela diz.

— Ei.

Willa fica quieta perto do Natal, não do seu jeito mal-humorado de costume. Sua mãe faleceu logo após o feriado, há apenas alguns anos, e a família sabe que ainda é uma época do ano difícil para ela. Sempre espero que ela esteja cabisbaixa, mas não tenho certeza do que mais devo esperar dela desde que Rooney foi embora, se ela vai ficar com raiva de mim por como eu estraguei tudo.

Eu não disse a Ryder o que aconteceu com Rooney, e não parece que Rooney tenha dito a Willa também, porque ela não parece chateada. Ela apenas puxa a bolsa no ombro e diz:

— Obrigada por essa ideia. Não vou mentir, não sinto falta de voar com todos e suas avós para o Natal.

— É verdade — diz Ryder.

— Deve ser legal! — Viggo diz da cozinha, onde já está mexendo nos lanches que mamãe preparou. — Alguns de nós tiveram que sentar em um avião ao lado de um cara que estava comendo carne seca de salmão.

Oliver chega por último, carregando tanta merda que não consigo nem vê-lo. Só sei, por eliminação, que são suas longas pernas saindo de uma montanha de presentes de Natal que meus pais enviaram para cá, em vez de colocar nas malas com eles, e que devem ter acabado de ser entregues.

Meu irmão Ren e sua namorada, Frankie, estão no andar de cima desfazendo as malas, assim como a mãe e o pai, que pegaram um voo mais cedo e que estão no quarto do primeiro andar, no final do corredor. Ziggy, que voou para cá com meus pais, está estendida de barriga para baixo na frente do fogo, lendo. Aiden e Freya, meu cunhado e irmã, estão fora em uma caminhada.

Pelo menos, espero que seja uma caminhada. As mãos de Aiden estavam por todo corpo de Freya, enquanto eles colocavam jaquetas e botas. Eu disse a ele que se ele contaminasse a propriedade com um encontro ao ar livre, eu iria matá-lo. Ao que ele respondeu com um dedo do meio e uma porta batida.

— Aqui. — Oliver joga presentes de Natal em meus braços. — Torne-se útil.

Se eu me sentisse capaz disso, riria da ironia. Desde que Rooney saiu, tenho sido útil sem parar. Primeiro, eu pintei o tempo todo, parando apenas o tempo suficiente para alimentar os animais, soltar o cachorro e, sem pensar, comer uma barra de granola para que eu pudesse ficar de pé. Então eu me exauri limpando o chalé e decorando-o, qualquer coisa que pudesse me distrair de pensar constantemente nela.

Depois Oliver e eu organizamos as caixas de presentes sob a árvore de Natal, que eu catarticamente cortei e cobri com todos os ornamentos que eu pude encontrar. Há também guirlandas frescas no pé do corrimão e em toda a casa, amarradas sobre portas. Até mesmo coloquei a porra do visco, que – *nojo* – meus pais estão atualmente aproveitando.

O visco foi uma má escolha.

— Aqui está diferente — diz Frankie ao chegar ao final da escada. Ela está vestida de preto da cabeça aos pés, exceto por uma tiara com chifre de rena e sinos.

Ren está vestindo seu suéter de Natal, realmente feio, do estoque que mantemos aqui, completo com o nariz piscante de Rudolph. Aterrissando no último degrau antes de Frankie, ele coloca a mão nas costas dela.

— Além de estar decorada para o Natal? — ele pergunta. — O que você quer dizer?

Frankie dá uma segunda olhada em seu suéter.

— Uau. Você não estava mentindo. Esse suéter é hediondo.

Ren sorri e bate no nariz de Rudolph.

— Não é?

— O meu é pior! — Oliver diz. — Eu tenho que ir colocá-lo. Onde estão eles, de novo?

— Armário do corredor no andar de cima — digo a ele, que já está subindo dois degraus de cada vez.

— Hm. — Viggo mastiga pensativamente seu sanduíche de queijo e biscoitos. — Talvez eu pegue a roupa de coelho de *Christmas Story*. Ainda está aqui?

— Não! — Ziggy grita. — Você parece ter demência usando aquela coisa.

Viggo mexe as sobrancelhas.

— Essa é a ideia. Além disso, é quente como o inferno, e eu preciso de todas as camadas quando estou aqui. Porém, está realmente muito quente no momento. Sempre foi quente assim, com apenas o fogão a lenha?

— Sim — eu minto. — É um sistema de aquecimento bastante eficiente.

Frankie lança olhares em todo o hall de entrada, os olhos apertados.

— Há uma sensação diferente, não há? Diferente de uma forma boa. Você fez uma limpeza profunda? — Ela me pergunta. — Queimou uma vela nova? Eu juro que está diferente.

Eu me apoio no que ela percebeu para explicar.

— Uh. Bem. Sim. Eu limpei um pouco. Retoquei a pintura aqui e ali. Cuidei de algumas coisinhas. Você sabe, o de sempre.

Cutucando o chão com sua bengala, ela diz:

— Aquela tábua do piso definitivamente costumava fazer barulho.

— Sim. Também consertei isso.

Ren sorri para mim.

— Você tem trabalhado duro por aqui, hein?

Eu engulo nervosamente.

— Nah. Nada grande.

— Está definitivamente menos frio — diz Ziggy, virando de costas, os olhos em seu leitor digital. — Você selou as janelas ou algo assim?

Mais da família olhando ao redor agora, inspecionando o lugar, e eu sinto meu controle sobre a situação escorregar. Se Rooney estivesse aqui, ela saberia exatamente o que fazer, como mudar de assunto e fazer com que parecesse fácil. Mas

ela não está. Mandei o e-mail para ela há dois dias, configurei tudo e não ouvi uma palavra.

Eu esfrego meu peito. Essa dor não foi embora em nenhum momento.

— O Glogg está esquentando — mamãe diz, salvando-me sem saber. — E eu montei o Scrabble.

— Ooh. — Ziggy pula do chão. — Sim! Vamos, Ollie. Você e eu, até a morte.

Oliver geme ao chegar ao último degrau e puxar o suéter. Olhando para baixo, ele muda o sorriso do Grinch de malicioso para ameaçador com um deslizar de sua mão sobre as lantejoulas, virando sua direção.

— Eu deveria?

— Sim — diz Ziggy, arrastando-o com ela.

— Você só vai me aniquilar com o seu vocabulário de leitora absurdamente grande.

— Claro que vou. — Ela se acomoda na longa mesa de jantar, jogando as peças. — Mas você precisa de *alguém* para manter seu ego sob controle.

Oliver olha na minha direção, um momento de compreensão passando entre nós.

— Eu tive meu ego bastante controlado nos últimos tempos — ele murmura.

Ziggy olha para ele confusa.

— Tudo bem. Vou pegar leve com você.

Tendo evitado uma inquisição total sobre a casa, fico na entrada, aliviado e observando o espaço enquanto as pessoas se dispersam e se acomodam. Ren e Frankie se aconchegam no sofá em frente à lareira, compartilhando algum tipo de troca particular que envolve Ren corando em um vermelho brilhante enquanto Frankie gargalha. Ryder entrega a Willa um copo de Glogg e desliza o braço em volta da cintura dela,

dando um beijo em seu cabelo. Ela olha para a varanda onde fica a banheira de hidromassagem, um sorriso secreto no rosto. Minha mãe ri quando papai sussurra em seu ouvido, inclinando-se atrás dela enquanto ela corta mais salame no balcão da cozinha.

E de repente estou bem ciente de que a maioria das pessoas aqui usa esta casa por um motivo principal:

Uma tonelada de sexo.

Eu gemo e esfrego meu rosto. Certo. Vou continuar dizendo a mim mesmo que o lar de minha infância, longe de minha casa, é um lugar inocente que nos une por motivos saudáveis de amor familiar. *Não* que eu acabei de passar meses e gastei a maior parte de uma herança que eu só tive acesso ao me casar com a mulher que eu desejava, em seguida, me apaixonei para, em seguida, terminar em termos terríveis para que esses tarados pudessem ter um encanamento atualizado e isolamento com consciência ambiental para suas aventuras sexuais.

Deus. Foda-se minha vida.

— Axel — mamãe chama da cozinha.

Eu diminuo a distância entre nós e me forço a comer um pedaço de queijo.

— Ei mãe.

Ela aperta minha mão, segurando firme.

— Está tudo lindo. Obrigada.

É agridoce ouvir isso. Sou grato por tudo que pude fazer para deixar o lugar pronto para minha família. E estou arrasado por não estar compartilhando isso com Rooney.

— Obrigado por ter vindo.

— Oh, meu Deus — ela diz, sorrindo e adicionando uvas à enorme tábua de charcutaria que ela montou.

— Estou muito feliz por ter uma pausa da hospedaria. Adoro ter todo mundo em casa, mas aparecer e só ter que cozinhar é uma delícia. É todo o presente que eu preciso.

Meu estômago dá um nó quando as palavras de Rooney ecoam na minha cabeça. *Seus pais vão adorar sua arte porque te amam.*

— Falando em presentes — eu digo um pouco roucamente. Eu limpo minha garganta.

Mamãe inclina a cabeça.

— Sim?

— Eu, uh… — Eu coço a parte de trás do meu pescoço. — Eu tenho algo para você. E para o papai. É o presente de Natal de vocês.

Mamãe sorri.

— Você quer nos dar agora?

— Provavelmente é o melhor. — Antes que eu perca minha coragem.

— Alexander — mamãe chama por cima do ombro. — Vem aqui?

Papai deixa a conversa com Viggo e se junta a nós, colocando um braço em volta da cintura dela.

— O que é?

Mamãe sorri para ele.

— Axel tem um presente para nós.

Papai sorri.

— É mesmo?

Um suor frio começa a brotar na minha pele. Ah porra. Por que eu fiz isso?

O sorriso da mamãe se aprofunda. Papai dá um beijo em sua têmpora e encontra meus olhos.

— Bem? — ele diz. — Vamos ver o que é!

— POR QUE A MAMÃE ESTÁ CHORANDO? — Viggo pergunta, me entregando uma cerveja. Eu pego e bebo metade em um gole só.

— Eu dei a ela e ao papai um quadro.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Corrija-me se eu estiver errado, mas isso exigiria que você permitisse que eles *vissem* a pintura?

— Sim — eu digo firmemente.

Ele sorri.

— Você finalmente conseguiu. Bom para você.

Eu tomo outro gole de cerveja.

— Eu me sinto um idiota por ter demorado tanto para estar confortável para mostrar a eles.

— Você não é um idiota. Cada um de nós faz as coisas em seu próprio tempo — diz Viggo. — O que importa é que você fez quando pôde.

— Acho que sim. — Eu fico olhando para a minha cerveja, uma porra de uma bagunça de emoções. Comovido e feliz porque meus pais adoraram a pintura. Doente do estômago porque Rooney não está aqui. Por eu não ter tido resposta dela.

Quando eu olho para cima, Viggo está me olhando muito de perto.

— Então, quando você vai me dizer por que você está acabado?

— O que?

— Axel — diz ele pacientemente. — Você nos pediu para vir aqui no Natal. Você nos *pediu*.

— Via e-mail.

— Você nunca pede nada. Quer dizer, não me entenda mal, apesar do trauma da carne-seca-de-salmão-no-avião, estou feliz por estar aqui. Adoro ter todos reunidos e é um bom retorno à tradição do Natal no chalé. Mas você tem um motivo, e não acho que ele seja totalmente feliz. — Sua voz se suaviza. — Eu sou seu irmão, cara. Eu amo você. Eu quero saber.

Eu olho ao redor. E em um momento de fraqueza, murmuro:

— Eu me apaixonei por Rooney, e então realmente estraguei tudo.

Viggo me olha boquiaberto. E então ele pega seu telefone e começa a mandar mensagens de texto.

— Você acabou de enviar um GIF de bat-sinal para os caras? — Eu pergunto.

— Silêncio. Ouço você me julgando. — Viggo põe seu telefone no bolso. — Vá para o porão em cinco minutos.

— O que? Não–

Ele se foi, saindo da sala com indiferença. O próximo é Ren, dando um beijo em Frankie antes de ele se levantar e se esticar, então vagueia em direção ao porão. Oliver geme da dispensa, seguido por um som de tapa, então um:

— *Ai!*

Ryder beija a têmpora de Willa, em seguida, caminha pela cozinha, pegando uma cerveja da geladeira antes de virar a esquina.

E então Aiden entra pela porta da frente, cabelo escuro manchado de neve, olhos azuis brilhantes brilhando por trás de seus óculos pretos de armação grossa, parecendo um Lúcifer nerd irritado.

— É bom que seja importante — ele rosna, antes de pisar no corredor.

Resignado ao meu destino, agarro minha cerveja e vou para o porão também.

— ENTÃO VOCÊ DISSE A ELA QUE A AMA — recorda Viggo, empoleirado em uma caixa no porão que está bem menos empoeirada do que costumava ser. Eu realmente espero que eles não percebam isso. Ou as novas linhas de concreto indicando onde os canos de esgoto foram rasgados e substituídos. — Criou um romance do caralho com ela por um mês. Então, quando você soube que ela estava indo para casa, você terminou com ela, perdendo-a preventivamente, em *seus* termos, ao invés de arriscar um relacionamento à distância e a possibilidade de perdê-la no caminho.

Todos eles me encaram.

— Uh. — Eu limpo minha garganta. — Eu diria que está correto. Sim.

Um silvo coletivo de desaprovação ecoa no porão.

— Axel. — Ryder esfrega o rosto. — Por quê? Ela disse que te ama. Você não confia nela para fazer isso funcionar com um pouco de planejamento e uma viagem de avião de três horas entre vocês?

Ren interrompe e diz:

— Você já tentou ligar para ela? Ah, é. Você não faz ligações. Mensagens são inadequadas. E-mails também.

Abro a boca, mas Viggo se intromete.

— Definitivamente sem e-mails — diz ele. — Uma coisa é lidar com sua família pé-no-saco via e-mail, mas isso pede por algo nível um-grande-gesto-na-chuva. Ela merece suas palavras, cara a cara. Ele precisa ir até ela.

Meu estômago embrulha.

— E se – hipoteticamente – eu *tivesse* enviado um e-mail?

Todos eles prendem a respiração.

Viggo faz uma careta.

— Você não fez isso. Me diga que não.

— Eu fiz.

A sala irrompe em vários sons de desespero.

— Mas... não foi meu pedido de desculpas — eu explico. — Eram instruções.

Viggo pisca para mim.

— *Instruções*.

Respirando fundo, eu olho para as minhas mãos e digo a eles o que eu fiz. Quando eu termino, está muito, muito quieto.

— Droga. — Viggo solta sua cerveja e abre os braços. Acho que ele quer um abraço. Ele não vai receber um. — Isso é glorioso. Isso é... Deus, eu estou orgulhoso de você.

— Muito bem — diz Ryder.

Ren enxuga os olhos.

— Isso é lindo, Ax.

— Posso perguntar algo? — Oliver diz, mão levantada. Nós nos voltamos para ele. — Rooney é a Calcinha Cor de Pêssego?

Viggo suspira.

— Sim, criança doce e inocente, é ela.

— Estou com eles — diz Aiden, se desencostando da parede. — Eu acho que ela vai adorar isso. Eu sei que estive quieto, mas, não faz muito tempo, eu estava no mesmo lugar que você – bem, metaforicamente – e honestamente estou me sentindo profundamente mal por você porque é uma merda – o aspecto emocional e ser submetido à reunião dos irmãos.

— Ei. — Viggo joga um velho bicho de pelúcia da caixa vizinha na cabeça de Aiden. — Uma Reunião dos Irmãos Bergman é um lugar de cuidado amoroso. Não é um castigo.

Aiden pega o bicho de pelúcia, um gato preto que já viu dias melhores, e o enfia debaixo do braço.

— Você quem diz. Você ainda não se sentou na berlinda. Vou manter meu discurso breve: a comunicação é difícil. Mesmo quando você ama alguém, é difícil. Quando você falha, sim, você pede desculpas e perdoa, você aprende e fica melhor, mas não é apenas um passeio no parque depois disso. Às vezes, você ainda faz besteira.

— Ainda? — Viggo diz incrédulo.

Aiden se vira lentamente, prendendo-o com um brilho ártico.

— Sim, Viggo. Ainda. É chamado de trabalho em andamento. Um mero mortal. Um dia, quando você cair de sua idílica nuvem no céu e atingir a terra, você aprenderá que amar alguém é muito mais do que ler romances e ser emocionalmente inteligente. E, francamente, vou pegar minha cerveja e aproveitar cada maldito minuto.

Ren assobia.

— Uau. Eu acho que Aiden esteve segurando isso por um tempo.

Oliver encara Aiden como se ele fosse o máximo.

— Eu gostaria de poder rever esse momento.

— De volta ao assunto em questão — Ryder diz incisivamente.

— Certo. — Aiden limpa a garganta, em seguida, joga o gato de pelúcia na direção de Oliver. — O que estou querendo dizer é que o que aconteceu com você e Rooney é normal. Acontece. Vocês eram um casal, tendo sua primeira

briga, o que foi realmente apenas um mal-entendido. Agora você vai trabalhar nisso.

Eu olho ao redor para eles.

— Vocês acham que vai funcionar?

Viggo sorri.

— Ah, sim, Axel. Tenho certeza de que vai funcionar.

— Eu concordo — diz Aiden, antes de bater palmas. — Bem, minha parte está feita, então. Se vocês me derem licença, minha esposa está agora esperando em nosso quarto para seu presente de Natal, que espero que seja um...

— Ei! — todos nós gritamos.

— Resumindo — ele diz com um sorriso. — Estou indo embora. Você consegue, Ax.

Oliver acaricia o gato de pelúcia pensativamente e diz:

— Sei que você está preocupado por não ter tido notícias dela e, sim, você estragou tudo, mas Rooney também. Ela não ficou e tentou conversar. Ela se foi. Talvez ela esteja descobrindo como quer pedir desculpas também.

— Esse é um bom ponto — diz Ryder.

Viggo arranca o gato de pelúcia dos braços de Oliver e ajeita o laço em volta do pescoço dele.

— Aqui está uma ideia. Você realmente quer jogar isso para fora do estádio[4]?

— Lá vamos nós — Oliver suspira. — Uma elaborada metáfora do beisebol está vindo.

— Hoje não — diz Viggo, de frente para mim. — Eu sugiro que você entre no avião. Vá atrás dela. Para o inferno com a gente. Estaremos aqui. Vá ganhar a garota – mulher, quero dizer – e traga-a de volta.

---

[4] Uma alusão a uma bola de basebol que é atingida com força suficiente para aterrissar fora do estádio. Fazer ou executar algo extraordinariamente bem; produzir ou conquistar algo excepcional.

— Mas eu não queria reunir todos vocês aqui apenas para deixá-los.

Ryder faz uma careta.

— Axel. Vamos sentar, beber Glogg demais, brigar por causa de jogos de tabuleiro e estar exatamente onde você nos deixou. Vai. Se você quiser, claro.

— Eu concordo com isso. — Oliver diz.

Eu fico de pé, energia determinada vibrando por mim.

— Tudo bem. Eu vou fazer isso. Bem, pelo menos vou tentar. Primeiro, tenho que encontrar um voo para Los Angeles um dia antes da véspera de Natal.

Viggo suspira sonhadoramente, apertando o gato contra o peito.

— Isso vai ser epicamente romântico. Eu posso sentir isso.

31

ROONEY

Música da Playlist: “Home” - Edith Whiskers

VINTE E QUATRO HORAS DEPOIS DE VOLTAR PARA LA, eu sabia o que precisava fazer. Meu corpo doía de tristeza. Eu não conseguia parar de chorar. Eu me senti mal do estômago e, pela primeira vez, a culpa não era minha doença.

Odiava como tinha saído, com tanta dor, tantas palavras não ditas entre Axel e eu, soluçando enquanto abraçava Harry e Skugga, sem saber se seria a última vez que os veria. Porque Axel não me queria, pelo menos, não do jeito que eu o queria. Eu era a mulher com quem ele se casou por conveniência e por quem inconvenientemente se apaixonou.

Mais uma vez, fui um erro de merda.

E foi então que tive uma epifania não tão pequena: há muito tempo venho tentando provar que não sou um erro, ou seja, minha infância, meu relacionamento com meus pais, meu senso de identidade e Axel, estão todos emaranhados em um nó realmente fodido.

Peguei meu laptop e abri o navegador, encontrei o site que havia visitado e fechado uma dúzia de vezes enquanto estava em Washington. Desta vez, encontrei o número. Eu digitei no meu telefone. E marquei minha primeira sessão de terapia.

Agora, já fiz três sessões. Sim, Deus abençoe Sue, ela arranjou tempo para mim três vezes em seis dias, porque eu precisava. Precisava falar sobre coisas que disse a mim mesma que estavam no passado e que era melhor deixar lá, chorar sobre mágoas que nunca me permiti sentir. Nunca

passei tanto tempo submersa na tristeza, mas, surpreendentemente, estou bem.

Bem, não, não estou. Mas estou começando a aprender que posso sobreviver sem estar bem, que aceitar que não estou bem é uma parte necessária da vida.

Então, aqui estou eu, um dia antes da véspera de Natal, bem o suficiente para segurar este e-mail impresso de Axel em minhas mãos trêmulas. Um e-mail que acabei de ler esta manhã, quando finalmente me senti mentalmente capaz de encarar minha caixa de entrada.

Eu segui suas instruções, insegura. Talvez um pouquinho esperançosa.

Porque estou parada do lado de fora de uma galeria de arte em Santa Monica, o mesmo bairro da minha casa de infância, onde Ax sabia que eu planejava passar o Natal.

Etapa um, o e-mail diz. *Chegue na galeria às 10h*

Eu olho para o meu telefone. Dez em ponto.

Passo dois. Bater na porta.

Erguendo minha mão, eu bato. Eu ouço saltos clicando, o som de uma fechadura girando. A porta se abre, revelando uma mulher elegantemente vestida que dá um passo para trás e sorri.

— Você é a convidada do Sr. Bergman?

Meu coração dispara.

— Hum. Acho que sim. Quer dizer, o e-mail dele… — Respirando fundo, eu me estabilizo. — Sim. Eu sou a convidada. Rooney Sullivan.

— Srta. Sullivan — diz ela. — Por aqui.

Ela tranca a porta atrás de nós, o que faz sentido, considerando que o horário de funcionamento da galeria é do meio-dia às seis. Recuso sua oferta de tirar meu casaco e, em seguida, sigo-a por um espaço aberto e moderno de

paredes e pisos brancos e frios que brilham sob uma iluminação suave embutida.

— Não tenha pressa — diz ela no batente da porta, antes de se virar e desaparecer no corredor, me deixando sozinha.

Eu olho por cima do ombro, surpresa com sua partida abrupta. Mas então minha curiosidade vence, e quando eu viro a esquina–

O ar sai correndo de mim. O e-mail voa da minha mão para o chão, caindo com um leve ruído.

Eu só tenho um momento antes que as lágrimas turvem minha visão, e estou furiosa comigo mesma, porque agora não posso ver as duas telas na minha frente, enormes e ousadas, a única arte em toda a parede da galeria.

Limpo meus olhos rapidamente e, mais uma vez, posso ver.

A escuridão da noite desaparece em uma tela, aprofunda-se na outra e, em ambas, nasce em uma gradação meticulosamente fina de cerúleo, safira e índigo. Traços amplos de lavanda infiltram-se na ameixa madura. A rica flor de damasco transforma-se em calêndula amanteigada. Como o abraço de um amante, as bordas brilham com um toque delicado e sussurrante de rosa pálido, tons de pele macia, narizes de gatinho e peônias exuberantes.

Ele os pintou. Axel pintou o nascer e o pôr do sol.

É quando eu vejo, um envelope saindo do canto do pôr do sol. Com as pernas instáveis, eu me curvo e pego o e-mail que deixei cair, para ler minha próxima direção.

Passo três: leia a carta.

Eu ando até a tela, tiro o envelope e vejo meu nome. Trêmula, eu rasgo e retiro o papel.

Rooney,

Se você está lendo isso, recebeu meu e-mail e está aqui na galeria, vendo o que exigiu mais coragem do que jamais pensei que teria para pintar. Depois que você saiu, eu sabia que tinha que fazer isso: enfrentar meus medos e mostrar o que você significa para mim, dizer o quanto eu sinto muito.

Há uma razão pela qual pintei o nascer e o pôr do sol, e não é só porque você me desafiou a pintar o que eu amo, mas porque o amanhecer e o crepúsculo sempre me fizeram pensar em você. A equipe a chamou de "girassol", o que, você sabe, me deixou maluco, mas eles não estavam errados e não foram os primeiros a ter pensado nisso. Já olhei para você antes, enquanto a palavra sueca florescia em meus pensamentos – solros – *rosa-do-sol, é isso que significa. É tão perfeitamente você. O calor dourado do sol de seu cabelo, o rosado de seus lábios quando você sorri e suas bochechas quando você cora. Os sentimentos que eles evocam também: a esperança alegre de um nascer do sol, a gratidão reconfortante de um pôr do sol, a sensação de admiração que ambos anunciam, por mais um dia de vida que uma vez considerei um presente, mas aprendi a chamar de milagre porque você estava lá, compartilhando a vida comigo.*

Então aqui estão eles, amanhecer e anoitecer, explodindo com suas cores, me lembrando de você e do que compartilhamos. São memórias de beijos e toques de cura, de manhãs e madrugadas, de risos e silêncio pacífico. Eles capturam a vida que construímos e que eu tinha tanto medo de perder.

Eu estava com tanto medo, Rooney. Com medo de que você percebesse que nosso relacionamento e o mundo exterior de onde você veio até mim eram incompatíveis, e então você teria que partir meu coração ou se partir por mim. Disse a mim mesmo que, ao te libertar do nosso relacionamento, colocaria a sua felicidade acima da minha, e é isso que quero, a sua felicidade, acima de tudo. Mas então eu me agarrei ao meu medo quando você tentou me dizer que

eu tinha começado errado – que nós éramos a sua felicidade, e eu a estava tirando de você.

Eu não escutei. Eu não acreditei em você. Eu sinto muito.

Enquanto os pintava, encontrei minhas palavras e falei com meu terapeuta. Conversamos sobre o julgamento que internalizei para mim e como vivo. Achei que estava em paz com quem e como sou. Acontece que é um pouco mais complicado do que isso. Vou continuar trabalhando nisso. Por mim, e se você puder me perdoar, por você também. Por nós.

Quero estar aí com você, mas estou aqui, hospedando minha família no Natal, porque era o que eu precisava, então pedi a eles, e eles vieram. Eu queria estar aí para te abraçar, porque eu sei que você está chorando, espero que não porque a dor que causei é irreparável, mas porque você vê o quanto eu te amo e como sinto muito e porque você está orgulhosa de mim por ser corajoso do jeito que eu sei que você está sendo corajosa também. Eu sei que você foi para casa e pediu ajuda do jeito que você me disse que queria.

Se você puder me perdoar, quero ser corajoso com você, Rooney. Eu quero me esticar e crescer lado a lado. Quero esperar por você, confiar em você e mostrar que podemos fazer isso. Juntos.

Há uma passagem de avião de primeira classe neste envelope, e tem seu nome nela. Se você estiver pronta, se você puder me perdoar, por favor, venha.

Porque eu nos quero. Eu quero você aqui comigo. Ontem. Uma semana atrás. Para sempre.

Com amor,

Axel

Fecho a carta e choro.

Porque estou aprendendo o quanto é preciso ser corajosa do jeito que Axel tem sido, e estou pasma. Estou aprendendo que ser corajosa não é não ter medo, mas sim enfrentar

nossos medos e não permitir que eles ditem nossas vidas. É viver honestamente na imperfeição da existência. É encontrar o amor nesses lugares confusos e lutar por ele. E isso é profundamente vulnerável.

Passei muito tempo me escondendo dessa vulnerabilidade, por trás das mentiras e sorrisos e *"estou bem"*. Mas eu não estou mais fazendo isso. Eu me amo o suficiente para enfrentar meus medos e crescer, e amo Axel o suficiente para compartilhar essa jornada com ele.

Agora eu sei, segurando seu coração derramado no papel, meus olhos fixos em sua bravura pintada na tela – Axel me ama o suficiente também.

PISCA-PISCAS CINTILAM NA ESCURIDÃO, pregados ao longo do contorno da fachada do chalé. Parece tanto com a barraca que Axel ergueu durante a tempestade que meu coração pula uma batida.

Eu estou na varanda, a mão pairando sobre a campainha. Se eu der um passo para a direita, as janelas mostrarão a quem quiser ver que estou aqui e não quero que saibam. Ainda não. Estou me escondendo e guardando minha bravura para uma pessoa. E graças a Deus, é ele quem abre a porta.

— Axel. — Eu respiro seu nome, bebendo o ar frio do inverno e a visão do homem que amo depois de uma semana, que pareceu uma vida inteira.

Ele me encara com os olhos arregalados, agarrando-se à soleira.

— Rooney? — ele resmunga.

Viggo aparece atrás dele e acena, em seguida, com um forte empurrão, manda Axel tropeçando para a varanda e bate a porta atrás dele. Nós nos encaramos, nossos lugares idênticos ao dia em que tudo isso começou. Minhas mãos estão tremendo e meus joelhos estão fracos quando o vejo.

A barba está espessa e um pouco negligenciada, olheiras sob aqueles lindos olhos verdes. Seu cabelo está desgrenhado e ele está vestindo um casaco de inverno preto sobre um suéter de malha creme que o torna robusto e bonito. Uma mochila cai de seu ombro e pousa entre nós com um *tum*.

— Você está aqui? — ele diz enquanto eu pergunto:

— Você está indo embora?

— Eu estava indo atrás de você — ele diz baixinho, suas mãos se aproximando de mim trêmulas, hesitantes, como se ele pensasse que eu sou um sonho. — Você está aqui — ele sussurra.

Eu sorrio, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Estou aqui.

— Você veio. — Suas mãos sobem pelos meus braços, passando pelos meus ombros, então meu pescoço, até que seguram meu rosto e enxugam minhas lágrimas. — Eu sinto muito, Rooney. Me desculpe. Eu estava com medo de machucar você e com medo de perder você e com medo de bagunçar tudo quando você voltasse, e eu não te disse nada disso, e deveria.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu deveria ter ficado e conversado sobre isso, tentado entender de onde estava vindo tudo aquilo. Eu ouvi você dizer que não foi real e–

— Foi real — diz ele com urgência. — Foi e é a coisa mais real que já conheci.

— Para mim também — digo a ele com lágrimas nos olhos. — Eu simplesmente não fiquei por tempo suficiente para ouvir você descobrir isso. Em vez disso, toquei em você quando você precisava de espaço e o pressionei para falar quando você precisava de tempo para se articular. Sinto muito, Axel. Me perdoa?

— Perdoada — ele diz baixinho, procurando meus olhos. — Me perdoa também?

— Claro — eu sussurro.

— Você recebeu meu recado?

— Recado? — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Axel, essa foi a *carta* mais linda que já li.

Sua boca se inclina levemente, mas não há sorriso. Apenas olhos sérios e perenes percorrendo meu rosto.

— Você leu. Você as viu.

— Eu li. Eu amei tanto quanto amei as pinturas e o que elas significavam. Amei sua bravura e suas palavras e quero tudo o que você disse. Se for... ainda é o que você quer?

Chegando mais perto, ele embala meu rosto e nossos olhos se encontram.

— É exatamente o que eu quero. *Você é* tudo que eu quero e farei o que for preciso para tornar possível a vida juntos. Amo você mais do que jamais poderei dizer, Rooney, mas não é menos verdade.

— Eu também te amo — digo a ele. — Tanto. Eu quero tudo com você. Confusões, erros e perdão. Eu quero te amar e nunca parar.

As palavras mal saíram da minha boca quando seus lábios encontram os meus, seu beijo profundo, terno e amoroso, tão perfeitamente ele.

— Pergunte-me o que eu quero de novo — ele sussurra.

Eu sorrio para ele.

— Axel, o que você quer?

— Eu quero namorar minha esposa.

Eu rio feliz.

— Eu adoraria namorar meu marido.

Ele pressiona sua testa na minha.

— Mas acima de tudo... eu quero estar com você para sempre. Não apenas por um mês turbulento. Nem mesmo até que a morte nos separe. Eu quero todos os dias, acumulando tantas vidas quanto possível na que nos foi dada, porque encontrar você em trinta anos da minha existência e ter apenas uma chance de amá-la não é o suficiente.

— Axel. — Eu o puxo para um beijo que é um pouco selvagem e um pouco reverente, tão dolorosamente familiar quanto maravilhosamente novo. Agarrando-o com força, suspiro de felicidade enquanto ele me leva de volta e me pressiona contra a parede. Nossos beijos se aprofundam, quentes e lentos, saboreando, lembrando, nossos toques desesperados para redescobrir um ao outro.

— Desculpe — ele diz sem fôlego, pressionando sua testa na minha. — Assim que eu te beijo, quero te beijar de novo. É um ciclo vicioso.

Um sorriso que não dava há muito tempo aquece meu rosto. Eu olho para cima, para Axel, procurando seu olhar, passando minhas mãos por aquele cabelo sedoso e despenteado, afastando-o para que eu possa ver todo o seu rosto sério e marcante.

— Você não está sozinho — digo a ele. — Estou esperando há uma semana para beijar você e agora não quero parar.

Ele passa as mãos nas minhas costas, na minha cintura.

— Eu também estive esperando.

— Enquanto eu ainda estiver na Califórnia, haverá mais esperas como essa — digo a ele em voz baixa.

Ele concorda.

— Eu sei. Mas não teremos que esperar muito. Meu trabalho é flexível e posso fazer esse voo dormindo. Eu irei à sua casa, cozinharei para você. Deixarei você com muita sopa para esquentar no micro-ondas.

— Você irá? Quero dizer, você sabe que adoro aqui, e virei muito para cá, mas quando não–

— Sim, eu vou. E sim, eu sei. — Ele esfrega o nariz na minha têmpora e, em seguida, dá um beijo na minha testa. — Eu te disse, eu vou namorar você. Você virá até mim. Eu irei até você. Vou deixar passar os momentos mais sociais, e não vou levá-la a nenhuma balada, mas podemos ir a museus e fazer piqueniques e...

— É perfeito — digo a ele com um sorriso incandescente e lacrimoso. Minhas mãos pousam em seu peito, onde nossos anéis repousam seguros e aquecidos sob seu suéter, nosso segredo guardado com amor. — E quando eu estiver doente, você vai me fazer ninhos de cobertor e chá, e quando você estiver exausto, vou segurar sua mão e levá-lo para caminhadas longas e tranquilas.

Seu rosto fica ainda mais sério quando ele coloca uma mecha de cabelo solta atrás da minha orelha.

— As partes difíceis e as partes fáceis — diz ele. — Vamos vivê-las juntos.

Olho para cima, para Axel, para o homem com quem casei, um estranho que mal conhecia, agora a pessoa que conheço melhor e mais amo. Eu roubo um beijo, na ponta dos pés, antes de afundar em seus braços e segurá-lo com força enquanto digo a ele:

— Eu mal posso esperar para viver a vida com você.

Seu sorriso é deslumbrante – brilhante e raro.

— Mal posso esperar para viver a vida com você, minha maravilhosa — *beijo* — querida — *beijo* — Rooney.

Eu rio, encantada e levanto meus pés, literalmente, enquanto ele me pega e eu jogo meus braços em volta de seu pescoço.

— Alguém se jogou no romance histórico na semana passada.

— Demais. — Ele me beija com ternura, primeiro minha têmpora, depois minha bochecha, depois meus lábios. — Vem para dentro?

— Eu adoraria. Mas, hoje à noite, depois de tudo, podemos ir para casa?

— Claro. — Ele inclina a cabeça e o sorriso se aprofunda. — Você chamou de casa.

Eu sorrio para ele, meu coração brilhando e cheio.

— Eu chamei.

Axel me abaixa suavemente até o chão, me pega pela mão e abre a porta, onde o visco pende acima de nós. Parando-me, ele me envolve em seus braços e me ama com um beijo tão suave e silencioso quanto a rara neve que começou a cair do céu.

— Eu te amo, Rooney — ele sussurra.

— Eu te amo, Axel.

Ele sorri e pega minha mão novamente para me levar para dentro, mas eu fico teimosamente no meu lugar, puxando-o de volta. Olhando para mim, ele procura meus olhos, um sorriso suave aquecendo seu rosto.

— O que foi? — ele pergunta.

— Quero que você saiba... Casa, sim, é aquela cabana na floresta que eu amo, com uma cama que quebramos e animais de estimação que adoramos, e um lugar que fizemos

nosso. Mas, mais do que tudo, não importa onde eu esteja ou onde você esteja, *esta* é a minha casa. — Colocando minha mão sobre seu coração, sua mão sobre a minha, eu digo a ele a cada beijo,

Aqui.

Com você.

Para sempre.

O FIM

A história de Axel e Rooney acabou, mas não se preocupe – você os verá novamente na história de Oliver, em 2022!

AGRADECIMENTOS:

Escrever *With You Forever* foi, como o próprio amor de Rooney e Axel, uma jornada suave e inesperadamente emotiva. Eu me apaixonei profundamente por esses dois, assim como eles se apaixonaram um pelo outro, à medida em que camadas de suas histórias de fundo, feridas e motivações se aprofundavam, e então se tornavam ainda mais suaves e complexas do que eu tinha planejado originalmente.

O que saiu desse processo foi um livro que, pelo menos para mim, parece reflexivo e vulnerável, em partes igualmente lúdicas e dolorosamente autoconscientes. É um livro que vem do meu coração, à medida que continuo a aprender quem sou e como trabalho, à medida em que o mundo se abre depois de um momento profundamente traumático e de isolamento, e estou me perguntando (como muitas pessoas) o que fazer comigo mesma, deixando minha pequena (metafórica) cabana na floresta, o vasto mundo esperando por mim mais uma vez.

Embora a experiência de Axel de ser autista seja um tanto como minha própria, também devo agradecer aos muitos neurodivergentes que compartilharam abertamente sobre suas vidas e emprestaram nuances à sua caracterização, especialmente em suas experiências enquanto se autodiagnosticavam e decidiam como e quando seriam abertos sobre isso.

Quanto à DII de Rooney, colite ulcerosa, tenho que agradecer imensamente à minha querida amiga Jennie por me guiar por sua história, por emprestá-la a Rooney e responder minhas incontáveis e muitas vezes bizarras perguntas de escritora. Estou honrada em trazer a experiência vívida de minha amiga com esta doença para a

vida de uma personagem fictícia, e profundamente grata por seu tempo e confiança.

Minha própria experiência com a doença celíaca, que passou muito tempo sem diagnóstico e me deixou com danos intestinais permanentes, molda meu conhecimento sobre a alimentação sem glúten e a vida. Para todas as minhas amigas e celíacos por aí, abraços fortes. Não tenho certeza se existe um paraíso, mas se houver, é onde comeremos qualquer pizza e donuts que quisermos.

Também sou profundamente grata aos leitores beta, Mae, Ellie, Sarah e Katie, que me ofereceram um feedback atencioso e completo que tornou este livro muito mais forte.

Meus profundos agradecimentos aos meus amigos – na vida real e no mundo dos livros, que anos atrás abraçaram minha vibração de peidar enquanto tomo coquetéis e ainda se compadecer das minhas restrições alimentares, barrigas inchadas e episódios de cocô traumáticos, que suportaram meus surtos enquanto escrevia e me acalmaram, que me animam quando estou para baixo, que me fazem rir tanto que ronco (e peido – sim, há um tema definido, aqui), e mais poderosamente, que me fazem sentir vista e amada exatamente por quem sou. Não posso dizer o quanto isso significa. Eu amo todos vocês.

Esta história realmente vem do meu coração. Espero que sua mensagem tenha ressoado e encorajado você, mesmo que você não seja cronicamente doente como Rooney ou neurodivergente como Axel: que a auto-aceitação e o amor-próprio são multifacetados e delicados, que a ponte que cruzamos para confiar aquele lugar terno dentro de nós a outros que sejam dignos é assustadora, mas também é um presente. Espero que você se sinta validado por esta história como um ser humano que vive diariamente com seus

próprios medos e vulnerabilidades, e que se lembre disso: você merece estar seguro, ser aceito, amado e querido exatamente pelo que você é. Nada menos.

Beijos,
Chloe